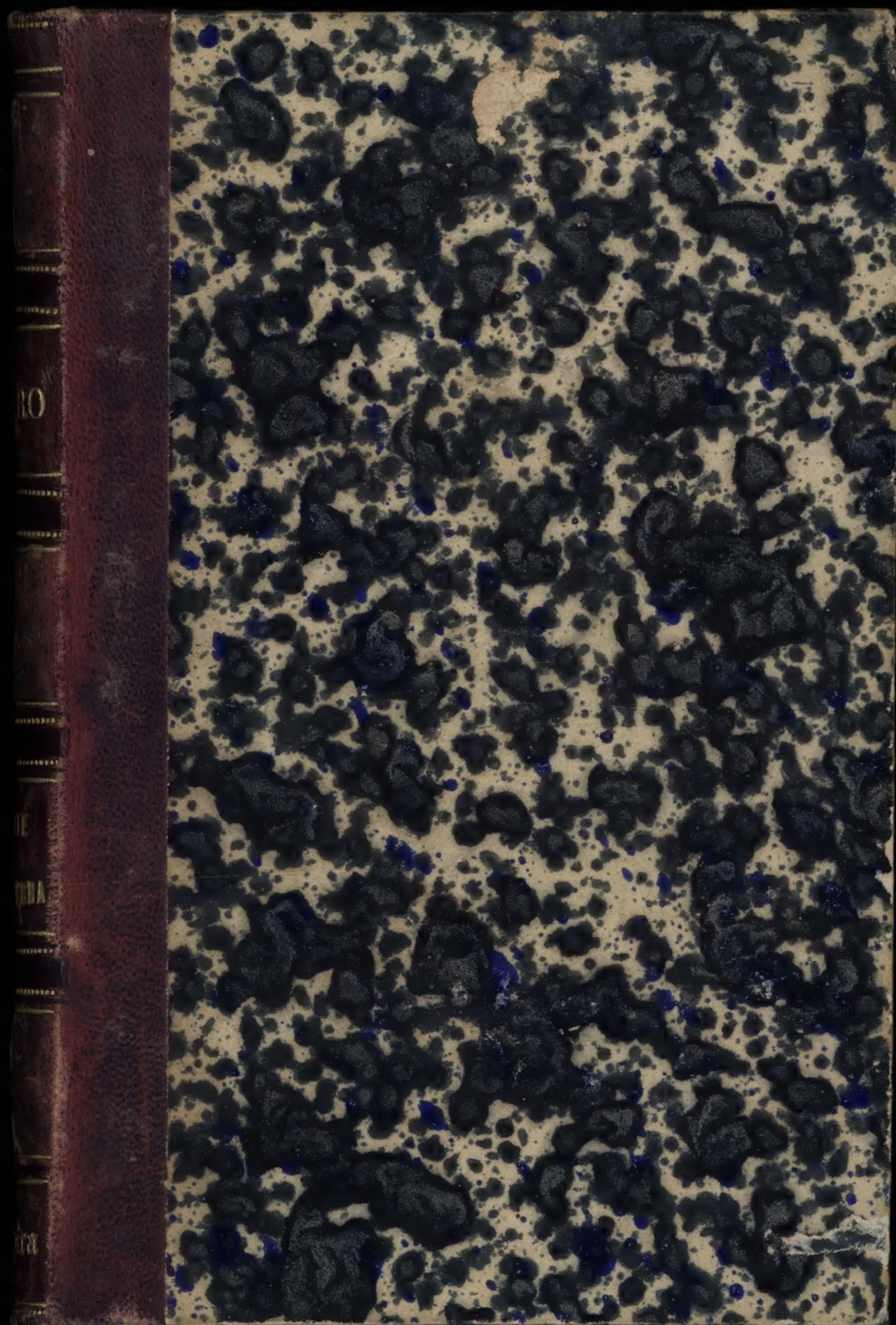
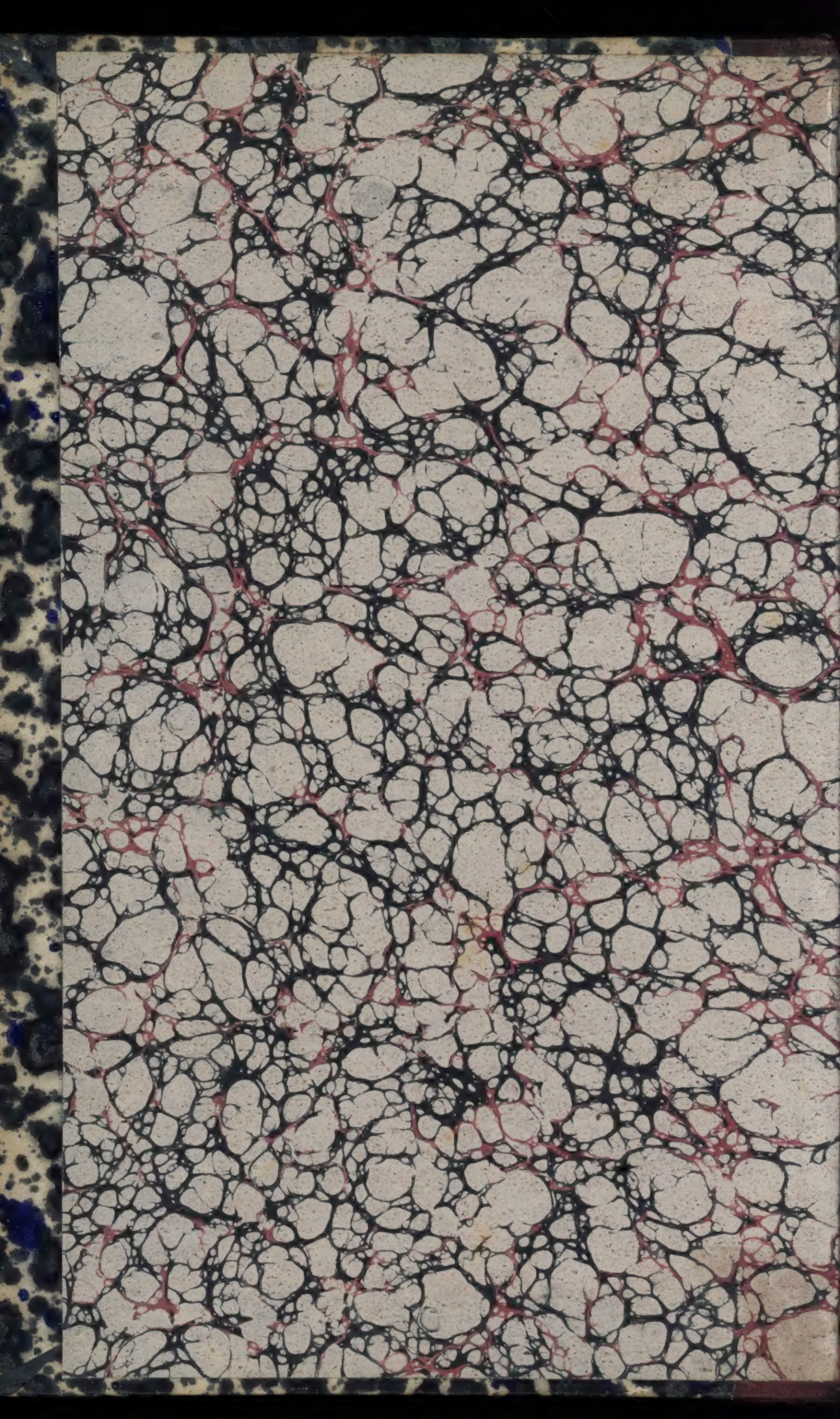
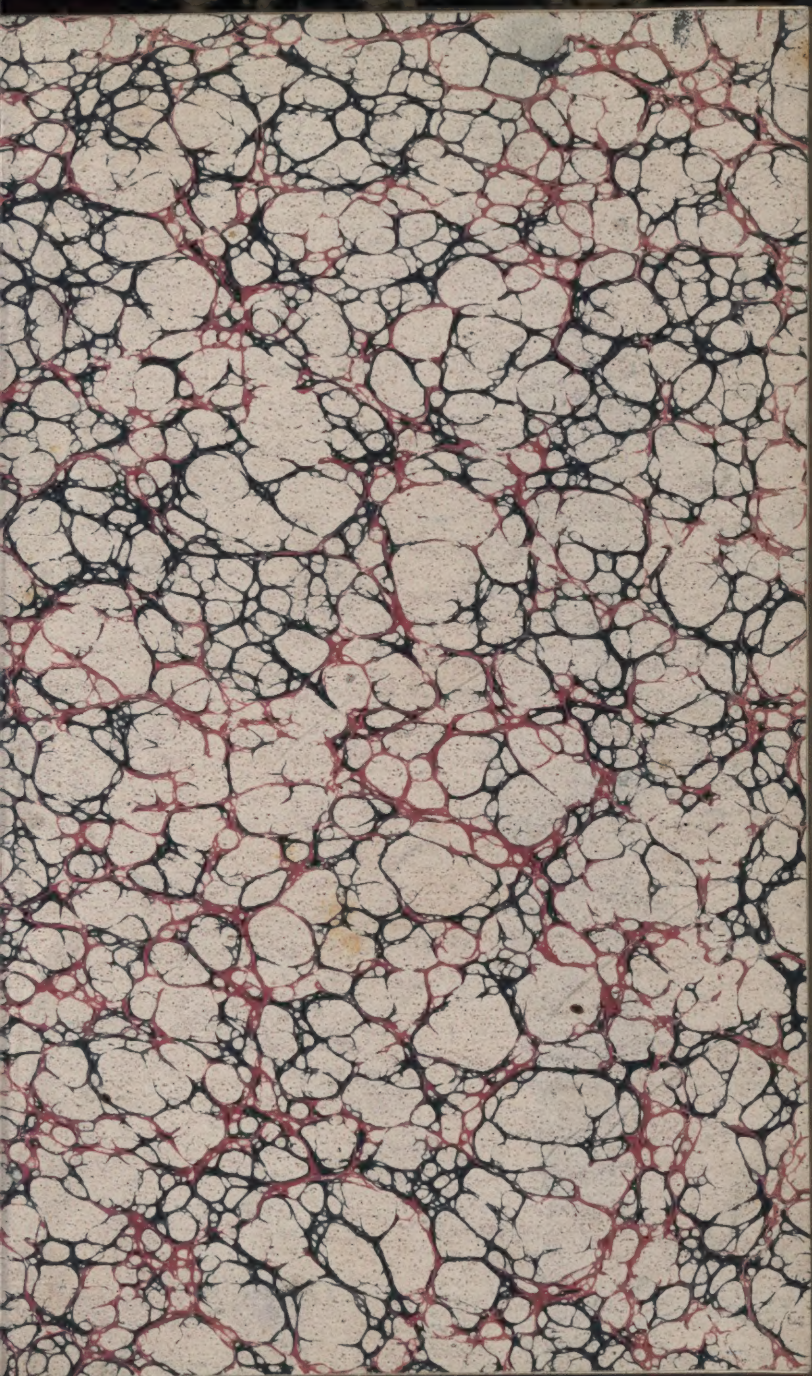






Custou . . 700 r.s

A encad. . . 200 r.s

Coimbra 9.bro 1868.

VIAJANTE

em

COIMBRA

Nogr.a e Mello

GUIA HISTORICO

DO

VIAJANTE EM COIMBRA

E

ARREDORES

CONDEIXA, LORVÃO, MEALHADA, LUSO, BUSSACO, MONTE-MOR-O-VELHO E FIGUEIRA

(com gravuras)

POR

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
= 1867 =

A SEU TIO

O EXCELLENTISSIMO SENHOR

Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho

D.

O AUTHOR.



Coimbra vista do lado do occidente

INTRODUCÇÃO

> Cada povo tem a cidade da sua poesia, da sua imaginação, dos seus amores; cada povo aponta para uma terra, que a tradição vestiu de galas, e diz:—lá, lá! oh! que não ha nada mais bello!
> O portuguez aponta para Coimbra.
> J. DE LEMOS.

COIMBRA, a antiga corte de nossos reis, a Athenas de Portugal, notavel pela sua encantadora situação, pela sua remota antiguidade, por seus preciosos monumentos e bellos edificios, e berço de tantos varões illustres, é a terra classica da historia de Portugal, na qual estão gravados, em grossos traços, factos importantissimos e successos admiraveis, que fazem o assumpto das mais bellas paginas da historia patria, e que despertam saudosas recordações na mente do viajante.

O aspecto de Coimbra, d'esta mais formosa filha de Portugal, surprehende a todos, causando-lhes vivissima commoção. A sua perspectiva não tem rival nas cidades do reino; a todas excede em belleza, disputando até a primazia ás mais formosas de paizes estrangeiros.

Andei lá por longes terras,
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras,...
E ás vezes scismava em ti!
De Londres vi a grandeza,
Vi o encanto de Veneza,
De Paris a seducção;
Vi de Roma os monumentos,
E mesmo nesses momentos
Foi fiel meu coração.

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlim,
Da Suissa os Cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como fallas,
Coimbra, nas tuas galas
Que eu sei, que aprendi de cór,
Não diziam o que dizes
Nesse estendal de matizes,
Que tens de ti ao redor.

(JOÃO DE LEMOS)

Poderá parecer exaggerado este elogio de Coimbra; sirva porem para o comprovar o testimunho de outros maviosos poetas, que em louvor da princeza do Mondego têm soltado de suas lyras as mais harmoniosas notas:

Quem nunca viu Coimbra
Pela brisa embalada
Do Mondego,
Que de amorosa timbra,
Na margem reclinada
Com socego,
Não sabe o que é belleza,
Ai! não conhece a filha
Dos amores,
Mais nobre que Veneza,
Mais linda que Sevilha
Sobre flores.... (A. DE SERPA)

Risonha terra, formosa,
Eden mimoso, gentil,
Onde os prados são de rosa,
Onde as aguas são d'anil. (A. LIMA)

Um grave italiano, mestre frei Lourenço Justiniano, apontando as cousas que mais o impressionaram em Portugal, disse serem quatro as principaes: o mundo recopilado pela cidade de Lisboa; uma villa cercada de pedras preciosas, que era Setubal; o templo de Salomão, que era o admiravel edificio da Batalha; e uma cidade que se *estava rindo*, que é a celebrada e alegre Coimbra.

Na verdade, parece que a natureza e a arte se empenharam á porfia em embellezar esta cidade, que o viajante se não farta de admirar. Para prova transcrevemos em seguida a bella e mimosa descripção que de Coimbra e seus arrabaldes publicou um distincto filho da universidade.

«São bellas as margens do Rheno desde Moguncia até Colonia; as do Sena, as do Garonna e as do Rho-

dano ostentam maravilhas com que a natureza e a arte em competencia as enriqueceram; porem nenhumas são tão encantadoras e tão opulentamente viçosas como as do Mondego alli perto de Coimbra. Em nenhuma outra parte da terra a natureza sorri com tanta suavidade e com tamanho amor.

«Os portuguezes aprendem nas viagens a estimar a belleza dos nossos horizontes, a qualidade uberrima do terreno, a constante amenidade do clima, a limpida transparencia de alguns dos nossos rios, a vigorosa e tumida corrente de outros, a riqueza e variedade da vegetação, e a luz que inunda de claridade a serra, o valle, a varzea e a collina.

«De mim digo, com verdade, que ainda não vi na Europa cidade, rio e campo, que me fizessem esquecer aquelle precioso pedaço de terra portugueza, que o Mondego banha de suas aguas crystallinas desde a quinta da Boavista, á qual fica fronteira na margem opposta a quinta das Cannas com a sua lapa dos poetas, até á Memoria, onde o rio, voltando-se como para se despedir de Coimbra, muda de rumo para o occidente.

«A cidade de Ataces, reclinada na encosta da montanha, tendo na cabeça por diadema o velho palacio dos reis de Portugal, onde os bons estudos foram abrigar-se, e estendendo os membros inferiores pela magestosa rua da Sophia, parece estar contemplando affectuosamente as aguas do formoso rio, em cuja margem direita repousa. Nos montes e oiteiros vizinhos a cor melancholica dos olivaes alterna com a verdura e viço dos pampanos. Dos valles sobe o perfume da flor de laranjeira, que a brisa espalha pressurosa, escoando-se ora por entre os olivedos da serra, ora por entre os alamos, choupos e salgueiros, que bordam as duas margens da corrente. As quintas e casas com que gradualmente vai acabando a povoação, mais aformoseiam

o quadro, e como que constituem a corte e sequito da esplendida rainha do Mondego.

«O rio é de inverno alteroso e revolto. Comprimidas pelas serranias, que desde a origem as apertam e estreitam, aquellas aguas insoffridas — como portuguezas que são, e unicamente portuguezas — mal avistam a cidade, alargam-se no alveo, buscando ponto mais distante donde melhor a contemplem, mas nem sempre lhes basta o espaçoso leito que lhes preparara alli a natureza. A sua colera insensata aggride ás vezes com furia desmedida a cidade e o campo, e ameaça com estrepito iroso subverter para sempre a magnifica e extensa ponte que se atreve a disputar-lhe o passo.

«Terriveis são as furias do Mondego, mas duram pouco. Apenas os rebentões das arvores annunciam a primavera, e a natureza, restaurada dos asperrimos combates do inverno a força primitiva, ordena ás plantas e aos animaes que amem e continuem a obra do Creador, o rio envergonha-se da sua colera, despede para o mar os alliados que lhe acudiram da serra, e abraça Coimbra pelos pés para que lhe perdoe as demazias da aggressão insensata.

«De verão, já esquecida e indultada a insania com que se houvera na estação invernosa, vel-o-heis passar meigamente juncto da cidade a sussurrar-lhe segredos amorosos, e a offerecer a agua saborosa que de mui longe viera filtrando por entre areias doiradas só para lh'a dar em tributo e homenagem.

«Contemplavam outr'ora da margem opposta á cidade esta deliciosa perspectiva os seraphicos filhos de S. Francisco de Assis, que alli possuiam um convento, e as monjas de Sancta Clara, que ainda hoje guardam no novo mosteiro, fundado pelo primeiro rei da dynastia brigantina, os venerandos restos da bemaventurada esposa do sr. rei D. Diniz.

«Quão vehemente e pura devia ser a adoração do

Creador naquelles dois cenobios, um assentado contra a escarpa da montanha, e o outro construido no ponto mais elevado d'ella, mas ambos avistando completo e grandioso o panorama fronteiro! Quem não ajoelharia perante a magestade divina, só de ver a cidade, o rio, a vegetação e as flores, e de respirar a fragrancia deliciosa d'aquelles admiraveis campos?

«Em Coimbra, e nas suas cercanias esmerou-se a natureza no esplendor das galas, e tomou os seus melhores enfeites para disputar belleza ás mais formosas. Tudo respira amor nessa terra fadada por Deos, a que os homens pozeram por limites de um lado a *Fonte dos Amores*, e do outro o *Penedo da Saudade*, como se d'estes dois sentimentos — *Amor* e *Saudade* — tivera de viver captivo quem viesse a passar alli.»

Esta pintura da perspectiva encantadora de Coimbra, feita por um dos nossos mais distinctos litteratos (1), é a mais bella e verdadeira que temos visto.

Coimbra no seu interior não corresponde completamente á sua belleza externa. A par de algumas ruas e largos elegantes ou de boa apparencia, e dos seus muitos e ricos monumentos e edificios, apresenta ruas tortuosas, estreitas, ingremes, e casas acanhadas; mas estas mesmas irregularidades, que se encontram em todas as cidades antigas, dão testimunho da sua vetustez e da sua importancia bellica de outras eras, em que as povoações, para se defenderem dos ataques dos inimigos, se viam obrigadas a limitar-se a um determinado recinto.

O viajante, que transita pelas ruas onde a cidade mostra mais ancianidade, encontrando a cada passo os estudantes com o seu trajo negro, e parecendo parte ecclesiastico, parte da edade media, é excitado pelas

(1) O sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos. *Revista Contemporanea* de 1861, pag. 139.

impressões mais singulares, e julga-se transportado aos seculos passados.

Assenta a cidade em planicie e em encosta. É no bairro baixo que ha maior actividade e movimento por ser a residencia das classes commercial e artistica em maior numero. O bairro alto é quasi exclusivamente habitado por estudantes, lentes e empregados publicos, e por consequencia de menor bulicio.

Coimbra está hoje muito mudada do que foi em outros tempos. O estabelecimento da universidade, a influencia dos venturosos reinados de D. Manuel e de D. José, e mais que tudo o andar do tempo, tem-lhe trazido grandes transformações e melhoramentos. Os tempos bellicosos passaram; deixou-se de se sacrificar a Marte para se dar culto a Minerva, e então tornaram-se escusados castellos, subterraneos e muralhas. No local do antigo castello lançaram-se os fundamentos a um colossal observatorio; entulharam-se os subterraneos e foram abatidas as muralhas para deixarem espraiar-se a povoação, que se tem estendido muito além da antiga cinta que a apertava.

Digamos alguma cousa da historia de Coimbra. A sua fundação, escondida em tempos remotos, tem sido objecto de encontradas opiniões. Historiadores e antiquarios eminentes se têm cançado a indagal-a e discutil-a, sem que comtudo nada se tenha assentado de positivo. Dos muitos escriptores, que d'esta materia têm tractado, querem uns que Coimbra seja fundação de Hercules, o Egypcio; attribuem-na outros a Brigo, antigo rei de Hespanha; outros aos povos Colimbrios, que se diz terem vindo para a peninsula em companhia dos Turdulos, Gallos, Celtas e Andaluzes, 308 annos antes do nascimento de Christo; finalmente, omittindo outros pareceres, diz-se ainda, e julgamos que mais acertadamente, que Coimbra foi fundada por Ataces,

rei dos Alanos. Encostamo-nos a esta ultima opinião porque nos parece ter a seu favor alguns argumentos de bastante peso. Um d'elles é sem duvida o testimunho de Arisberto, bispo do Porto, o qual, escrevendo a Samerico, bispo de Braga, lhe diz: «Passando pela nova Coimbra, alli vimos muitos ministros do Senhor trabalhando por mandado de Ataces na construcção dos muros da nova fortaleza, que edificou sobranceira ao Mondego (tendo já sido destruida a primeira povoação). Alli andava o servo de Deos Elipando, bispo, e Esseno, presbytero, e muitos outros trabalhando nas obras; chorei com elles a sua desgraça e o direito dos imperadores perdido já na Lusitania» (2).

D'aqui se conclue que antes de Ataces fundar a actual cidade tinha existido outra de nome identico. Seria talvez essa a fundada por Hercules, ou por Brigo, ou pelos povos Colimbrios. O bispo de que falla Arisberto julgamos ser o da antiga cidade, que era situada perto de Condeixa. Estando ella em poder de Hermenerico, rei dos Suevos, foi-lhe tomada por Ataces, que, depois de a arrazar e destruir, fundou então a nova Coimbra na margem direita do Mondego em 409 da era de Christo. Andando Ataces occupado na edificação da nova cidade, tenta Hermenerico surprehendel-o, e com tal fim dirige-se a Coimbra. Os dois inimigos encontram-se, e Ataces, ficando victorioso, persegue até ao Douro Hermenerico, que se vê obrigado a pedir paz a troco de sua filha Cindazunda. Ataces acceita a proposta, e o seu casamento com Cindazunda firma a reconciliação entre os dois contendores, que desde então se tornam amigos e alliados.

As armas de que usa a camara municipal de Coimbra no seu estandarte, nos seus documentos, e que se

(2) Pode ver-se esta carta em latim no *Catalogo dos Bispos do Porto*, por D. Rodrigo da Cunha.

vêem esculpidas por cima do Arco d'Amedina e na frente de muitas casas e fontes, diz-se serem uma allegoria a este acontecimento, e que desde então se tem usado como brazão da cidade. Nelle se vê representada uma donzella coroada, com as mãos erguidas, mettida numa copa, tendo de um lado um leão, e do outro uma serpente.

A donzella figura Cindazunda; a copa symboliza as bodas do seu casamento; o leão é timbre de Ataces, e a serpente é timbre de Hermenerico (3).

Um dos nossos mais mimosos poetas, o sr. José Freire de Serpa, cantou o brazão de Coimbra num solau, intitulado Cindazunda, onde assim o descreve:

E dos dois chefes
A dextra irada
Poisando a furto
Na quente espada;

E olhos de feras
Cruzando ainda
De um lado, e outro
Da moça linda;

E ella aos guerreiros
Com riso brando
Surdos furores
Amenisando:

Assim caminho
De Coimbra bella
Vêm ante as alas
O Godo, e ella.

—E assim c'roada
Em copa d'ouro,
De paz, e graças
Rico thesouro,

De Coimbra Ataces
A fez brazão,
D'um lado a serpe,
D'outro o leão.

E já de seculos
Grossa dezena
Passou correndo
Por esta scena;

E inda os dois brutos,
Inda a donzella,
São a devisa
De Coimbra bella (4).

De todas as interpretações que se tem dado ao brazão

(3) Ainda que geralmente se representem as armas de Coimbra como acima as descrevemos, têm havido nellas algumas variantes. O *Almanak de Coimbra* para 1858 dá noticia de umas em que a donzella tem de um lado um leão, e do outro combate uma serpente. E tambem José Soares da Silva nas *Memorias de D. João* I, liv. 1.º, diz que as armas de Coimbra eram «a figura de uma mulher sobre um calix com uma coroa na cabeça, dando de mammar a um leão e a uma serpe.»

(4) O restante d'este solau pode ver-se no tomo 1.º do *Cancioneiro* do sr. J. Freire de Serpa.

de Coimbra preferimos a que acima relatamos, já por ter mais visos de verisimil, já porque é auctorisada pela opinião de mui distinctos escriptores como Gasco (5), Botelho (6), Cardoso (7), Carvalho (8), e o sr. Rodrigues de Gusmão (9), amante predilectissimo das nossas antiguidades (10).

Julgamos ser occasião opportuna de fallar da etymologia de Coimbra, que, como a sua fundação e armas, tem dado margem a opiniões mui diversas. Os antigos escriptores denominam Coimbra de muitas maneiras. Uns chamam-na Conimbrica, derivando esta denominação de *conus*—pinha, porque Coimbra, edificada numa collina muito ladeirenta, e tendo as suas casas muito unidas e como sobrepostas umas ás outras, se semelha a uma pinha. Outros nomeam-na Collimbrica de *collis imbrium*, outeiro de chuvas, por ser situada em local muito fresco e ameno, á conta das muitas chuvas que nelle cahem; ou de *collis* unicamente, por ser assente num outeiro. Outros lhe dão o nome de Colimbria, dizendo provir-lhe dos povos Colimbrios, a quem attribuem a sua fundação. Pretendem outros que deve chamar-se Colimbriga ou Lacobriga de Brigo, antigo rei de Hespanha, muito dado a edificações, e de quem dizem ser a de Coimbra. Finalmente tambem a chamam Colimbriga outros que derivam este nome de *coluber* cobra e *briga* combate, porque julgam ser devida a fundação da cidade á intrepidez e ardil de um cavalleiro que

(5) *Conquista, Antiguidade,* etc. *de Coimbra.*
(6) *Historia breve de Coimbra.*
(7) *Diccionario Geographico.*
(8) *Corographia Portugueza.*
(9) *Revista Universal Lisbonense.*
(10) Recommendamos aos leitores curiosos, que quizerem saber as opiniões de outros auctores neste interessante assumpto, a leitura do que a elle se refere no vol. 10 do *Instituto*, na *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade, nos *Dialogos* de Mariz, e o canto 8.º da *Ulyssea* de Gabriel Pereira de Castro.

para agradar á sua amante se aventurou a matar uma terrivel serpente, que assolava estes sitios, então selvaticos, impedindo que se povoassem.

Na verdade é tão grande a diversidade de opiniões ácerca da etymologia de Coimbra, que nos tornam perplexo, e não nos deixam emittir nosso parecer. Diremos pois com o sr. Rodrigues de Gusmão: «Tão comesinhas derivações não merecem reparo; o nome euphonico de *Coimbra* tem sobrenadado *inteiro* pela impetuosa corrente dos seculos (11); sua etymologia, em quanto a nós, é enigma indecifravel.»

Continuemos com a historia de Coimbra. Depois dos Alanos foi a nova cidade dominada por diversos povos, e estando em poder dos mouros em 1064, foi-lhes tomada por D. Fernando Magno, o primeiro que se intitulou rei de Castella.

A conquista de Coimbra por D. Fernando Magno é um dos successos mais importantes da historia d'esta cidade. — Tendo os mouros invadido a Hespanha, fizeram aos christãos grandes oppressões, e os monges dos diversos conventos viram-se obrigados a pagar tributos para se conservarem em socego. Aliboacem, um dos primeiros reis agarenos, tendo recebido dos monges de Lorvão bom agrado e obsequios, tornou-se tão affeiçoado para com elles, que isentou o seu mosteiro de vexações (12). Foi tal a harmonia que desde então houve entre aquelles varões e os mouros, que estes iam muitas vezes pelas cercanias de Lorvão montear veados, e desciam ao convento a comel-os em companhia dos frades (13).

(11) Duarte Nunes de Leão, *Descripção de Port.*, cap. 5.

(12) Na *Benedictina Lusit.*, tom. 1, tract. 2.º, part. 2.ª, cap. 4.º vem citada uma lei de 734, pela qual Aliboacem isenta o convento de Lorvão dos tributos que tinha imposto aos outros mosteiros.

(13) Gasco — *Conquista, Antiguidades,* etc. *de Coimbra,* cap. 1.º

Apesar de se darem muito bem com os mouros, conheciam os monges que era muito importante passar Coimbra para o poder dos christãos, e como pela convivencia e amizade que com os mouros tinham, eram os frades sabedores do que se passava na cidade, e do estado de suas forças, facilmente indagaram occasião propria para a conquista de Coimbra, e, pretextando, para que se não desconfiasse, uma romaria a Oviedo, dirigem-se dois a Carrion, onde D. Fernando estava descançando das fadigas de varias batalhas, e aconselham este monarcha a que marche com seu exercito sobre Coimbra. Effectivamente D. Fernando segue os conselhos dos monges, e chegando a Coimbra põe a seus muros apertado cerco, que dura quasi sete mezes. Findo este tempo, faltando a D. Fernando os mantimentos, e talvez descoroçoado de tanta demora sem resultado, resolve desistir da empresa. Os monges de Lorvão porem, que conheciam o muito que lhes importava e ao bem da christandade a conquista de Coimbra, trazem a D. Fernando os soccorros de que carecia, e animam-no e resolvem-no a continuar com o assedio. Finalmente no dia 28 de junho de 1064 (14) o exercito entra pela porta de Genicoca, e faz tremular as bandeiras castelhanas nos muros de Coimbra. Todavia a entrada do exercito em Coimbra só se pôde effectuar por meio de um ardil. — Alguns soldados de D. Fer-

(14) Sobre o anno preciso em que teve logar a conquista de Coimbra por D. Fernando Magno divergem os pareceres, mas alguns dos escriptores que tractam d'este assumpto opinam pelo de 1064. Uma das provas que corroboram esta opinião é uma doação de D. Sisnando ao abbade Pedro da herdade e egreja de S. Martinho, bispo e confessor, na qual se lê «.... *In era MCªIIª intravit rex domnus fredenandus cui sit beata requies in civitatem colimbriam.*» A era apontada corresponde exactamente ao anno de 1064. A copia d'esta doação pode ver-se na *Noticia Historica do Mosteiro da Vacariça*, por M. R. de Vasconcellos.

nando, disfarçados em trajos mouriscos, dirigiram-se á porta de Genicoca, e fallando a ligua arabe disseram aos guardas que os recolhessem sem demora, porque, tendo sido feitos prisioneiros pelos de D. Fernando, se lhes poderam escapar. Illudidos assim os mouros, deram franca entrada aos que julgavam seus camaradas, e só conheceram o logro quando os fingidos mouros patentearam aos christãos a entrada da cidade (15). Por este acontecimento se ficou chamando da Traição á porta de Genicoca (16).

Bem conheceu D. Fernando o grande auxilio que na conquista de Coimbra tinha recebido dos monges de Lorvão; e por isso, levado dos sentimentos de gratidão, lhes offereceu a cidade; elles, porem, não acceitando tão liberal offerta, unicamente se contentaram com uma egreja, dizendo que lhes era sufficiente com o prazer que sentiam em terem por seu rei a D. Fernando (17). Depois d'esta recusa entregou o monarcha o governo da cidade ao conde D. Sisnando, que por seus serviços se tinha tornado digno de tal honra (18). D. Sisnando alargou depois muito a orbita da sua jurisdicção, fazendo tributario o rei de Leiria, e resgatando muitas outras povoações, para o que muito lhe valia a boa situação e defesa de Coimbra.

Por morte de D. Fernando coube o sceptro de Portugal e Galliza a seu filho D. Garcia; mas D. Sancho, irmão d'este, desgostoso das partilhas, disputou-lhe esta posse em varias batalhas, ficando a final victorioso.

De D. Sancho passou o sceptro para seu filho D. Af-

(15) Vide *Elvenda ou Conquista de Coimbra*, cap. 2.º

(16) Esta porta ou arco ficava numa travessa ao cimo da Couraça de Lisboa. Foi demolido depois de 1834.

(17) Vide *Conquista, Antiguidade.... de Coimbra*, cap. 2.º

(18) Unicamente a D. Sisnando attribue alguem a iniciativa que levou D. Fernando a conquistar Coimbra. Vid. n.º 3 do *Antiquario Conimbricense*, importante publicação de que só appareceram 9 numeros em 1841.

fonso VI, que, passado algum tempo, tendo recebido valiosos serviços de D. Henrique, conde de Borgonha, lhe deu como em remuneração d'elles sua filha D. Theresa em casamento, e em dote o condado de Portugal.

O conde, depois de ter passado a sua vida lidando em batalhas e conquistas, deixou por successor seu filho o grande D. Affonso Henriques, que lançou os fundamentos ao reino de Portugal. Foi então que Coimbra attingiu maxima importancia, tornando-se a corte do nascente reino, e o ponto de partida para essas empresas gloriosas com que os nossos primeiros monarchas se cobriram de louros, e foram dilatando o seu limitado territorio.

No tempo de D. Diniz recebeu Coimbra grande honra e lustre, tornando-se o solar da universidade. Coimbra era então o que d'ella disse Heitor Pinto: « E assim como do centro da esphera sahem as linhas para a circumferencia, assim d'aqui sahiram as armas com que se conquistou o reino, e d'aqui sahem as virtudes e as letras, assim divinas como humanas, com que elle é ornado e enobrecido. »

Onze vezes se celebraram cortes em Coimbra. Foram as mais notaveis as de 6 de abril de 1385, que collocaram a coroa de Portugal na fronte do Mestre de Aviz D. João I. Foi este monarcha que fez Coimbra cabeça de ducado, fazendo duque d'este titulo seu filho D. Pedro, em premio da sua intrepidez na conquista de Ceuta. Tambem teve esta dignidade D. Jorge de Alencastro por mercê de seu pai D. João II (19).

No reinado de D. João I, começando Lisboa a engrandecer-se pelas riquezas que ao seu excellente porto traziam os progressos da navegação, pediram as cortes áquelle monarcha que mudasse para Lisboa a sua

(19) No de duque de Aveiro foi commutado o titulo de duque de Coimbra em tempo de D. João 3.º

residencia, e Coimbra teve de ceder a primazia á poderosa rainha do Tejo.

Coimbra desde então deixou de se ufanar de ser corte dos reis; porem, passado pouco mais de um seculo, reassume grande importancia tornando-se a corte das letras. A universidade tinha tido, depois que D. Diniz a collocou em Coimbra, frequentes trasladações, e achando-se em Lisboa no tempo de D. João III, julgou este monarcha, e com todo o acerto, que era conveniente dar-lhe séde fixa em Coimbra, que para este estabelecimento scientifico era o local mais apropriado.

É d'esta epocha que data a maior parte das casas religiosas que servem de grande ornamento á cidade. As ordens militares e regulares fundaram desde então em Coimbra muitos e grandes collegios, para os seus membros poderem cursar a universidade. No tempo de D. José foi este estabelecimento muito engrandecido com uma sabia reforma e com edificios magnificos. Modernamente está a universidade em grande esplendor pelas reformas e melhoramentos que neste seculo tem tido. Unico estabelecimento no seu genero em Portugal, é a universidade para Coimbra objecto de maxima importancia.

Todos os annos aqui concorre de todo o reino, e mesmo das mais remotas regiões da Africa, Asia e America, grande affluencia de mancebos a colherem os louros de Minerva. Aqui encontram uma cidade em tudo propicia para as suas lides litterarias, porque « até estes ares, este céo, este rio, e estes campos convidam o mathematico, o philosopho, o positivista e o poeta para a meditação e para o estudo » (20). Nos habitantes de Coimbra essa cohorte de mancebos, *saudosos da patria, tem encontrado mais do que a instrucção, em*

(20) Sr. João de Lemos, na introducção da *Revista Academica.*

todos os ramos de conhecimentos humanos, a benevola cordialidade, que para os que d'ella vivem ausentes, é balsamo consolador de todas as saudades (21). Aqui passam os seus melhores annos, a primavera da vida, e desde que o termo dos seus cursos lhes faz deixar Coimbra, fica-lhes sempre saudosa e grata a lembrança d'esse tempo que aqui passaram. «Se aqui vierdes ouvireis, é certo, a muitos dos que se assentam ao cahir da tarde no *Penedo da Saudade* a curtir maguas de ausente, ouvir-lhe-heis maldições contra Coimbra; não os acrediteis, não; é aquelle absurdo do coração humano, é aquella saciedade na posse, é o nunca-satisfazer dos desejos do homem, o desprezo do que já tem, trocado pelo anhelar do que ainda espera; mas se fordes inquirir esses mesmos, uma hora antes de deixarem Coimbra para sempre, ou elles não tem alma afinada para as melodias da terra, ou elles vos dirão com as lagrimas nos olhos—podera eu nunca deixar Coimbra! É que lhes ficam aqui as horas mais descuidosas, mais doces, mais felizes da mocidade; é que lhes ficam aqui as amizades, que não morrem mais, a liberdade, que mais não volta, e estes ares purissimos, este céo purissimo, estas aguas purissimas, esta Coimbra unica!

« Ah! como lhes ha de apparecer em sonhos este archanjo de pedra assentado no seu tapete de flores! Coimbra!.... hão de descubril-a de longe, vestida de branco, morbida, formosa, voluptuosa, modesta, a meter seus pés de marmore na prata do Mondego; a devassar o seio das nuvens com o capacete da sua torre, como se fora estatua de Minerva; com seus braços estendidos a afogarem-se em açafate de esmeraldas;

(21) Assim se expressou ainda ha pouco a commissão que em nome dos estudantes brasileiros na universidade de Coimbra foi cumprimentar a princeza do Brasil e seu esposo, o conde de Eu, quando passaram nesta cidade em 21 de junho de 1865.

com a sua ponte orlada de vultos negros, que se debruçam na corrente como os salgueiros da margem; com a cintura azul de mil outeiros, que ao longe fecham o seu largo horizonte; com toda esta belleza, este encantamento, esta feminidade de donzella, esquecida na relva d'um prado a tanger um hymno d'amor com os olhos no céo!

« Ahi tendes então os blasphemos arrependidos: Coimbra não é só a tortuosidade e estreiteza de suas ruas, não é o som lugubre do seu sino fatal (22), não é ò suspirar por quem vive longe, não é nada d'isto: é a terra das suas saudades, é a saudade da sua poesia, é a poesia da sua vida!

« Se um d'esses homens for poeta... e quem ha que o não seja depois do baptismo da sombra d'estes salgueiraes, do perfume d'estes campos, do crystallino d'este ambiente, da doçura d'estas aguas, da verdura d'estes montes, da fresquidão d'estas brisas? aqui a poesia bebe-se pelos olhos, pela bocca, pelos ouvidos, sem o querer, sem o cuidar, sem o sentir: cada pedra, cada tronco leva inspirações ao amago do seio, que desatina a cantar como a zagala ao desabrochar do dia, ou como a avesinha que sauda a primavera: aqui murmura melodias o ciciar da aragem nas flores da collina; o scintillar da lua quando num tecto de saphira pende accesa como lampada de sanctuario; o ardor do sol, quando se alastra em diamantes por cima do estendal da areia; o echo a responder sonoro ás palmas d'um folguedo; a vara do barqueiro a resvalar nos seixinhos do rio; o lavadouro da *tricana,* que geme debaixo dos seus golpes, menos duros porque os acompanha uma cantiga de amores! — até os nomes dos sitios têm aqui uma suave harmonia, como preludio

(22) O sino da universidade, a que os estudantes chamam *cabra*, e toca todas as vesperas e dias d'aula, para lhes lembrar a obrigação de estudar e de assistir ás lições.

de canção, que deixa adivinhar-lhe toda a lindeza!... Mas não vês, Elysa, como eu vou longe do que ia dizendo? era Coimbra que me arrebatava nas ondas da sua poesia; foi uma nova prova do seu poder; — voltemos porem ao primeiro proposito.

« Se um d'esses homens for poeta, irá assentar-se no limiar da sua porta, quando a tarde vai caindo nos braços da noite, e alli o vereis a cantar; segui-lhe o canto.... não ouvis? aqui fallou d'aquella fonte,

Que lagrimas são agua e o nome amores; (23)

alli gemeu com a desditosa *Castro* á sombra dos cedros seculares; agora um som festival lhe escapa ao recordar-se da *Lapa dos Esteios,* onde se lhe escoaram deleitosos momentos por sobre alcatifa de violetas e boninas; logo suspira nas cordas da harpa aquella *Maria Telles* tão sem ventura, a quem a mão do esposo ceifa a rosa da vida no descuido da noite; lá se lhe accende o estro na labareda do enthusiasmo porque se recordou d'aquelle cavalleiro d'antes quebrar que torcer (24), que fecha as portas da cidade ao rei cheio de vida e de poder, e leva as chaves d'ella ao rei sem vida e sem nada; eil-o depois encostado ao tumulo de *D. Sisnando* a misturar nos seus versos o saudoso da religião, inspirado pela fronte carcomida da cathedral veneranda que viu nascer a patria, e que tem visto morrer tantos seculos!

Olhae como vos diz que Coimbra é

Cidade rica do sancto
Corpo do seu rei primeiro,
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco tempo inteiro
Dos annos que podem tanto (25).

(23) Camões.
(24) Martim de Freitas.
(25) Sá de Miranda.

Silencio... não vedes como lhe resumbram no seu cantico uns nomes tão feiticeiros...

Da saudade o penedo! que amores
Á minh'alma, aos meus olhos não é!
Lindo cesto de graça e verdores,
Verde ramo do monte ao sopé.

Dos suspiros a gruta mais longe
Recolhida se foi meditar,
Só poeta, só ave, só monge
Pode á gruta os segredos vulgar!

E aqui lhe escapa depois no fundo arrebatar do pensamento grave um nome grave como elle — *o Penedo da meditação!* mas de volta para a cidade pára diante da gradaria soberba de soberbo jardim erecto pelas mãos sagradas de um bispo (26), e exclama

Salve, terra mimosa! a ti meu canto,
A ti meu coração, minhas saudades!

E o echo, ou de cortez ou de agradecido, responde-lhe de dentro do arvoredo o derradeiro verso

A ti meu coração, minhas saudades (27).

Que é tudo isto, Elysa? que é todo esse cantar d'aquelle homem já longe de Coimbra? Não é, não pode ser, não ha de ser nunca outra cousa senão o transumpto das perolas, que a patria de *Sá de Miranda* lhe engastou na alma, e que a memoria ha de vasar sempre do seu thesouro todas as vezes que o poeta pegar da lyra» (28).

Além do muito com que Coimbra se enobrece de

(26) D. Francisco de Lemos, bispo de Coimbra.
(27) Este echo do jardim botanico de Coimbra repete um verso heroico inteiro.
(28) O livro de *Elysa*, pelo sr. João do Lemos na *Revista Academica*.

ter sido a patria adoptiva de quasi todos os homens grandes que têm apparecido em Portugal, e que na sua universidade se têm illustrado, é tambem motivo de justa ufania para esta cidade o ter sido o berço de muitos varões illustres por seu talento, virtudes e nobreza. Entre elles merecem especial menção D. Affonso IV, Diogo de Paiva de Andrade, Francisco de Sá de Miranda, D. Pedro I, Pedro de Mariz, Rui Lopes da Veiga. Longa lista teriamos de fazer, se indicassemos os nomes dos conimbricenses que honram a sua patria (29).

(29) As biographias de muitos d'elles podem ver-se no *Instituto.*

GUIA

DO

VIAJANTE EM COIMBRA

E

SEUS ARREDORES

Nova e antiga egreja de Sancta Justa

Entrando-se na cidade pelo lado do norte, o primeiro edificio que attrahe as vistas do forasteiro é a egreja de Sancta Justa. É ella de simples mas elegante estructura, muito alegre, espaçosa, e de uma só nave, como quasi todas as construcções modernas neste generó.

O seu altar mór e os seis lateraes são brilhantemente decorados com bella obra de talha dourada.

Está assentada esta egreja na encosta de uma collina que olha o rio, e por isso o panorama, que do seu adro se desfructa de grande parte da cidade e do monte fronteiro, semeado de vistosas casas, convida a algumas horas agradaveis, principalmente nas tardes suaves da primavera.

Em breve esboço apontaremos o que deu origem á edificação d'esta egreja.

Nos principios do seculo passado existia no largo, ainda hoje chamado *Adro de Sancta Justa,* o templo que lhe deu o nome.

O levantar continuo do leito do Mondego, que frequentes vezes invade o bairro baixo da cidade, damnificou por tal forma esta egreja, que os fieis viramse obrigados a abandonal-a e a edificarem a actual de que acima fallamos. Da edificação do novo templo, e

dos motivos que a originaram rezam as inscripções de duas lapides embebidas no seu frontispicio, as quaes aqui copiamos.

Pellos annos do
S.^{or} de 1100 se fvn
dov a Igr.^{a} antiga
e havendo ia m.^{tos}
q as invndaçõens
do rio entravão
nella sendo estas
continvas com te
rriveis tempestades
no inverno de 1708
aos 17 de fevr.^{o} de o
mesmo anno por
ordem do Illmo S.^{or}
Antonio de Vasco
nsellos e Sovsa bis
po conde se fes procisão de
preces com a ima
gem do S.^{to} Christo
a qval se recolheo
a Ig.^{ra} de Santiago
e nella se colocov
a sobred.^{a} imagem
na tribuna do al
tar maior e os p.^{es}
desta Igr.^{a} ficar
ão celebrando
os officios di
vinos com os
bn.^{dos} da mesma.

Aos 24 de agosto
de 1710 veio a este
sitio o Illmo Sor Bispo
Conde Antonio de
Vasconcellos e
Sovsa e nelle com
toda a solemnida
de e assistensia do
s rd.^{os} capitvlares
necessarios e con
cvrso do povo
benzeo a p.^{a} pedra
a qval se lançov
ao canto desta
parte e fes as mais
seremonias da Igr.^{a}

Do antigo templo ainda restam vestigios. Entre outros fazem-se mais notar um tumulo em forma de arca e que tem esta inscripção:

ERA M.CCIIII IDVS IVNII OBIIT MARIA ⋮ MENENDIC ⋮
UXOR IHÑS ⋮ PELAGII ⋮

Egualmente se vê um arco em ogiva, bem como

um outro mais pequeno de volta circular, cujo fecho já não dista do chão mais que alguns decimetros. Tal tem sido a altura que o rio tem feito tomar ao terreno.

Vê-se tambem uma elegante janella dividida por uma delgada columna, assim como alguns bem lavrados capiteis, o que indica que o templo fora de aprimorada architectura.

O antigo edificio foi a principio dos Monges da Charidade, mas pelo tempo adiante veiu esta egreja a ser collegiada com doze clerigos e um prior, que viviam regularmente segundo a regra de Sancto Agostinho, e eram sujeitos ao mosteiro de Sancta Cruz e de sua visitação (30).

Antonio Coelho Gasco faz vaga menção (31) de um epitaphio que no seu tempo estava detrás da porta que da egreja ia para o claustro, o qual se diz ser o que hoje se vê no novo templo na parede juncto da porta lateral esquerda. D'ella se infere que um tal D. Rodrigo foi o fundador da egreja velha.

A inscripção, em caracteres romano-gothicos, minusculos e maiusculos, alguns conjunctos ou inclusos, é a seguinte:

HOC : JACET : IN : PVLCRO : RODERICVS : NEMPE : SEPVLCRO :
QVI : DOMINO : CELI : SERVIVIT : CORDE : FIDELI :
NAMQVE : LOCO : XPISTO : TEMPLVM : CONSTRVXIT : IN : ISTO :
QVOT : BENE : DITAVIT : SACRIS : DONISQVE : BEAVIT :
CLAVSTRI : STRVCTVRAS : FVNDAVIT : NON RVITVRAS :
ATQVE : DOMOS : CVNCTAS : PER CIRCVITVM : BENE : JVNCTAS :
SED : VIGILI : CVRA : MISERIS : DANS : HIC : SVA : JVRA :
TEMPORE : SVB : SCRIPTO : MIGRAVIT : PRESBITER : ISTO :
XVIII : KAL : SEPTEMBRIS : ERA : M : C : LXXXXIIII (32).

(30) Vid. *Chron. de Con. Reg.*, por D. Nicolau de Sancta Maria, p. 2.ª, liv. 7, cap. 18.
(31) *Conquista, Antiguidades e Nobreza..... de Coimbra*, cap. 4.
(32) Mais circumstanciadamente escreveu da egreja de Sancta Justa o sr. J. C. A. de C. no vol. 10.º do *Instituto*.

Fabrica do gaz

O edificio da fabrica do gaz, situado quasi defronte da egreja de Sancta Justa, é de estylo normando, e reune as vantagens de simplicidade, elegancia e solidez. A sua fachada principal é toda de tijolo; são só de cantaria as cabeças, cunhaes e mais partes das portas e janellas, e uma simples cornija que remata a parte superior. A chaminé, que fica na parte central da fachada, formando uma saliencia, é tambem toda construida de tijolo. O que se empregou no interior do seu cano é *refractario* e inglez, e está ligado com barro tambem *refractario*. Houve a precaução de collocar no cano, com certos intervallos, anneis de ferro forjado para não abrir fendas com a intensidade do calor. Tem de altura a chaminé $31^m,68$, (!) e as suas proporções são tão bem combinadas, que em tudo se apresenta agradavel á vista.

A casa das retortas é coberta por um tecto de ferro, feito na fabrica do Bicalho do Porto.

O interior do edificio está convenientemente repartido para officinas, casa de purificadores, escriptorio, etc.

É muito aperfeiçoado, e dos mais approvados e adoptados nas principaes cidades da Europa o mechanismo da fabrica do gaz. O deposito, solidamente construido de ferro, de 16^m50 de diametro e $2^m,64$ de altura, está dentro de um tanque perfeitamente circular, de pedra lavrada, em cujos bordos se apoiam seis fortes columnas de ferro fundido, que servem de guias para a subida e descida do gazometro.

Os canos que distribuem pela cidade o gaz, são tambem de ferro fundido e de diametro variavel de $0^m,22$ a $0^m,055$.

Coimbra começou a gozar os beneficos e civilisado-

res resultados da illuminação a gaz em 1856, sendo pela primeira vez illuminadas as suas ruas por aquelle vantajoso processo na noite do 1.º de outubro.

Rua da Sophia

É esta rua a mais larga, comprida e regular de todas as da cidade. Era d'antes quasi exclusivamente bordada pelos collegios d'algumas ordens monasticas, e bem assim pelos paços da inquisição. Hoje porém a muitos d'estes edificios tem-se dado nova e melhor apparencia, transformando-se em boas casas de habitação. É uma das ruas mais concorridas de Coimbra, já por ser por ella o transito para a estação do caminho de ferro e povoações do norte da cidade, já pelas lojas de commercio, bilhares e cafés, que a guarnecem.

É opinião d'alguem que o nome d'esta rua lhe vem da palavra grega Σοφια, que significa sabedoria, por ter aqui estado por alguns annos a universidade nos collegios de S. Miguel e de Todos os Sanctos (posteriormente convertidos em tribunal da inquisição). Esta porem não nos parece a opinião mais acertada; antes nos encostamos á de Botelho, que affirma que tal denominação lhe proviera d'um collegio, que D. João III fundou com o titulo e orago de Sancta Sophia: corrobora ainda este parecer o encontrar-se em livros antigos o nome de rua de *Sancta Sophia* e não unicamente de *Sophia* como modernamente por abreviatura se lhe chama.

O convento de S. Domingos e collegio de S. Thomaz

Em todo o tempo se distinguiram as rainhas e infantes de Portugal por suas virtudes e piedade, de que nos deixaram bastantes documentos. É um d'elles

o convento de S. Domingos, devido principalmente a D. Branca, filha de D. Sancho I.

Entrando em Portugal no tempo d'esta princeza a religião de S. Domingos, aproveitou-se D. Branca d'esta occasião para dar expansão ao seu animo piedoso, tractando de fundar nesta cidade um convento dominicano. Para tal intento se escolheu um local chamado da *Figueira Velha*, muito apropriado e commodo por sua amenidade, abundancia de pomares, e vizinhança do Mondego que «naquella edade (quem o crerá hoje?) corria fundo e alcantilado» (33).

Constando a D. Theresa a resolução de sua irmã D. Branca, e desejosa de ter parte em tão piedosa empresa, comprou á sua custa os terrenos necessarios (34). Coube a D. Branca o resto das despesas com as obras que se fizeram pelos annos de 1227 (35). Distinguiu-se tambem nesta fundação e foi primeiro prior do convento o padre Palaio ou Paio, que morreu com fama de sanctidade.

O Mondego, que constantemente tem alteado o seu leito, de fundo que corria quando se edificou o convento, chegou pelos tempos adiante a ganhar a altura d'elle, causando grandes incommodos aos religiosos. Por fim, ameaçando já ruina o edificio, tiveram os frades de sahir d'elle e recolherem-se a nova casa, que se fundou na rua de Sancta Sophia. Tudo isto nos descreve elegantemente um dos nossos principaes classicos: (36)

«Sendo corridos 300 annos da fundação, vieram a ser tão grandes as enchentes do Mondego, que acon-

(33) *Historia de S. Domingos*, liv. 3, cap. 1.
(34) A doação dos terrenos feita por D. Thereza pode ver-se na *Historia de S. Dominges*, liv. 3, cap. 1.
(35) *Corog. Port.*, cap. 2.
(36) Fr. Luiz de Sousa—*Historia de S. Domingos*, liv. 3, cap. 1, e seg.

tecia de inverno estar o convento muitos dias feito ilha, e posto em cerco. Seguiram annos invernosos, continuaram e cresceram as aguas com novo mal, que foi trazerem comsigo grande poder de arêas e cegarem com ellas a madre do rio, de maneira que donde dantes corria tão fundo, que o sitio do convento lhe ficava sobranceiro e senhor, veiu a egualar a corrente ordinaria com elle, e a forças d'agua começou a lançar as arêas por cima das mais altas margens, senhoreando-se do campo, e entupindo cerca e officinas; e acontecia pela muita abundancia das arêas subir o rio a tanta altura com qualquer pequena enchente, que não só cobria os campos, e alagava o convento, mas lançava por cima da ponte.

« Ajunctava-se ao mal dos diluvios, que as aguas de muito tempo encharcadas deixavam o convento apaúlado: e quando com o verão vinha a enchugar, era sómente na face da terra; e ficava do interior lançando vapores, que causavam graves doenças. Vencia-se este inconveniente com a paciencia e santidade dos religiosos, á conta de não desampararem um santuario, que fora morada de muitos santos, e era depositario de seus ossos. Obrigava-os junctamente o respeito devido a todos os nobres da cidade, cujos paes e avós tinham comsigo enterrados. Assim era de ver o cuidado e amor, com que toda a nobreza e povo lhes acudia, tanto que as aguas cresciam. Porque, como estavam satisfeitos da sua constancia, em se fazendo signal com o sino, como era costume, não havia homem timido, nem pobre, para os soccorrer. Acudiam como á competencia na força das tormentas, e muitas vezes com perigo manifesto; e reluzia a caridade com esmolas geraes, tão copiosas, que sobejava provimento na casa para longos dias depois de passado o aperto.

« Em 1540 era já insupportavel o mal. A continuação de aguas ia socavando e enfraquecendo as paredes,

que não eram fortes, e temia-se uma ruina subita. Participou-se a el-rei D. João III, e houve licença e esmolas para sua mudança. Fez-se a trasladação para a rua da Sophia, que se estende até á porta do Arnado. Agazalhados aqui pobremente, foram logo comprando mais casas e chãos, ajudando-os com muita largueza o commum e particulares da cidade. E porque andava já em costume fundar-se um collegio separado do convento, que servisse só para os que estudavam na universidade, procurou-se logo tamanha capacidade de sitio, que fosse bastante para convento e collegio. Os conegos de Sancta Cruz valeram-lhes muito, cedendo-lhes graciosamente algumas terras, que alli possuiam.

« A obra foi de vagar, porque faltou braço de principe, que a tomasse á sua conta, e a fizesse voar. O duque de Aveiro encarregou-se de parte d'ella; porem morreu, deixando-a incompleta: e fr. Martinho, lente de theologia, deu ao convento principio tão magestoso, que não podia deixar de ficar em meio obra tão larga. Era vastissimo o projecto do novo fundador; pois emprehendeu o edificio de dois conventos junctos, um o collegio de S. Thomaz, que deixou de todo acabado, outro para os frades, que se mudaram do sitio velho; porem este não pôde acabar, porque emprehendeu maior fabrica do que eram as suas forças. Não passou da capella-mór; mas, o que ficou lavrado, é obra de tanto primor e custo, que pode competir com as que no reino são mais louvadas. O marmore é alvissimo e mui fino. A delicadeza dos ornatos, e a miudeza dos lavores parece traçada mais por pincel em pintura, que por escopro em cantaria. Faz lastima grande a todos os que vêem tal obra, cuidar-se que chegará primeiro a cair, e acabar desamparada, que a pôr-se em estado de prestar e servir no ministerio, para que foi começada. Ficou esquecida a obra, e ficou o resto do con-

vento até hoje informe, e longe do seu devido remate. Do convento antigo sómente existe um bocado da torre, que é o representante d'aquelle real edificio, que ficou aqui para receber as saudações do viajante curioso » (37).

Realisou-se infelizmente o presagio de frei Luiz de Sousa.

A egreja, que se principiou com tanta magnificencia e primor, ficou effectivamente por concluir; todavia assim mesmo incompleta é digna de ser visitada, porque ha nella muito que admirar. O que está feito, que pouco mais é do que a capella-mór, é tudo de cantaria de bellissimos lavores no estylo romano.

Como um dos duques de Aveiro (38) (que eram padroeiros do mosteiro) concorreu muito para esta sumptuosa fabrica, foram as suas armas embebidas na parede exterior, que faz frente para a Sophia. Ainda hoje se vêem alli intactas, apesar de se ordenar por sentença proferida pela suprema juncta da Inconfidencia, em 12 de janeiro de 1759, que fossem picadas todas as armas dos duques d'aquelle titulo, depois que um d'elles, D. José de Mascarenhas, attentou contra a vida de el-rei D. José na noite de 3 de setembro de 1758.

No convento e collegio de que fallamos floresceram muitos varões respeitaveis por seu saber. Entre elles

(37) Isto escreveu fr. Luiz de Sousa no seculo XVI; hoje já nada se vê do edificio antigo. O seu local, a que se chama *Chão da Torre*, nome que recebeu da do mosteiro, acha-se actualmente convertido numa optima insua. É uma das propriedades nos arrabaldes de Coimbra, em que se exercita melhor systema de cultura. O seu proprietario, o sr. dr. Fernandes Costa, dignissimo lente de medicina na universidade, tambem já alli ensaiou em grande escala a industria sericola, para cujo fim fez grandes plantações de diversas especies de amoreiras.

(38) D. João, aquelle famosissimo cavalleiro, que morreu na triste jornada de Alcacer. Gasco — *Conquista, Antiguidades*, etc. *de Coimbra*, cap. 19.

devemos mencionar o doutor fr. Antonio José da Rocha, um dos oradores mais distinctos d'este seculo. « Era em seu tempo o — *Rochinha* — a flor dos oradores de Coimbra, não na austeridade da missão, mas nas graças e adornos do panegyrico; corria a ouvil-o para toda a parte a mocidade academica, sempre enthusiasta do bello, e apreciadora do bom; e os velhos, lembrados dos grandes oradores benedictinos, que, no primeiro quartel do seculo, haviam abrilhantado a cadeira da verdade, reconheciam de bom grado, no sobre todos agradavel dominico, um gosto especial, uma eloquencia toda sua, captivadora dos corações.

« Mas não era só no pulpito, e na cadeira magistral, que o — *Rochinha* — se distinguia pela excellencia de seu dotes singulares; não o era menos na intimidade da convivencia. Quem hoje atravessar a rua de Sancta Sophia, observará, do lado do rio, juncto aos casarões, que foram collegio de S. Thomaz, um pouco d'arvoredo, e mostras de terreno ajardinado. Ahi, repartindo com as flores o culto que votara ás letras, reunia frequentemente o amavel dominico seus muitos amigos; os quaes gozavam, por elle e com elle, a frescura do sitio, e mais que tudo a doce suavidade da conversação do philosopho » (39).

O collegio de S. Thomaz e o convento de S. Domingos são hoje propriedade particular.

(39) Sr. A. Forjaz no *Instituto*, vol. 10, pag. 60. É digno de ler-se o restante da noticia que o sr. Forjaz dá de fr. Antonio José da Rocha. Barreto Corte-Real no seu tão poetico livro — *As Bellezas de Coimbra* — tambem falla com enthusiasmo do sabio orador.

Collegio da Graça

O collegio da Graça, situado na Sophia, foi fundado em tempo de D. João III, e pertenceu á ordem dos eremitas de Sancto Agostinho.

Está hoje de posse da egreja a irmandade do Senhor dos Passos, cuja imagem é muito gabada por sua belleza.

O restante do edificio pertence á camara municipal, e está occupado pela eschola regia de instrucção primaria, quartel militar, e pelo theatro da sociedade *Boa-União*. Este pequeno estabelecimento recreativo e civilisador foi emprehendido ha annos por uma sociedade de artistas, que para o levarem a cabo tiveram de luctar com grandes obstaculos, sendo o principal a falta de meios. Comtudo, esforços quasi incriveis e grande perseverança venceram as difficuldades, e a obra concluiu-se.

Collegio de Nossa Senhora do Carmo

Foram lançados os fundamentos do collegio do Carmo, pertencente á ordem dos carmelitas calçados, situado na rua da Sophia, pelo arcebispo D. fr. Balthazar Limpo, cerca do anno de 1542.

A egreja, de bello aspecto, o claustro e a sacristia foram mandadas fazer por D. fr. Amador Arraes, sobremodo affeiçoado á cidade de Coimbra. Este pio varão, natural de Beja, foi religioso do Carmo, doutor pela universidade de Coimbra e lente de theologia no mosteiro de Sancta Cruz d'esta cidade. Por seu talento e boas qualidades foram-lhe concedidas as dignidades de — prégador regio, bispo coadjutor do cardeal D. Henrique no arcebispado de Evora, e esmoler-mór; e por fim bispo de Portalegre. Illustrou-se no governo da sua diocese por muitas acções virtuosas, uma das

quaes foi a remissão dos seus diocesanos, que na infeliz empresa de Africa haviam sido captivos.

Amando mais a humildade da sua cella que as honras do episcopado, renunciou esta dignidade e passou sanctamente o resto da sua vida no collegio do Carmo.

Numa das cellas d'este collegio escreveu fr. Amador os seus excellentes *Dialogos,* obra geralmente elogiada, e que o faz considerar pelos criticos um dos mais perfeitos mestres da nossa lingua e o melhor exemplar do estylo medio ou temperado. Num dos *Dialogos* diz este elegante escriptor: «A cidade de Coimbra me succedeu em logar de patria, onde gastei a flor da minha adolescencia e edade varonil, e espero de passar os poucos annos que me restam de vida (pois em muita velhice não podem ser muitos), e passados elles ser sepultado no meio da capella-mór da egreja do collegio de Nossa Senhora do Carmo, que erigí, e dotei o melhor que pude, e puz na perfeição, que ora tem, com a sacristia, que já está acabada, e crasta nova, que se vai fazendo.»

Effectivamente os desejos d'este excellente prelado foram satisfeitos: o seu corpo foi enterrado no meio da capella-mór da egreja. A lagea que cobre a sua sepultura, sem brazão nem insignias, tem unicamente esta inscripção:

S.ª DE. D. F. AMADOR ARA
IZ BPO DE PORTA-ALEGRE.
FEITVRA. DEL-REI D. AN
RIQVE. SEV ESMOLER MOR.
FOI O PR.º RELIGIOSO. QVE
PROFESSOV NESTE COLE
GIO. FALECEO ÁO Iº DE AGOS
TO DE 1600

A egreja de uma só nave de abobada apainellada é de agradavel apparencia pelos seus ornatos architectonicos.

Num dos seis altares lateraes, que todos são vistosa e delicadamente ornados de obra de talha, nota-se una pintura em madeira representando a morte de Sancta Maria Magdalena, que os entendedores acham de merecimento. A attitude da sancta, prestes a exhalar o ultimo suspiro, tem muita expressão de verdade e é de bella execução.

O frontespicio do templo é desprovido de ornatos. Nelle estão esculpidas em duas pedras, rematadas superiormente pelas armas episcopaes, estas inscripções:

A . D . AMATORE . E PO
PORTALEG . CONS
TRVCTVM 1597

IN. HONORE . BE-
ATISSIMÆ . VIRGI-
NIS . DE MÕTE . CARM

Por carta regia de 15 de setembro de 1841 foi concedida á Ordem Terceira da Penitencia a egreja do Carmo, escapando assim este bello edificio á devastação e ruinas, que depois da extincção das corporações religiosas a muitos couberam por sorte.

A Ordem Terceira é, por seu esplendor e grandeza, uma das mais respeitaveis corporações religiosas de Coimbra.

São muito apparatosas as solemnidades que na sua egreja celebra. É do Carmo que costuma sahir a procissão da Cinza, que se faz mui notavel, e é das mais vistosas d'esta cidade, em razão da grande quantidade e belleza das imagens que nella costumam ir em seus andores.

A Ordem, conhecendo que não é unicamente no culto que consiste a verdadeira perfeição christã, instituiu no collegio um hospital, onde são recebidos os irmãos necessitados. Concorreu muito para a realisação de tão louvavel instituição, já promovendo esmolas, já com

donativos proprios o dr. Manuel Martins Bandeira (40). Em reconhecimento dos valiosos serviços prestados por este respeitavel cavalheiro se collocou o seu retracto em uma das salas do collegio. Pela mesma razão alli se vêem os de mais tres cavalheiros, principaes bemfeitores do hospital (41).

A Inquisição

Estas arcadas são negras,
É humido este lagedo,
São sinistras estas pedras,
Estas paredes põem medo;
Estas prisões são soturnas,
São medonhas como as furnas,
Escondidas sob o chão;
Nenhum bem aqui me affaga,
Tudo aqui a mente esmaga,
Tudo opprime o coração.

A. X. R. Cordeiro.

O tribunal da inquisição, de ominosa memoria, foi instituido nesta cidade por ordem do cardeal D. Henrique no anno de 1541.

Os primeiros inquisidores que para tal fim vieram

(40) Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, lente de prima jubilado na faculdade de philosophia, vogal ordinario do Conselho Superior de Instrucção Publica, pessoa respeitabilissima que gozava de geral sympathia por suas excellentes qualidades. Falleceu em 5 de setembro de 1862.

Foi no tempo em que era ministro da Ordem Terceira, que se obteve o collegio para hospital, e que este se inaugurou.

(41) São elles os srs. Sebastião José de Carvalho, bacharel formado em direito na universidade de Coimbra e residente no Brasil; D. Francisco da Conceição de Maria Cardoso e Castro, conego regular de Sancto Agostinho da congregação de Sancta Cruz d'esta cidade, e Adriano Correia Bandeira, negociante na praça do Rio de Janeiro.

para Coimbra foram pousar no mosteiro de Sancta Cruz, e ahi estiveram hospedados em quanto não prepararam edificio proprio para o tribunal, que depois instalaram nos collegios de S. Miguel e de Todos os Sanctos na rua da Sophia.

Esta terrivel instituição, que fez soffrer as maiores torturas a tantos centenares de desgraçados, este poder formidavel, que por tres seculos campeara altivo em Portugal, baqueou finalmente ante as novas ideias liberaes de 1820.

Em 31 de março de 1821 foi publicado o decreto da regencia que aboliu o tribunal em todo o reino, e no dia 18 de maio chegou a Coimbra ordem ao provedor para que fosse inventariar todos os processos e mais objectos que achasse pertencentes á inquisição. Tornou-se então patente ao publico o mysterioso edificio. A alguem que naquella occasião o visitou ouvimos dizer que ainda vira nas paredes dos carceres vestigios de sangue e arranhaduras, provenientes talvez do soffrimento e desesperação das victimas. Não ha coração por mais embotado que se não commova ao lembrar-se dos desgraçados que pereceram neste theatro de atrozes supplicios.

Hoje já pouco resta do memoravel e tenebroso edificio. As escuras masmorras que por tanto tempo serviram de sepulchro de vivos, as medonhas paredes que presencearam tantos soffrimentos e escutaram tantos ais, foram convertidas em doce mansão de familias, ou em depositos de productos do commercio, da industria e da agricultura (42).

(42) Na frente de um dos edificios que guarnecem o *Pateo da Inquisição* existe ainda uma memroia bastante apreciavel pelo seu valor historico: ainda alli se conserva embutida uma pequena pedra em que se vê esculpido o emblema de que usava o tribunal, que consistia numa cruz entre uma oliveira e uma espada. O brazão inquisitorial foi explicado da seguinte maneira pelo dr. Francisco Torres no *Sermão do auto celebrado*

Mosteiro de Sancta Cruz

> Ao passarmos pelo pallido e carcomido portal da egreja de Sancta Cruz, vamos saudar as cinzas d'aquelle homem, sem o qual não existiria hoje a nação portugueza, e, porventura, nem sequer o nome de Portugal.
>
> A. Herculano.

Abundante é a nossa terra de edificios monumentaes, que por sua antiguidade nos inspiram grande veneração; por commemorarem a piedade de nossos maiores nos enchem de respeito; por nos trazerem á mente gratas recordações de factos gloriosos nos repassam de enthusiasmo, e finalmente por sua magnificencia, bellezas e preciosidades nos surprehendem e causam admiração.

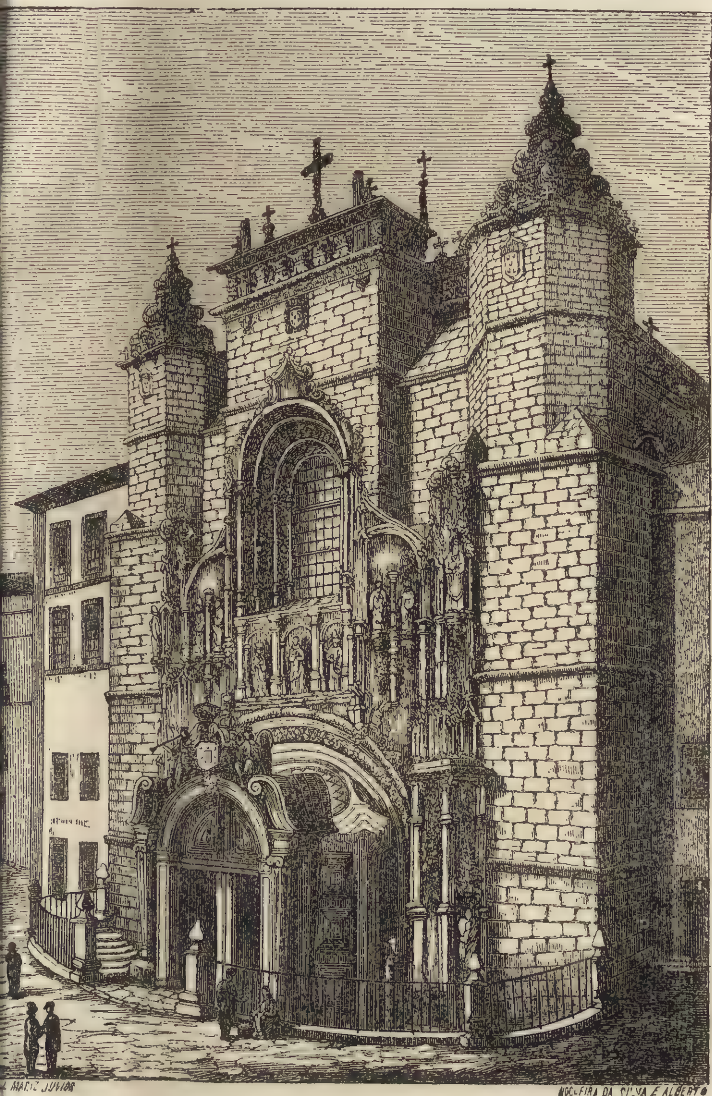
É do numero d'estes o famoso mosteiro de Sancta Cruz, verdadeiro monumento nacional dos mais dignos de attenção, e que sempre tem sido celebrado como o mais nobre de Coimbra.

Foi principal fundador d'este mosteiro o arcediago D. Tello, que se associou a doze varões para nelle passarem vida claustral sob a regra de Sancto Agostinho.

No numero dos doze companheiros entrou o venera-

em Coimbra no terreiro de S. Miguel, aos 7 *de julho de* 1720, pag. 27: «Na espada se representa a justiça, e na oliveira se symbolisa a piedade; e como a mão direita, e não a esquerda, é a de que mais se usa, para mostrar que mais se inclina á piedade do que á justiça, tem á mão esquerda a espada, em que se representa a justiça, e á mão direita a oliveira, em que se symbolisa a piedade.»

Recommendamos como mui curiosos a leitura de varios artigos relativos á inquisição publicados no *Instituto* pelo sr. J. C. Ayres de Campos.



Egreja de Sancta Cruz

vel D. Theotonio, que com grande custo se resolveu a junctar-se aos mais, porque, tendo visitado os logares sanctos, a sua vista lhe inspirou tal devoção, que ardentemente desejava ir esperar o termo dos seus dias juncto do sepulchro do Salvador; rogado porem com instancia, accedeu ao que lhe propunham, dizendo: « A Deos amada Jerusalem; a Deos sagrado Jordão; a Deos monte Oliveti; a Deos Sancto Sepulchro, delicias do meu coração! Coimbra será para mim desde agora a cidade sancta; o rio Mondego como Jordão; aquelle Mantarroio cheio de oliveiras será meu Oliveti; a egreja de Sancta Cruz o Sancto Sepulchro, em que terei meu descanço. Aqui hei de habitar por seculos de seculos por ser o logar da minha eleição » (43).

No dia 28 de julho de 1131 teve logar o assentamento e benção da primeira pedra do edificio, que se fundou juncto da fonte, então chamada *Banhos d'el-rei.*

Residia por este tempo em Coimbra o magnanimo D. Affonso Henriques, que, não lhe consentindo seu animo piedoso deixar de tomar parte em uma obra tão meritoria, concorreu tanto para a edificação do mosteiro, que muitos historiadores lhe attribuem a honra de seu fundador.

Tractando-se de eleger prior para esta casa religiosa, cahiu a escolha em D. Theotonio, que por sua humildade se recusou consentir nessa distincção; apertado porem com razões e rogos, foi constrangido a acceitar tão honroso cargo.

Espalhando-se logo pelo reino a fama do novo mosteiro, de toda a parte concorreu grande quantidade de varões a ajunctarem-se aos doze fundadores, chegando a completar o numero de 72.

Organisado o novo convento, foram alguns dos seus religiosos sujeital-o ao papa Innocencio II, que depois

(43) *Vida de S. Theotonio.*

lhe concedeu muitas indulgencias, favores e privilegios.

Da mesma forma practicaram muitos dos seus successores. Anastacio IV passou um breve, pelo qual, além de outras mercês, concedia a D. Theotonio trazer sempre annel episcopal, usar de mitra e baculo nas festas solemnes, e lançar a benção ao povo.

Em 1196 passou o pontifice Celestino III outro breve, pelo qual concedia aos priores de Sancta Cruz poderem usar das insignias episcopaes. Para evitarmos prolixidade deixamos de enunciar muitos outros favores, com que os summos pontifices distinguiram sempre este mosteiro (44).

Egualmente foi sempre favorecido e tido em consideração pelos nossos monarchas, que lhe fizeram grandes doações e lhe concederam grandes honras. D. Affonso Henriques, além do muito que engrandeceu com obras e beneficios o convento de Sancta Cruz, «quiz para mais o honrar intitular-se conego do mesmo mosteiro; fazendo-se irmão da Ordem, e assistindo no choro aos officios divinos, vestido com o habito e sobrepeliz dos conegos, como se fora qualquer d'elles, fazendo maior estimação do dicto habito, que da purpura real» (45).

Era em Sancta Cruz que aquelle piedoso monarcha ia descançar dos trabalhos e fadigas dos combates, e tomar alento para novas empresas na companhia do seu querido D. Theotonio e dos monges do mosteiro. Era em Sancta Cruz que D. Affonso «meditava com os olhos no futuro, e quem sabe se com alguma noticia d'elle, e de concerto com o prior novas façanhas, novas leis, e estatutos. No profundo valle de Montarroio muitas vezes passavam estes dois varões, o rei e o frade, meditando e conversando do céo e da terra!» (46).

E bem motivada era a particular affeição que D. Af-

(44) Vide *Chron. dos con. regr.*, part. 2.ª, liv. 7, cap. 12.
(45) *Chron. dos con. regr.*, part. 2.ª, liv. 7, cap. 13.
(46) *Almanak Portuguez* para 1853.

fonso consagrava a D. Theotonio: ao seu patrocinio e orações attribuia o grande conquistador o bom exito de suas batalhas. Por isso nunca D. Affonso se aventurou a alguma empresa arriscada sem primeiro conferenciar com D. Theotonio, e pedir-lhe que para ser bem succedido contribuisse com as suas fervorosas e efficazes orações.

Com razão pois é appellidado este illustre e sancto varão «pai commum dos portuguezes, conselheiro fiel, o amigo intimo, o sabio e prudente director do pio rei D. Affonso Henriques» (47).

Não foi só por suas virtudes que o sancto prior illustrou a patria; tambem se mostrou esforçado nas armas dando grandes provas de valor na conquista da villa de Arronches, merecendo por isso ser memorado por Camões:

Um sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem de Mafamede enresta a lança;
É Theotonio, prior (48).

De muita honra foi pois para Sancta Cruz este varão, que por suas orações e heroicos feitos concorreu tanto para a fundação da monarchia, e que por suas virtudes a egreja achou digno de enumerar no catalogo de seus sanctos.

Não menos lustre recebeu tambem esta casa por nella ter residido por algum tempo o Thaumaturgo Sancto Antonio, de todos os sanctos aquelle de quem é mais predilecto o povo portuguez.

Ao passo que o mosteiro floresceu em factos de heroicidade, virtudes e sanctidade, tambem se ennobreceu

(47) Sr. D. Joaquim da Boa-Morte, num sermão que ha poucos annos prégou de S. Theotonio.
(48) *Lusiadas*, canto VIII, est. XIX.

pelas sciencias e letras que alli eram cultivadas. Refere a Chronica que já em tempo de D. Sancho I havia estudos em Sancta Cruz, porque este monarcha mandara a Paris estudar alguns conegos para depois proffessarem o magisterio no seu convento; e tambem conta que foi d'aqui que partiu a iniciativa que levou D. Diniz a fundar a nossa celebre universidade.

Com a protecção real dos monarchas que succederam a D. Affonso Henriques e o imitaram na sua predilecção por Sancta Cruz foi em todo o tempo grande o esplendor do mosteiro. A dignidade de prior d'este convento era considerada como uma das mais altas do reino. Algumas vezes a possuiram filhos de nossos reis: os infantes D. Affonso, D. Henrique (cardeal e depois rei) e D. Duarte duque de Guimarães, todos filhos de D. Manuel, e D. Duarte filho natural de D. João III, foram priores de Sancta Cruz. Além d'estes muitas pessoas de distincção e grandes fidalgos tiveram o priorado de Sancta Cruz, e era grande a estima que faziam de tal dignidade. Possuindo este cargo D. João de Noronha, filho do primeiro marquez de Villa Real D. Pedro de Menezes, e assistindo D. João II á sua missa nova, lançou el-rei por occasião do offertorio no prato da offerta um escripto assignado por sua propria mão, pelo qual nomeava o prior arcebispo de Braga. Acabada porem a missa, foi D. João de Noronha beijar a mão ao monarcha pela mercê que queria fazer-lhe, e escusou-se de a acceitar, dizendo que não trocaria o seu priorado por nenhuma outra dignidade do reino (49). Tal era a estima que se fazia do priorado de Sancta Cruz.

Além das muitas prerogativas d'esta dignidade, veio a ser ainda de maior consideração, quando D. João III fez aos priores de Sancta Cruz mercê de os nomear

(49) *Chron. dos con. regr.*, part. 2.ª liv. 7, cap. 3.

cancelleiros da universidade, gozando assim de grandes honras, uma das quaes consistia em darem o gráu de doutor aos alumnos, que para o receberem tinham de ir a Sancta Cruz.

Egualmente era muito estimada a dignidade de conego d'este mosteiro. Tendo D. Manuel recebido algumas provas de grande lealdade (50) de Diogo Arraes, e de Pedro Anes, quiz retribuir-lhes seus serviços, dizendo-lhes que pedissem o que quizessem, porque, tendo sido tão leaes vassallos, era justo fazer-lhes alguma mercê. Pediram elles então a el-rei passasse um alvará para no mosteiro de Sancta Cruz acceitarem um filho de cada um, por estarem vagos dois logares de conegos. D'aqui se deixa ver o grande apreço que se dava ao logar de conego d'este mosteiro.

Um dos monarchas, que mais engrandeceram o convento, foi D. Manuel. É a este venturoso rei que se deve a reedificação da egreja, e muitas outras obras, tudo de tanta magnificencia e primor, que, chegando sua fama aos ouvidos do papa Paulo III, foram pedidos com grande empenho por sua sanctidade, na propria Roma, patria das artes, o debuxo e descripção d'este mosteiro (51).

Para trabalharem nas obras mandou D. Manuel vir de França architectos de merecimento, como foram mestre Nicolau, João de Ruão, Jacques Loguim e Filippe Vduarte. Bastaria para grangear celebre reputação a estes artifices o magnifico frontespicio do templo, obra cheia de originalidade e de belleza. Muito ha que ad-

(50) Vide *Chron. dos con. reg.*, part. 2.ª, liv. 7, cap. 13.

(51) Os desejos do pontifice foram satisfeitos pelo padre D. Francisco de Mendanha, prior do mosteiro de S. Vicente de Lisboa, ao qual, por ser mui versado na lingua italiana, foi incumbida tal descripção pelo prior geral. Esta descripção pode ver-se traduzida na *Chron. dos con. reg.*, part. 2.ª, liv. 7, capp. 22 e 23.

mirar nos seus florões, rendados, peanhas, estatuas e baldaquinos. A boa disposição d'estes ornatos, e o bem executado de seus delicados e finos lavores dão a esta fachada uma apparencia de tanta elegancia e belleza, que não pode deixar de encantar e de prender a attenção de quantos a vêem.

Pena é que a má qualidade da pedra de que é fabricada tenha damnificado tanta riqueza e perfeição artistica. A pedra empregada nesta obra, á vantagem de se poder lavrar com grande facilidade e de se conservar sã onde estiver resguardada dos temporaes, reune o grande inconveniente de se esboroar quando a elles está exposta.

Tambem o Mondego, com a constante elevação do seu leito, tem pouco a pouco tomado altura ao edificio, causando assim grande damno á sua elegancia. No anno de 1540 estava ainda o adro que precede a egreja superior ao largo de Sansão a altura de quatro degráus (52); hoje para se entrar no templo descem-se para o adro sete.

Este adro, que era quadrilongo e muito espaçoso, encurtou-se consideravelmente por occasião das obras da rua do Visconde da Luz, dando-se-lhe a forma semicircular. É cercado de gradaria de ferro, com tres entradas, e tem na parte central um magnifico guarda-vento, que se diz ser obra de um frade architecto por nome José do Coito. É rematado por estatuas de anjos em acção de tocar trombeta, e pelas armas de Sancta Cruz bellamente esculpidas. Este guarda-vento, bem como o portico do templo, são de architetura differente da da fachada e de epocha mais recente.

Entrando-se no edificio somos logo impressionados pela magestade e nobreza das obras de D. Manuel. É a egreja muito espaçosa, e tem uma só nave de can-

(52) Vide a descripção citada na nota antecedente.

taria, que houve o máo gosto de estucar, com grande copia de florões e brazões dourados. Vistoso azulejo reveste até certa altura as paredes do templo.

A primeira cousa que logo á entrada dá na vista é um tumulo mettido na parede ao lado direito. D. Nicolau de Sancta Maria diz na sua *Chronica* com referencia a este tumulo, quando descreve a egreja antiga:

«A ultima capella era a do apostolo Sanctiago Maior, que depois ornaram e fizeram de novo D. Fernando Cogominho senhor de Chaves, e alcaide-mór de Coimbra, e sua mulher D. Joanna Dias, senhora da villa d'Athouguia, e escolheram para sua sepultura, que muitos annos depois em tempo d'el-rei D. Manoel se passou para junto da porta da egreja nova, onde estão ambos em sepultura alta mettida na parede logar, que lhe deu o dicto rei, dizendo que, pois tinham por armas cinco chaves de prata em aspa, estivessem á porta da egreja.»

Outro objecto que attrahe, como por encanto, os passos do visitante, e que na verdade o fascina é o precioso pulpito, a melhor cousa que ha no edificio, e uma maravilha em esculptura. É impossivel haver um bocado de pedra de egual merecimento. Parece incrivel que numa tão pequena área se podesse esculpir tanta cousa e com tanta perfeição. As suas pequenas estatuas e lavores estão com tal minuciosidade e delicadeza executados, que tornam esta peça um primor d'arte, e a fazem olhar como obra talvez unica no seu genero. Foi tal a admiração e enthusiasmo que causou a um grande apreciador das bellas-artes o pulpito de Sancta Cruz, que disse ser *uma joia digna de se fechar em uma medalha, ou de se engastar em um annel* (53).

(53) ..... *c'est un vrai bijou, que l'on serait tenté d'enchasser dans un médaillon ou dans une bague.* Assim disse ácerca do pulpito de Sancta Cruz o conde de Raczynski na sua obra intitulada *Les Arts en Portugal.*

A poucos passos do pulpito vê-se no pavimento da egreja, em frente do altar de Nossa Senhora, uma pedra sepulchral, onde estão esculpidas armas episcopaes, e gravada uma inscripção, que indica ser alli o jazigo das cinzas de D. Miguel da Annunciação, bispo de Coimbra, prelado benemerito e virtuoso, e fundador do seminario (54).

Na capella-mór estão os tumulos dos nossos dois primeiros monarchas. Fica da parte do evangelho o de D. Affonso Henriques. Sentimentos de veneração, respeito e enthusiasmo se apossam de nós ao acharmo-nos juncto das cinzas do heroe de quem bellamente disse o sr. Castilho: «Não nasceu Rei, senão maior do que Rei, como aquelle que de si mesmo havia de brotar a realeza: não tomou do berço a purpura, mas tingiu-lh'a a victoria com sangue de infieis: não achou feito o sceptro, que de sua lança robusta lh'o houve de lavrar sua mesma virtude: não alardeava eras o seu throno, mas estreou-o elle, e no estreal-o lhe imprimiu veneração que ainda hoje dura; throno a que lançou por fundamento o ferro de mais de trinta espadas de reis vencidos, como do ouro de mais de trinta coroas fundiu a sua.»

Os preciosos moimentos dos nossos dois primeiros reis foram mandados fazer por D. Manuel, que, tendo visitado em 1502 as antigas sepulturas em que jaziam os restos do fundador da monarchia e do conquistador de Silves, as achou mesquinhas para tão grandes homens.

Os novos tumulos, a que se deu principio no tempo em que se andava reedificando a egreja, são obra primorosa do mais puro estylo gothico, em que se esmeraram os mesmos architectos do frontespicio do templo. São ambos eguaes nas suas principaes formas, mas um miudo exame mostra que differem relativamente

(54) Vide adiante o artigo em que tractamos d'este edificio.

aos ornatos mais delicados, posto que á primeira vista pareçam identicos. Os lavores do de D. Affonso são mais elegantes e mimosos, porem os de D. Sancho estão mais bem conservados. São de grande elegancia e belleza os pilares guarnecidos de bem executadas imagens, mettidas em nichos, cujas peanhas e baldaquinos são de uma perfeição e delicadeza sublimes. O arco, superiormente ao qual estão as esphèras de D. Manuel e as armas de Portugal sustentadas nas mãos de dois anjos, é primorosamente adornado por festões vasados de folhas, parras e fructos com grande esmero executados. No ponto central está uma imagem da Virgem e juncto a esta algumas outras, tudo de bellissimo effeito. Aos pés da Virgem estão em vulto, deitadas, com a cabeça sobre almofadas e os pés apoiados a um leão, as figuras dos reis, armados, exceptuando as cabeças que têm coroas reaes, e as mãos que estão erguidas; os elmos porem bem como as manoplas vêem-se pendentes ao lado.

A pedra de que é feita toda esta primorosa obra, diz D. Nicolau de Sancta Maria, ser de Ançã e mui propria para lavrar nella mil folhagens, lavores e figuras, as quaes estão por muitas partes tocadas de ouro.

No tumulo de D. Affonso se vê pintado o seguinte epitaphio:

ALPHONSO HENRICO. I. PORTUGALIAE REGI, REGIO SANGUINE, RELIGIONE ET ARMIS CLARISSIMO, QUI IMPERATORE ALPHONSO CASTELLAE REGE PRO PATRIA, AC VIGINTI POTENTISSIMIS MAURORUM REGIBUS CUM MAXIMIS COPIIS, PARVA MANU, SED FIDE, ANIMOQUE INGENTI DIVERSIS PRAELIIS PRO CHRISTIANI NOMINIS AUGMENTO JUSTA ACIE SUPERATIS: OLYSIPONEM, SANCTARENAM, EBORAM, ALIAQUE QUATUORDECIM MUNITISSIMA OPPIDA ET UNIVERSAM FERE LUSITANIAM AB INFIDELIUM MANU RECUPERANS CHRISTI PECULIO ADJECIT. HOC, ET ALCOBATIAE, PLURAQUE ALIA CAENOBIA EXTRUXIT, DITAVITQUE: NEC REGNO SOLUM, POSTERISQUE INSIGNIA CHRISTUM, QUI EI APPARUIT, CRUCIFIXUM REFERENTIA SED CUNCTIS ETIAM MAXIMUM EXEMPLUM

RELIQUIT. CUIUS VIRTUS SUIS CONTENTA FACTIS CAETERA EXEQUI NON PATITUR. DE FIDE, DE PATRIA, DE REGNO, DE SUIS BENEMERENTI, PIENTISSIMI HAEREDES HOC SEPULCHRUM POSUERE.

OBIIT ANNO DOMINI CIƆCLXXXV. REGNI SUI LXXIII. ET AETATIS XCI. VI. DIE DECEMBRIS.

R. I. P.

A traducção d'este epitaphio é a seguinte:

Ao primeiro Rei de Portugal, D. Affonso Henriques, clarissimo pelo sangue real, religião e armas, o qual, vencidos em varias batalhas o Imperador D. Affonso, Rei de Castella, em defensão do seu reino, e vinte reis mouros poderosissimos, acompanhados de grandes exercitos, em augmento da Christandade, e não tendo elle da sua parte mais que poucos soldados e a pureza da Fé e grandeza de animo, de que era dotado, livrou da servidão dos mouros e restituiu á Egreja de Christo Lisboa, Santarem, Evora, e outras quatorze povoações fortissimas. Fundou e dotou liberalmente este mosteiro e o de Alcobaça, e outros muitos. Não só deixou ao reino, e aos seus descendentes, as Armas, em que se representam as Chagas de Christo, o qual lhe appareceu, mas um exemplo maravilhoso. Cuja virtude com suas obras se eguala, e não dá lugar a se passar adiante em seus louvores. A este inclyto Principe, tão benemerito da Republica Christã, de sua patria, reino, e de seus vassallos, mandaram seus piedosos Herdeiros levantar este sepulchro — Falleceu no anno do Senhor de 1185, tendo 73 de seu reinado, e de edade 91, no sexto dia do mez de dezembro — Descance em paz (55).

(55) Esta versão é da *M. Lusit.* O sr. dr. Ayres de Campos diz (*Litteratura Illustrada* n.º 9, pag. 67) que o erro que na inscripção se nota, quanto aos annos do reinado e edade, em que o auctor da inscripção seguiu a opinião de Duarte Galvão na *Chron. de D. Aff. H.* c. 56, se deve corrigir pelo que se lê na mesma *M. Lusit.* e *Hist. de P.* do sr. A. H. t. 1.ª pag. 280, 440 e not. XI.

O epitaphio do tumulo de D. Sancho é o seguinte:

SANCIUS I. LUSITANIAE REX
II. DIFFICILLIMIS TEMPORIB.
REGNANS, CEU PATRIAE PATER, RE-
GUMQUE EXEMPLAR EGREGIUM.
OBIIT ANNO CIƆCCXI. AETAT. LVII.

A versão d'este epitaphio é como se segue:

D. Sancho 1.º, segundo rei de Portugal, pae da patria e illustre modelo dos monarchas, havendo reinado em tempos difficeis, falleceu no anno de 1211, tendo de edade 57.

Á trasladação dos cadaveres das antigas para as novas sepulturas assistiu el-rei D. Manuel com a sua corte. Nas *Memorias de Sancta Cruz* (56) encontrámos esta ceremonia imponente e solemne narrada da maneira seguinte:

«No Anno seguinte desta elleição, 1520 = em os, 16, dias do mes de Julho, estando o Serenissimo Rei Dom Manoel nesta Cidade de Coimbra, veio a este seu real mosteiro á tarde, e mandou abrir as sepulturas antigas dos primeiros dous Reys deste Reyno seus predecessores: Achou o corpo do devoto Rey D. Affonso Henriques inteiro, incorrupto, a carne seca, e a cor palida, e macilenta, mas de aspecto severo que parecia estar vivo = do qual sahia cheiro suavissimo: Tinha vestido huma Garnacha comprida de pano de lam branca, e huma sobrepelis de pano de linho, isto

(56) Estas *Memorias* manuscriptas, e julgamos que ineditas, porque d'ellas não faz menção o *Diccionario Bibliographico*, têm a data de 1650; e não têm na frente o nome do seu auctor, mas pelo contexto vimos serem obra de D. Thimotheo dos Martyres. Consideramos este livro uma preciosidade, pelas muitas noticias historicas de interesse, em que abunda, muitas das quaes nos parece que copiou D. Nicolau de Sancta Maria na sua *Chronica dos conegos regr.*

tão inteiro, e são, como se naquella hora lhas vestíssem. Era el-Rei de estatura de dés palmos em comprido, e de dous e meio de largo pellos peitos, e a perna que quebrou nas portas de Badajós, era mais curta que a outra tres dedos == O Senhor Rey Dom Manoel o fes mostrar á nobreza, e povo desta Cidade, estando iunto delle em pee descarapussado com hum cirio aceso na mão, assistindo com elle todos os Senhores, e fidalgos com tochas acesas nas mãos, e com elles todos os religiosos conegos do Convento: e assim como o achou, cantando-lhe primeiro um responso, o meteo, e depositou no sepulchro novo que lhe tinha mandado fazer na capella mor á parte do Evangelho; e no dia seguinte, 17, de Julho pella menham lhe mandou cantar hum officio de deffuntos de nove liçõens com sua Missa beneficiada com toda a solemnidade, e apparato que a cousa em si pedia. Esta memoria deixou escripta João Homem, Cavaleiro fidalgo da Casa delRey Dom Manoel, que com elle se achou presente, e vio tudo com seus olhos» (57).

Passados 212 annos, no reinado de D. João v, foi turbado o socego sepulchral dos restos de D. Affonso, porque no mez de setembro de 1732 o seu tumulo foi

(57) Mui diversamente narra D. Nicolau de Sancta Maria, na sua *Chronica*, esta solemnidade. Não só discrepa quanto ao dia, mez e anno em que teve logar, pois diz que fôra a 25 de outubro de 1515, mas tambem refere o facto muito mais apparatoso, dizendo que o vencedor de Ourique, revestido com o manto da Ordem de Aviz, coroado com a coroa real, tendo na mão direita a sua espada e na esquerda o seu escudo, fôra sentado em uma rica cadeira de espaldas de velludo carmesim com franjas de ouro, e que a sua mão fôra beijada por D. Manuel e mais pessoas presentes. Julgamos ser esta passagem do chronista uma d'aquellas em que elle commetteu erro e faltou á verdade, inventando ficções — defeitos que dizem muito frequentes em D. Nicolau. Por muitas vezes já tem sido D. Nicolau accusado de taes faltas por escriptores respeitaveis, como por exemplo o sr. Frederico Francisco de Figanière, a pag. 59 do vol. 6.º do *Archivo Pittoresco*.

aberto; e um seculo depois, em 23 de outubro de 1832, se repetiu egual acto em presença do Senhor D. Miguel de Bragança. Do que então se passou extractamos o seguinte da *Gazeta de Lisboa* n.º 258, do anno de 1832:

«Coimbra, 23 de Outubro de 1832.

. . . .

«Hoje, Sua Magestade depois do Seu Despacho no Gabinete, foi de tarde mais Suas Altezas Reaes a verem na Igreja do Convento de *Santa Cruz*, o interior do Tumulo do Senhor Rei *D. Affonso Henriques:* hia acompanhado dos Excellentissimos Senhores Duque de *Lafões*, Marquez de *Bellas,* Marquez de *Tancos,* e Conde Barão de *Alvito,* Camarista de Semana, Conde de *S. Lourenço*, Ministro Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra, Conde de *Barbacena*, Chefe do Estado Maior General, Brigadeiro *Gorjão,* Quartel Mestre General, Brigadeiro *Povoas,* Ajudante de Ordens de Sua Magestade, Major Conde de *Belmonte*, Ajudante de Campo, e dos mais da mesma Classe Condes de *Soure,* do *Cartaxo,* de *Vianna,* de *Almada,* de *Redondo*, e de *Carvalhaes*, e *D. Bernardo de Almeida* seu irmão, e Officiaes de Ordens Visconde *d'Asseca*, e Tenente *Manoel Correia* seu irmão, Coroneis de Voluntarios Realistas Conde de *Castro Marim,* e Visconde da *Bahia*; e varios Criados da Casa Real: hindo tambem como Viadores de Suas Altezas os Condes de *Camarido*, e de *Cintra:* seguindo o caminho da Universidade pela *Fonte Nova*, e alli concorria immensa gente para Saudar O Augusto Monarcha, que sendo esperado mais Suas Altezas Reaes pelo D. Prior Geral, e Communidade á porta do Convento de *Santa Cruz,* e acompanhado á Igreja, feitas as Orações, Mandou Sua Magestade abrir o Tumulo do Fundador da Monarquia *Portugueza,* repetindo assim este Acto, que pela ultima vez se havia feito pouco mais de hum seculo antes, isto he, em Se-

tembro de 1732, Reinando então em *Portugal* o Senhor Rei *D. João V,* e anteriormente o havia feito tambem o Senhor Rei *D. Manoel.*

«Aberto pois aquelle Deposito precioso dos Restos mortaes do Grande Rei o Senhor *D. Affonso Henriques,* se achou hum pequeno Cofre de madeira de cedro, junto a outro maior, existindo somente no menor alguns restos de ossos pequenos, que indicavam ter sido de algum menino, mas tudo o mais reduzido a terra ou cinzas; e no segundo Cofre maior, que se achava ainda coberto com um resto de tella rica de ouro e prata, com franjas desta qualidade, se vio sobre a tampa, que teria 3 e meio até 4 palmos de comprimento, huma chave de ferro a qual tinha sido dourada; e no mesmo hum frasco de vidro faceado, com a baze de 3 pollegadas quadradas, e 7 de altura, rolhado e lacrado, com as Armas Reaes em cima, e huma inscripção em baixo dizendo = Noticia do que se passou em o mez de Setembro de 1732: = tendo este frasco dentro hum embrulho escuro, e com letras, mas pegado ao fundo do vazo, o qual se poz de parte para depois se examinar: tendo logo Sua Magestade dito, que o Selo era das Armas do Senhor Rei *D. João V,* e não do Senhor *D. Manuel* como se dizia.

«Na Presença pois de Sua Magestade, de Suas Altezas Reaes, da Corte, do Estado Maior General, do Excellentissimo e Reverendissimo Bispo de *Coimbra,* D. Fr. *Joaquim da Nazareth,* do D. Prior Geral, e de toda a Communidade de *Santa Cruz,* se proseguiu no exame dos caixões do Tumulo, e se reconheceo com favor da Chronica do Convento, estarem no segundo Cofre os Despojos mortaes da Senhora Rainha de *Portugal, D. Mafalda,* Esposa do primeiro Rei, e por estarem muito arruinadas as madeiras e mesmo os ossos, Ordenou Sua Magestade, que se passassem para melhor Cofre.

«Logo por baixo se achou outro caixão tambem de cedro, e com outra chave como a primeira, e restos de cobertura de tella igualmente de prata e ouro, com xadrez de cores já muito amortecidas. Abrio-se a tampa d'este terceiro Cofre, que teria seis palmos de comprido e nelle se achárão os ossos do Grande Guerreiro, e Rei de *Portugal* o Senhor *D. Affonso Henriques!* A Sua caveira estava inteira, e mostrava ainda todos os dentes no seu lugar menos hum; as dimensões do craneo, e mais partes da cabeça erão grandes, e proporcionados os ossos dos braços e pernas, os quaes comparando-se com os da figura superior ao tumulo, se achou perfeitamente coincidirem com as dimensões respectivas, tendo esta figura 10 palmos de comprimento, como refere a Historia haver tido de altura o Heroe, a quem representa vestido de ferro, collocado de costas tendo huma almofada de pedra por travesseiro, e hum leão dourado aos pés.

....

«Voltando porem ao exame do frasco, que se havia encontrado no Jazigo, nada alli se poude adiantar, por não se poder tirar o embrulho, que tinha dentro, e Sua Magestade o mandou conduzir pelo Conde de *Redondo* Seu Camarista, quando Se retirou, havendo dado as Suas Ordens ao D. Prior Geral de *Santa Cruz*, para se tornarem a arranjar os Caixões do Real Jazigo, que se havia aberto.

....

«Do Hospital foi Sua Magestade visitar o Muzeu, e alli fez extrahir pelo Doutor *Franco*, o que o frasco trazido do Tumulo tinha dentro, e se achou serem duas Escripturas em pergaminho muito destruido, confuzas ou mal legiveis as letras, porque a humidade havia atacado a pelle em que estavão, e se poude perceber, que huma era em *Portuguez*, e de carater de letra moderna, isto he, de pouco mais de hum Seculo; e outra

em *Latim*, tambem de igual similhança, sendo provavel explicarem ambas referencias a mais antigos Titulos, quando em Setembro de 1732 se abrio o Tumulo Real, como diz o Letreiro no fundo do vaso; e na Escriptura Latina se poude ver, que fallava da Senhora *D. Thereza*, Mãi do Senhor *D. Affonso Henriques*.

«Os pergaminhos em 3 pedaços foram estendidos pelo Conde de *Soure*, Camarista de Sua Magestade, em duas folhas de papel, para tornarem a ser examinados.»

Continuando com a descripção do edificio mencionaremos o coro, como peça muito para admirar. É sustentado num grande arco de cantaria lavrada de gosto differente do das outras partes do templo, e diz-se ter sido traçado por um mestre biscainho (58). É muito vistoso pelas suas 72 cadeiras e pelos ornatos de talha representando cidades, castellos, embarcações, armas, espheras, etc., tudo bellamente dourado e feito de excellente madeira que D. Manuel mandou vir de Allemanha.

Não passaremos em silencio o orgão, que gosa de grande fama por suas excellentes vozes e passa pelo melhor de Portugal. É obra de um insigne mestre hespanhol, chamado D. Manuel Benito Gomez de Herrera, que lhe deu principio em março de 1719 e o concluiu em egual mez do anno de 1724, no segundo triennio do revd.mo padre geral cancelleiro D. João de Christo (59).

(58) Descripção citada na nota 51.

(59) Encontrámos estes esclarecimentos ácerca do orgão em uma curiosa noticia manuscripta, feita por D. Dionysio da Gloria, musico, mestre da capella e organista, o primeiro a quem, segundo elle mesmo diz, foi entregue aquelle magnifico instrumento. É mui interessante esta noticia, em que D. Dionysio descreve com grande minuciosidade todas as partes do orgão de Sancta Cruz, mencionando até as «differenças mais particulares do orgão para uso dos organistas e para maior conhecimento da sua variedade.»

A sacristia é tão bella e magestosa e de proporções tão vastas, que se diz não haver outra no reino que se lhe possa comparar. É obra do seculo XVII, segundo indica a data que se vê por cima da porta que a communica com a casa do Capitulo.

A sua elevada abobada de cantaria, estribada sobre vistosos pilares, é lavrada no estylo corinthio com graciosos ornatos em que se engastam lindos florões e diamantes. Os feitios do mosaico que forra o pavimento apresentam a mesma feição dos lavores do tecto, parecendo reflectil-os.

Abrem-se nesta casa sete portas, quatro das quaes têm mimosos ornatos de folhagens, carrancas, ovados, etc., de grande perfeição e belleza.

As paredes, revestidas de finissimo azulejo, acham-se ornadas de quadros, entre os quaes se notam como obras de preciosidade e dignas de admiração um *Ecce Homo*, uma *Descida do Espirito Sancto aos apostolos*, e um *Christo Crucificado*, que todos se dizem primores de arte de auctores celebres.

No meio de uma das paredes admira-se um *Crucifixo* em vulto, que é digno de todo o reparo por sua boa execução. Por baixo corre em todo o comprimento da sacristia um precioso contador, marchetado de marfim, com suas puchadeiras e adornos de bronze dourado. Fronteira está uma rica credencia de excellente madeira, cuja parte superior é um bellissimo marmore inteiriço.

Uma das portas que acima mencionámos dá entrada para uma pequena casa, no mesmo gosto da sacristia, onde se admira uma linda fonte, que serve de purificador, com almofadas e outros ornatos de marmore de varias cores.

É tambem de grande belleza a casa do Capitulo. As suas paredes são todas azulejadas, e é de bello effeito a abobada similhante á da egreja, tendo porem a van-

tagem de não ser estucada, o que melhor a deixa apreciar.

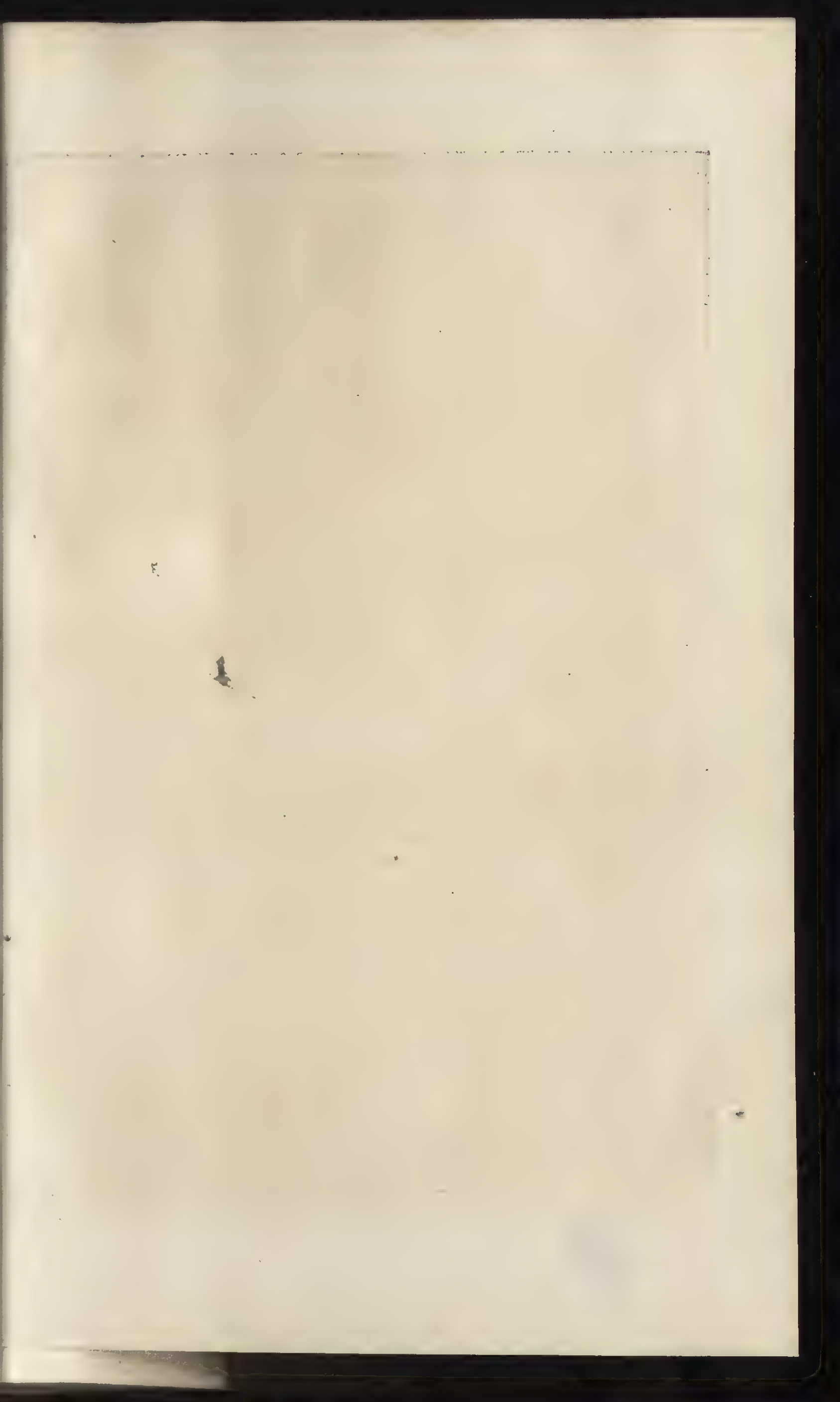
Ao fundo d'esta casa fica a capella do primeiro sancto Prior do mosteiro, obra delicadissima, de grande trabalho, gosto e perfeição artistica, mandada fazer em 1582 pelo prior geral D. Pedro da Assumpção. Foi architecto d'esta obra primorosa Thomé Velho, artista de celebridade. No ponto principal está collocado o tumulo de S. Theotonio, de marmore excellente. Para elle foram trasladados da antiga sepultura os ossos do sancto, com grande apparato e festas no dia 7 de abril de 1630, sendo prior geral D. Miguel de Sancto Agostinho Passanha.

Superiormente avulta em um nicho a magestosa imagem de S. Theotonio, infundindo grande veneração. Por entre os profusos e bellos ornatos da capella estão collocadas pinturas, representando alguns pontos da vida e morte do sancto. Nas paredes lateraes, egualmente abundantes em lavores delicados, estão as estatuas dos quatro evangelistas com as suas competentes allegorias. Inferiormente ficam dois graciosos tumulos, mettidos na parede, ambos de bellos marmores de risco identico. O da parte da Epistola encerra as cinzas de um dos doze fundadores do mosteiro. Tem gravada esta inscripção:

> IIII KL N'BRIS. OBIIT. D. IOANNES THEOTONII. SECV
> NDVS PRIOR. MONASTERII. S. CRVCIS. ANNO D'NI
> M.C.LXXXI. TRANSLATA FVERVNT EIVS OSSA E
> CLAVSTRO. IN HVNC LOCVM. DIE SEPTIMA. APRI
> LIS. ANNI DNI. M.DC.XXX.

O tumulo fronteiro a este, que contem os restos do principal fundador do mosteiro, D. Tello, tem a inscripção por tal forma damnificada que mui pouco d'ella se percebe. Um illustre cavalheiro (60), que muito présa

(60) O sr. João Correia Ayres de Campos, que neste nosso




6
N 7
J. MARIZ JUNIOR
NOGUEIRA DA SILVA E ALBERTO

as nossas antiguidades, copiou-a quando ella estava em melhor estado, e nos fez obsequio de ministrar-nos o seu traslado:

IV IDVS SEPTEMBR. OBIIT D. TELLO PB'R. ARCHIDIAC. COLIMB. CANO
NICVS ET FVNDATOR HVIVS MONASTERII S. CRVCIS. ET SOCI
VS S. P. THEOTONII. ANN. DNI M.CXXXX. TRANSLATA
FVERVNT EIVS OSSA E CLAVSTRO IN HVNC LOCVM
DIE SEPTIMA APRILIS. ANNI DNI M.DCXXX

Contigua á casa do Capitulo fica a capella de S. Miguel. O seu retabulo e a estatua do sancto, tudo de pedra, são bem executados e merecem reparo.

Ha no convento tres claustros, todos na mesma direcção. O primeiro pertence hoje á camara, e dá para elle entrada a *Porta Fidalga.* Como nada offerece de notavel, não faremos d'elle menção especial.

O segundo é o *do Silencio*, muito gabado pela sua architectura caracteristica da epocha de D. Manuel, em que foi reedificado.

De cada um dos seus lanços, formados por arcadas de agradavel apparencia, se abrem para o centro cinco arcos de volta em ogiva, todos divididos ao meio por columnas, umas retorcidas, outras de diversos feitios, e que em certa altura se ramificam para os lados e terminam por um gracioso olhal.

No centro do claustro levanta-se uma esbelta fonte pyramidal, rematada por uma pequena estatua, e adornada com duas taças, de uma das quaes se despenha para a outra a agua com doce murmurio.

Ha em dois cantos d'este claustro mais duas fontes: uma, de que brota grande abundancia de agua, e coberta por uma graciosa abobada; outra de marmore, cor de rosa, mas está secca.

trabalho nos auxiliou com apreciaveis esclarecimentos, como teremos outras occasiões de mostrar.

Nas paredes dos lanços interiores, que são em parte guarnecidos por bellos azulejos, vêem-se tres esculpturas em relevo muito bem executadas.

Na parede do sul está embutida uma lapide que tem gravada uma inscripção, cuja maior parte está destruida.

Ácerca d'esta pedra lemos nas *Memorias de Sancta Cruz:* «Na Era de M.CC.LX.VJ = he Anno de 1228 = João Bispo Cardeal Sabino, legado a Latere em Espanha do Papa Gregorio 9.º, passando de caminho por esta Cidade, foi hospede e agasalhado neste real mosteiro, e a instancia do Prior mor Mestre Dom João Paes, que ainda não tinha um mez inteiro de Prior, sagrou a Igreja Velha deste real mosteiro em os, 7, de Janeiro: como consta das letras apostolicas da sagração que o cardeal passou = Dat apud Cerolicum Idibus Jannuarij = Anno ab Incarnatione M.CC.XX.VIIJ. Este Breve em pergaminho se conserva no cartorio d'este real mosteiro e no primeiro lanço da claustra na parede se vê ainda huma pedra meio gastada com o mesmo breve nella entalhado» (61).

Fazem frente para este claustro algumas capellas mui bem ornadas, e conservadas com grande aceio. A principal é a do *Sancto Christo*, onde se notam dois tumulos bastante elegantes. Na urna do da parte do Evangelho está aberta esta inscripção que se vae desfazendo:

AQVI IAZ DOM PEDRO BISPO DA GVARDA PRI
OR DESTE MOESTEIRO E CAPELLAM MÓR DE
EL REI DOM MANVEL. HO QVAL MANDOV FAZE
R A IGREIA COM A CAPELLA E CAPITOLO DESTA
CASA E OVTRAS MVITO BOAS OBRAS COM QVE
A ENNOBRECEO. FALECEO EM HO ANNO DO SE
NHOR DE MDXLI. EM OS XIII DIAS DE AGOSTO

(61) Ácerca d'este Cardeal Legado veja-se *Agiol. Lus.* t. 1.º comm. a 7 de janeiro.

As armas d'este prelado, que se vêem no vão do arco do seu tumulo e constam de cinco gaviões em aspa, com o chapeu e cordões de bispo, estão tambem na casa do capitulo e no frontespicio da egreja, obras que foram feitas no seu tempo.

Na da parte da epistola está esta inscripção:

AQVI IAS DOM IOÃO DE NORONHA. E. MENEZES. XXV. PRIOR MOR DESTE MOSTEIRO. FILHO DE DOM PEDRO DE MENEZES PRIMEIRO MARQVES DE VILLA REAL. E DA MARQVEZA DONA BRITES DE LARA. FALECEO. A 24 DE AGOSTO. ANNO DO SENHOR. 1506 ·:·

Foi este D. João de Noronha aquelle que acima dissemos não quiz acceitar a D. João II o arcebispado de Braga, tendo em mais o priorado de Sancta Cruz.

Superiormente aos quatro lanços do claustro corre uma galeria, cujas tres partes são cobertas e tem o tecto apoiado sobre pequenas columnas; a quarta parte porem está incompleta. Contigua a esta ficava a rica *capella dos Meninos da Palha Vã,* filhos naturaes de D. João V, a qual hoje está no mais deploravel estado. Foi edificada no tempo d'aquelles principes para seu uso, e era riquissima em lavores, douraduras e preciosidades de madeiras.

Subindo-se por uma boa escada de pedra encontra-se pouco distante o *Sanctuario*, que é uma das maravilhas de Sancta Cruz mais dignas de veneração. É uma peça riquissima, já pelos seus valiosos adornos, já pelas muitas preciosidades que contem e o fazem celebre no nosso paiz. Esta sublime e admiravel capella, de forma elliptica, é toda guarnecida de obra de talha dourada de tanta belleza e primor, que apresenta uma perspectiva encantadora e deslumbrante.

Por toda a parte se vêem refulgir as douraduras

com a muita luz que a esta casa transmittem suas grandes janellas, enchendo-a de alegria e esplendor. De um grande florão que tem a graciosa abobada de estuque vê-se pendente um bello lustre de riqueza e gosto surprehendentes. Offerece bello aspecto o pavimento forrado de lisonja, artificiosamente disposta.

São innumeraveis as reliquias que nesta casa se veneram. Grande parte d'ellas acham-se distribuidas por doze elegantes pyramides, cada uma das quaes contem os restos preciosos de muitos sanctos de cada mez do anno. Outras estão encastoadas em ricas molduras, em lindissimas urnas, e finalmente em meios corpos. Alguns de prata, que aqui estavam noutro tempo, acham-se em outra casa de maior segurança. A caveira de S. Theotonio guarda-se num d'estes, mandado fazer em 1620 pelo prior geral D. Miguel de Sancto Agostinho Passanha, e que importou em 141$100 (62). São das mais celebres reliquias que no Sanctuario se veneram as dos cinco sanctos martyres Oto, Berardo, Pedro, Acurcio e Adjuto, frades toscanos, da ordem dos Menores, os quaes, tendo ido a Marrocos prégar por mandado do seu patriarcha S. Francisco, padeceram naquella cidade cruel martyrio, a 16 de janeiro de 1220. Estando por este tempo em Marrocos o infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, mandou reunir os restos dos martyres e trouxe-os para Astorga, onde ficou, e d'ahi os enviou a Portugal por Affonso Pires de Arganil, que chegou com elles a Coimbra a 10 de dezembro do mesmo anno. Foi grande o jubilo que houve nesta cidade por occasião de se receberem estas preciosas reliquias. O cabido, o clero e o povo as foram esperar fóra da cidade, acolhendo-as com grande alvoroço e devoção.

Ainda hoje se vê no sanctuario um bello cofre em

(62) *Memorias de Sancta Cruz.*

que estão muitos ossos d'estes sanctos; e tambem em dois meios corpos de prata, que se guardam em casa mais segura e que foram mandados fazer no anno de 1510 pelo prior mór D. Pedro, bispo da Guarda, se conserva, num a cabeça de um dos santos, e no outro alguns ossos e alguns vidrinhos com sangue d'estes martyres (63). Tanto o cofre como os meios corpos expõem-se na egreja por occasião da festa d'estes sanctos, que com grande solemnidade se celebra todos os annos a 16 de janeiro.

É costume haver procissão, a que antigamente concorriam muitos homens nús da cinta para cima, a qual tira origem de um voto que por occasião da peste em 1423 fez Vicente Martins do logar de Falla, de vir assim com seus filhos visitar todos os annos as sanctas reliquias, se não fossem atacados pela peste. Por isso se chamava esta procissão *dos Nus*. Chegou a ser extraordinario o numero dos que a ella concorriam, dando logar a muitas chufas. Parecendo isto mal ao bispo conde D. Francisco de Lemos, prohibiu esta costumeira, e só permittiu os penitentes menores.

Tambem entre as reliquias veneraveis, que se guardam na sanctuario, se contam com distincção as de Sancta Comba, que padeceu martyrio juncto de Coimbra (64), e a caveira de Sancto Antonio martyr.

Em pinturas de valor e em objectos e alfaias memoraveis era mui rico o sanctuario; hoje porem acha-se despojado de grande parte d'estas preciosidades. «Uma collecção curiosissima de pinturas, entre as quaes figuravam dois preciosos quadros, um de Rubens, outro de Raphael, ornava o interior da capella; a serie dos retratos dos monarchas portuguezes, e de outros muitos varões celebres em nossos fastos, tanto profanos

(63) *Memorias de Sancta Cruz.*
(64) Vide adiante o artigo intitulado *Capella de Sancta Comba.*

como sagrados, formavam uma galeria antes da entrada do sanctuario. Os objectos que mais avultavam entre os muitos preciosos guardados neste recinto, eram: um relicario, com um espinho da coroa do Salvador, fabricado de ouro das cinco coroas que D. Affonso Henriques ganhara aos mouros no Campo d'Ourique; a espada d'este preclarissimo rei; a escrivaninha de tartaruga, marchetada d'ouro, e a penna de prata com que se assignaram os decretos do Concilio de Trento, donativo do veneravel arcebispo de Braga D. fr. Bartholomeu dos Martyres; uma Biblia de pergaminho de primorosas letras coloridas, assombro de paciencia de quem as traçara; a cruz milagrosa, que, coroando o estandarte dos Affonsos e dos Sanchos, conduzia os portuguezes ao campo das victorias; o castão de bronze que ao sancto prior D. Theotonio mandou o sancto do Claraval. E onde param agora os quadros de Raphael, e de Rubens, e os retratos de nossos monarchas, e d'outros varões celebres? Os primeiros estarão por ventura ornando o gabinete d'algum lord lá na ambiciosa Albion; os ultimos muitos foram rotos pelo terçado dos soldados. A espada do fundador da monarchia, e a escrivaninha, roubadas aos conimbricenses, as levaram para o muzeu do Porto. O ouro e prata não ha que procural-a, fundiu-se, e evaporou-se nas mãos dos collectores das preciosidades: deixaram-se dispersas pelo chão as reliquias sem engastes; arrancou-se o esmalte dos quadros; finalmente, templos de christãos não os tractaram vandalos com mais sacrilego desprezo.

«Louvores sejam dados aos honrados conimbricenses, que se negaram a apear o riquissimo lustre da capella; louvores e agradecimentos votamos tambem ao piedoso sacerdote, que, reunindo os dispersos fragmentos do que desprezara a já saciada cubiça dos delapidadores, os collocou decentemente, mandando a ex-

pensas suas inscrever nos vazios, que deixaram os quadros roubados, bem escolhidos textos da Escriptura Sancta, mandando tambem apagar com o pincel as arranhaduras feitas ao arrancar as preciosidades. O céo queira premiar tão boas obras» (65).

Uma *Transfiguração* de Raphael, e a *Adoração dos reis* de Rubens, outr'ora pertencentes ao sanctuario, estão hoje no Atheneu do Porto.

Entre as pinturas que ainda hoje se conservam no sanctuario são muito gabadas algumas, e de duas d'ellas disse o conde de Raczynski: «As pinturas mais dignas de attenção do sanctuario, de todas as egrejas de Coimbra, e talvez de todas as que neste paiz tenho visitado, são quatro cabeças encerradas em dois medalhões; num, as de S. Pedro e de S. Paulo, no outro as de Christo e de S. João; são pouco menores que de tamanho natural; e conservam-nas sob vidro. Não pude chegar a descobrir de que auctor eram, mas recordaram-me o retrato de *Holzchur* por Alberto Durer e eu não teria difficuldade em acreditar que vieram de Allemanha, e que remontam á epocha d'este pintor. O que é certo é que são admiraveis em quanto a desenho e colorido» (66). Talvez por esquecimento ou por não existirem no sanctuario quando o visitou, deixou o conde de Raczynski de mencionar mais duas pinturas similhantes, constando cada uma tambem de duas cabeças, que julgamos serem obra do auctor das outras.

A espada de D. Affonso Henriques, que se diz ser a que actualmente se guarda no Porto juncto á do immortal D. Pedro IV, era uma memoria valiosissima e de grande veneração, por nos recordar que foi com ella em punho que aquelle grande monarcha ganhou victorias celebres, e fundou o reino de Portugal. Foi

(65) *Revista Litteraria*, tom. 12.
(66) *Les Arts en Portugal.*

tambem com esta espada gloriosa que D. Affonso IV ficou victorioso na batalha do Salado. Ao mesmo tempo porem que esta arma respeitavel nos traz á mente tantos factos de heroicidade e de gloria, tambem nos disperta recordações pungentes da terrivel catastrophe de Alcacer-Quibir. —Visitando D. Sebastião em 1570 o mosteiro de Sancta Cruz, mostrou-lhe o prior geral a espada de D. Affonso Henriques, e tomando-a el-rei na mão « a beijou com muita reverencia, dizendo para os senhores e fidalgos que o acompanhavam: *Bom tempo em que se pelejava com espadas tão curtas! Esta é a espada que libertou todo Portugal do cruel jugo dos mouros sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração;* e dando-a outra vez ao prior geral lhe disse: *Guardai, padre, esta espada, porque ainda me hei de valer d'ella contra os mouros de Africa* » (67).

Effectivamente, quando o infeliz monarcha d'ahi a oito annos tractava de fazer a desgraçada expedição de Africa, mandou por uma carta (68) pedir a espada ao prior de Sancta Cruz; mas refere a Chronica que, tendo esquecido na armada, não se serviu d'ella D. Sebastião e que pôde voltar para o mosteiro (69).

(67) *Chron. dos con. regr.*, part. 2, liv. 10, cap. 20.

(68) O *fac-simile* d'esta carta pode ver-se no *Antiquario Conimbricense.*

(69) Acerca d'este facto fazem-se no numero 6 do *Antiquario Conimbricense* algumas bem fundadas considerações, pelas quaes se duvida de que a espada que D. Sebastião levou para Africa d'alli voltasse, e que aquella que hoje se guarda no Porto seja na verdade a de D. Affonso. Mas, seja ou não, aquella espada não deve por mais tempo permanecer naquella cidade: é a Coimbra que ella de direito pertence. O que dizemos da espada tambem o dizemos com referencia aos preciosos quadros e á memoravel escrivaninha e penna com que no celebre Concilio de Trento se condemnaram e proscreveram os erros de Zwinglio, Luthero e Calvino. Apesar de todos esses objectos terem boa collocação, é para lamentar todavia que d'elles fosse espoliado

Tambem se guardava em Sancta Cruz o escudo de D. Affonso Henriques, que D. Nicolau de Sancta Maria diz (70) ser de páo de figueira forrado de coiro de boi crú oleado e pintado, e ter de comprimento cinco palmos e meio, e de largo, no mais largo, tres palmos. Brandão diz (71) que este escudo era branco, assentando nelle uma cruz azul d'aquelle feitio a que chamam potentea, por ter a haste mais comprida que os braços (72).

O terceiro claustro é o da *Manga*, denominação que se diz provir-lhe de D. João III ter feito o seu traçado na manga ou canhão do seu roupão. Este claustro, ainda que não é rico em architectura, é com tudo vistoso pela fonte que tem no centro, coberta com um elegante zimborio sustentado por grandes columnas; pelas quatro capellas circulares que communicam com a fonte por meio de passadiços de cantaria em forma de pontes; pelos oito tanques por onde se repartem as aguas; e finalmente pelos seus canteiros ajardinados.

Quando se fez o aqueducto que está juncto do jardim botanico para trazer abundancia de agua á cidade foram aos conegos de Sancta Cruz tiradas algumas nascentes de que estavam de posse, e a fonte e tanques do *claustro da Manga* resentiram-se da falta d'esses nascentes, chegando a seccar. Conta a Chronica que, visitando D. Sebastião, em 1570, o mosteiro de Sancta Cruz, e vendo no claustro a fonte secca, e dentro dos tanques quatro cisnes a pé enchuto, perguntara

o monumento de Sancta Cruz. Seria muito digna de louvores a municipalidade de Coimbra, se instasse para que revertessem ao seu proprio logar essas preciosidades.

(70) *Chron. dos con. regr.*, part. 2.ª, liv. 11, cap. 32.

(71) *Monarch. Lus.*, part. 3.ª, liv. 10, cap. 7.

(72) Nas cortes geraes de 1821 na sessão de 21 de agosto o sr. Trigoso propoz que as cores do laço nacional fossem a branca e a azul, empregadas no escudo de D. Affonso. Esta proposta foi competentemente discutida e approvada.

ao prior a causa d'isto, e que elle respondera a el-rei: «Senhor, esta claustra era a melhor cousa que tinhamos, e que muito estimamos, pelo grande rei D. João III, vosso avô, a mandar fazer, e traçar na manga do roupão real, de que estava vestido, e sempre até agora a esta fonte e tanques correu agua, que vossa magestade nos mandou tomar para a cidade, sem nos deixar sequer uma das quatro fontes que tinhamos para estes tanques, de que estes cisnes parece se dão por aggravados, e por isso viram as costas e não vem chamando-os vossa magestade, sentidos de lhe tirar a agua.

«El-rei, ouvindo isto, sorriu-se e festejou o dicto; e como era bem inclinado, mandou que logo se désse ordem com que uma das quatro fontes, que se tomaram para a cidade, viesse áquella claustra; e beijando o prior geral a mão a sua magestade pela mercê, acodiu logo o cardeal infante D. Henrique, dizendo que a agua era toda necessaria para a cidade e que estavam já as fontes fechadas, e mettidas nos canos, que o houvesse sua magestade assim por bem. El-rei, como era moço, e não se governava senão pelos que trazia á sua ilharga, se calou e ficou tudo como de antes» (73).

No lanço do norte d'este claustro estava d'antes patente uma capella toda forrada de caveiras e ossos, que se diz terem sido dos cavalleiros que pelejaram e morreram no Campo de Ourique, e que D. Affonso Henriques mandou para Sancta Cruz.

Do *claustro da Manga* está de posse a camara municipal, que ha pouco o mandou reparar e aformosear.

Fronteira á porta que dá entrada para este claustro está a torre dos sinos, que é admiravel não só por sua grande altura, mas tambem por sua enorme fortaleza. Refere a Chronica que o mosteiro antigo era cercado de muralhas fortes com ameias e torres por causa das

(73) *Chron. dos con. regr.*, part. 2.ª liv. 10, cap. 20.

invasões dos mouros que naquelle tempo occupavam ainda Soure, Leiria e Santarem. A torre sobre que se edificou a dos sinos era «uma das antigas, na qual havia casas muito formosas, em que moravam os priores móres antigamente, e se fez no sitio em que está juncto a Monte Arroio, para d'ella rebater os mouros, se do monte quizessem fazer mal ao mosteiro» (74).

Para que se faça ideia da vastidão do resto do convento bastará dizer que nelle estão muito á vontade accommodadas estas repartições e estabelecimentos publicos: a camara, administração do concelho, correio, repartição das obras publicas, a dos pesos e medidas, a da juncta administrativa dos campos do Mondego, cadeia districtal, roda dos expostos, etc.

Os paços da camara occupam, alem de outras, as excellentes casas da livraria do convento, que era riquissima em livros de todos os ramos de sciencia, e muito mais ainda em manuscriptos preciosos. Depois da extincção das ordens religiosas em 1834 esta bibliotheca teve o mesmo destino que as dos outros conventos. Em compensação porem acha-se nos paços da municipalidade o seu copioso archivo, que é uma mina abundante e preciosa em livros de grande interesse historico (75). A epocha mais antiga de que existem documentos neste archivo é o anno de 1297. Entre outros livros valiosos que alli ha deve notar-se um lindo *Foral de Coimbra*, que tem no meio das capas

(74) *Chron. dos con. regr.*, part. 2.ª, liv. 7.º, cap. 9.º De alguns thesouros achados nesta torre nos dá uma curiosa noticia o *Antiquario Conimbricense*, n.º 7, onde tambem vem um *fac-simile* de uma moeda arabe das muitas alli encontradas.

(75) O sr. João Correia Ayres de Campos tomou sobre si a ardua tarefa de fazer um inventario do archivo da Camara do qual já publicou a primeira parte com o titulo de *Indice Chronologico dos Pergaminhos e Foraes*. Neste trabalho apresenta s. ex.ª apreciaveis esclarecimentos relativos a cada documento que menciona.

da encadernação o escudo do reino e nos cantos as espheras, tudo de cobre dourado. É manuscripto em pergaminho, e torna-se notavel não só pelo esmero da encadernação e nitidez dos caracteres, mas principalmente pelo seu elegante frontispicio primorosamente colorido, onde entre as armas de Portugal, a empreza real e o brazão da cidade, tarjados de flores, se acha o nome do monarcha DOM MANVEL de letras douradas sobre fundo azul. A propria assignatura d'el-rei D. Manuel se vê neste foral, e tambem a de Fernão de Pina.

A roda dos expostos é casa excellente, e offerece grandes commodidades para o seu destino. Os infelizes innocentes, victimas do crime de mães desnaturadas, alli encontram um caridoso acolhimento. No dia 8 de maio, anniversario da entrada dos constitucionaes em Coimbra, é costume patentear todos os annos ao publico o estabelecimento dos expostos, e é então grande a concorrencia a ver os filhos queridos de S. Vicente de Paulo.

As janellas da roda lançam sobre um espaçoso terreiro, mais comprido que largo, hoje de dominio publico dando communicação para o bairro alto e outros pontos. Era antigamente uma excellente horta, que no tempo dos frades offerecia grande recreio pelas suas bellas ruas bordadas de paredes de buxo, pelas frondosas laranjeiras, limoeiros, e pelos canos que a retalhavam, espalhando por toda a parte a agua e com ella a fresquidão e fertilidade. Muito diverso é o estado em que hoje vemos a *Horta de Sancta Cruz*. Não resta o menor vestigio da sua passada belleza. Pouco depois que os frades sahiram, tudo se destruiu por uma maneira que muito depõe em descredito das municipalidades d'aquelle tempo. Enchemo-nos de indignação e de pezar ao lembrarmo-nos de que, se não fora tanto abandono, tanta incuria pelas cousas publicas,

poderia a Horta de Sancta Cruz estar hoje, com pouca ou nenhuma despesa, convertida num bello passeio. Consolemo-nos ao menos com a esperança de que veremos um dia de alguma maneira reparada tanta destruição com a realisação do projecto que hoje voga de para alli se transferir o mercado publico. O local é apropriadissimo e offerece grande facilidade de se embellezar e tornar aprazivel.

Da bella quinta de Sancta Cruz fallaremos adiante noutro artigo.

Mosteiro de S. João das Donas

Logo depois da fundação do mosteiro de Sancta Cruz, vendo S. Theotonio que algumas virtuosas senhoras se inclausuraram juncto do convento, intentando imitar os fundadores no seu sancto modo de viver, alcançou supplemento do papa Innocencio II e fundou-lhes mosteiro proprio, que se chamou — *Mosteiro de S. João das Donas enclaustradas, ou canonicas reclusas de Sancta Cruz.*

Estas inclaustradas eram sujeitas ao prior mór de Sancta Cruz, faziam profissão solemne, e guardavam os tres votos essenciaes da religião. A prelada que lhes presidia tinha o titulo de prioreza perpetua, e de tres em tres annos elegiam suas discretas para o commum governo.

No numero das *Donas* que professaram neste mosteiro contam-se com distincção D. Constança Sanches (76)

(76) D. Constança Sanches depois de ter sido por muitos annos prioreza do mosteiro falleceu com fama de sanctidade em 8 de agosto de 1269 e foi sepultada numa capella que tinha fundado com a denominação de Sancto Antonio na antiga egreja de Sancta Cruz. O livro dos obitos de Sancta Cruz faz de D. Constança a seguinte menção: *Sexto Idus Augusti, obiit Domna Cons-*

e D. Maior Sanches (77), filhas naturaes de D. Sancho I, e a infanta D. Maria Affonso (78), filha de D. Affonso III e da rainha D. Beatriz de Gusmão. Alem d'estas mencionaremos tambem D. Maior Dias, que tendo vivido muitos annos neste mosteiro, sahiu depois para fundar o de Sancta Clara juncto da ponte (79); a madre Justa Rabaldes, que depois foi a primeira prioreza do mosteiro de S. Felix de Chellas juncto de Lisboa (80); e D. Joanna Paes, sobrinha do bispo de Coimbra D. Miguel, a qual com coadjuvação de seu tio fundou o mosteiro antigo de Sancta Anna (81).

«Assim como de uma arvore formosa e fertil se cortam e colhem muitos ramos e garfos para se plantarem em diversos jardins e pomares, assim tambem d'este mosteiro das Donas ou canonicas reclusas de S. João de Sancta Cruz, arvore fertil, e abundante de

tancia Sancij, incliti Domni Sancij illustris Regis Portugaliae filia. Era M.CCC.VIJ — Quando no tempo de D. Manuel se reedificou a egreja de Sancta Cruz mandou este monarcha trasladar os restos de D. Constança para a sepultura que erigiu para os de D. Sancho I, onde foram collocados em ataude separado.

(77) Não se sabe onde permanecem os restos de D. Maior Sanches. Nas *Memorias de Sancta Cruz* só encontramos que falleceu primeiro que sua irmã D. Constança, e que o livro dos obitos unicamente diz: «*Tertio Kall. Septemb. obiit Domna Mayor Sancij, Regis Portugaliae Domni Sancij primi, filia, R. I. P. A.*»

(78) Esta senhora, segundo lemos nas *Memorias de Sancta Cruz*, falleceu em 6 de junho de 1304, e da capella de Sancto Antonio, onde tinha sido sepultada juncto de sua tia D. Constança, foi trasladada tambem em tempo de D. Manuel para o tumulo de D. Sancho I.

Da infanta D. Maria Affonso se lê no livro dos obitos: «*Octavo Idus Junij, obiit Infans Domna Maria Alfonsi, illustrissimi Regis Portugaliae Domni Alfonsi, et Reginae Domnae Beatricis, filia, Canonica St.ae Crucis monasterij Dominarum: Era* M.CCC.XL.II.

(79) Vide adiante o artigo intitulado *Ruinas do mosteiro de Sancta Clara.*

(80) Vide um extracto que publicámos no volume VII do *Archivo Pittoresco*, pag. 408.

(81) Vide adiante o artigo ácerca d'este mosteiro.

sanctidade e virtude, plantada pelo padre sancto Theotonio, sairam ramos, e plantas, e produziram outros mosteiros de religiosas e sanctas servas de Deos» (82).

O mosteiro de S. João das Donas foi mandado extinguir por occasião da reforma do de Sancta Cruz, passando as religiosas no anno de 1534 para o de Sancta Anna.

Rua do Visconde da Luz e Calçada

A *rua do Visconde da Luz*, que até 1858, com o nome de *rua do Coruche*, era estreita, tortuosa e ladeirenta, é hoje uma das melhores de Coimbra em razão do seu alargamento principiado naquelle anno. D'esta obra, por certo a mais notavel e de maior vulto das que se têm emprehendido modernamente nesta cidade, já havia projectos em 1772, porque na *Noticia do que se practicou em Coimbra pela occasião da vinda do marquez de Pombal* já se falla na trasladação da Misericordia para a Sé velha a fim de se realizar este grandioso melhoramento. O que então não poude effectuar o restaurador de Lisboa foi levado a cabo pela camara municipal, que inaugurou solemnemente a obra com assistencia de diversas auctoridades, tropa e grande concurso de povo no dia 14 de setembro de 1858, começando a demolição pelo edificio da Misericordia. Nesta occasião se deu á rua o seu novo nome em attenção aos grandes serviços com que para a realisação da obra concorreu o sr. visconde da Luz (83).

Em continuação a esta fica a excellente *rua da Cal-*

(82) *Memorias de Sancta Cruz.* D'estas *Memorias* compilamos todo este artigo.

(83) É para lamentar que na reconstrucção da nova rua se desprezassem as condições de salubridade, commodidade e ornato a que se deveria ter attendido, e que deveriam servir de norma a muitos outros melhoramentos de que tanto se carece

çada, larga, com bons edificios, e que é para Coimbra, guardadas as devidas proporções, o que o *Chiado* é para Lisboa e a *Praça de D, Pedro* para o Porto.

Antigo edificio da Misericordia

As confrarias da Misericordia, cujos fins beneficos tanto se conformam com a sua denominação, são principalmente devidas a fr. Miguel Contreiras, religioso trinitario. Foram a sua piedade e amor do proximo que o levaram a aconselhar á virtuosa D. Leonor, viuva de D. João II, a creação de tão sublime instituto no dia 15 de agosto de 1498 em os claustros da Sé de Lisboa.

Não tardou muito tempo sem que esta sancta instituição se não estendesse pelas principaes cidades e villas do reino. Em Coimbra foi creada a irmandade da Misericordia á imitação da de Lisboa, por carta de D. Manuel mandada á camara em 12 de setembro de 1500.

Teve a confraria o seu primeiro assento na Sé, mas annos depois passou para uma capella que fez na egreja de S. Thiago, e ahi permaneceu até que fundou a sua egreja, principiada em 1546, sobre a nave direita do referido templo, com permissão do prior e collegiada do mesmo.

Passados tempos, tratando a confraria de construir casa de despacho sobre a outra nave, o prior e collegiada se oppozeram a isso embargando a obra e entrando em demanda. Resultou d'isto deliberar a confraria que se edificasse nova casa desde o canto do antigo hospital real da Praça até ao Romal, mas, como se conheceu que o espaço não era sufficiente escolheram-se

numa cidade que por antiga e por outras circumstancias é de defeituosa construcção.

Vide pag. 19 da segunda parte do *Curso Elementar de Sciencias Medicas*, pelo sr. Dr. Macedo Pinto.

umas casas ao fundo da rua do *Principe* (posteriormente do *Corpo de Deos*), e no seu local se deu começo a novo edificio com assistencia do bispo D. Affonso de Castello Branco no dia 29 de maio de 1589. Estas obras porem, por alguns inconvenientes, foram suspensas; e conhecendo-se que para o seu intento era sobre a egreja de S. Thiago o sitio mais apropriado, reiterou a confraria as instancias ao prior e beneficiados, que, recusando-lhe ainda o seu consentimento, cederam por fim aos empenhos do bispo e de outras pessoas de distincção; e a obra effectuou-se no local desejado á custa da herança do conego doutoral Francisco Rodrigues Feroes.

Em 4 de junho de 1692 começou-se juncto do edificio da Misericordia ao longo da antiga rua do Coruche um recolhimento para orphãs que importou em 15:422$210 réis, e de que foi instituidor o dr. Manuel Soares de Oliveira. Este recolhimento, cuja administração foi encarregada á Misericordia, recebeu as primeiras orphãs no dia 8 de dezembro de 1701.

Em 1804 se abriu na rua dos Coutinhos outro collegio, de orphãos, com a invocação de *S. Caetano*, instituido pelo conego doutoral Caetano Correia de Seixas. Egualmente ficou a cargo da Misericordia a administração d'este collegio. A sua inauguração, que teve logar a 15 de janeiro do referido anno, foi solemnissima, celebrando-se grande festividade a que assistiu o D. prior geral de Sancta Cruz, o de S. Jeronimo, o corpo da universidade, prelados, religiosos, cavalleiros e mais nobreza da cidade; terminando por uma luzida procissão que acompanhou os primeiros orphãos ao seu collegio.

Com o accrescimo de muitos legados poude a Misericordia augmentar muito o numero dos orphãos e orphãs, mas como os edificios em que estavam estabelecidos tinham alguns inconvenientes, a mesa eleita em 1834 requereu ao governo a doação do magnifico

collegio da *Sapiencia*, que antes pertencera aos conegos de Sancta Cruz, para alli collocar mais commoda e convenientemente os referidos collegios, bem como os ramos da administração da sancta casa. Só porem em 1841 foi cedido aquelle edificio por carta de lei de 15 de setembro; e no dia 19 de julho de 1842 fez-se para elle a trasladação com grande pompa e solemnidade (84).

O antigo edificio da Misericordia ficou ainda pertencendo a esta corporação; mas, tendo em 1858 soffrido um grande corte em razão do alargamento da rua do Coruche, deliberou-se que se vendesse em lotes, excepto a egreja e casa do despacho, que foram convenientemente reparadas (85).

Na egreja, cujo aspecto interior offerece algumas bellezas, celebra-se competentemente o sacrificio da missa, para o que se acha convenientemente preparada. Esta egreja é considerada uma notabilidade por ser assente toda a sua fabrica no tecto da de S. Thiago. Por cima da porta da entrada vê-se uma bella esculptura em pedra em que avulta a estatua de Nossa Senhora, cujo manto suspenso por dois anjos, abriga dois grupos de figuras representando as pessoas que mais concorreram para a creação do instituto da Misericordia.

A casa do despacho foi concedida á *Associação commercial de Coimbra*, creada modernamente com fim de

(84) O que acima escrevemos pode ver-se mais circumstanciadamente no *Resumo historico da sancta casa e irmandade da Misericordia* do sr. J. A. Pereira, e no vol. 1.º da *Revista Universal Lisbonense* em um artigo do sr. F. A. de Mello a pag. 487, e 508.

(85) Começaram as obras da restauração da egreja em junho de 1861. Ao sr. Ayres de Campos devemos as seguintes noticias relativas a umas ossadas que então alli se encontraram em muito bom estado, e que foram motivo de grande alvoroço na cidade.

«Ao levantar as lages da capella encontrou-se uma ossada de

procurar vantagens ao commercio, indagando as suas necessidades, promovendo o seu desinvolvimento e advogando os seus interesses. Esta sociedade rege-se por estatutos approvados por alvará de 12 de dezembro de 1863.

Egreja de S. Thiago

A egreja de S. Thiago é uma das mais antigas de Coimbra, pois que, segundo testemunha Gasco (86), foi erigida depois de 1064 em louvor d'aquelle apostolo, a cujo soccorro D. Fernando Magno attribuiu a conquista da cidade. O sr. R. de Gusmão, escrevendo d'esta egreja, diz (87): «É certo que no se-

homem debaixo de uma campa, e debaixo da ossada outros dois esqueletos inteiros conservando ainda toda a pelle branca e resequida, as unhas das mãos e pés, e os dentes completos.

« Na campa do jazigo, de dez palmos de comprido por quatro e tres quartos de largo, mal se distinguiam os traços de uma caveira, e debaixo d'ella a inscripção em letra romana inicial

AQVI IAS MATHEVS DI
AS SACERDOTE IRMÃO Q
FOI DESTA CASA O QVAL
FALECEO A XIII DE NO
UEMBRO DE MD
LXII ANNOS.
PEDE-VOS POR AMOR DE
DS HVM...... E HVA
AVE MARIA

Se a ossada é de 1562, os dois cadaveres que ficavam debaixo d'ella são por certo de pessoas finadas alguns annos antes. A sua conservação pode attribuir-se ao estarem muito livres da humidade sobre a abobada de S. Thiago e dentro da egreja da Misericordia; e haverem sido envoltos em cal virgem talvez temperada com vinagre, segundo nos informaram os pedreiros que os descobriram.»

(86) *Conquista, Antiguidade.... de Coimbra,* cap. III.
(87) *Inst.* vol. 1.º pag. 66.

culo XIV ainda a parochia de Santiago de Coimbra (88) era sujeita ao Arcebispo de Compostella, que a visitava ou mandava visitar (89); não o é menos que sob o titulo de *basilica* se sagrara no principio do XIII a sua egreja (90).

«Nella foi que o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e D. Alvaro Vaz de Almada, Conde de Abranches, juraram, pondo as mãos sobre uma hostia consagrada, não sobreviver um ao outro no esperado recontro com seus inimigos; e poucos dias depois d'este facto solemne e fatal (91)

Ingrato e feio
Caso, digno das torres de Bysancio,
Viram de Alfarrobeira infames plainos
Roxos do sangue das civís discordias (92).»

O frontispicio do templo, hoje arrebicado pelos caiadores, bem como o seu interior, apesar de muito alterados no seculo passado, apresentam ainda o cunho da sua vetustez.

A porta principal e a lateral, formadas por varias columnas em que se apoiam arcos de cintro pleno, que

(88) Entre os onze companheiros, que o arcediago D. Tello recolheu no mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, que fundara em 1131, figura em primeiro logar D. Honorio, varão illustre e de grande auctoridade, *prior da egreja de Santiago de Coimbra* (Nicolau de Sancta Maria — *Chron. dos con. reg.* p. 2.ª cap. 3.º) É verisimil, que logo depois da sua fundação fosse esta egreja séde de parochia.

(89) *Reflexões historicas*, pelo conselheiro João Pedro Ribeiro, parte 1.ª n.º 8, pag. 29.

(90) Consta do Martyrologio do uso do choro, onde lemos o seguinte: *Sexto Kalendas Septembris.— Dedicatio hujus Basilicae Divi Jacobi Apostoli Colimbriensis: quae consecrata est anno milesimo ducentesimo quarto, ad expensas Domnae Daniellae, nobilis feminae, cujus anima in pace requiescat.*

(91) Em 20 de maio de 1449.

(92) *Camões* — Garrett.

diminuem progressivamente em altura e largura, com diversos lavores e folhagens em relevo, offerecem um bom especimen do estylo architectonico do XI seculo.

O templo é de tres naves. Tem quatro capellas, uma das quaes é dedicada a Sancto Eloy, patrono dos ourives, que tinham o privilegio de nella serem enterrados. Em uma das suas paredes vê-se uma pequena pedra com esta inscripção:

ESTA CAPELA
HE DOS OURI-
UES DESTA CID.[e]
TANTO DOS DE
OURO COMO
OS DE PRATA

Na capella dedicada a Sancto Ildefonso está um tumulo mettido na parede, sob um arco forrado de azulejo, no qual está gravado o seguinte:

EN HESTA SEPOLTURA JAZEM OS HOSOS DAFFONS
O DOMIGEZ DAVEJRO PRIMEIRO IMSTITUJDOR
DESTA CAPELLA OS QUAEES FORAM AQUJ P
OSTOS PER PERO DALLPOI SEU TRESNETO
QUE ORA HE ADMJNISTRADOR DA DITA CAPEL-
LA NO ANO DO NASCIMETO DE NOSSO SENÕR
JHU XPO DE MJLL E QUJNHENTOS E QUATORZE ANOS.

Quando para se alargar a antiga rua do Coruche se cortou um pedaço a esta egreja, tivemos occasião de ver a architectura da capella-mór (até então encoberta pelo retabulo de madeira), que denotava a sua muita antiguidade (93).

(93) O sr. Ayres de Campos dá noticia, no n.º 8 da *Litte-*

Capella de Nossa Senhora da Victoria

O leitor e viajante, desejoso de ver e contemplar tudo o que lhe infunde respeito e veneração pela antiguidade e religiosas recordações que lhe estão ligadas, não deixará, visitando Coimbra, de dirigir seus passos á capella de Nossa Senhora da Victoria, na rua do Corpo de Deos.

Não se imagine que se vai ver nesta capella cunhaes carcomidos pela mão dura e severa do tempo, esculpturas delicadas embutidas em suas paredes, florões em tumulos que pelo seu primor d'arte nos captivem

ratura Illustrada, de se ter naquella occasião encontrado em S. Thiago uma sepultura de pedra e cal, em que se achou um esqueleto d'homem, uns pedacinhos de vidro branco, o aro ferrugento d'uma fivela, e um vintem de prata de D. Manuel. «De quem fosse este jazigo (diz o sr. Ayres de Campos), que pela construcção e moeda de prata indica não exceder o seculo XVI, não foi possivel averigual-o ainda. O que se observou foi que a sua cabeceira correspondia á parede do fundo do altar da Conceição, e que na pedra da campa havia aberta a figura de uma custodia, ou cruz fechada, de sete palmos e meio de altura, sem outra letra ou emblema.»

O sr. Ayres de Campos, a quem por occasião das referidas obras em 1861 constou que se tinham descuberto duas lapides com inscripções mortuarias, e que estavam condemnadas a ser victimas da picareta ou a ficarem soterradas debaixo dos entulhos, pourde ainda ir salvar aquelles monumentos, que hoje conserva com todo o resguardo. S. ex.ª fez-nos o obsequio de nol-os mostrar e dar-nos as copias das inscripções, que são as seguintes:

VI: NONAS: MAII: OBIT: FAMV
LVS: DEI: PETRVS: FRANCVS:
ANIMA: CVIVS: REQIESCAT: IN
PACE: AMEN: ERA: M^{a}: CC^{a}: X^{a}X^{a}X^{a}: V^{a}

XV: K: MAII: O$\overset{s}{B}$:
DONNA: MARIA:
DE ARCV: ERA:
M: CCC: LXXX: VII

a attenção; não, o viajante alli só vê uma simples ermida, que pelos bem escolhidos paineis religiosos que a adornam, e aceio com que se apresenta, convida não faltar uma vez só ao sancto sacrificio da missa que todos os dias sanctificados nella é celebrado.

Contaremos o que deu origem á sua fundação, servindo-nos de auxilio a carta do bispo D. Vasco, d'entre os documentos com que a collegiada de S. Thiago instruiu o processo contra os que pretendiam usurpar os interesses que d'esta capella lhe provinham, do qual obteve sentença a seu favor em 7 de setembro de 1475.

A rua que hoje se chama do *Corpo de Deos* fazia parte do bairro da *Judiaria*, que era habitado unicamente por judeos. Um d'elles, chamado Joseph, pelos annos de 1361, levado talvez pelo desejo de fazer experiencias, tentou subornar um sacristão da Sé, a fim de lhe ceder algumas particulas do vaso sagrado; conseguindo o seu intento, trouxe cinco para casa, poz ao lume uma certã com azeite, e logo que este chegou ao estado de ebullição lançou-lh'as dentro. Passados instantes as particulas saltaram para fóra em forma de cruz; lançou-as de novo no azeite, e ellas segunda e terceira vez lhe voaram inteiras; até que descorçoado, e não lembrado de que quem operava era a Providencia Divina, foi soterral-as defronte num logar o mais repugnante.

Chegando pouco depois aos ouvidos de D. Vasco, então bispo de Coimbra, que naquelle immundo logar jaziam as sagradas particulas, lá se dirigiu immediatamente com o cabido, corporações religiosas e irmandades do Sanctissimo, que em procissão solemne as levaram e foram depositar na mesma egreja donde haviam sido roubadas (94).

(94) O *Agiologio Lusitano* tambem narra este facto.

Não ficou impune tamanho delicto practicado pelo judeu; por quanto, havendo elle confessado circumstanciadamente o que fez e o que viu, foi-lhe applicado o supplicio devido ao sacrilegio terrivel.

A devoção que ao Sanctissimo dedicava a piedosa Anna Affonso, viuva de Gonçalo Gonçalves e de Nicolau Rodrigues, fez com que ella a expensas suas fundasse uma capella no logar do desacato. Lá existe ainda, por detraz da banqueta, o nicho onde se vêem em relevo dois anjos elevando um calix sobre cuja copa está a hostia, e por baixo a seguinte inscripção:

SENIFICA. CORPOZ. DOMINI
ANNO. DOMINI. MILLESIMO. QUADRAGENTE-
SIMO. QUADRAGESIMO
TERTIO. ALVARO. FERNANDES.

Posto que Anna Affonso, nas suas disposições testamentarias de 20 de fevereiro de 1367, ordenasse ser sepultada á porta da ermida, e que a lapide monumental tivesse a seguinte inscripção—*Aqui jaz Anna Affonso, que acabou esta egreja com seus bens por sua alma e d'aquelles que os deixaram*—que fosse sustentado um hospital pela terça de seus bens e de seus finados maridos, etc. (95); e dado mesmo que a vontade da virtuosa testadora fosse escrupulosamente cumprida e confirmada por o Breve do papa Bonifacio IX, que governou a egreja desde o anno de 1389 até 1404 (96), todavia hoje não encontramos nada d'isto, nem sequer vestigios do hospital.

Não nos admiremos, attendendo a que passado apenas um seculo, a falta do cumprimento dos encargos que os administradores deviam ter a seu cuidado originou

(95) *Questões Forenses*, pelo sr. J. C. A. de Campos.
(96) Existe o transumpto d'este Breve no cartorio do cabido de Coimbra. Gav. 11. R. 1. m. 2, n.º 15.

ficar esta capella no estado de abandono o mais degradante; e se de todo as suas paredes não desabaram, pelo menos grande parte foi victima do desprezo dos homens (97).

Já não é em ruinas que hoje vemos a capella de Nossa Senhora da Victoria; foi restaurada, e bem podemos dizer que o primor com que desveladamente se acha adornada é o maior elogio que se pode fazer ao seu novo possuidor, o sr. Manuel Joaquim d'Almeida (98).

O Collegio Novo

O magnifico edificio do Collegio Novo foi mandado erigir pelos conegos regrantes de Sancta Cruz, que em capitulo de 1590 ordenaram se desse começo a uma casa separada do mosteiro para nella se professarem os estudos.

O padre D. Acursio de S. Agostinho, que no mesmo capitulo tinha sido eleito prior geral, empregou quasi todo o triennio da sua dignidade nos preparativos e providencias para a obra; e tendo desejos de a ver principiada ainda no tempo do seu priorado tratou de com a possivel brevidade, dar começo ao edificio, cuja primeira pedra se lançou no alicerce, com grande apparato, no dia 30 de março de 1593, assistindo o bispo D. Affonso de Castello-Branco, corregedor, juiz de fóra, camara, etc. O collegio foi dedicado a Sancto Agostinho, e denominou-se *da Sapiencia*.

No principio de julho de 1604 teve logar a trasladação dos collegiaes e seus mestres do mosteiro para o novo edificio; e D. Acursio, que tão diligente tinha

(97) Vide *Antiquario Conimbricense*, n.º 9.
(98) É devido este artigo ao nosso obsequioso amigo José Alves de Mariz.

sido para se effectuar a obra, foi eleito, no dia 15 de julho do mesmo anno, primeiro reitor do collegio.

Hoje é esta magnifica casa occupada pela Misericordia e seus orphãos e orphãs, que, como dissemos a pag. 72, se trasladaram solemnemente para ella no dia 19 de julho de 1842.

Este edificio não podia ser mais commodo para tal instituição. É sufficientemente espaçoso, e como está situado em logar eminente é bem ventilado, e descobre-se d'elle um tão magnifico como variado panorama de toda a cidade baixa, grande extensão do rio e suas lindas margens.

A egreja é pequena mas de bellissimo aspecto. Os seus ornatos e lavores são de grande belleza e perfeição. A sua traça é similhante á do Escurial de que é contemporanea. Diz-se que fora o mesmo o architecto de um e outro templo; e que Filippe III de Castella e II de Portugal, fizera o risco do collegio da *Sapiencia*.

Em um dos altares da egreja está uma imagem do Menino Jesus sobre peanha de cortiça, com resplendor e bandeira da mesma materia, obra delicada d'um curioso frade do Bussaco. Esta imagem conservava-se d'antes naquelle sancto eremiterio, e por occasião da batalha que alli houve em 1810, um dos generaes que a ella assistiram offereceu aos frades pelo Menino Jesus uma grande quantia, e como lh'o não cederam mandou-lhe pôr uma guarda para que não fosse roubado. Accrescenta com muita graça o escriptor de quem houvemos tal noticia (99) que « passados vinte e tantos annos appareceram *outros generaes,* que, menos cuidadosos, *deixaram fugir o menino,* que até agora não appareceu. »

O restante do collegio é magestoso e digno de attenção. O exterior do edificio é porém de grande sim-

(99) O sr. Peres de Abreu, no seu *Roteiro do Viajante.*

plicidade e sem gosto, todavia é considerada obra maravilhosa, de grande custo e como *ponta de diamante e pasmo de architectos* (100) a quina que fica juncto do arco chamado *do Collegio Novo*. Este arco dá passagem para a cerca, bastante aprazivel e apropriada para distracção dos orphãos e orphãs.

O paço da rua de Sub-Ripas

Volveu a triste os olhos, que nem tempo
Teve de levantar-se, os lindos braços
Meigos abriu a receber o esposo....
Triste! que recebeu!?.... Buido ferro
Em vez de abraço lhe entranhou no peito
Esse, que ha pouco a idolatrara tanto....
J. F. DE SERPA

Uma historia de amores não menos contrariados e desditosos que os da desgraçada Ignez se prende ao paço acastellado de Sub-Ripas. É a antiga e veneranda casa dos templarios (101) a que a tradição aponta como theatro de um crime commettido por um infeliz principe arrebatado por imaginarios ciumes.

Estava ainda fresco o sangue da infeliz Castro quando succedeu esta segunda catastrophe pathetica que encheu Coimbra de terror e lucto.

A perfida e ambiciosa rainha D. Leonor, essa Lucrecia Borgia portugueza, receando ver-se um dia supplantada em sua alta hierarchia por sua irmã D. Maria

(100) *Historia Breve de Coimbra*, por Bernardo de B. Botelho.

(101) Assim appellida o paço de Sub-Ripas o sr. A. F. de Castilho no seu *Camões, estudo historico e poetico*, dizendo: «dentro d'essa feiticeira Coimbra, quem não viu em espirito, inteira e completa, a tragedia de Dona Maria Telles, visitando em *Sub-Ripas* a antiga e veneranda casa dos Templarios?!»

Telles de Menezes, tractou de a desconsiderar aos olhos do infante D. João.

Convencido falsamente o infante por D. Leonor de que lhe era infiel a esposa que tão extremosamente amava, resolveu vingar-se dos suppostos ultrages. Com tal proposito partiu para Coimbra, onde chegou ás 5 horas da manhã do dia 28 de novembro de 1377, e dirigindo-se immediatamente ao palacio em que residia D. Maria, arrombou as portas para effectuar seu negro projecto. D. Maria, longe de imaginar o fim a que vinha D. João, correu ao seu encontro para o abraçar; o infante porem imitando, ou antes excedendo a crueldade dos assassinos de sua mãi, crava atrozmente um punhal no peito da innocente, que cahiu esvaída aos pés do algoz, que nem tempo lhe dera para justificar-se (102).

Quando o paço de Sub-Ripas não fora memoravel pela tragedia de D. Maria Telles, seria digno da attenção do curioso amante de antiguidades e das bellas artes pelo aspecto de vetustez que apresentam suas paredes e pelas muitas figuras em relevo nellas embutidas, offerecendo ensejo para larga contemplação (103).

O interior do edificio está hoje muito alterado.

(102) Este successo pode ver-se mais largamente narrado no *Instituto*, vol. 7.º, pag. 165, em um artigo do sr. R. de Gusmão, e no *Archivo Pittoresco*, vol. 8.º, pag. 89, noutro do sr. Oliveira Martins.

(103) Rien ne m'attirait plus vivement que la maison de la famille Telles... L'entrée de la maison est richement ornée; c'est une des plus anciennes parties de l'édifice. L'ensemble forme un groupe de bâtiments de l'aspect le plus pittoresque; ce sont des constructions d'époques différentes, des bustes en saillie d'une belle sculpture; des ornements de très bon goût rappellent la manière de Cellini et dénotent un sentiment artistique remarquable; on ne saurait rien voir de plus gracieux. *Les Arts en Portugal*, pag. 474.

Egreja do Salvador

De bem modesta apparencia é o templo que se encontra na rua do Salvador. Não se faz recommendavel por elegancia, grandeza ou primores d'arte; todavia o seu aspecto de ancianidade e alguns interessantes monumentos que nelle se encontram, o tornam muito digno da attenção dos que presam as antiguidades.

Com quanto se não saiba ao certo a epocha da sua fundação, parece indical-a uma inscripção lapidar que no frontispicio do templo se encontra ao lado das columnas do portal, á direita de quem entra. No numero 7 do *Antiquario Conimbricense* vem o *fac-simile* d'esta inscripção de caracteres de exquisitas formas, e esta sua traducção: *Estevão Martins de sua livre vontade fez esta porta, e frontispicio. Era de 1207* (*anno de 1169*) *Era Millessima* (104).

O interior do templo está dividido em tres naves por duas fileiras de columnas cylindricas de cantaria, muito delgadas relativamente á sua altura. Do lado direito encontra-se uma pequena capella, e debaixo de um arco aberto numa das suas paredes um grande tumulo com esta inscripção, cuja maxima parte é de caracteres gothicos

ESTA CAPELLA E ESTA SEPULTURA MÃDOU FAZER GVIMAR DE SSAA PA DEITAR HO M^{to} HONRADO A^{o} DE BARROS CAUALEIRO DA CASA DEL REY SEU MARIDO HO QVAL AQVI JAZ E ELLA MÃDA A SEU TESTAMẼTERO QUÃDO ELLA FALECER Q̃ ALACẼ CÕ ELLE HO Q̃LL FALECEO AOS XVIII DE $F.^{o}$ DE MILL 515 ÃNOS AQVAL GVIOMAR DE SA IAS AQVI FALECEO A IX....DOVTVBRO DE I.S.XXXII (105).

(104) Nos numeros 8 e 9 do mesmo *Antiquario* se apresentam algumas conjecturas ácerca de alguns pontos duvidosos da inscripção.

(105) No *Antiquario* numero 5 vem o *fac-simile* dos caracteres gothicos de que é formada a inscripção até ás palavras 515 ÃNOS.

No mesmo tumulo se vêem as armas das familias Barros, e Sás; mas em ambos os seus escudos faltam os timbres: no d'aquelles a aspa com cinco castellos (106) e no d'estes o meio bufalo (107).

Na parede da capella de S. Marcos, na face exterior que olha para um pequeno quintal, está imbebida uma pedra de palmo e meio de comprido e um palmo de largo em que se vê uma cruz da ordem dos templarios e uma inscripção que no n.º 6 do *Antiquario Conimbricense* vem interpretada da maneira seguinte:

EGO . VERMUDUS . VERMUDI . ACCEPI
ISTUM . MONUMENTUM.
X . II . DIES . TRANSACTIS . DE . APRILIS
ERA . M . CC . XX . IIII.

Eu Vermudo Vermudez aceitei este Monumento doze dias andados de Abril. Era de 1224 (anno de 1186).

« O local que a lapida hoje occupa não parece ser o primitivo; porque nem juncto da parede se encontra signal algum de alli ter havido monumento sepulchral, nem a sua pouca grossura o podia conter. Donde viria pois este mudo pregoeiro da eternidade? Onde seria elle primeiramente collocado? Aonde existe o deposito dos restos mortaes deste desconhecido Vermudo? Á historia pertencia a resposta: ella porem emmudece á nossa pergunta: nem ao menos nos offerece um tenue fio, que nos encaminhe no intrincado labyrinto dos seculos. Continue o Senhor Vermudo a ser tão ignorado de nós como o são quasi todas as cousas da sua remota edade. Esta cruz era a insignia da Ordem dos Templarios; era o emblema que tremulava nas ban-

(106) *Nobiliarch. Port.* pag. 242, da edição de Lisboa de 1708. *Recreio* de 1841, n.º 11.
(107) A mesma *Nobiliarch.* pag. 327.

deiras d'esta Milicia. Ella nos indica que Vermudo Vermudez foi membro da mais antiga das Ordens Militares Religiosas.

«Defronte da Inscripção, e a poucos passos d'ella, na base da torre dos sinos se descobre quasi entulhado uma especie de carneiro de abobada. Era nestas cavidades abertas nas paredes das Igrejas, que naquelles tempos a Religião costumava dar eterno descanço aos despojos mortaes das pessoas illustres; até que a devoção, em tempos mais proximos a nós, os foi trazendo para dentro dos templos. Existe uma relação tão intima entre estes dous monumentos, e a rudeza da Inscripção que não se pode duvidar, que o gosto do seculo doze ainda alli domina, e que a lapida por algum incidente deslocada do seu primitivo assento, seria transportada, mais tarde, para o logar que hoje occupa.»

Egreja de S. João d'Almedina

No Largo de S. João se encontra esta egreja fundada pelo bispo D. João de Mello, que governou a diocese de Coimbra desde o anno de 1684 até ao de 1704. Foi edificada no local em que existiu outra muito antiga e memoravel pelos attentados que nella praticou o famoso arcebispo de Braga D. João Peculiar (108).

Diz Bernardo de B. Botelho (109) que por ter corrido juncto d'este templo muito sangue musulmano na occasião da conquista de Coimbra por D. Fernando Magno, se denomina esta egreja *d'almedina*, vocabulo arabe a que o referido escriptor dá a significação de sangue. Achamos mais verisimil a opinião de fr. João

(108) Vide no *Panorama* de 1853, um artigo do sr. Rebello da Silva a pag. 18, e *Noticia Historica do Mosteiro da Vacariça*, por M. R. de Vasconcellos, 2.ª part., pag. 28.

(109) *Historia Breve de Coimbra.*

de Sousa (110), que diz significar *almedina* a parte cercada da cidade (111). Sendo assim, é provavel que se desse tal denominação a esta egreja para se distinguir d'outra que houvesse do mesmo orago fóra dos muros da cidade, e seria por ventura a do mosteiro de S. João das Donas.

A egreja de S. João d'Almedina só offerece de notavel ao exame do observador curioso algumas pinturas de Paschoal Parente, que floresceu no meado do seculo XVIII (112).

Paço Episcopal

Contiguo á egreja de S. João d'Almedina ergue-se o paço episcopal, que, sendo edificio de apparencia pouco notavel, é uma boa habitação por suas commodidades e posição excellente, e faz-se recommendavel pela memoria do seu illustre restaurador o bispo D. Affonso de Castello Branco (113). Os seus predecesso-

(110) *Vistigios da lingua arabica em Portugal.*

(111) O sr. Ayres de Campos diz a pag. 11 do *Indice Chronologico:* « Almedina, termo originario do arabe, expressava a ideia de um grande centro de população, *urbs magna*, etc.»

(112) Era natural de Resina no reino de Napoles. Foi chamado a Coimbra pelo sr. D. Miguel da Annunciação, para pintar a cupula da egreja do Seminario e outras obras que intentava. Era de Paschoal Parente a casa que pouco distante do convento de Sancta Anna divide as duas estradas que conduzem para Cellas e para Sancto Antonio dos Olivaes. Falleceu a 9 de janeiro de 1792 e jaz na egreja de Sancta Theresa.

Obsequiou-nos com estas apreciaveis noticias o sr. dr. Francisco da Fonseca Correia Torres.

(113) Como lhe enfadava dinheiro encantado não se contentou com o paço em que viviam seus antecessores, que realmente não estava já muito decente para tanta renda, e tanta auctoridade; mas elle era principe, o animo de principe, as obras de principe, e as esmolas de sancto. Com toda a brevidade fez logo pôr em effeito o paço, que hoje em respeito do outro chamam novo, que lhe passou de oitenta mil cruzados com suas galerias, chafarizes, patios e todos os mais requisitos para aposento de

res tinham a sua residencia naquelle local desde o tempo do bispo D. Miguel, primeiro de nome e o setimo dos que depois da conquista de Coimbra por D. Fernando Magno têm regido a diocese conimbricense (114).

A D. Affonso de Castello Branco é devedora a cidade de Coimbra de muitas obras grandiosas e immensos beneficios com que deixou commemorado assás honrosamente o seu governo. Além de outras obras e munificencias, de que fazemos menção em outros logares d'este livro (115), deixou um avultado rendimento annual, á camara de Coimbra para calçadas (116);

um grande senhor.—*Vida e morte do heroe D. Affonso de Castello Branco*, obra manuscripta por João d'Almeida Soares, e existente na bibliotheca de Evora. Acerca d'esta obra veja-se no *Conimbricense* n.º 1001, um artigo do sr. A. Filippe Simões.

(114) Em dezembro de 1164 comprou elle a Pero Paes, e a sua mulher Godinha Pires, e filhos, umas casas, que actualmente estão no paço episcopal, que depois foram reformadas, e hoje servem de residencia aos Prelados, tendo sido concertadas pelo bispo D. Affonso de Castello Branco, cujas armas se vêem sobre o portão da entrada.—*Noticia hist. do most. da Vacariça*, por Miguel Ribeiro de Vasconcellos, 2.ª part. pag. 34.

(115) Vide os artigos em que tractamos do mosteiro de Sancta Anna, logar e mosteiro de Cellas, Sè Velha, novo mosteiro de Sancta Clara e capella do Loreto.

(116) Na obra citada na nota 113 lemos o seguinte: «Não se fazia nada na cidade sem se lhe fazer a saber, que assim como elle usava e tinha termos de piedoso Pai lhe obedeciam todos como amorosos filhos, e não só o era no espiritual mas no temporal assistindo muitas vezes na Camara (cousa que não fez nenhum prelado) e dizendo-lhe os vereadores d'ella em graça: *o coche de vossa senhoria tem desfeito todas as calçadas* elle lhes respondeu: *já os entendo, bastam cincoenta mil reis de juro para ellas.* Beijaram-lhe as mãos pela mercê para que consignou logo renda sabida para sempre, que hoje tem e terá a cidade.»

O seu coche julgamos ser o primeiro que rodou nas ruas de Coimbra pelo seguinte que na obra citada lemos: «E com o seu coche ser o primeiro em Coimbra (que em tudo a natureza o quiz fazer primeiro) hia á Sé a pé com um cajado na mão e seu acompanhamento atrás....»

contemplou tambem a Misericordia com rendimentos; deu uma grande quantia para ajuda da impressão dos Annaes do cardeal Baronio; repartiu pelas ordens pobres oito mil cruzados dos seus proventos de vice-rei, a cuja dignidade por suas boas qualidades mereceu ser assumpto; e favoreceu muitos estudantes faltos de meios e muitas outras pessoas necessitadas (117).

Foram tantos e tão valiosos os fructos do animo piedoso, caritativo e liberal de D. Affonso de Castello Branco, que o senado da camara, grato a tantos beneficios, tinha antigamente por costume apregoal-os publicamente á porta da Sé em Domingo de Ramos (118).

Não só por ser obra de varão tão insigne e illustre, mas tambem por se terem nelle hospedado outras pessoas notaveis, se faz ainda memoravel o paço episcopal. Quando D. Catharina, irmã de D. Pedro II, por morte de seu marido Carlos II de Inglaterra regressou a Portugal vindo por Hespanha e passou por esta cidade, foi hospedar-se no dia 8 de janeiro de 1693 no paço episcopal. Tambem alli esteve o marquez de Pombal quando em 1772 veiu reformar a universidade (119).

Largo da Feira

O Largo da Feira é um dos mais espaçosos e bellos da cidade. É ennobrecido por edificios notaveis, como o collegio dos Loyos, um grande chafariz, ha pouco reformado, o magestoso templo da Sé Nova, a casa

(117) Vide *Conquista, Antiguidade.... de Coimbra*, cap. 22.º, onde se apontam mais alguns actos e noticias memoraveis de D. Affonso; e tambem a *Bibliot. Lusit.*

(118) Esta noticia nos foi communicada pelo sr. J. C. Ayres de Campos.

(119) Vide *Instituto* vol. 1.º a pag. 73 e 110, artigos do sr. dr. J. M. d'Abreu.

capitular e o real Collegio das Artes. Faz-se neste largo, ordinariamente em todas as terças-feiras, um abundante mercado de generos alimenticios, e d'isto lhe provem talvez o seu nome. É sitio muito frequentado nas amenas noites de luar, principalmente pelos estudantes.

Collegio dos Loyos

Este collegio, cuja primeira pedra se lançou no alicerce a 6 de maio de 1631, foi fundado pelos conegos seculares de S. João Evangelista.

Lança para o largo da *Feira* a fachada principal d'este edificio, que tambem tem frentes para a rua dos *Loyos*, a que por ventura deu o nome, e para a rua *Larga*.

A sua fachada nobre é rematada por uma grande estatua de S. João Evangelista, por baixo da qual se vê em grandes caracteres a data de 1638.

Este edificio, que só é notavel por sua vastidão, acha-se actualmente occupado pelas repartições do governo civil, fazenda e estação telegraphica.

Collegio dos Jesuitas e Sé Nova

O collegio das *Onze mil Virgens,* outr'ora pertencente aos padres da Companhia de Jesus, é o mais vasto e magestoso dos que possuiu em Portugal esta ordem opulenta e poderosissima.

Para dar começo ao edificio entraram em Coimbra, no mez de junho de 1542, o padre Simão Rodrigues, e onze companheiros, que foram hospedar-se, com recommendação de D. João III, no convento de Sancta Cruz, onde estiveram cerca de tres annos.

Como el-rei se interessava muito pela fundação do collegio, não só cedeu aos padres uns terrenos e casas que tinha destinado para nelles edificar as escholas da

universidade, mas tambem concorreu munificamente com outros meios para a realisação da obra.

No dia 14 de abril de 1547 teve logar a inauguração da grandiosa fabrica, lançando-se solemnemente no alicerce varias pedras commemorativas (120). Foi levado a cabo o edificio com proporções tão vastas, que um escriptor, fallando d'elle, disse sem exaggeração, antes com muita propriedade: «Os padres da Companhia de Jesus têm nesta cidade uma casa, que melhor podera dizer que estava a cidade nella, porque vi eu muitas villas de nome, que não tem tantos fogos, nem tanta fabrica» (121).

Enriquecido o collegio com grossas rendas, costumavam residir ordinariamente no edificio 200 religiosos, que formavam um verdadeiro seminario de apostolos, e professores, dedicando-se uns a propagar valorosamente o Evangelho pelos dilatados paizes d'alemmar, consagrando-se outros ao ensino e educação da mocidade (122).

Pelo andar dos tempos, tornando-se geralmente odiados os jesuitas, resultou que esse grande homem, que foi ministro de el-rei D. José, armou as mãos do pontifice de fulminante raio, que despedido do Vaticano lançou por terra, em 1759, esta collossal corporação religiosa.

Extincta a Companhia de Jesus, foram doados á universidade, por carta regia de 4 de julho de 1774, a maior parte dos seus bens; e o collegio foi aproveitado convenientemente para fins muito uteis. Para uma

(120) Quem quizer ver mais circumstanciada a historia d'este collegio leia a *Chron. da Companhia*, do padre Balthasar Telles.

(121) Auctor e obra citada na nota 113.

(122) Numa obra intitulada *Imagem da Virtude no noviciado de Coimbra*, pelo padre Antonio Franco, encontram-se miudas noticias de muitos padres que residiram neste collegio e se tornaram notaveis por suas acções.

parte d'elle trasladou-se o hospital real da Praça (123), com o titulo de *Conceição*, o qual hoje se acha noutro edificio; noutra parte fundou-se o excellente museu de historia natural; a egreja, com algumas pertenças, foi concedida ao cabido (124), que tomou posse d'ella recebendo-a do corregedor José Gil Tojo Borja, em 19 de outubro de 1772. No dia 21 do referido mez e anno trasladou-se para alli, da antiga Sé, o cabido em solemne procissão com o Sanctissimo, acompanhado pela camara e cleresia; e desde então começou a servir de sé cathedral o magnifico templo dos jesuitas, denominando-se *Sé Nova*.

Este templo é um dos que com preferencia devem ser visitados. Ainda que de architectura pesada, torna-se notavel pela sua extraordinaria amplidão, e enorme fortaleza. A fachada, toda de cantaria, é de magnificas proporções e acha-se decorada com algumas estatuas. A sua parte superior soffreu grande damno com uma faisca electrica que alli cahiu em 1833, derrubando a cruz que a rematava e alguns outros ornatos.

A parte interna do templo é de extraordinaria ma-

(123) Este hospital foi chamado de S. Bartholomeu por estar na Praça, onde fica a egreja da invocação d'este sancto; foi fundado pelo sr. D. Manuel, que o dedicou aos sanctos Cosme e Damião, e lhe deu de renda cinco mil cruzados. O sr. D. João III entregou a sua administração aos conegos seculares de S. João Evangelista. Era obra apparatosa, e tinha no frontispicio as espheras, empresa de seu fundador. Cardos. *Dic. geogr.* B. de Brito Botelho *Hist. brev. de Coimbra.* Carvalho *Corogr. port.*
Em 19 de março de 1779 se fez a sua mudança da antiga para a nova casa. O reitor da universidade D. Francisco de Lemos foi com o corpo academico em prestito ao hospital velho; e d'alli se trasladou em solemnissima procissão para a capella do novo hospital o Santissimo Sacramento, que levou debaixo do pallio o vice-reitor D. Carlos Maria Pimentel. *Resumo historico,* citado na nota 84.

(124) Esta concessão foi confirmada por D. José, por carta regia de 11 de outubro de 1772.

gnificencia. Tem uma só nave e quatro grandes capellas de cada lado, além de quatro altares mais que estão no cruzeiro. O zimborio que o coroa é de dimensões assombrosas.

É realmente para admirar tão colossal e arrojada construcção. As paredes fortissimas e a abobada, tudo de cantaria, parecem indicar que a acção destruidora dos seculos não se atreverá com ellas.

Os paramentos, vasos e outras alfaias do uso do culto divino, são objectos que merecem a attenção do visitante, pois que são muitos e preciosos. O throno é chapeado de prata, e existe alli um frontal da mesma materia.

A pia baptismal é tambem digna de attenção não só pela belleza e merecimento artistico dos lavores da pedra, mas tambem pela sua feição antiga. Não se encontra em Coimbra alguma outra de forma mais esbelta e graciosa. Foi mandada fazer pelo bispo D. Jorge de Almeida, segundo se deprehende dos brazões que tem esculpidos d'este prelado. Esta pia estava d'antes na Sé Velha.

Das festas que se celebram na Sé é das mais notaveis a da Senhora da Boa-Morte, havendo procissão de grande apparato. A imagem da Virgem, que é muito vistosa, costuma-se collocar n'uma eça magnifica e de gracioso formato.

A sachristia e a bella casa do capitulo não devem escapar aos amadores da pintura. As suas paredes acham-se forradas de quadros, entre os quaes sobresahem alguns de auctores afamados, e que os entendidos d'aquella bella arte não deixarão de examinar com interesse e enthusiasmo.

O archivo do cabido é outro objecto importante. Abunda em documentos valiosissimos e de grande antiguidade. Devemos mencionar o *livro preto da Sé de Coimbra* (isto é a sua copia, que o original foi levado

para a Torre do Tombo). É um codice precioso que encerra os mais apreciaveis esclarecimentos, relativos aos primeiros seculos da monarchia, e até mesmo a epochas anteriores.

Não terminaremos este artigo sem que digamos alguma cousa dos prelados mais dignos de commemoração que têm cingido a mitra conimbricense. O primeiro que depois da conquista da cidade, em 1064, regeu a diocese de Coimbra foi D. Paterno. Este prelado era bispo de Tortosa, e estando fora do seu bispado, por ter sido invadido pelos mouros, encontrou-se em S. Thiago de Galliza com D. Fernando Magno, que então o convidou para reger a diocese de Coimbra. D. Paterno acceitou o convite, porém só principiou a exercer as suas funcções no reinado de D. Affonso VI.

Desde então tem tido Coimbra 60 bispos (125). A sua historia é assás longa e importante; não se compadece porem com a natureza d'este livro apresentar-mol-a aqui. Eis por que nos restringimos a unicamente indicar os que mais se illustraram por seu saber e acções memoraveis.

Principiaremos por mencionar D. João Galvão. Foi este prelado valoroso o primeiro que recebeu o titulo de *conde de Arganil,* de que têm gosado os seus successores. Foi-lhes concedido por el-rei D. Affonso V em remuneração das proezas e serviços de D. João Galvão na tomada de Arzila e Tanger (126).

Continuando a fazer menção dos prelados mais be-

(125) Vide no *Inst.* vol. 8.º uma *Relação nominal dos bispos de Coimbra. . .* por M. R. de Vasconcellos.

(126) Na jornada de Africa, de 1471, acompanhou D. João a el-rei D. Affonso com a pessoa, e ajudou-o com fazenda: foram fructos d'esta campanha as prezas de Arzila, e Tanger, em que o bispo se mostrou tão pontifice, como soldado, e el-rei por lhe agradecer estas finezas, aos 25 de setembro de 1472 lhe deu para elle, e seus successores o senhorio e titulo de *Conde de Arganil.*—Fonseca, *Evora gloriosa*, n.º 582.

nemeritos apontaremos ainda D. João Soares, que assistiu ao famoso concilio de Trento (127); D. Affonso de Castello-Branco, cujas principaes acções já enumerámos (pag.); D. Miguel da Annunciação, fundador do seminario episcopal (128); D. Francisco de Lemos, a quem tanta gloria coube pelos importantes serviços que prestou na reforma da universidade de 1772 (129); D. Francisco de S. Luiz, litterato eminente (130) que mereceu occupar a cadeira patriarchal de Lisboa. De egual honra se tornou tambem digno o sr. D. Manuel Bento Rodrigues. Actualmente é regida a diocese conimbricense pelo sr. D. José Manuel de Lemos, que encaneceu no magisterio da universidade, onde tambem exerceu dignamente o honroso cargo de vice-reitor.

O Museu

Entre todos os edificios annexos á universidade, que assignalaram a memoravel reforma dos nossos estudos de 1772, é o Museu o que mais se distingue e attrahe a attenção dos viajantes, sendo para elles objecto da maior curiosidade.

Este excellente edificio, a cuja creação presidiu a maior sumptuosidade, ergue-se magestosamente no largo do seu nome, proximo da Sé nova.

A sua fachada principal, cujo comprimento é de 334 pés, e altura de 47, tem no pavimento nobre 29 magnificas janellas, sendo as tres centraes de sacada, e no

(127) Vide o artigo em que tratamos da egreja da Sé Velha. Acerca d'este sabio prelado escreveu fr. Luiz de Sousa na *Vida do arcebispo*, tit. 1.º, liv. 2.º, cap. XVII, e A. Pereira de Figueiredo no opusculo — *Os portuguezes nos concilios geraes*, pag. 96.

(128) Vide adiante o artigo em que tratamos d'este edificio.

(129) Vid. o artigo em que tratamos da universidade.

(130) Vid. *Diccion. bibli.* pelo sr. Innocencio F. da Silva.

inferior 20 janellas e 9 portas. É rematada por uma graciosa balaustrada de cantaria com suas pyramides, e tem na parte central um bello frontão triangular, onde se vêem em relevo algumas esculpturas allusivas ás sciencias naturaes.

Interiormente é o Museu de tal vastidão e riqueza, que causa verdadeiro assombro aos visitantes. A magestosa entrada, que todos admiram, dá logo ideia do resto do edificio.

O pavimento superior consta de muitas salas adornadas com grande esmero e magnificencia, que servem de gabinetes para as collecções de productos e machinas pertencentes ás sciencias naturaes, e de aulas para a faculdade de philosophia, em forma de amphitheatro, as melhores da universidade.

Ao lado direito do salão da entrada, de cujas paredes se vêem pendentes os retratos de D. José, D. Maria I e D. Pedro III, fica o gabinete de physica, copioso em machinas e instrumentos, tendo ultimamente sido provido de excellentes aparelhos modernos, principalmente de calorico, electricidade, magnetismo, optica e acustica. As duas espaçosas salas d'esta repartição acham-se já em estado, que não comportam mais instrumentos. São curiosas e frequentes as experiencias que durante os dois cursos de phisica se fazem neste gabinete para instrucção dos alumnos.

Ao lado esquerdo do referido salão da entrada ficam as collecções de historia natural. A de mineralogia está classificada segundo o systema de Dufrenoy, e avulta nella um variado sortimento de bellos marmores nacionaes e estrangeiros.

Segue-se a sala de zoologia. O que nella mais sobresahe é a collecção de aves, na qual ha alguns exemplares bellissimos, dados pelo nosso sempre chorado rei D. Pedro V, que mostrou sempre, como era de esperar da sua illustração, grande interesse por este e

por outros estabelecimentos da universidade. Como teremos ainda occasião de indicar, não foram só estas as dadivas com que aquelle excelso monarcha presenteou o Museu.

A sala de zoologia é a maior de todas, e todavia já não admitte mais exemplares. No edificio do antigo hospital da Conceição tem-se feito obras de grande vulto, com que se tem augmentado consideravelmente o Museu. Este augmento era de absoluta necessidade, e exigido pelos grandes e rapidos progressos com que cada vez mais se têm dilatado os horisontes das sciencias naturaes. Falta ainda, além de outras obras, concluir-se um grande salão, que fica contiguo ao de zoologia, e que se deve junctar a este, formando depois ambos uma só galeria verdadeiramente magnifica de 90 metros de comprimento e 9 de largura, illuminada por 16 grandes janellas.

Em uma das galerias já concluidas no antigo hospital estão algumas antiguidades, entre as quaes se nota o enorme ferrolho da antiga porta do castello d'esta cidade, grande porção de armas, que se diz terem servido no glorioso cerco de Diu, e muitas curiosidades de productos naturaes de America, Asia e Africa.

Nas outras galerias estão a livraria, as collecções de conchas e de fosseis, e um gabinete de anatomia comparada.

A livraria tem duas salas: occupam a primeira livros de historia, geographia, litteratura, viagens, classicos portuguezes, colligidos das bibliothecas dos antigos conventos.

Na segunda sala figuram obras de physica, chymica, zoologia, botanica, metallurgia. mineralogia, geologia e paleonthologia; jornaes scientificos e mappas geographicos e geologicos. As estantes d'esta livraria, que eram do collegio de S. Bento, fazem-se notar pela belleza dos seus ornatos de talha primorosamente dourada.

A collecção conchyologica é curiosa, e foi enriquecida pelo sr. D. Pedro V com 104 especies, pertencendo a maior parte ao Mar Pacifico e Brazil, e algumas ás nossas possessões ultramarinas. Se a morte não arrebatasse sua magestade tão cedo, por certo que o Museu continuaria a ser enriquecido pelo sabio rei, que na sua grande consideração para com a Universidade deu provas de muito illustrado.

A collecção dos fosseis é moderna, e está classificada segundo Deshayes. Entre elles encontram-se alguns de grande merecimento por sua raridade e belleza.

No gabinete de anatomia comparada ha objectos dignos de meudo exame, e tambem alguns trabalhos curiosos feitos por empregados habeis do Museu.

Temos mui resumidamente apontado, visto a natureza d'este livro não comportar maior desenvolvimento, o que ha de mais notavel no Museu propriamente dicto (131).

Daremos agora uma rapida noticia das repartições que occupam o pavimento inferior do edificio, mais di-

(131) Se se nota pobreza e deficiencia em alguns ramos d'este estabelecimento, culpemos d'isso os governos pelas dotações mesquinhas com que o têm contemplado. É uma vergonha saber-se que a dotação annual para a conservação e augmento do Museu é unicamente de 800$000 réis! E note-se ainda que d'esta verba, ha poucos annos votada, se pagam as despesas do expediente ordinario, reparos do edificio, gratificações ao ajudante preparador, etc. Parece incrivel que tão diminuta somma seja applicada a um estabelecimento, que devia ser grandemente animado e protegido, como meio efficaz que é de civilisação, prestando consideravel auxilio aos progressos das sciencias, artes e industria. Para se conhecer a pouca consideração que os governos têm mostrado para com este magnifico estabelecimento, verdadeiro monumento nacional, basta dizer que o numero dos seus empregados se reduz a um guarda e a um ajudante preparador, que têm de satisfazer, além dos penosos trabalhos de preparação, ao serviço de todas as aulas.

gnas de exame: o dispensatorio pharmaceutico, theatro anatomico, gabinete de anatomia pathologica, gabinete chimico, e gabinete de microscopia. A boa organisação d'estes estabelecimentos é uma prova inequivoca do estado florente da Faculdade de medicina, que dando aos seus estudos o caracter practico tem sabido encarar a sciencia pelo seu lado mais proveitoso.

O dispensatorio pharmaceutico é uma vasta e excellente repartição, onde se manipula a grande quantidade de medicamentos que diariamente são necessarios nos hospitaes a cargo da Faculdade de medicina. É uma boa eschola practica para pharmaceuticos, regida por um cavalheiro competentissimo, o sr. C. J. Xavier Cordeiro.

O theatro anatomico e o gabinete de anatomia pathologica, que nos parece terem sido fundados logo depois da reforma da universidade de 1772, foram reorganisados e muito augmentados pelo dr. Carlos José Pinheiro, fallecido em 1844 (132). No theatro anatomico nota-se uma collecção de cabeças, legadas á universidade, com outros objectos, pelo commendador Gama Machado, conselheiro da legação de Portugal em Paris. Este singular, valioso e sobremodo honroso legado, foi enviado á Universidade em 1860 por intermedio de mr. G. C. Chevalier, testamenteiro do referido commendador.

Ácerca d'estes bellos exemplares de phrenologia expressa-se mr. Chevalier da seguinte forma: «A collecção das cabeças é das mais notaveis; é um verdadeiro museu: o numero d'ellas é consideravel. Não ha outra reunião tão completa da applicação do systema de Gall. Encontram-se em quasi todas as cabeças notas scientificas e curiosas, escriptas da mão do sr. Gama Ma-

(132) Vide na *Rev. Univer. Lisbon.* vol. 3.º pag. 402 um artigo do sr. R. de Gusmão.

chado. Esta collecção é um thesouro, unico, de observações e applicações» (133).

Annexa ao theatro anatomico está uma sala dedicada ao ensino de anatomia descriptiva e de tocologia, rica de exemplares relativos ás duas sciencias, sendo mui dignos de mencionar-se em relação á primeira um excellente manequim, e dois exemplares de anatomia plastica do ouvido e olho; em relação á segunda os exemplares, onde se vêem as evoluções do ovulo desde o seu começo até ao seu completo desenvolvimento.

No gabinete de anatomia pathologica admira-se uma valiosa collecção de exemplares de cêra, obra delicadissima de mr. Vasseur, representando com uma exactidão inexcedivel algumas partes componentes da fabrica humana affectadas de varias enfermidades, entre as quaes sobresahem as de molestias de pelle. Outros exemplares ha mais dignos de serem analysados com toda a attenção e minuciosidade, do que proprios para se descreverem aqui. É tão grande a sua perfeição e são tão apropriadas as suas cores, que a todos causam a maior admiração, parecendo peças naturaes. Neste gabinete ha tambem a notar alguns exemplares de monstruosidades curiosas.

O gabinete chimico é importantissimo pelo grande auxilio que presta aos estudos de medicina, especialmente á jurisprudencia medica na investigação de envenenamentos e diversas falsificações. É devido principalmente ao sr. dr. Macedo Pinto, que lhe deu principio no anno lectivo de 1858 a 1859, e tem sido infatigavel na sua boa organisação. Nestes ultimos tempos tem tambem sido muito augmentado pelo sr. dr. F. A. Alves. Pelos esforços d'estes distinctos professores achase de tal forma engrandecido este gabinete, que ninguem o visita sem grande interesse e curiosidade. Nos seus

(133) Vide *Instituto* vol. 10.º, pag. 224.

armarios e estantes está convenientemente collocada uma numerosa collecção de reagentes preparados em laboratorios acreditados. São dignos de meudo exame os apparelhos e instrumentos de bons auctores em que já abunda o gabinete. (134).

Estabelecimento não menos curioso e importante é o gabinete de microscopia devido á dedicação e cuidados do sr. dr. Costa Simões, e consideravelmente engrandecido pelos esforços d'este eximio professor. Entre os objectos que neste gabinete mais attrahem a attenção avulta um — grande microscopio binocular completo, de primeira classe — instrumento aperfeiçoadissimo, feito por constructores inglezes de grande reputação. Foi escolhido pelo sabio presidente da sociedade microscopica de Londres, e custou alli a importante quantia de 94 libras (135).

Laboratorio Chimico

Entre as obras de vulto, com que depois da reforma da Universidade em 1772 foi enriquecido este estabelecimento scientifico, tem distincto logar o Laboratorio Chimico. Este edificio, situado defronte do Museu, apresenta o mesmo cunho de grandiosidade dos que nessa epocha se delinearam: a sua fachada porem acha-se incompleta (136).

A parte scientifica do Laboratorio foi organisada pelo dr. Thomé Rodrigues Sobral, habilissimo professor de chimica, a quem os homens da sciencia não duvidam cognominar — Chaptal portuguez.

Aqui fabricou o dr. Sobral, no tempo da guerra

(134) Vide *Instituto* vol. 10.°, pag. 126.
(135) Vide *Instituto* vol. 10.°, pag. 81.
(136) Parece-nos que a Faculdade de philosophia, a quem pertence este estabelecimento, já propoz ao governo a sua conclusão. É de crer que em breve se realise.

peninsular, grande quantidade de polvora, do que lhe resultou incendiarem-lhe os francezes a casa em que habitava, á conta de vingança dos males que lhe causou com tal fabrico (137).

Offerece este estabelecimento a quem o visita grande diversão pela variedade de productos, machinas e utensilios indispensaveis nas experiencias e processos em que se exercitam os alumnos, que se dedicam ao estudo das sciencias para que foi creado.

Organisou-se ha pouco no edificio um pequeno gabinete de analyse, que se acha provido de bons reagentes, possuindo já muitos dos instrumentos modernamente usados na analyse chimica.

Cerco dos Jesuitas

Na encosta contigua ao Museu, e fronteira a Monte-Arroio, fica este retiro, outr'ora pertencente aos Jesuitas. Consta de uma area consideravel povoada em grande parte por annoso e copado arvoredo, que o torna bastante aprazivel. É cortado por algumas ruas em que a espessa folhagem das arvores forma frescas sombras, fazendo d'este sitio um passeio summamente agradavel, que convida a passarem-se alli algumas horas de recreação.

Alem de suas bellezas naturaes faz ainda recommendavel o Cerco dos Jesuitas uma grata recordação. Á sombra de suas frondosas arvores muitas vezes espaireceu um grande homem, que para a patria ganhou honra, e para seu nome immortalidade e veneração universal. Fallamos do padre Antonio Vieira, que tinha neste bosque um passeio predilecto. Quantas vezes não viria o sabio jesuita colher neste retiro de silencio

(137) Vide um artigo do sr. R de Gusmão no vol. 6.º do *Instituto* pag. 86.

e de paz essas flores mimosas de eloquencia e conceitos sublimes com que tão prodigamente costumava ornar os seus discursos primorosos e admiraveis?

Do Cerco dos Jesuitas estiveram de posse desde 1848 as Faculdades de medicina e de philosophia, que o destinavam a diversos fins, mas tendo por vezes representado ao governo a juncta geral do districto, e ultimamente a camara municipal, que aos serviços d'aquellas Faculdades não faria falta consideravel a cedencia do Cerco para se lhe dar um destino de maior utilidade publica, qual o de estabelecer-se por meio d'elle uma communicação commoda entre o bairro baixo e o alto da cidade—apresentou em cortes o ministro do reino em 26 de abril de 1864 e foi approvado um projecto de lei, pelo qual foi concedida ao municipio a posse d'aquelle terreno para o fim indicado. Até hoje porem nada se fez no Cerco, para que se torne accessivel o prompto transito entre os dois bairros da cidade.

Lyceu

Pouco havia que D. João III tinha instituido nos collegios de S. Miguel e de Todos os Sanctos, na rua de Sancta Sophia, as aulas de disciplinas preparatorias para a Universidade, com o titulo de *Collegio das artes*, quando encarregou aos padres jesuitas a regencia das suas respectivas cadeiras. Passados tempos, attentando os referidos padres nos descommodos que lhes provinham de terem dois collegios tão afastados, um no bairro alto, o das *Onze mil Virgens* para os collegiaes da sua ordem, outro no bairro baixo para as aulas publicas, conseguiram obviar a taes inconvenientes, transferindo as aulas para um edificio que para esse fim se construiu juncto d'aquelle, a expensas do cardeal rei, e mais particularmente da propria fazenda da Universidade. Neste edificio, que até hoje se tem de-

nominado *Collegio das artes,* exerceram os jesuitas o magisterio, conseguindo, com o seu poderoso valimento, estarem sempre isentos de submissão á Universidade, a que primitivamente era sujeito o collegio. Extincta, porem, a Companhia foram encorporadas na Universidade as aulas, que com algumas alterações formam hoje o *Lyceu,* regido por abalisados e respeitaveis professores, alguns dos quaes tem publicado obras as mais auctorisadas sobre importantes ramos da instrucção secundaria. Além das disciplinas do curso legal dos lyceus ensinam-se alli as linguas hebraica e allemã e a musica.

No *Collegio das artes* está tambem installado parte do hospital, de que fallamos no seguinte artigo.

Pelos grandes inconvenientes que resultam de estarem num mesmo edificio o hospital e o lyceu, ha projecto de se transferir este para outra casa mais adequada.

Hospital

Além do Lyceu occupa tambem o *Collegio das artes,* como dissemos no artigo antecedente, o hospital, que está a cargo da Universidade, servindo de eschola práctica aos estudantes de medicina. As enfermarias estendem-se ainda para o contiguo collegio de S. Jeronymo, edificio excellente, fundado em 1550 por fr. Braz de Barros. A grandeza do edificio, a amplidão de algumas enfermarias, a sua excellente posição num dos pontos mais elevados da cidade, e estar sob a inspecção da Faculdade de medicina, que se tem esmerado nos melhoramentos hygienicos do hospital — são circumstancias mui vantajosas e condições assás apreciaveis, que concorrem para que este estabelecimento seja um dos principaes e melhores do reino.

Considerado como eschola de medicina, difficilmente se encontrará um que lhe possa levar vantagem. «Um hospital que aloja tresentos a quatrocentos enfermos

diarios, havidos da vasta região que corre das serranias da Beira ás praias da foz do Mondego, e do Vouga, ministra numero de exemplares mais que sufficientes para o ensino da arte de curar. As variedades do solo, clima, exposição, temperamentos, habitos, e modos de vida dos povos comprehendidos nos limites indicados, raro se encontram em áreas de terreno muito mais largas e povoadas. Assim que, podemos asseverar afoutamente que nos vastos e monstruosos hospitaes de S. José de Lisboa, de Deos de Pariz, e Leão, e alguns outros que ainda conservam Inglaterra e Allemanha, não será frequente a variedade de molestias, que diariamente possue o hospital da Universidade, para se escolherem de entre ellas os mais importantes objectos de ensino da medicina e cirurgia». (138).

Pelo que fica dicto se conhecerá qual a importancia d'este estabelecimento, que merece ser visitado, especialmente pelas pessoas que se dedicam á profissão medica.

Collegio de S. Bento

O collegio de S. Bento foi creado em 1555 por D. Diogo de Murça no proprio edificio da Universidade de que era reitor, mas posteriormente fundou-se casa propria que hoje vemos juncto do aqueducto de S. Sebastião.

A ordem religiosa a quem pertenceu este collegio foi uma das mais illustradas, e que mais serviços prestou ás sciencias e letras patrias.

Sahiram sempre d'este viveiro varões insignes em virtude e sciencia, e nestes ultimos tempos floresceram alli muitos, entre os quaes devemos commemorar D. fr. Joaquim de Sancta Clara, lente de prima de theologia e arcebispo de Evora; D. fr. Vicente da Soledade,

(138) *Instit.* vol. 2.ª pag. 227.

lente tambem de theologia e arcebispo da Bahia; e D. fr. Antonio de Sancta Rita, arcebispo de Goa e primaz do Oriente.

O edificio é um dos mais bellos e espaçosos de Coimbra, e a sua egreja é magnifica, de boa architectura e possue bellos retabulos dourados. Foi sagrada no dia 19 de março de 1634 por fr. Leão de S. Thomaz, insigne escriptor, cujas obras são estimadas, principalmente a chronica que escreveu com o titulo de *Benedictina Lusitana.* No cruzeiro do templo em frente da capella mór estão sepultados os restos d'este filho illustre de Coimbra, e a lapide que os cobre tem gravada esta inscripção:

M. F. LEO AD. THOMA
RELIGIONIS. BIS GE
NERALIS, ACADEMIÆ
PRIMARIVS, ET SÆPIVS
VICE RECTOR. OBIIT
DIE. 6. IVNII 1651

O edificio de S. Bento soffreu grandes estragos quando serviu de quartel militar em 1849. Chegou o vandalismo a arrancarem as guarnições de metal dos gavetões da sacristia e das grades de páo preto que para tal fim foram quebradas.

A melhor resguardo porem tem estado o collegio depois que pelo governo foi concedido á Faculdade de philosophia para diversos fins, sendo o principal estabelecer nelle algumas repartições annexas ao Jardim Botanico. Se porem o edificio não foi ainda convenientemente aproveitado para taes repartições é isso devido á falta de meios da Faculdade, vendo-se obrigada a arrendal-o para os indispensaveis reparos e conservação. Occupa-o actualmente o sr. dr. Manuel Xavier Pinto Homem com o seu excellente collegio de in-

strucção secundaria, que é considerado como o melhor do paiz. O bom systema e regularidade com que é regido este estabelecimento, e que lhe tem grangeado tal reputação, bem se patenteia nos satisfactorios resultados que colhem os alumnos que o frequentam. É tambem prova da boa educação e instrucção, que nesta casa recebem os collegiaes, sahirem de ordinario mancebos exemplares, e bem preparados para os estudos da Universidade, onde muitos se têm tornado distinctos.

Além do que deixamos dicto, concorre ainda para fazer este estabelecimento recommendavel a sua excellente posição em local eminente, senhoreando o Jardim Botanico, grande numero de edificios nobres, o rio e uma infinidade de logares pittorescos. Por esta tão aprazivel situação offerece todas as condições de boa hygiene, disfructando os alumnos as mais bellas vistas, o que muito deve concorrer para util desafogo e distracção de espirito tão proficua á vida litteraria. Por qualquer lado pois que encaremos o collegio de S. Bento, notamos que possue tudo quanto se pode desejar em estabelecimentos de tal ordem.

O Aqueducto de S. Sebastião

Quero ver desenhadas sobre a terra
Ás compridas arcadas melancolicas
Do aqueducto soberbo,
Memoria triste do real mancebo,
Que na arêa infiél abriu co'a espada
Campa de eternas lagrimas.

J. F. de S.

Foi no reinado de D. Sebastião que se emprehendeu a fabrica d'este grande aqueducto para abastecer de agua o bairro alto da cidade, onde a sua falta era muito sentida.

El-rei incumbiu esta empreza ao desembargador Heitor Borges, que começou os trabalhos procurando as nascentes perto de outras de que os conegos de Sancta Cruz estavam senhores na sua quinta. Receosos os conegos de que fossem desviadas as suas aguas para as cavas que se andavam abrindo, oppozeram-se energicamente a que se continuasse a obra, mas o desembargador, apesar dos diversos meios e grande resistencia que os frades empregavam, não levantou mão dos trabalhos proseguindo nas excavações. Vendo então os conegos que eram baldados todos os seus esforços, deliberaram usar de meios violentos; e sahindo em uma noite de luar por uma das portas da quinta com grande quantidade de gente, foram entulhar as cavas. Heitor Borges deu então parte d'este successo para Lisboa, do que resultou que Martim Gonçalves da Camara, grande valido de el-rei D. Sebastião, e que tinha tomado este negocio a peito, encarregou da realisação da obra a outro desembargador, por nome Gaula, a quem muniu de alçada e amplos poderes para que levasse ávante uma empreza tão urgente para o bem commum. Chegado Gaula a Coimbra desempenhou-se da sua missão por modo energico, despedaçando a porta da quinta, arrazando o muro fronteiro ás fontes, e mandando fechar estas em torres de pedra e cal. Começou depois a fabrica dos canos que deviam conduzir a agua á cidade.

De nada valeram aos frades as queixas que fizeram a el-rei e ao pontifice. Levou-se por diante a grandiosa obra em beneficio do publico (139).

O aqueducto, cuja extensão é pouco mais ou menos de um kilometro, corre em grande parte sobre vinte e um arcos de grande altura que se erguem juncto do Jardim Botanico.

(139) Toda esta historia vem mui circumstanciadamente narrada na *Chron. dos Con. Regr.* part. 2.ª liv. 10.º, cap. 19.º

Foi constructor d'esta fabrica grandiosa Filippe Tersio, engenheiro italiano (140).

O ultimo arco é de cantaria lavrada, e torna-se muito notavel pela sua forma pouco vulgar.

Este arco é coroado por um baldaquino sobre columnas, sob o qual estão as imagens de S. Roque e S. Sebastião, voltadas em direcções oppostas. Aos lados do arco da parte do sul estão duas lapides com estas inscripções:

ANNO . SALVTIS H-
VMANÆ . 1570 INVI-
CTISSIMVS . LVSITA-
NIÆ . REX . SEBASTIA-
NVS . I . NOBILEM HV-
NC AQVÆDVCTVM
QVI MVLTIS ANTE .
SECVLIS . PARTIM .
VETVSTATE . CORR-
VERAT . PARTIM . EX-
CISO . ET . PERFOR-
ATO . VRBIS MO-
NTE . LONGVA

HOMINVM . OBLI-
VIONE . DELITVE
RAT . A PRIMIS FVN-
DAMENTIS . ITERVM
NOBILIVS . QVE Æ-
DIFICATVM . POPV
LO . CONIMBRICEN
SI . RESTITVIT . ATQVE .
DILAPSAS . AQVAS
IN COMMVNEM . CI
VIVM . TOTIVSQVE
ACADEMIÆ . VS-
VM . REDVXIT (141).

(140) Filippe Tersio — engenheiro italiano. Delineou o forte de cinco baluartes, que defende a barra do Ave em Villa do Conde. Fez o grande aqueducto que traz agoa ao convento de religiosas da mesma villa, e tambem os arcos das agoas da cidade de Coimbra.

Acompanhando a el-rei D. Sebastião á infausta expedição de Africa, como *devisador do campo*, ficou captivo em poder dos barbaros na batalha de 4 de agosto de 1578.

O cardeal rei, que mandava a Africa D. Rodrigo de Menezes para tratar do corpo de el-rei, escreveu-lhe em 6 de setembro de 1578 as seguintes palavras — *Tereis cuidado e lembrança de mandardes saber de Filippe Tercio, que é um engenheiro italiano, que ía no exercito do senhor rei meu sobrinho, que Deos tem, e o fareis resgatar logo, porque é homem util, e que convem para o serviço da sua profissão.* — LISTA DE ALGUNS ARTISTAS, pelo bispo conde D. Francisco.

(141) Pelo dizer das inscripções se deprehende que houvera

Correspondem a estas do outro lado outras duas inscripções que nos parece serem a traducção das latinas, e estão algum tanto deterioradas do tempo.

O Jardim Botanico

Quero encostar-me á longa balaustrada,
Ao lado d'estes alamos frondosos,
No extremo do terrado,
E ver d'aqui as pompas tão variadas
Da natureza indigena conjunctas
Em quadro sumptuoso.

—Imperio lindo da risonha Cloris,
Enfileirado ahi per longas ruas
E verdes taboleiros,
Á sombra de marmoreos obeliscos,
Immensa gradaria, altas columnas,
E porticos soberbos.

J. F. de S.

Fica situado proximo do aqueducto este magnifico estabelecimento scientifico, que, pela sua vastidão, construcção opulenta, pela variada collecção de plantas formosissimas, tanto indigenas como exoticas, que o povoam, pela sua grandiosa estufa, e finalmente pela sua encantadora posição, é o enlevo de quantos o visitam.

O Jardim Botanico de Coimbra é incontestavelmente o melhor do reino sob todos os respeitos. Deveria por certo concorrer muito para o seu esplendor ter sido organisado sob a inspecção de um grande homem, que pelo seu abalisado merito e profundos conhecimentos da sciencia dos vegetaes, é reconhecido universalmente como o primeiro botanico de Portugal. Já se vê que

já em outros tempos um aqueducto que se arruinou. Não conseguimos achar noticias algumas com referencia a elle.

nos referimos ao dr. Felix de Avellar Brotero, que com bem fundado orgulho podemos collocar entre os Tourneforts, Candolles, Links e Linneus.

Conhecendo os grandes reformadores da Universidade quanto era util ensinar-se nella a botanica e a agricultura, crearam uma cadeira d'estas sciencias, e ordenaram que se fundasse um Jardim Botanico. A principio regeu esta cadeira um dos mais profundos naturalistas da Italia, Domingos Vandelli; mas posteriormente foi escolhido por D. Maria I para o substituir o nosso Brotero, que se achava na França, acatado pelos sabios estrangeiros, e gosando grande reputação. Nomeado Brotero lente da cadeira de botanica e agricultura, foi tambem encarregado de inspeccionar as obras do começado Jardim. Incansavel nos seus estudos, o illustre professor aproveitava o tempo que lhe restava do serviço universitario, fazendo digressões scientificas a investigar plantas ainda desconhecidas ou mal observadas, para enriquecer com ellas o Jardim a seu cargo.

Foi tal a disposição com que Brotero ordenou esta vasta republica de vegetaes, que o celebre botanico allemão Link achou o Jardim digno dos seus elogios, dizendo que nenhum amador da historia natural o visitará sem fructo e sem prazer.

O Jardim Botanico, principiado tão auspiciosamente, tem recebido grandes melhoramentos. Ultimamente acabou-se a construcção de uma grandiosa estufa, de ha muito exigida para a perfeição do ensino e progresso da sciencia.

Esta estufa não tem no paiz outra que se lhe avantaje. A sua armação de ferro foi fundida parte nas fabricas do Instituto Industrial de Lisboa, parte na fundição de Massarellos no Porto. A perfeição artistica que se nota nas peças fundidas acredita bastante as officinas em que foram executadas.

Muitos outros melhoramentos estão projectados para

engrandecimento do Jardim Botanico, como são gabinetes de estudo e observações, aulas de botanica e agricultura, casas de arrecadação de sementes e productos, de collecções de herbarios, de habitação do director e mais empregados, etc. Todas estas obras se devem um dia realisar no grandioso collegio de S. Bento, que para estes fins principalmente foi pelo governo concedido á Faculdade de philosophia.

A collecção de plantas que povoa o Jardim é muito superior a mil especies, e acha-se dividida em diversas escholas: a mais antiga, que é a de Linneu, está collocada no plano inferior, contiguo á cerca de S. Bento; a mais moderna, que é a distribuição por familias naturaes, está situada nos terraplenos superiores do lado do nascente juncto da rua principal.

Ha ainda outra eschola de plantas medicinaes, que serve para uso da Faculdade de medicina, e occupa a maior parte dos terraplenos do lado do sul, visinhos do collegio de S. José (142).

Como passeio publico é o Jardim o principal de Coimbra. A magestade e belleza da sua gradaria, grandiosos porticos, ruas, balaustradas, escadarias, fontes e arvoredos, e as vistas encantadoras que d'alli se gosam, tornam o Jardim um logar delicioso que convida a ser muito frequentado.

Annexa ao Jardim está a cerca de S. Bento, administrada pela Faculdade de philosophia, a quem foi concedida para ensaios de plantações florestaes, viveiros

(142) É geralmente sentida a falta de um jardineiro habil, entidade indispensavel para o progresso scientifico de um estabelecimento d'esta ordem, principalmente depois da construcção da magestosa estufa. É de esperar que esta falta seja brevemente remediada, porque a Faculdade de philosophia já sollicitou do governo auctorisação para mandar vir da Allemanha ou da Hollanda um jardineiro acreditado, e é de justiça que esta auctorisação seja concedida. Pelo meado de 1857

de arvores e arbustos, culturas pratenses, e outras applicações botanicas e agricolas. É porem de notar que a cerca de S. Bento nunca teve dotação especial, vivendo dos seus proprios rendimentos, que mal chegam para o seu custeio ordinario, e para as muitas obras e reparos de que incessantemente carece.

Collegio de S. José e Ursulinas

> Une femme, pour être sage en ses moeurs, ne doit pas ignorer ce que c'est que la sagesse; et pour qu'elle imite la pureté des anges, si faut-il que ses pensées ne restent pas enfoncées dans la matière.
>
> FR. DE GRENAILLE. *L'Honeste Fille.*

O collegio de S. José, que pertencera á ordem dos Carmelitas Descalços, foi primitivamente instituido nas casas do conde de Portalegre á porta de Belcouce, no principio da rua das Fangas, no dia 18 de Julho de 1603, mas passados tempos deu-se começo a casa propria, sendo lançada no alicerce a primeira pedra do edificio pelo bispo D. Affonso de Castello Branco a 11 de outubro de 1606.

O chronista da ordem diz que o outeiro, em que se edificou o collegio, era chamado — commummente Genicoca, e dos estudantes monte Aureo, por estar muito coberto de bem-me-queres amarellos, que representavam uma lamina de oiro (143).

No edificio dos Carmelitas Descalços está hoje excellentemente estabelecido o collegio das Ursulinas, instituição digna dos mais subidos elogios pela apri-

(143) *Chron. dos Carm. Desc.* por Fr. Belchior de Sancta Anna, liv. 2.º, cap. 33.

morada educação que alli se ministra a meninas, pela qual não só se tornam doces e amaveis no tracto domestico, mas tambem distinctos ornamentos na sociedade.

Esta tão proveitosa instituição teve seu principio (144) na villa de Pereira, e alli permaneceu até 1848; mas neste anno o máo estado sanitario da villa exigiu que se procurasse para o collegio posição mais saudavel. Convidadas as Ursulinas pela madre prioreza do mosteiro de Sancta Anna para alli se recolherem e se estabelecerem, nisso accordaram; e a mudança verificou-se com aprazimento e satisfação de ambas as communidades e mediante certas condições.

Durou pouco tempo esta collocação. A casa conheceu-se por experiencia ser acanhada e pouco vasta para accommodar duas communidades de institutos diversos, usos e practicas differentes, e mais que tudo para se realizar a separação das educandas, tão necessaria e tão recommendada no instituto ursulino. Foram estas e outras razões que demoveram a madre superiora e religiosas ursulinas a requerer á senhora D. Maria II, de saudosa memoria, houvesse por bem conceder-lhes uma casa que offerecesse as commodidades necessarias. O requerimento foi deferido como era de esperar, concedendo-se ás supplicantes o collegio de S. José, por decreto de 21 de junho de 1851.

São immensas as vantagens que tem colhido o collegio Ursulino depois que se estabeleceu nesta cidade. Collocado tão vantajosamente este estabelecimento ao lado da mais respeitavel corporação scientifica do paiz, debaixo das vistas immediatas do exm.º prelado da diocese e sob a direcção zelosa e muito intelligente do

(144) A historia do *Collegio Ursulino* pode ver-se bella e circumstanciadamente narrada num livrinho intitulado *Memoria sobre a Fundação e Progressos do Real Collegio das Ursulinas de Pereira.*

sr. Joaquim Alves Pereira, conego arcediago na Cathedral, e dignissimo professor no Seminario episcopal, tem feito grandissimos progressos tanto no que respeita ao augmento das disciplinas e prendas em que se instruem as educandas, como no aperfeiçoamento dos methodos de ensino e regulamentos internos da casa. Tão crescido credito tem adquirido, que de todas as provincias do reino, e ainda das nossas possessões ultramarinas alli affluem as alumnas, e tão numerosamente que tem sido impossivel receber todas, apesar da vastidão do edificio.

Os serviços que este estabelecimento está prestando ao paiz são incontestaveis. Todos concordam em que o progresso e aperfeiçoamento moral e religioso da sociedade depende principalmente da educação das pessoas do sexo feminino, que quando mães de familia transmittem a seus filhos os bons principios com que foram educadas.

O edificio em que se acha estabelecido o collegio offerece todas as vantagens e commodidades que se podem desejar numa casa de educação.

A sua egreja, que depois da suppressão das ordens religiosas soffreu grandes estragos, foi reparada convenientemente, empregando-se nella alguns ornatos da egreja do convento de Thomar, que generosamente foram concedidos pelo seu dono, o sr. Fructuoso José da Silva. Muitos quadros ornam as suas paredes, distinguindo-se entre elles por seu merecimento artistico um que representa Sancta Catharina, protectora dos estudos.

A situação do edificio não pode ser mais apropriada, e d'alli se gosam as mais bellas vistas, principalmente da varanda que fica no topo do corredor principal. Estende-se em frente d'ella « um taboleiro de terra plana, cercado de muro alto, e dividido por muitos alegretes, em ruas de murta, que offerecem ás meninas

o passeio mais aprazivel, e a distracção mais agradavel, sem serem devassadas de parte alguma; e podendo ser observadas das janellas do collegio, que quasi todas alli cáem. Todas têm neste recinto o seu jardinsinho de flores, em que empregam cuidados, de que um dia se hão de lembrar com saudade, quando outros, que têm tanto de tristes e enganosos, como aquelles de alegres e innocentes, lhes vierem roubar o somno e o socego; e perturbar essas felicidades do mundo, com que, por ventura, tantas vezes têm sonhado.

«Sobranceira ao Mondego, como todo o edificio o é, e senhoreando suas bellas margens, desde a quinta de S. Jorge, onde elle parece nascer, até quasi á ponte da Cidreira no campo do Bolão, d'ella, e da cerca, que lhe fica ao sopé, recostada, ladeira acima, deleita-se a vista na frescura dos laranjaes e quintas, que correm de uma e outra beira do rio; algumas com edificios nobres, e todas ricas de hortas, pomares, vinhas e bosques, que na maior parte do anno mantem uma verdura perpetua.

«Mil casaes e logarejos, se descobrem alvejando, semeados aqui e alli, por entre os bosques e extensos olivedos, até á altura dos montes, que rodeam a cidade.

«A Boa-Vista, a poetica Lapa dos Esteios, a quinta das Cannas, a da Varzea, e a das Lagrimas, com seus melancolicos cedros, não sei se guardando a *Fonte dos Amores*, se chorando o triste caso, que ella recorda; o velho mosteiro de Sancta Clara, quasi soterrado, e o novo, assentado sobre o monte da Esperança; e á raiz d'este, o convento de S. Francisco; as estradas, que se cruzam com tão variadas direcções; o rio, ora correndo de monte a monte, ora espreguiçando-se descuidado pela area; e a ponte, com o seu continuado perpassar de gente sem conto, que d'alli se avistam, recreiam, enlevam o espirito e o coração; e dão mar-

gem a mui saudaveis considerações, com que a boa mestra pode e deve ensinar suas discipulas a estudarem, pela natureza, as excellencias d'Aquelle Senhor, que para nós creou tantas bellezas! » (145).

O Seminario Episcopal

É o Seminario Episcopal um monumento magnifico da piedade e zelo religioso do veneravel bispo de Coimbra D. Miguel da Annunciação. Compenetrado este prelado virtuoso da grande utilidade dos estabelecimentos d'esta ordem para a boa educação religiosa e illustração do clero, deliberou fundar o Seminario em que dispendeu grossas sommas; e convidou os fieis por meio de uma provisão, que publicou em 23 de maio de 1741, a concorrerem tambem com seu obulo para se effeituar uma obra tão meritoria.

Teve tambem grande parte nesta piedosa empreza D. Nicolau Gilberti, sacerdote napolitano (146). Por esforços seus vieram para Coimbra para trabalharem na construcção do grandioso edificio os afamados architectos João Francisco Jamozi, e João Jacomo Azzolini.

No dia 22 de junho de 1748 se deu principio á magnifica fabrica do Seminario, e em 28 de outubro de

(145) *Descripção da visita, que o excellentissimo e reverendissimo senhor arcebispo, bispo conde, D. Manuel Bento Rodrigues, fez ao R. Collegio Ursulino das Chagas, em S. José de Coimbra.* Obra curiosissima e digna de recommendação.

(146) Gilberti era natural da provincia de Salerno no reino de Napoles. De Roma veiu a Hespanha como director e companheiro do nuncio apostolico; d'alli se passou a França, e finalmente a Portugal. O seu intento era promover a instrucção do clero portuguez. Dirigiu-se a Coimbra, e aqui tractou com o seu bispo sobre a fundação de um Seminario, de que foi primeiro reitor. Daqui se passou depois, por ordem de el-rei D. José I, a ser reitor do collegio dos Nobres em Lisboa.

1765 se terminaram as obras. Não teve porem o gosto de ver coroar o edificio um dos seus mais illustres architectos, Jamozi. Na occasião em que se collocava no campanario um dos sinos, aconteceu-lhe a desgraça de cair da torre abaixo, do que lhe resultou a morte (147).

Avulta o Seminario muito proximo do convento de S. José, no fundo de um grande pateo bordado de assentos e assombrado por arvores corpolentas.

Por ser em declive o terreno sobre que assenta, não apresenta o edificio a mesma altura nas suas quatro faces: tem na fachada principal dois andares, tres nas lateraes e quatro na posterior. Fazem realçar muito a belleza do frontispicio duas torres, que nelle se levantam de cada lado no meio de sete janellas. Na parte central abre-se um portico magnifico adornado de grandes columnas, que tem uma grade de ferro e bronze fabricada com muito bom gosto. Esta lindissima grade veiu de Bolonha e custou 1:416$500 réis.

Internamente é o Seminario de grande amplidão. Os seus dormitorios são vastissimos, e numerosas e excellentes as officinas. São peças curiosas e dignas de attenção as duas escadas de caracol que communicam uns com outros os tres andares. Estão construidas por tal arte, que, não tendo columna central a que se appoiem os degráus, do ultimo se pode ver quem sobe o primeiro.

A egreja, que tem a forma polygonar, é de elegante architectura e singular belleza. Entra-se para ella por um portico grandioso, formado por columnas de bellos marmores com relevos. Logo á entrada se admira a sua cupula, adornada com lindas pinturas a fresco que representam a coroação da Sanctissima Virgem, as Tres Pessoas da Sanctissima Trindade, muitos sanctos

(147) Por esta causa mandou o bispo dar á viuva de Jamozi 40$000 rèis, em quanto fosse viva.

do Testamento velho, S. Miguel Archanjo e outros muitos anjos. É obra de Paschoal Parente, assim como muitas outras no mesmo Seminario (148).

Nos dois altares lateraes, fabricados primorosamente de finos e vistosos marmores, avultam duas bellas e devotas imagens, uma de Nossa Senhora, outra de S. José, que se fazem notar pela sua primorosa execução. Tem a assignatura de Januario Vassalo, esculptor napolitano.

Por baixo das banquetas d'estes altares estão depositados os corpos dos sanctos Liberato e Fortunato, ricamente revestidos, que foram de Roma enviados pelo summo pontifice ao bispo D. Miguel da Annunciação para os collocar na egreja do Seminario. Veiu tambem junctamente para o collegio de Sancta Rita o corpo de S. Fructuoso, que alli permaneceu em capella particular até que depois se trasladou em solemne procissão, no dia 16 de maio de 1844, para a egreja do Seminario, onde se conserva em altar proprio (149). Está o sancto «em acção de descançar, com a cabeça reclinada sobre um braço, e o outro estendido ao longo do corpo sobre a espada. Porque deve saber-se que o sancto foi soldado e valente capitão; e por isso está vestido ao modo dos romanos guerreiros d'aquelles tempos, de rico sendáu de brocado de seda, com suas custosas rendas e bordaduras d'oiro, e joias, com os seus gantes calçados, a sua coiraça luzente, o seu elmo desatado e deposto no chão, e os seus ricos coturnos abertos, como era usança d'aquellas eras.

«Ha memoria de que aquelle corpo viera de Roma

(148) Esta pintura foi ajustada com o reitor por 600$000 reis a 3 de julho de 1757. Existe a escriptura do contracto no cartorio da casa.

(149) No vol. 3.º da *Rev. Univ. Lisbon.* pag. 482, vem descripta a procissão em dois artigos, um do sr. R. de Gusmão, outro do sr. J. F. de S.

assim preparado, unidos e ligados os ossos debaixo das ricas vestes, e com a sua bella cabeça de mancebo no verdor dos annos, ainda imberbe, e sem gorra, nem capacete, mas toda coberta de elegantes cabellos negros, que lhe cáem em anneis por um lado e outro das faces mui mimosas; mimosas, e macias, porque são de cera, trabalhadas muito ao natural, e coloridas delicadamente; que parece o sancto um lindo pagem d'aquelles, que os rimances e trovas nos descantam como adorno e mimo das *côrtes de amor* ou dos enfeitiçados palacios dos bons tempos da edade media» (150).

O altar e retabulo da capella-mór surprehendem pela riqueza e primor de seus marmores, que vieram já polidos e promptos de Genova, e custaram 2:400$000 réis, além de 300$000 reis de conducção. O quadro que de Roma foi mandado ao fundador, representa a achada do Menino entre os doutores, e é de bella execução. « A Virgem chega ao Templo afflicta e com o rosto agoniado, como quem olha para todos os lados buscando o seu filho, que perdera. Um velho venerando, coberto de cans, e com as barbas crescidas, lhe está apontando para elle, que sentado no meio de uma coroa de respeitaveis anciãos, lhes está dizendo taes cousas, que enchem a assemblêa de assombro, e fazem pender todos de seus labios » (151).

Adornam a capella-mór alguns lindos relicarios, num dos quaes se vê a cabeça de S. Prospero.

O orgão que fica superior á porta do templo é tambem digno de attenção. Foi feito pelo hespanhol João Fontanes de Maqueixa em 1763, e custou 2:400$000 réis.

Além das bellezas que temos apontado, prima tam-

(150) Sr. J. F. de S., *Rev. Univ. Lisbon.* vol. 3.º pag. 482.
(151) Sr. Moniz Barreto Corte-Real, *Bellezas de Coimbra.* D'esta obra interessantissima compendiámos as principaes noticias d'este artigo.

bem a egreja em ricos paramentos, que lhe deu o fundador. As solemnidades religiosas celebram-se alli com grande apparato e conforme o que ordena o ceremonial romano, pelo que os alumnos do Seminario têm opportunidade de se exercitarem na liturgia, no canto e na musica.

Não devem escapar ao exame do visitante duas capellas que estão no interior do edificio, a uma das quaes se deu a invocação de S. Miguel, e á outra a da Annunciação de Nossa Senhora, talvez para commemorar o nome do fundador do Seminario — Miguel da Annunciação. São adornadas com muito bom gosto e riquissimas em lavores e douraduras. Na sacristia de uma d'estas capellas se guarda um busto do Salvador, executado com tal perfeição, que se considera uma obra prima de esculptura.

O bom systema de ensino, exercido por abalisados professores da Universidade e Lyceu, a boa ordem, educação, e as excellentes commodidades que ha no Seminario, tornam esta casa muito recommendavel, e fazem-na olhar como o principal estabelecimento de instrucção ecclesiastica de Portugal.

O Penedo da Saudade

Entre a folhagem densa acastellado,
Horisonte, que basta aos olhos meus,
Alli vou encontrar, d'alli sósinho,
Contemplo o valle, e o rio, e o bosque, e os céos.
LAMARTINE.

De todas as paragens encantadoras, que circumdam a formosa Coimbra, é por certo uma das mais apreciaveis o celebrado *Penedo da Saudade*, local attrahente donde se gosa uma perspectiva variada, risonha e formosissima. Dilata-se d'alli a vista por um paiz exten-

tensissimo, offerecendo o mais bello quadro, que apresenta sempre encantos, e que agrada sempre, por mais que se contemple.

Para a direita vê-se o curso magestoso e socegado do Mondego por entre insuas mimosas e quintas amenissimas. Mais ao pé um extenso valle povoado de olivedos, entremeados por viçosas laranjeiras, e marchetados de casas alvejantes, e de hortas e campos perfeitamente cultivados. Em frente e para a esquerda vai o terreno, sempre rico de vegetação variada, elevando-se pouco a pouco até que, a consideravel distancia, os cumes dos montes e serras, coroados de pinheiros põem limite a este dilatado e encantador panorama. Passa-se o tempo insensivelmente na agradavel contemplação de tão magestosa e risonha paizagem.

Os estudantes têm no *Penedo da Saudade* o seu passeio predilecto. Não encontram outro logar mais apropriado para distrahirem o espirito afadigado pelas lides do estudo. O rumor e bulicio da cidade não vem alli aturdir os ouvidos; gosa-se alli de um doce silencio, que só pode ser quebrado pelo rumorejar da aragem nas folhas do arvoredo, ou pelas vozes alegres dos lavradores que nos vizinhos campos exercem sua pacifica e ditosa profissão.

Todos os encantos d'esta estancia formosissima, e o socego e paz que alli se gosa, parecem impellir a alma a volver-se ao passado, recordar-se das horas felizes que nelle encontra, e contemplal-as com esse sentimento que chamamos *saudade* (152), espinho acerbo de deli-

(152) Os estrangeiros não sabem exprimir este sentimento por termo adequado — « *Saudades*, en portugues significa un afecto interior, una ancia de ver la cosa amada, un pesar de no tenerla presente, y al fin en sola esta palabra se comprehende una fuèrça de amor, y otros concetos, que en otra ninguna lengua se pueden declarar. Es palabra solemente portuguesa, y no la tiene otra alguna nacion, do lo qual me parece que es la causa, (perdonese usar deste argumento para confirmar my opinion) por

cioso pungir, como disse Garrett, e que Sanctos Valente com tanta propriedade definiu nestes versos:

Saudade! grato aroma que perfumas
O seio do que soffre! Almo repouso
Em que adormece a magoa que nos punge,
Como a onda socega ao sopro ameno!

Diz-se ter sido condecorado este sitio com tão mavioso nome pelo infeliz amante de D. Ignez de Castro,

que como las otras naciones no aman tan perfetamente como la nuestra, no les es necessario tener palabra con que muestren afectos amorosos en absencia; y assi no les diô la naturaleza cosa que avia de ser enbalde: pero como los portugueses sean tan leales amigos, que estando absentes, traen siempre la cosa amada en el pecho, con una sed, y ardiente deseo de verla verdaderamente, y tratarla: la naturaleza, que en nada es improvida, les dio esta palabra, *saudades*, para declarar su sentimiento, como tambien la diera a otras naciones, si la vuieran menester. Grande excelencia por cierto, que testifique la misma naturaleza, que solos los portugueses entre todas las gentes del mundo son leales amigos, aman verdaderamente, sienten una absencia, y se acuerdan del absente, como del presente» — *Flores de Espana Excellencias de Portugal*, por Antonio de Sousa Macedo, cap. XIII, pag. 153 v.

« Cet endroit chéri de tous les habitants de Coïmbre se nomme en portugais *Penedo da Saudade:* c'est comme si l'on disait Rocher-du-Regret; mais la version française ne peut rendre toute la portée du mot *Saudade*, qui n'a pas son pareil dans la plupart des langues. *Saudade* exprime le sentiment de peine produit par l'absence d'une personne aimée sans être toujours accompagné du désir de la voir revenir. C'est un sentiment doux et résigné, une délicieuse rêverie, dans laquelle nous nous représentons la personne absente et nous songeons au plaisir que sa présence nous faisait jadis. Le *regret* français ne rend pas la signification de *Saudade*, que les Anglais ont adopté. Le *Sehnsucht* allemand, considéré aussi comme intraduisible, a le même sens à la fois suave et douloureux, et il appartient aussi au genre féminin, comme la mot portugais.» — *Les Contemporains portugais, espagnols e brasiliens*, por A. A. Teixeira de Vasconcellos, tom. 1.º, pag. 72.»

D. Pedro I, que segundo a tradição, costumava ir alli muitas vezes curtir as magoas da sua desdita.

Nas vizinhanças do *Penedo da Saudade* ficam a fonte do *Cidral*, celebrada pela boa qualidade das suas agoas; e a do *Castanheiro* onde na madrugada do dia de S. João concorrem muitos ranchos de raparigas afim de encher os seus cantaros da agoa da fonte, que segundo a crença vulgar tem em tal occasião a propriedade de estar benta.

Convento de Sancta Theresa

A poucos passos do Penedo da Saudade encontra-se o convento de Sancta Theresa, de todas as casas religiosas de Coimbra a de mais recente fundação, mas onde nem por isso as suas habitadoras são menos rigorosas, segundo é fama, na observancia do seu rigido instituto.

Determinada pelos prelados da provincia dos Carmelitas Descalços a fundação de um convento de religiosas nesta cidade, muitas vezes intentada, e sempre por particulares motivos suspendida, se procuraram as licenças necessarias da Camara (153), do definitorio geral da ordem, e de el-rei D. João V, que por provisão de 20 de janeiro de 1739 (154), concedeu permissão ao provincial dos Carmelitas Descalços para fundar um convento de religiosas d'esta ordem, que guardassem a regra primitiva de Sancta Theresa, dada por Sancto Alberto, vista a petição do dicto provincial,

(153) A approvação da Camara teve logar em sessão de 6 de julho de 1737 em virtude de requerimento do dr. Manuel Francisco, lente de medicina na Universidade. Vide *Livro das vereações* de 1737, fl. 130 v.

(154) Esta provisão vimos registrada a fl. 72 do liv. 5.º da *Correia* no archivo municipal d'esta cidade.

em que allegava — que no reino não havia mais de seis conventos de Carmelitas Descalças, e nenhum de religiosas capuchas reformadas em Coimbra — e que o dr. Manuel Francisco, lente de prima jubilado em medicina, com outros devotos offerecia o comprar « o sitio para a fundação, continuar a obra do convento e consignar de suas rendas uma boa porção para as religiosas, que forem até o numero de vinte, com ella, e com os rendimentos dos seus dotes e trabalho de suas mãos, se poderem alimentar e sustentar independentes de mendigar... »

E esta licença concedeu el-rei « tendo a que supposto geralmente não haja neste reino necessidade alguma de fundar mais conventos de religiosas, como as de Sancta Theresa sejam de vida mais exemplar, observando rigorosamente a sua reforma... »

Foram determinadas para hospicio interino das religiosas as casas da quinta de Simão Pereira Homem, na Arregaça, e para que tivessem as commodidades e clausura necessarias dispendeu nellas Manuel Moreira Rebello, conego prebendado da Sé, 590$000 réis.

Pelo provincial fr. Manuel de Jesus Maria José foram nomeadas para fundadoras do novo convento onze religiosas de diversos mosteiros do reino, as quaes entraram em Coimbra na tarde de 14 de fevereiro de 1739, e foram hospedadas no convento de Sancta Anna. No dia seguinte, domingo 15 de fevereiro, dirigiram-se á egreja do collegio de S. José, onde foram recebidas pela communidade, cantando *Te-Deum*, e em seguida passaram para o hospicio da Arregaça. A 6 de abril entraram nesta cidade mais duas religiosas para fundadoras.

No sitio do *Casal do Chantre*, terreno doado pelo conego Manuel Moreira Rebello, se deu começo ao novo convento, lançando-se a primeira pedra no dia das Dores de Nossa Senhora, 9 de abril de 1740. Solemnisou-se

este acto com assistencia da maior parte do Cabido, da nobreza da cidade e dos religiosos do collegio de S. José, observando-se as ceremonias do ritual romano.

As religiosas deixaram o hospicio da Arregaça e entraram no seu novo mosteiro no dia 23 de junho de 1744 (155).

O convento de Sancta Theresa não é edificio sumptuoso, mas de boa fabrica e sufficientemente commodo e decente. A sua pequena egreja é de uma só nave, com seu zimborio, e tem além do altar-mór mais tres lateraes todos decorados com riqueza e muito bom gosto. O quadro do altar-mór, de bello effeito, é obra do afamado artista Paschoal Parente, cujos restos estão sepultados nesta egreja.

Nunca se entra neste templo sem que se não sinta o espirito dominado por sublimes pensamentos de piedade. As festas que alli têm logar, apesar de não serem muito pomposas, attrahem grande concurrencia de devotos, pela boa ordem e decencia com que são celebradas.

Observatorio Meteorologico e Magnetico

Dos estabelecimentos scientificos pertencentes á Universidade, que avultam em Coimbra, é por certo um dos mais importantes o observatorio meteorologico e magnetico, situado perto do convento de Sancta Theresa, nas desafogadas alturas da Cumiada, posição

(155) Fizeram-nos obsequio de ministrar-nos as noticias necessarias para este artigo os srs. João Correia Ayres de Campos e Joaquim Augusto Preces Diniz, que as houve do cartorio do proprio convento por intervenção do reverendissimo sr. fr. José de S. Silvestre, egresso da ordem do Carmo Descalço, e actualmente procurador do convento de Sancta Theresa.

Encontram-se tambem algumas noticias relativas á fundação d'este convento na obra intitulada *Vida e obras da Serva de Deus a Madre Marianna Josefa.*

lindissima pelo dilatado horisonte que d'alli se avista, abrangendo o mais variado e formoso panorama.

É este estabelecimento um dos principaes melhoramentos, com que a Universidade nestes ultimos tempos tem dado indicios de que não permanece estacionaria, promettendo assim um futuro brilhante para a instrucção nacional.

Com os extraordinarios progressos que modernamente têm tido as sciencias physicas, mal se compadecia a falta de um observatorio meteorologico e magnetico na Universidade. Tendo isto em consideração, a Faculdade de philosophia resolveu emprehender a fundação de um tal estabelecimento, e em 1860 encarregou, com previa auctorisação do governo, um seu distincto lente, o sr. dr. Jacintho Antonio de Sousa, de ir fazer os competentes estudos em Hespanha, em França, na Belgica e mui particularmente no excellente observatorio de Kew, para que na edificação e organisação do projectado observatorio não escapasse nenhum dos requisitos indispensaveis em estabelecimentos de tal ordem. D'esta viagem scientifica colheu o sr. dr. Jacintho os mais satisfactorios resultados, que bem se patenteiam no novo edificio, construido e organisado da melhor maneira sob a sua direcção.

Na escolha do local para o observatorio houve a maior circumspecção, sendo preferido o alto da Cumiada, porque reune as melhores condições para assento d'um tal edificio. Foram taes as precauções que se tiveram para a sua boa collocação, que abundando o terreno escolhido no *novo grès vermelho,* e receando-se que o oxydo de ferro que contem podesse influir nas observações magneticas, houve o cuidado de se analysar o terreno não só em Coimbra, mas tambem em Inglaterra, reconhecendo-se vantajosamente que este grès não tem influencia na exactidão d'aquellas observações.

Começou a construcção do edificio em abril de 1863, e actualmente mui pouco falta já para a sua conclusão. Consta de dois pavimentos e um subterraneo, e acha-se repartido convenientemente para as diversas observações e serviços que alli se practicam.

Na casa subterranea funccionam os magnetographos que registram continuamente pelo systema photographico, a declinação, força horisontal e força vertical magnetica. No primeiro pavimento estão o barographo e psychrographo, officina photographica, casa dos barometros, casa de calculo, e gabinete do director; no pavimento superior collocaram-se o electrographo e o anemographo, estando ainda reservado para o photoheliographo um torreão que ha de ser coberto de uma cupula hemispherica gyrante.

Ao norte do edificio está collocada uma pequena casa de persiannas, dentro da qual se abrigam os thermometros de maxima e minima á sombra, assim como o psychrometro. Em um terraço ao sul do mesmo edificio collocam-se a horas convenientes os thermometros de irradiação para o espaço, de irradiação solar, de minima e maxima na relva, o udometro, o atmometro e o ozonometro.

A distancia de 41^m a E do observatorio construiu-se uma pequena casa de um só pavimento, indispensavel para as determinações magneticas absolutas, e está determinado fazer-se ao sul d'esta casa, e communicando com ella, um pavilhão destinado unicamente para as determinações absolutas da declinação magnetica com a bussola de Gambey. Nenhuma peça de ferro se empregou na construcção da casa, e no projectado pavilhão excluir-se-ha tambem este metal.

Todos os apparelhos e instrumentos, de que se faz uso no observatorio, foram construidos em Londres debaixo da direcção do general E. Sabine, presidente da Sociedade Real, de Balfour Stewart, director do obser-

vatorio de Kew, e do sr. dr. Jacintho Antonio de Sousa director do observatorio de Coimbra, que os verificou e assistiu á determinação das suas constantes.

Grande espaço de terreno contiguo ao edificio acha-se murado, e ha projectos de plantar nelle diversas arvores, arbustos e flores, que devem tornar este recinto muito aprazivel.

Collegio de Thomar

Encontra-se ao lado da bella estrada que conduz a Cellas este excellente edificio, que por sua magnificencia e bellezas bem correspondia ao esplendor da famosa ordem de Christo, a que pertenceu. Foi erigido em tempo de D. João III, que se diz ser seu fundador, e tinha a invocação de *Nossa Senhora do Conceição*. A denominação que se lhe dá de *Thomar* provem, ao que parece, do nome da cidade onde a ordem tinha a sua principal séde.

Era edificio sumptuoso e de grandes proporções, e a egreja, de magnifica architectura, uma das mais bellas e perfeitas de Coimbra. É porem bastante lastimoso o estado de ruina a que está hoje reduzida tão soberba fabrica, proveniente do abandono em que jazeu depois da extincção das ordens religiosas, e do pouco caso que do edificio tem feito o seu novo possuidor (156).

(156) Foram immensos os estragos que soffreu o collegio de Thomar depois de 1834. Esteve exposto a um continuo saque, roubando-se ferro, azulejos, madeiras, cantarias.... em fim tudo o que de lá se pôde tirar. Não contentes os governos com ter deixado em tanto abandono este valioso edificio, foi auctorisada a venda d'elle e da cerca contigua, por alvará de 19 de janeiro de 1852, segundo a avaluação de dois contos de réis (!) E effectivamente o collegio e a extensa cerca de Thomar foram vendidos em 1 de abril de 1852 por 2:520$500 (!) A troco de tão diminuta quantia ficou a nação privada de um excellente predio, que tanto se prestava a applicações e serviços da verdadeira uti-

Despovoado e sem resguardo vai pouco a pouco desfazendo-se em ruinas. Aos canticos que outr'ora resoavam pelo templo succedeu um silencio sepulchral, interrompido apenas pelo zunido dos ventos ou pelo arrulho das pombas que a elle se acoitaram!

Logar e Mosteiro de Cellas

Pouco distante do collegio de Thomar encontra-se a alegre povoação de Cellas, um dos sitios aprazíveis em que abundam os arrabaldes de Coimbra. É provavel que tanto a povoação como o seu nome se originassem de um mosteiro da ordem de S. Bernardo que alli ha, denominado de *Sancta Maria de Cellas de Voimarães*.

Foi fundado este celebre mosteiro por D. Sancha, filha de D. Sancho 1.º, senhora eminentemente religiosa, que muito se distinguiu por suas acções de piedade.

D. Sancha, depois do fallecimento de seu pae, foi viver na villa de Alemquer, que elle lhe tinha doado, e alli, longe dos tumultos e grandezas da corte, se entregou a uma vida exemplar practicando obras virtuosas.

Existiam na villa umas mulheres que viviam religiosamente, mas sem regra propria, recolhidas numas estreitas casinhas, onde unicamente havia uma pequena fresta. Estes tão limitados recolhimentos se chamavam *cellas* e as suas habitadoras *encelladas, emparedadas* ou *reclusas* (157).

lidade publica, como por exemplo para um estabelecimento fabril, para a fundação de um hospital, ou de um quartel militar. Ainda quando não fosse para outro fim, deveria o collegio de Thomar ser conservado como monumento nacional.

(157) Fr. Joaquim de Sancta Rosa de Viterbo dá no seu *Elucidario* uma ampla noticia das *emparedadas*. Obsequiou-

Achando D. Sancha nestas mulheres um bom ensejo para dar largas ao seu animo caritativo e piedoso, mandou-lhes edificar um mosteiro (158) nos aros de Coimbra, no ameno valle de *Voimarães* (159). Eis por que o mosteiro, que foi dedicado a Nossa Senhora, se denominou de *Sancta Maria de Cellas de Voimarães.*

O templo foi sagrado pelo bispo D. Aimerico no dia 13 de junho de 1293, segundo parece a George Cardoso (160).

No mosteiro viveu e morreu sanctamente a sua illustre fundadora, cujo cadaver foi trasladado para Lorvão (161). Depois da morte de D. Sancha tomou sua irmã, D. Theresa, debaixo de sua protecção o mosteiro de Cellas, como ella lhe havia recommendado, e

nos o sr. dr. F. da Fonseca Correia Torres com um extracto do testamento de D. Bona feito em 1266 e existente no cartorio do Cabido, pelo qual se prova que em Coimbra houve muitas emparedadas. Nelle se encontram as mandas seguintes: *Reclusae Sancti Christofori tres libras. Omnibus reclusis de Colimbria singulas libras.*

(158) Acerca do anno em que foi fundado discrepam diversos auctores. Carvalho na *Chorog. Port.* tom. 2.º, pag. 14, diz ter sido no de 1210. Bayão, no *Port. Glorioso*, no de 1215. João Baptista de Castro no *Map. de Portug.* aponta o anno de 1217.

(159) Na *Monarch. Lusit.* part. 2.ª, cap. 8.º, diz-se ser assim chamado este valle por nelle ter sido practicada uma acção valorosa pelo infante Voimarano. Na mesma obra part. 4.ª, liv. XIV, cap. 9.º, se dá esta outra etymologia: «Vimaranes nome corrupto de *Vallis medianus*, ou *Val meão*, no cimo do qual fica situado o mosteiro. Declara-o assim a escriptura antiga d'esta casa, que é uma venda feita pelo Cabido de Coimbra a este mosteiro no anno de 1242 de uma herdade neste proprio logar, a que chama Vimaranes, ou Valmeão. *In eodem loco qui dicitur Vimaranes, vel Vallis medianus*, e devia-se de chamar Val-meão, por ficar no meio de dois valles de Sancto Antonio e da Conchada.» É celebre ainda o valle de Voimarães por nelle ter collocado os seus arraiaes, segundo querem alguns auctores, el-rei D. Fernando Magno quando veio á conquista de Coimbra.

(160) *Agiolog. Lusit.* tom. 3.º, pag. 689.

(161) Vide o artigo em que tractamos de Lorvão.

o augmentou muito em rendas, edificios, e numero das freiras (162). Entre as religiosas que têm habitado o mosteiro houve algumas de bastante nobreza, como foi a abbadessa D. Leonor de Vasconcellos, filha do conde de Penella D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, a qual mandou reformar a egreja, que é de excellente e admiravel estructura. O seu recinto é de forma rotunda, e acha-se decorada com muito bom gosto. El-rei D. João III concorreu para esta fabrica com 157$000 réis (163).

É tambem obra d'esta senhora o gracioso portico, que tem no cimo uma coroa de espinhos e esta legenda:

DN̄ M
EVS DE
CORAVIT
MEE

Inferiormente nas bases das columnas se vê esta outra dividida pelos dois lados da seguinte forma:

ET ERIT IN PACE   MEMORIA EIVS 1530

Outras muitas obras mandou fazer no mosteiro a abbadessa D. Leonor, e em todas mandou esculpir uma coroa de espinhos, com a letra: *Dominus meus decoravit me* (164).

Pelos annos de 1594 e seguintes o bispo conde

(162) *Vida de Sancta Theresa*, por Bayão.
(163) Esta noticia, assim como algumas outras d'este artigo, nos foi communicada pelo sr. dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, que as houve de uma memoria manuscripta, existente no cartorio do mosteiro, feita por fr. Bernardo da Assumpção. Tem por titulo *Compendio de toda a fazenda d'este Real Mosteiro de Sancta Maria de Cellas*, 1651.
(164) Vid. *Agiolog. Lusit.* tom. 4.º, pag. 595.

D. Affonso de Castello Branco mandou fazer o côro e as hospedarias, e por fim o dormitorio novo (165), cuja obra se começou em 28 de fevereiro de 1612. Foi tambem erigido por este prelado o chafariz do claustro, que lhe importou em 200$000 réis.

Até 1832 celebrava-se todos os annos neste mosteiro na primeira oitava de Pentecostes a coroação do *Imperador do Espirito Sancto*, que da villa de Eiras, de que eram senhorias as monjas de Cellas (166), vi-

(165) Visitando D. Affonso de Castello Branco o mosteiro de Cellas, foi-lhe dicto por uma das suas religiosas: «V. s.ª tudo é em Sancta Clara, ora bem nos pode dar alguns dias, que pode ser esteja aqui quem mais que lá lhe mereça as passadas: ao que elle respondeu: Calai-vos, que não me levais por hi, sêde namoradas de Nosso Senhor Jesus Christo, que é Amor que não mente e sempre dá, que é o que vós quereis. Festejaram todas o modo com que o elle disse, e a abbadessa fallou nesta maneira: Já que v. s.ª tomou á sua conta as freiras d'esta cidade, fazendo mosteiro ás de Sanct'Anna, grandezas ás de Sancta Clara, faça-nos charidade por amor de Deos de nos dar ajuda para um dormitorio, que estamos umas nas cellas das outras, e o nosso com ser pequeno está cahindo. Não me livrará Deos de mulheres (disse o bispo), que é que vós outras me quereis? E mandando chamar um mestre de obras, que morava no mesmo burgo, lhe perguntou quanto custaria um dormitorio de cincoenta cellas acabado com seus baixos, e mais perfeições em semelhantes obras. Senhor (respondeu o mestre) do modo que v. s.ª o representa ha de passar de vinte mil cruzados. Já quereis vinte? (disse o bispo). Ora ide ámanhã ter commigo trareis dez, e os outros vos darei qualquer dia, e começai logo a obra, e fazei-me mercê de que não seja muito perfeita. E olhando para as freiras, disse: estaes já contentes? boa vinda foi cá esta.» Quando ao empreiteiro faltava ainda muito da obra para a concluir, acabou-se-lhe o dinheiro, mas o sancto bispo deu-lhe para ella mais dez mil cruzados.—Obra citada na nota 113.

(166) D. Sancha deu ao mosteiro, estando em Monte-mór em 1223, a terça parte da villa de Aveiro que comprou a D. Pedro Rodrigues Gyrão e a sua mulher D. Sancha Pires. No tempo de D. Diniz, porém, passou este dominio para a coroa, recebendo o Mosteiro em escambo o logar ou aldeia de Eiras—Vid. *Mon. Lusit.*, part. 4.ª liv. XIV, cap. 4.º, pag. 227. e *Inst.* vol. XII, pag. 44.

nha acompanhado de grande comitiva. As freiras « lhe davam a comer *pastilhas com um garfo*, antigualhas aliás innocentes, que cessaram já nos nossos dias » (167).

Chegou a ser consideravel o numero das freiras que outr'ora povoavam o mosteiro. O P. Carvalho dá noticia de que no seu tempo existiam alli cento e vinte (168); actualmente já mui poucas e de edade avançada habitam esta casa religiosa. É pois de presumir que em breve soará a hora em que ao mosteiro de Sancha faltem as suas piedosas filhas, e que, despovoado, seja vendido em hasta publica, ficando a nação privada de mais um monumento veneravel (169).

Capella de Sancta Comba

Ouvi da virgem sancta o claro feito,
Vêde d'amor os tiros desprezados,
Sua aljava quebrada, arco desfeito,
Seus temerosos fogos apagados.
D'um brando, virginal, pastoril peito
Foram dois máos tyrannos triumphados,
Um cupido perverso, outro um rei mouro,
Que seu intento punha em força, e em ouro.

FERREIRA.

Não muito distante de Cellas, e algum tanto para a parte esquerda de quem vai da cidade, fica uma capella construida, segundo é fama, no proprio local em que foi martyrisada uma formosa virgem. Chamava-se

(167) Sr. dr. Secco na sua *Memoria Historico-Chorographica*. Quem quizer saber a origem, e forma d'este decantado festejo lêa um curiosissimo artigo do sr. Ayres de Campos no *Instituto* vol. 12.º, pag. 43.

(168) *Chorographia Portugueza.*

(169) O mosteiro de Cellas, além de casa religiosa, faz-se ainda notar como estabelecimento industrial, pois nelle se manufactura constantemente grande quantidade de doces, que tem

Comba, e por sua pureza veiu alli refugiar-se de um tyranno, a quem a sua formosura tinha impressionado vivamente. Fazendo elle todas as diligencias por encontral-a, andou buscando-a de serra em serra, de monte em monte, e depois de muita fadiga a achou embrenhada em uma selva que alli havia. Offereceu-lhe então com grandes promessas o thalamo real; mas a esclarecida virgem, desprezando enganosas honras, e calcando aos pés os bens do mundo, preferiu guardar a angelica castidade, pelo que o cruel tyranno a mandou barbaramente crucificar.

Eis em resumo a lenda de Sancta Comba. Esta lenda porem tem sido narrada com algumas variantes por diversos escriptores, e não só se ignora a epocha em que a virgem foi martyrisada, mas tambem tem sido motivo de discrepancia a patria da sancta (170).

Os restos de Sancta Comba permaneceram muito tempo em uma ermida no logar do seu martyrio; mas pelos annos de 1130 os levaram para a egreja de Sancta Justa os monges da Caridade. No anno de 1207 o prior D. Miguel os fez trasladar para a egreja do mosteiro de Sancta Cruz, d'onde era conego (171). Actualmente estão no celebrado sanctuario d'este mosteiro.

Quanto á capella não é já a primitiva a que hoje existe, porque foi renovada pelos annos de 1612 (172).

É forrada de azulejos, e tem lavores em pedra e em

um prodigioso consumo, e por tal forma são feitos, que têm adquirido grande fama, e até já por vezes obtiveram menções honrosas em diversas exposições, tanto nacionaes como estrangeiras. Em quasi todos os outros mosteiros de Coimbra se fazem tambem diversas qualidades de doces; no de Cellas porem é onde esta industria se exerce em maior escala.

(170) O sr. José Freire de Serpa cantou o martyrio d'esta sancta num bello soláo intitulado—*A Virgem Martyr Sancta Comba.*

(171) *Chron. dos Coneg. Reg.* P. 2.ª, liv. 7.º, cap. 18.º

(172) Da capella anterior achamos memoria no *Elucidario*

madeira de algum merecimento. Descendo da sachristia por uma estreita escada encontra-se um escuro cubiculo, onde se diz que a sancta se acoitara fugindo aos seus perseguidores, e onde por fim foi por elles encontrada.

A festa de Sancta Comba celebra-se annualmente na sua capella a 20 de julho, e concorre então alli grande quantidade de romeiros.

Penedo da Meditação

Ha nas proximidades de Cellas e para a direcção de Coselhas um sitio em extremo pittoresco e assás celebrado pelos poetas: é o *Penedo da Meditação.*

Como o da *Saudade* acha-se o *Penedo da Meditação*

de Viterbo, verb. *Hermitagio:* «No anno de 1483 emprazou a Camara de Coimbra o Hermitagio, ou Hermida de S. Comba, com sua Crasta, Casas, e Oliveiras. E já no de 1458 havia concedido por um anno as offertas e fructo das oliveiras aos moços, que nella tinham Confraria, para ajuda das obras, que nella se faziam».

No *Indice Chron.* P. 1.ª n.º XCIV menciona o sr. Ayres de Campos a respectiva carta de emprazamento, e alvará de licença; e diz em nota: «Em vista d'esta licença e emprazamento não sabemos por que justo titulo foi a posse da ermida com seus chãos e oliveiras julgada a favor do Cabido pela sentença de 9 de dezembro de 1491, que vemos citada no *Disc. a favor do Cabido da Cathedral de Coimbra contra as pretenções dos meios prebendados*, Provas n.º 493.

«Fosse todavia qual fosse, o certo é que na dicta corporação se tem conservado até hoje a administração d'aquelle monumento de poeticas recordações, e que, com quanto restaurado em 1612, vemos actualmente quasi de todo abandonado e ameaçando proxima ruina.

«Ruina é tambem a *fonte da sancta*, situada no valle a pequena distancia da capella, em propriedade do Visconde da Bahia, e onde a tradição conta ter sido encontrado o corpo da Virgem martyr».

desprovido dos adornos da arte, mas em bellezas naturaes é tambem como aquelle assás mimoso e abundante. A paizagem variada e encantadora que se dilata em frente do *Penedo da Meditação* é que faz apreciavel este sitio, e lhe dá justa celebridade. Comprehendido por dilatado horisonte divisam d'alli os olhos o mais deleitoso quadro. Avistam-se em bellissimo conjuncto serras agigantadas; collinas e oiteiros cobertos de frondosos bosques, ora de pinheiros com a sua rama verde-escura, ora de bastos olivedos; casinhas alvejantes sobresahindo aqui e alli por entre a ramagem; varzeas mimosas; prados de luxuriosa vegetação; e aos pés do observador, no fundo de escarpada encosta, um ameno valle dividido por um pequeno ribeiro, que realça immenso os encantos da paizagem.

Este tão delicioso logar é muito frequentado pelos academicos, que se comprazem em ir contemplar aquelle formoso panorama, e em passar alli algumas horas de socegado scismar.

Convento de Sancto Antonio dos Olivaes

Proseguindo de Cellas para o nascente, encontra-se a pouca distancia a egreja do convento de Sancto Antonio dos Olivaes, monumento que entre os muitos de Coimbra e seus suburbios occupa logar distincto.

O primitivo convento, um dos primeiros que teve em Portugal a Ordem dos Menores, tinha a invocação de Sancto Antão, e originou-se de uma ermida dedicada áquelle sancto, que a rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II, doou em 1217 ou 1218 aos religiosos franciscanos (173).

Pouco depois de fundado o pobre hospicio alli vic-

(173) *Chron. Seraf.* t. 1.º, liv. 2.º cap. 28.

ram pousar os cinco frades menores, fr. Otho e seus companheiros, quando se dirigiam a Marrocos; e quando depois de terem colhido a palma do martyrio, foram conduzidos os seus restos gloriosos ao convento de Sancta Cruz, inspiraram em Sancto Antonio, que nelle residia, um tal desejo de imitar o valor d'aquelles martyres pela fé de Christo, que o fez abandonar a real mansão dos conegos regrantes, e acolher-se ao humilde conventinho dos Olivaes, onde esperava encontrar mais facilmente os meios de conseguir o seu pio intento. Foi pois d'alli que sahiu o sabio profundo, o theologo eminente, o grande pregador, o thaumaturgo do seu seculo. Eis por que o convento de Sancto Antonio é tido como um monumento memoravel; eis por que ao visitar-se não pode deixar de fazer sentir essa veneração, esse respeitoso acatamento que inspiram os logares onde assistiram homens illustres.

Não é porem já o primitivo edificio que hoje vemos. Os frades franciscanos deixaram aquelle local pelos annos de 1247 pouco mais ou menos, e foram habitar no convento que se fundou juncto da ponte com a invocação de S. Francisco. Abandonada pelos filhos de Assis a morada dos Olivaes, nem por isso deixou de ficar alli mui viva a memoria de Antonio, e os fieis concorriam a celebral-a annualmente (174) numa egreja que a cidade alli edificou e numa cellinha terrea mui estreita e tida em grande veneração por ser o local, segundo a fama antiga, em que o sancto habitara (175).

No anno de 1539 se emprehendeu uma nova edificação. Ajudados por D. João III e por D. Alvaro da

(174) Ácerca de um *bodo* que se costumava fazer em Sancto Antonio veja-se um artigo do sr. Ayres de Campos a pag. 316 do vol. 11.º do *Instituto*.
(175) *Chron. dos Men.* p. 1.ª, liv. 6.º, cap. 30.

Costa fundaram alli os frades da Provincia da Piedade um novo convento, que depois pertenceu á da Soledade, que se separou d'aquella no anno de 1673. Por occasião d'esta nova fundação se reedificou a celebrada cellinha, transformando-se em casa de capitulo (176).

No anno de 1851, em a noite de 10 para 11 de novembro, ateou-se no convento um espantoso incendio que o devorou quasi todo, escapando apenas a egreja e sachristia e pouco mais. Digamos porem alguma cousa do que ficou. É bastante agradavel a entrada do convento. Dá ingresso para elle uma comprida e larga escadaria que tem no fundo tres arcos e um em cada ilharga. Guarnecem-na tambem em parte algumas capellinhas com os passos mais tocantes da paixão do Salvador. Ao cimo da escada fica a casa da entrada, e em frente um portico de feição antiga, de volta ogival, e que se conjectura ter sido aproveitado de alguma das anteriores edificações. De um e outro lado do portico se lê um elegante elogio a Sancto Antonio, que compoz e fez gravar o padre fr. Antonio de Serpa, bispo de Cochim (177). Este portico dá entrada para a egreja, que não ficou intacta das chammas. Como porem os estragos foram de pouca monta, reparou-se facilmente. É lindissima a pequena sachristia. Tem vistosas pinturas a fresco, e é guarnecida de quadros que representam varias passagens da vida e milagres de Sancto Antonio. Ha alli tambem uma pintura que se indica como o verdadeiro retrato do sancto, tirado em Padua pouco antes da sua morte. Num retabulo que está na parte principal com um vistoso altar vê-se

(176) *Chron. dos Men.* p. 1.ª, liv. 6.º, cap. 30.
(177) Vide na *Revista Univ. Lisbon.* vol. 5.º, pag. 502 um artigo do sr. R. de Gusmão. Alli se encontram apreciaveis noticias da historia do convento.

um quadro figurando o acto em que o sancto tomou o habito. É de Paschoal Parente. Existem tambem na sachristia alguns relicarios e a cabeça de Sancto Antão.

Retrocedendo ao zagão para onde se abre a porta da egreja encontram-se alli mais duas: uma dá entrada para uma linda capella onde se venera a imagem da Senhora das Dores; outra dá communicação para um extenso terrapleno arborisado e guarnecido de alegretes e assentos. Era alli onde antes do incendio se viam os claustros, officinas e a memoravel casa do capitulo, edificada, segundo a tradição, no local da antiga cella de Sancto Antonio, a qual foi tambem consumida pelas chammas. A piedade porém apressou-se a reparar este mal, e presentemente vê-se no mesmo sitio outra capella modestamente construida.

Percorrendo o terrado encontram-se mais duas capellas que escaparam do incendio, numa das quaes se vê um curioso presepio. Ficam proximos dois pequenos cemiterios, ha pouco construidos.

Do terrapleno gosa-se um panorama muito extenso e variado, e domina-se toda a cêrca onde se conservam ainda algumas ermidinhas, em que os moradores do convento se davam a exercicios espirituaes.

O convento é muito visitado por occasião das romarias de Sancto Antonio e da Senhora das Dores; é-o porém muito mais ainda por occasião da do Espirito Sancto, que se faz a uma capella d'esta invocação, situada num valle proximo. É esta uma das mais notaveis e afamadas romarias dos arrabaldes de Coimbra. A humilde capella é então visitada por milhares de camponezes. Possuidos de grande contentamento e alegria, com os seus trajos mais ricos, com suas musicas e cantigas, ora agrupando-se em agitadas danças, ora espalhando-se pelas cercanias do convento, dão áquellas paragens uma tão alegre animação, que convida a affluir áquelles sitios não só os habitantes da cidade, mas os

de povoações muito afastadas. A bella estrada que do Jardim Botanico conduz a Sancto Antonio converte-se então num brilhante e animadissimo passeio.

Ermida do Espirito Sancto

Em um valle aprazivel, nas cercanias do convento de Sancto Antonio dos Olivaes se vê esta antiga ermida, que pelas armas que tem por cima da porta principal indica ser fundação regia, e segundo o testemunho de Gasco foi mui celebrada por sua devoção dos antigos reis de Portugal (178). Não se sabe porém a qual dos nossos monarchas se deve attribuir a sua fabrica.

Á ermida do Espirito Sancto se dirigiram com o seu reitor Diogo Mirão, no dia 25 de julho de 1542, os primeiros jesuitas que vieram fundar o seu collegio, e nella, com as mãos sobre a pedra de ara, renovaram seus votos, á imitação do que tres vezes os seus primitivos padres fizeram em Paris, dia de Assumpção de Nossa Senhora, em a sua casa e sanctuario do Monte dos Martyres (179).

Fallando d'esta ermida diz o sr. R. de Gusmão: «É fresquissima na estação calmosa; brota-lhe dentro uma fonte perenne de aguas excellentes, em que mitigam a sede os numerosos romeiros, que a visitam pela paschoa do Espirito Sancto.

«O Cabido da Sé Cathedral de Coimbra, depois de cantar, no mosteiro de Sanct'Anna, um funebre *memento* sobre o tumulo do bispo D. Affonso de Castello Branco, aqui vinha processionalmente, todos os annos, celebrar uma missa solemne na primeira oitava d'aquella festa.

(178) *Conquista Antiguidade ...... de Coimbra* cap. XXIII.
(179) *Chron. da Comp.* por Balthazar Telles p. 1.ª, livro

«Logo que, ao descer do monte, se avistava a capellinha, parava a procissão, e todos, de joelhos, cantavam o hymno *Veni creator spiritus.*

«*Ce moment avait quelque chose d'auguste; tous les pèlerins, le chapelet à la main, etaient restés en silence dans la même attitude;* bem poderiamos nós dizer com Chateaubriand (180), ao presenciar esta scena piedosa.

«Era em verdade um espectaculo edificante! Tantos sacerdotes venerandos, prostrados por terra e desbarretados, entoando, com magestosos accentos, este cantico sagrado, e um povo immenso, disperso pela collina, parando, como por encanto, ao ouvir as inesperadas vozes d'este coro formosissimo!

«Estas sanctas harmonias, repercutidas pelos echos da montanha, a verdura das arvores, o ciciar da folhagem, o aroma das flores, o murmurio das fontes, um céo esplendido, tudo exaltava a imaginação, e inspirava religioso respeito á solitaria ermidinha.

«O espirito innovador, que aniquilou tantas practicas piedosas, tambem poz termo ao antigo prestito» (181).

Cumpre advertir que a piedosa practica, que tão bellamente descreve o sr. R. de Gusmão, se restabeleceu no tempo em que era bispo de Coimbra o sr. D. Manuel Bento Rodrigues, e que desde então até ao presente todos os annos a capellinha tem sido visitada pelo Cabido pela maneira que relata aquelle eximio escriptor.

Capella de S. Sebastião

Em sitio desafogado e de alegres vistas, proximo

1.º cap. xx; e *Santuario Marianno* por Fr. Agostinho de Sancta Maria tom. 4.º, pag. 718.

(180) *Memoires d'Outre-Tombe*—tom. 3.me, pag. 22.

(181) *Instit.* vol. 5.º, pag. 88.

do convento de Sancto Antonio dos Olivaes, se encontra a capella de S. Sebastião, pertencente ao Cabido da sé cathedral. Achámos em um manuscripto (182), que esta ermida foi obra de um mestre-eschola da sé; porem, não se refere alli nenhuma circumstancia da sua fundação. No seu local, ou proximamente, houve casa de saude durante a terrivel peste, que em 1599 se ateou nesta cidade; e alguns religiosos, que alli foram prestar soccorros aos enfermos e pereceram do contagio, foram sepultados juncto da ermida (183). Ainda hoje lá se vêem algumas lapides sepulchraes com as inscripções mui deterioradas (184).

Mosteiro de Sanct'Anna

O primitivo mosteiro de Sanct'Anna era situado na margem esquerda do Mondego, da parte de cima e proximo da ponte.

Residia no mosteiro de S. João das Donas D. Joanna Paes, sobrinha do bispo D. Miguel, a qual, sendo muito devota de Sanct'Anna, emprehendeu fundar um mosteiro dedicado a esta sancta. Communicou D. Joanna este seu intento ao bispo, e elle não só o approvou, mas até tomou á sua conta a fundação do mosteiro, e no dia 26 de julho de 1174 inaugurou a sua fabrica

(182) Pertencente á bibliotheca da Universidade, onde está classificado com o numero 677.

(183) No tom. 2.º da *Imagem da Virtude* pelo padre Antonio Franco vêm noticias d'esta terrivel epidemia, principalmente no liv. 4.º, cap. 16 a 20. Tambem falla d'esta pestilencia o sr. dr. Macedo Pinto na 2.ª parte do *Curso elementar de sciencias medicas*, *Policia Hygienica* pag. 378.

(184) Das sepulturas que estão da parte de fóra da capella e dos religiosos que nellas foram enterrados se falla na primeira obra citada na nota antecedente tom. 2.º pag. 499, n.os 18 e 19, bem como no *Agiologio Lusit.* tom. 2.º, pag. 519, e tom. 3.º, pag. 383 e 741.

benzendo e assentando a primeira pedra. Fallecendo d'ahi a seis annos, o bispo D. Miguel deixou recommendada a conclusão da obra a um sobrinho seu, o qual se chamava Mestre Martinho, e era conego de Sancta Cruz. Martinho proseguiu na edificação, e, concluido o edificio, havendo breve do papa Lucio III e licença do prior mór de Sancta Cruz, levou em 1184 do mosteiro de S. João das Donas para o de Sanct'Anna D. Joanna Paes para prioreza e mais duas senhoras, uma para mestra, outra para vigaria.

É isto em resumo o que ácerca da origem do mosteiro de Sanct'Anna refere D. Timotheo dos Martyres nas *Memorias de Sancta Cruz* (185), e o que tambem refere com pouca differença D. Nicolau de Sancta Maria na *Chronica dos Conegos Regrantes*. Ha porém quem tenha o referido por inexacto, seguindo como mais auctorisada a opinião de fr. Antonio Brandão (186), que só attribue a fundação do mosteiro a Mestre Martinho.

Miguel Ribeiro de Vasconcellos affirma que na doação que em 1561 fez D. João Soares da quinta de S. Martinho ao convento de Sanct'Anna, para nella se recolherem as freiras, por causa das ruinas do seu convento e das cheias do rio, que já então o alagavam, se diz que este mosteiro fora fundado pelo bispo D. Martinho, que tinha sido conego regular de Sancta Cruz, e o instituira e fundara pertencendo á mesma ordem de Sancto Agostinho (187).

Na quinta de S. Martinho permaneceram as religio-

(185) Vide nota 56.
(186) *Monarchia Lusit.* t. 4.º, liv. XII, pag. 122.
(187) *Noticia Histor. do Mosteiro de Vacariça* 2.ª parte, pag. 40. D'aqui se infere que as religiosas não se mudaram, como affirma D. Timotheo dos Martyres e D. Nicolau de Sancta Maria, para a quinta da Varzea, não obstante a licença que para isso lhes passou em 1285 o bispo D. Aymerico.

sas até que o bispo D. Affonso de Castello Branco lhes fundou o sumptuoso mosteiro de Sanct'Anna que hoje existe proximo do Jardim Botanico (188). As freiras entraram no novo mosteiro no dia 13 de fevereiro de 1610.

O bispo D. Affonso de Castello Branco tentou supprimir o mosteiro de Semide, mudando as suas religiosas para o de Sanct'Anna; porem por provisão do mesmo bispo de 5 de abril de 1610 voltaram quasi todas para o seu berço (189).

O mosteiro de Sanct'Anna é magestoso, e assenta em local aprazivel. Na frente principal tem dois porticos grandiosos com columnas e ornatos elegantes trabalhados com delicadeza. Um d'elles dá entrada para um extenso pateo (190), outro para a egreja, que é bastante ampla e bem decorada. Na sua abobada, que é de cantaria, vêem-se as armas do bispo fundador, que constam de um leão rompente, e são rematadas pelo

(188) De uns apontamentos com que nos obsequiou o sr. dr. F. da F. Correia Torres, extrahidos do primeiro livro do tombo das rendas do mosteiro, se deduz que a fundação do convento fora já emprehendida por alguns antecessores do bispo D. Affonso. Nos ditos apontamentos lemos que o sitio, denominado *Eira das Patas*, em que se assentou o mosteiro, foi comprado em tempo do bispo D. Manuel de Menezes, que determinou que o mosteiro alli fosse edificado, e mandou trazer a elle o cano da fonte do Cidral. Por fallecimento do bispo D. Gaspar do Casal, seu successor, se fez a cerca e muro com a esmola que para este fim deixou, e foi feito já em tempo de D. Affonso de Castello Branco.

(189) Vid. *Benedictina Lusitana* t. 2.º, pag. 340.

(190) Em um nicho que está por cima d'este portal vê-se uma imagem de sancto Agostinho que os conegos de Santa Cruz pediram a D. Affonso de Castello Branco mandasse representar em habito de pontifical. O bispo accedeu, mas não consentiu que dentro da egreja se representasse o mesmo sancto senão vestido de eremita. Vide a interessante noticia que dá fr. Manuel Leal no seu *Crysol Purificativo*, purificação IV, exame XIV.



Jardim Botanico, Collegio de S. Bento, Aqueducto de S. Sebastião, etc.
Vista tirada de juncto do Mosteiro de Sanct'Anna

chapeu e cordões episcopaes. O coro émagnifico, e resplandecente com os dourados que em grande profusão o adornam. Realça muito a sua belleza grande copia de pinturas a oleo que o guarnec m.

Por cima das grades do coro es á o retrato do grande bispo D. Affonso de Castello Branco, e o seu tumulo acha-se na capella mór do lado do Evangelho. É formado por uma grande lapide sustentada por quatro leões, na qual se vê um gracioso silvado, o brazão e este letreiro:

VT PARCÆ VITA RAPV
IT DIADEMA SEPVLCHRVM
IN AULA SI DESIT CÆLICA
REGNA TENENS
GRANDÆ VI POST QVAM
COMPLEST NESTORIS ANNOS
DE MISERA IN CÆLVM
SEDE TRIVMPHVS ERIT.

Proximamente está embebida na parede uma pedra que tem gravada com muitas abreviaturas a seguinte inscripção: *Sepultura de D. Affonso de Castel Branco de boa memoria, que foi collegial do collegio real, esmoler mor do cardeal rei Dom Henrique, bispo do Algarve, de Coimbra, conde de Arganil, viso rei de Portugal, o qual entre muitas obras illustres com que honrou esta cidade fundou e dotou com grande magnificencia este mosteiro insigne. Esta obra se fez em 2 de junho de 1635 sendo prioresa a madre Dona Maria de Menezes sua sobrinha.*

O Castello

Aos que pedirem façanhas
D'audaz, guerreiro valor,
Tu as podes dar tamanhas,
Que os façam mudar de cor;
Se quizerem da cidade
Provas d'antiga lealdade,
Apontas-lhe o teu Martim.
J. DE LEMOS.

O modo cavalleiroso como Martim de Freitas, alcaide de Coimbra, serviu a causa de seu rei desthronado, que o faz olhar como o «symbolo dos homens que, na queda de D. Sancho, souberam respeitar o pundonor de cavalleiro e a religião do juramento» (191) é um dos feitos que mais abrilhantam os gloriosos annaes d'esta cidade, é uma acção que ao recordar-se não pode deixar de fazer vivamente bater de enthusiasmo o coração de todo o verdadeiro portuguez.

Não se conformavam com o governo de D. Sancho II os prelados e os nobres do reino, porque este monarcha não lhes era muito affeiçoado, e achando-se na cidade de Leão, em França, o pontifice Innocencio IV para assistir a um concilio, por elle convocado para aquella cidade, aproveitaram-se d'esta occasião a cleresia e a nobreza de Portugal para se desfazerem de um rei que lhes não convinha.

Queixaram-se amargamente ao papa ácerca de D. Sancho; e allegando entre outras cousas que este monarcha era prodigo, mentecapto e contumaz, sollicitaram do pontifice uma bulla que ordenasse a desthronisação de D. Sancho e a nomeação em seu logar de

(191) *Historia de Portugal* pelo sr. A. Herculano, tom. 2.º, pag. 416.

seu irmão D. Affonso. O trama urdido pelos prelados e nobres, que naquelle tempo tudo valiam, teve para elles o desejado effeito, pois que Innocencio IV por bulla dada em Leão aos 24 de julho de 1245 depoz do throno a D. Sancho, e nelle collocou a D. Affonso como regente.

Este successo, ainda que bem acolhido por grande parte da nação, não encontrou apoio em muitos portuguezes briosos e dedicados, e contra elle se oppozeram alguns governadores de terras acastelladas, não querendo reconhecer como seu legitimo soberano a D. Affonso, e negando-se a entregar-lhe o dominio d'essas povoações. Foi então preciso empregar as armas contra os que briosamente se recusavam a prestar preito e homenagem ao regente, e o que entre todos se distinguiu mais por sua firmeza de caracter foi Martim de Freitas, que por forma alguma se resolvia a entregar as chaves da sua fortaleza a outro, que não fosse o de quem as houvera recebido. Em vão as tropas do regente pozeram apertado cerco ao castello de Coimbra. Nem os ataques, nem a fome, nem a sede fizeram desistir da sua tenaz resistencia o valoroso alcaide, que se conservou sempre fiel ao seu dever.

Achava-se o castello cercado, quando constou que morrera em Toledo D. Sancho II; mas nem esta noticia obrigou ainda Martim de Freitas a fazer a D. Affonso entrega da cidadella. Desconfiando de que fosse aquillo algum laço que pretendessem armar-lhe, quiz com seus olhos certificar-se de que a nova não era falsa para depor nas mãos do monarcha defuncto as chaves do castello, porque só d'esta maneira se julgava desligado do juramento de fidelidade e do preito e homenagem que lhe prestara em quanto vivo. Propoz Martim isto a D. Affonso, que de bom grado consentiu, e o alcaide leal partiu para Toledo, mandou tirar a pedra do sepulchro do seu rei e depositou em suas geli-

das mãos as chaves do castello, dizendo: « Em quanto entendi, rei e senhor meu, que ereis vivo, soffri por vossa causa os ultimos trabalhos, e ora dissimulando, ora confortando a fraqueza que sentia em meus companheiros, os fiz ir continuando honradamente: tudo o que se podia esperar de um animo leal e constante, obrigado com juramento de fidelidade, me parece que tenho á risca cumprido. Agora pois sois morto, e não posso já entregar-vos a cidade; ao menos vos quero fazer entrega das chaves d'ella, para que desobrigando-me em vossas mãos as possa entregar ao vosso irmão o conde, como renunciação vossa, e não como triumpho de suas armas.»

O castello famoso, que foi o theatro do feito heroico de Martim de Freitas, e em cujos muros torreados, seculos antes, haviam tremulado victoriosas as bandeiras de Fernando Magno, esse castello que foi testimunha de tantas acções gloriosas, já não existe. Foi victima dos demolidores, que não temeram metter a picareta em tão venerando monumento, que deveria ser conservado como memoria de grande preço. Por carta de 11 de outubro de 1772 decretou-se a construcção de um observatorio astronomico no local do antigo castello, e em 1773 effectuou-se a demolição da velha fortaleza. O arrazamento d'este alcaçar, ainda que em proveito da sciencia, foi um acto bastante censuravel, e que não era de esperar do celebre ministro que o ordenara. Dever-se-hia escolher outro local para a fundação do observatorio, que não fosse o recinto d'aquelle monumento, que recordava tão nobres façanhas, e que promettia affrontar ainda por muito tempo a acção destruidora dos seculos.

Infelizmente porem a demolição do castello tornou-se inutil para o fim que se tinha em vista. O edificio principiado para observatorio pouco subiu acima dos alicerces e aponta-se como causa o estar exposto aos

abalos occasionados pelo rodar dos carros nas calçadas (192).

Os principios d'essa fabrica de proporções descommunaes estão patentes no largo do Castello. Do velho alcaçar pouco resta: apenas alguma pequena porção de parede, e algumas lapides com diversas inscripções (193) que o reitor D. Francisco de Lemos teve o cuidado de mandar conservar, mas infelizmente em local inconvenientissimo, pois que estão situadas no pateo da Universidade encostadas á parede da capella, expostas assim aos estragos provenientes do rigor das estações.

Fazemos votos para que tanto o que resta das paredes do castello, como estas lapides sejam religiosamente respeitadas. Bradamos com um grande amador das antiguidades gloriosas: — Restos venerandos do alcaçar coimbrão, testimunha das nobres proezas de nossos maiores, poupe-vos a colera dos homens de hoje a aniquilação! O pó dos seculos, em que jazeis involtos, cegue os olhos incuriosos dos que ousarem desbaptizar-vos do solo em que vos encravaram homens d'outras eras (194).

Collegio dos Militares

Fica na rua dos Militares o collegio assim denominado, outr'ora pertencente ás Ordens de Sant'Iago da Espada e S. Bento de Aviz. Foi fundado pela Mesa

(192) Vide *Panorama* do 1.º de janeiro de 1842.

(193) Recommendamos aos leitores um excellente artigo relativo a estas lapides, incerto no vol. 10.º do *Instituto* pag. 216, pelo sr. Ayres de Campos, que neste e em muitos dos seus escriptos tem patenteado o muito que presa as nossas antiguidades.

(194) Sr. R. de Gusmão *Rev. Univ. Lisbon.*, vol. 1.º, pag. 318.

de Consciencia, e assentou-se solemnemente a sua primeira pedra no dia 25 de julho de 1615.

«Este collegio foi perenne manancial de varões sabios, que occuparam os mais subidos cargos do sacerdocio e do imperio; empregavam á porfia seu particular estudo em bem fallar a lingua portugueza, em que muitos d'elles se assignalaram, e mereceram os gabos dos eruditos, como foram os senhores Antonio Ribeiro dos Santos, Ricardo Raymundo, Simão de Cordes, D. Francisco Alexandre Lobo, e outros» (195).

Presentemente acha-se este edificio occupado pelo hospital de molestias cutaneas chronicas, vulgarmente chamado dos Lazaros, cuja administração está a cargo da faculdade de medicina (196).

Todos os annos em Domingo de Lazaro se patenteia ao publico a entrada d'este estabelecimento, e afflue então a elle grande numero de visitantes.

Egreja de S. Pedro

Fica na rua da mesma denominação. Quando D. Fernando Magno conquistou Coimbra em 1064, já existia a egreja de S. Pedro, que foi doada por este rei aos monges de Lorvão como priorado. Da sua existencia porem em epochas anteriores nos dá noticia Gasco (197), referindo haver fallecido neste templo o martyr Eugenio, abbade de Lorvão, cuja morte se diz acontecera em 19 de junho de 815. O mesmo author menciona dois

(195) Sr. R. de Gusmão *Rev. Univ. Lisbon.* vol. 2.º pag. 31.

(196) Este hospital, que na sua primitiva instituição era uma das *gafarias* de que falla Viterbo no seu *Elucidario*, estava antigamente situado fóra das portas de Sancta Margarida á beira do Mondego, e segundo se lê na *Monarchia Lusitana* p. 4.ª liv. XII, cap. XXXVI foi instituido por D. Sancho I. Em 1774 por decreto de 15 de Abril foi unida á Universidade a administração d'este hospital.

(197) *Conquista Antiguidade.... de Coimbra* cap. IV e VIII.

marmores muito antigos, que diz existirem ainda em seu tempo no alpendre d'esta egreja: o primeiro continha o epitaphio de Eratmundo, fallecido na era de Cesar de 1165; o segundo o de Randulfina, que morreu pouco mais ou menos na de 1200.

Carvalho diz (198) que esta egreja fora sé, e que ainda em seu tempo tinha chantre.

A egreja de S. Pedro foi mandada demolir pelo bispo D. Francisco de Lemos por ameaçar ruina, e foi posteriormente reedificada com simplicidade.

Diz Izidoro Emilio Baptista (199) que pelos monumentos descobertos na reedificação d'este templo em 1745 parece fora fundado por Ataces (talvez a primitiva cathedral), e que a sua torre, muito anterior á do Castello, e destruida naquelle anno, fora a chamada Torre de Hercules.

Collegio de S. Paulo

A rua Larga é a mais formosa do bairro alto, ladeada de quatro collegios, e outros bons edificios; termina um dos seus lanços num terreiro plantado de arvoredo, onde, segundo documentos do cartorio da Sé Cathedral d'esta cidade, houve noutro tempo uma moiraria (200).

Defronte d'este terreiro fica o collegio de S. Paulo, que fora de doutores oppositores, ecclesiasticos e secu-

(198) *Chorographia Portugueza.*

(199) Na sua planta topographica de Coimbra e arrabaldes hoje pertencente á Camara Municipal, que ha pouco a adquirio medeante a quantia de 90$000 réis. Esta planta levantada e desenhada em 1845 contém além da parte graphica um mappa historico das casas religiosas de Coimbra, a indicação das epochas mais notaveis da historia d'esta cidade, e outras muitas curiosidades interessantes. É um trabalho curioso, ainda que com algumas inexactidões na parte historica.

(200) Sr. R. de Gusmão *Rev. Univ. Lisbon.* vol. 2.º, pag. 32.

lares, e annexo á Universidade. No sitio em que assenta o collegio, houve em remotas eras um hospital ou albergaria, de que falla Viterbo (201); e no mesmo local esteve a universidade em tempos de D. Diniz (202). A fundação d'este collegio foi principiada em 1549 por el-rei D. João III, porem os primeiros collegiaes sómente entraram no edificio em tempo de D. Sebastião, e governando em seu nome o cardeal D. Henrique, no dia 2 de maio de 1563. O collegio de S. Paulo produziu sempre grande copia de varões insignes, muitos dos quaes sahiram d'alli a exercer os mais honrosos cargos do estado (203).

Em 1838 alcançou a sociedade academica *Nova Academia Dramatica*, que o edificio lhe fosse doado para nelle construir o seu theatro; e foi tal o ardor com que os socios trabalharam para levar a effeito este estabelecimento, que no mesmo anno a 24 de junho se deu nelle a primeira recita, levando-se á scena a *Nodoa de Sangue*. A creação do theatro academico foi um nobre commettimento, que não só proporcionou á academia uma diversão proveitosa e civilisadora com que suavisar os espinhos e fadigas do estudo, mas tambem contribuiu não pouco para o progresso e engrandecimento da litteratura e arte dramatica em Portugal. É de todos sabido que o theatro academico, em cujos annaes se encontram epochas de grande esplendor, tem sido uma eschola famosa de bons authores e actores dramaticos.

(201) *Elucidario* verb. *mirleu.*

(202) D. Joseph Barbosa nas *Memorias do Collegio Real de S. Paulo* pretende que uma estatua da *Sapiencia* que existia neste collegio fosse d'esse tempo. O sr. Ayres de Campos dá uma noticia curiosa d'esta antigualha interessante no *Instituto* vol. 10.º pag. 219.

(203) Noticias circumstanciadas d'este collegio e collegiaes encontram-se nas *Memorias do Collegio Real de S. Paulo* por D. Joseph Barbosa.

Ha pouco augmentou-se consideravelmente a associação dramatica em razão de se lhe haverem junctado os socios do *Club Academico.* Em virtude d'esta fusão fizeram-se novos estatutos, que foram approvados e confirmados por carta regia de 4 de abril de 1866. O fim que se propõem a sociedade em que se fundiram as duas, com a denominação de *Academia Dramatica de Coimbra*, é a instrucção e honesto recreio dos socios por meio de saráos litterarios e musicaes; gabinete de leitura; jogos licitos; representações theatraes; e outras reuniões de honesto recreio.

No collegio de S. Paulo está tambem estabelecido o *Instituto de Coimbra*, associação litteraria e scientifica de grande reputação. Esta sociedade na sua origem fazia parte da associação dramatica, e tinha por fim discutir e censurar as peças que se haviam de pôr em scena; porem em 1852 constituiu-se independente, tendo por fim geral à cultura das sciencias, bellas lettras e artes. A sociedade para conseguir o que se propunha organisou uma bibliotheca, um gabinete de leitura, tem publicado o excellente periodico intitulado o *Instituto*, que tantas vezes temos citado, e costuma celebrar reuniões interessantes em que se estudam e discutem diversos pontos scientificos, litterarios e artisticos. Para se poder avaliar qual a importancia e esplendor d'esta associação, basta dizer que mantém relações com as principaes sociedades litterarias e scientificas tanto de Portugal como dos paizes mais civilisados, e que conta no numero dos seus socios os vultos mais illustrados do mundo scientifico e litterario.

A outra instituição, utilissima tambem, serve ainda de séde o collegio de S. Paulo. É alli que se acha a secretaria da *Sociedade Philantropico-academica*, instituição altamente civilisadora, cujo fim é ministrar subsidios aos estudantes applicados, que por falta de meios não possam continuar os seus cursos, a fim de que esta

falta os não impeça de rematarem a sua carreira universitaria.

Universidade

Á frente dos estabelecimentos scientificos de Portugal apresenta-se em primeiro logar a celebre Universidade de Coimbra, unica no reino, e o principal fóco da instrucção nacional. De todos elles é a Universidade o mais antigo, e tambem o mais importante e respeitavel, já por fazer objecto dos seus cursos a parte mais sublime dos conhecimentos humanos, já por ser nella onde se têm educado os maiores genios e talentos com que se ennobrecem as sciencias e lettras patrias.

Esta instituição grandiosa, que de tão grande credito tem gosado em todas as epochas, conta quasi seis seculos de existencia, pois data do tempo do sabio rei D. Diniz. A sua creação deve-se á iniciativa de alguns prelados, que desejosos da illustração do clero offereceram e prestaram ao monarcha os meios necessarios e rendas para a instituição e sustentação d'este estabelecimento.

Depois de creada em Lisboa a Universidade, tractou-se de alcançar para ella a confirmação pontificia, e por bulla expedida em 13 de agosto de 1290 houve por bem concedel-a o papa Nicolau IV, outorgando-lhe grandes favores e privilegios.

Poucos annos permaneceu a Universidade em Lisboa depois da sua instituição, pois que algumas discordias entre os estudantes e os moradores da cidade, moveram D. Diniz a trasladal-a para Coimbra, para o que sollicitou e obteve bulla de Clemente V.

Estabelecida em Coimbra deu-lhe D. Diniz os seus primeiros estatutos, datados de 15 de fevereiro de 1309, e liberalisou-lhe muitos privilegios e dotações

que os seus successores ampliaram e foram confirmando.

Motivos que as historias e chronicas não referem, e que hoje não se podem descortinar através dos seculos, a fizeram reverter a Lisboa no reinado de D. Affonso IV, e no mesmo reinado tornar a voltar para Coimbra, por provisão de 6 de dezembro de 1354.

No tempo de D. Fernando, no fim do anno de 1377, voltou a Universidade para Lisboa, e esta mudança attribue-se a não quererem *ler* em Coimbra os professores que aquelle monarcha chamara de fóra do reino. D'esta vez foi mui prolongada a sua demora e ultima estada em Lisboa, pois alli se conservou por 160 annos até que D. João III realisou a sua ultima mudança para Coimbra em abril de 1537.

Modernamente tem-se fallado em se effectuar nova trasladação para a capital; tal medida porém não é provavel que se effectue, caso se não queira commetter uma grande inconveniencia. Na verdade, nenhuma terra reune maior numero de circumstancias vantajosas para servir de assento á Universidade do que Coimbra, e nenhuma outra é para isso menos propria do que Lisboa. Em Lisboa os estudantes e os lentes haviam de tomar parte activa nos negocios politicos que agitam uma capital, e entregar-se ás distracções e seducções em que tanto abunda aquella grande e buliçosa cidade, e assim não empregariam competentemente o tempo que o estudo reclama. Em Coimbra porém succede inteiramente o contrario, e além da sua tranquillidade, dão-se aqui outras muitas circumstancias attendiveis para que se prefira para séde d'este estabelecimento. «E quem não veria até em suas recordações historicas e encantos naturaes, uma forte razão de preferencia? A terra em que se não dá um passo sem deparar um monumento a que se liguem gloriosas tradições; a terra, que é o sitio mais ameno das amenas mar-

gens do Mondego; a terra, que o estudante não pode deixar, sem, como A. Lima, dizer na despedida:

Amenos prados, fagueiros,
Chorosa fonte d'Ignez,
Cedros, e verdes salgueiros,
Que me ouvistes tanta vez!
Vou perder-vos! ai! quem ha de
Matar-me a longa saudade
Em tão longa viuvez?

tem incontestavelmente o dom de fazer germinar em corações juvenís sentimentos nobres e generosos, que os passatempos e distracções da capital, pela maior parte, não produzem, antes destroem (204).»

Ainda a vantajosa situação de Coimbra, que está, pode dizer-se, no coração de Portugal, e a maior barateza de tudo quanto é necessario á vida, comparativamente com Lisboa, são circumstancias fortes que se devem contrapor ás razões mais especiosas, que solidas, dos que pugnam pela conveniencia da collocação da Universidade na capital.

Foram certamente estas considerações que levaram D. João III a fixar em Coimbra a Universidade.

No mez de maio de 1537 abriram-se as aulas de artes e humanidades no convento de Santa Cruz, e as de sciencias nas casas do reitor D. Garcia de Almeida, situadas juncto da porta de *Belcouce*.

Desejando D. João III dar á Universidade melhores aposentos, ordenou por carta de 24 de setembro do mesmo anno, que ella se estabelecesse nos paços das Alcaçovas, um dos muitos palacios reaes pertencentes aos nossos monarchas, e que havia sido reedificado por el-rei D. Manoel.

(204) Sr. A. Philippe Simões, *Inst.* vol. 8.º, pag. 209.

Collocada excellentemente em Coimbra, dotada com grossas rendas, entre as quaes avultavam as do priorado mór de Sancta Cruz, multiplicadas as cadeiras das suas faculdades, provida de muitos professores insignes, chamados com bons salarios e mercês honorificas das Universidades de França, Hespanha e Italia, conseguiu D. João III que a Universidade hombreasse com as mais celebres que havia na Europa. Infelizmente este estado brilhante a que havia sido elevada a Universidade não foi duradouro. A calamitosa batalha de Africa, que lançou todo o reino em tão grande abatimento, fez-lhe sentir tambem os seus terriveis effeitos.

Tendo usurpado o reino de Portugal Philippe II de Castella, viu-se a Universidade obrigada a prestar-lhe obediencia, e com tal fim foi em nome d'ella uma commissão visitar o monarcha á cidade de Elvas. Por occasião d'esta visita declarou-se Philippe II protector d'este estabelecimento, e passou uma carta datada de 25 de fevereiro de 1581, na qual significava que sentira grande contentamento com a obediencia que lhe prestara a Universidade, e que folgava muito com ser protector d'ella. Mandou depois Philippe II visitar e reformar a Universidade por Manuel de Quadros, posteriormente bispo da Guarda, e recommendou-lhe que erigisse um edificio para as escholas, de longo tempo projectado.

Pelo que deixámos dito, parece que Philippe II se interessava realmente pelos progressos da Universidade, e que se empenhava em tornar verdadeiro o titulo que havia tomado de seu protector; os factos porem que resumidamente vamos narrar, demonstram que o intruso em nenhuma consideração tinha aquella corporação tão respeitavel.

Tractando Manuel de Quadros de se desempenhar da sua missão, mandou medir a area necessaria para o projectado edificio, e avaliar as casas que era indispensavel demolir, e mais gastos para se effectuar a

obra. Tendo-se conhecido pelo orçamento, que a despesa importava em muitos mil cruzados, e considerando-se em claustro não só a falta que havia de dinheiro, mas tambem os inconvenientes que resultavam de se desalojarem mais de 300 estudantes das casas do bairro de S. Pedro, onde se pretendia erigir as novas escholas, representou a Universidade a Philippe II para que lhe concedesse os paços das Alcaçovas a fim de nelles se estabelecerem definitivamente as escholas, que alli permaneciam havia 40 annos. Philippe II indeferiu este pedido tão justo, respondendo por carta de 30 de setembro de 1583, que ainda que desejava fazer muitas mercês á Universidade, não era conveniente a seu serviço dar-lhe os seus paços, antes como os desoccupasse a Universidade, determinava mandal-os concertar, para poder em algum tempo ir a elles como desejava.

Alguns annos depois resolveu-se Philippe II a ceder os paços; mas foi tão vil, que disse não os entregaria gratuitamente, que só os cederia mediante a somma de trinta mil cruzados. A Universidade teve de satisfazer a esta exigencia, e a transacção effectuou-se por carta de venda passada em setembro de 1597. D'esta maneira foi exigida por um intruso castelhano a importancia do edificio que generosamente havia concedido el-rei D. João III.

Tendo-se assim adquirido por titulo de compra os paços das Alcaçovas, tractou-se logo de fazer as obras de que o edificio necessitava. A primeira foi o portico que serve de entrada principal para o grande terreiro da Universidade, e que geralmente é conhecido pela denominação de porta ferrea. Construiram-se depois dois geraes novos, e fizeram-se outras obras, com que o edificio se alterou e reformou consideravelmente. A magnifica bibliotheca e a bella torre são do tempo de D. João V.

No reinado de D. José effectuou-se na Universidade uma reforma radical que a elevou a um estado de grande perfeição. A perda de Africa, o jugo dos Philippes, e depois guerras longas e grandes sacrificios deram em resultado uma alluvião de males, sendo um dos mais funestos a decadencia das letras e das sciencias. A estas causas do abatimento da Universidade accrescenta-se ainda o dominio que nella tinham os jesuitas, aos quaes accusam de que ou por desleixo ou por systema não procuravam illustral-a. Estava pois este estabelecimento tocando o ultimo periodo da sua decadente existencia, quando o primeiro ministro de el-rei D. José, o grande marquez de Pombal, lançou os fundamentos da sua restauração nos memoraveis estatutos de 1772. Homens abalisados são encarregados da redacção d'este novo codigo litterario e tão cabalmente se desempenham da sua commissão, que a sua obra, vastamente concebida, fortemente pensada e elegantemente escripta, é o mais judicioso e vasto regulamento de estudos, que viram olhos humanos, e reputada um dos mais egregios monumentos scientificos do seculo XVIII (205).

Approvados os novos estatutos, foi encarregado o marquez de Pombal, por carta regia de 28 de agosto de 1772, de pessoalmente vir a Coimbra reformar a Universidade; e para este effeito lhe delegou el-rei D. José amplissimos poderes, constituindo-o seu Plenipotenciario e Logar-tenente, e dando-lhe jurisdicção *privativa, exclusiva e illimitada*.

Em claustro de 19 de setembro de 1772 noticiou o reitor a vinda do marquez; e practicando-se sobre o modo como se havia de receber, resolveu-se «que fosse

(205) Vid. a *Oração funebre* que nas exequias de D. Francisco de Lemos recitou o dr. fr. Antonio José da Rocha. Ahi vêm indicadas as pessoas que collaboraram nos estatutos. Vid. tambem o *Diccionario Bibliographico* do sr. I. Francisco da Silva.

o reitor a Condeixa esperar o sr. marquez, e as pessoas mais distinctas da Universidade *alem* da egreja da Esperança, *porque até a esse logar era antigo costume, e era preciso adiantar-se mais, para fazer o applauso* distincto» (206).

No dia 22, pelas 5 horas da tarde entrou em Coimbra o marquez, alem da sua comitiva, acompanhado do reitor da Universidade, dos reitores e collegiaes de S. Pedro, S. Paulo e Militares, das deputações do tribunal da Inquisição, do Cabido, da Camara e dos Ministros e mais nobreza que em Coimbra então se achava, e que o foram esperar. Com este tão brilhante cortejo dirigiu-se para o paço episcopal, e apeando-se ahi foi em seguida recebido pelos lentes e oppositores da Universidade que o acompanharam até á primeira sala.

No dia 26 um prestito composto de todo o corpo academico dirigiu-se ao paço do bispo, e d'ahi acompanhou o marquez ao paço das escholas. Chegados á sala grande sentou-se elle numa cadeira ricamente armada debaixo de um docel de velludo, e o reitor e doutores nos seus respectivos logares. O secretario leu então a carta regia, na qual D. José conferia ao marquez todos os poderes para a reforma.

No dia 29 voltou de tarde á sala grande com o mesmo acompanhamento do dia 26; e o secretario apresentou então a todo o corpo academico os novos estatutos, e leu o decreto que se acha no primeiro volume d'elles, que contém a confirmação d'el-rei D. José.

Demorou-se ainda o marquez em Coimbra até ao dia 24 de outubro, tempo que empregou em dirigir a Universidade pelo novo caminho traçado nos estatutos, e para este intento empregou nella as maiores ca-

(206) Vid. *Instituto*, vol. 1.º pag. 110.

pacidades de Portugal e distinctos professores extrangeiros.

Passado pouco tempo estava estabelecido na Universidade o ensino completo das sciencias e das letras, como então se professavam nas nações mais cultas da Europa. Para este estado florescente concorreu em grande parte o reitor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, a quem o marquez incumbiu de continuar a reforma, e de pôr em execução as sabias determinações decretadas nos estatutos. Em mais de trinta annos de dois felizes governos universitarios, prestou D. Francisco de Lemos os mais importantes serviços, que encheram seu nome de gloria, e que marcaram na Universidade uma epocha do maior esplendor.

Eis como um grande sabio fallou de D. Francisco de Lemos, relativamente aos serviços que prestou na reforma:

«Seu zelo activo e possante vela e se desvela por instaurar as decadentes letras. A isso dedica horas, descanço, forças, quanto val e pode. Sigamol-o em tão longa carreira. Abre novas escholas, novo ensino, leva luz e melhoramento a todos os ramos de instrucção, essa nuvem espessa de erros e abusos se dissipa, fogem os sofismas de Peripato, uma razão culta e luminosa expulsa a auctoridade servil, accende-se o fogo do genio, planta-se um gosto fino e solido. Chamam-se, cultivam-se os bellos conhecimentos naturaes, que sendo ate li arbustos exoticos e ignorados, já se aclimão e dão em breve sazonados fructos. Em quanto assim vitaliza todas as sciencias, não põe menos desvelo na construcção dos estabelecimentos, que lhe são analogos, e que pela vez primeira viu em si Coimbra, tão maravilhada, como gostosa. Elle dá nova e melhor forma a todo o Paço das Escholas. Erige os sumptuosos edificios do Museu de Historia Natural, do Gabi-

nete de Physica Experimental, do Laboratorio Chimico, do Theatro Anatomico, do Dispensatorio Pharmaceutico, da Officina Typographica. Faz construir o Observatorio Astronomico e o Jardim Botanico, que a escacez dos tempos deixou incompletos. Cansa a imaginação em seguir objectos tantos e tão variados, porém jamais cansou o seu herculeo zelo. Consegue do throno amplas doações de bens e direitos da Coroa, que fazem hoje boa parte do patrimonio academico. Obtem do Vaticano bullas de canonicatos e commendas para os professores de algumas faculdades. Estabelece partidos em medicina e mathematica com o fim de dar novo incitamento a esses ramos scientificos. Não ha cousa que para esplendor e fortuna das letras deixe de fazer o seu genio vasto, fecundo, emprehendedor. Nove annos de incomparavel governo puzeram esta Universidade ao nivel das mais famosas da Europa, e fizeram da sua vida uma vida classica na historia das sciencias. Mas, oh fatalidade! sempre o odio e a inveja despedem venenosos tiros ás cousas mais excellentes. Na perda infausta do magnanimo José I quizeram os inimigos das luzes pôr o machado a esta arvore das sciencias, que ia medrando tão viçosa e copada. Era um dos planos do novo Ministerio suffocar a reforma, e trazer-nos novamente a esses velhos e miseros systemas de gothica instrucção. Que seria d'esta academia, que seria das letras, se não viesse a campo, como veio logo, esse athleta impavido, que ousou offerecer o peito ás balas, e esgrimir com denodo armas de todo o genero em defesa e guarda d'essa sua filha mimosa? Dura ainda hoje esse livro famoso, superiormente escripto, d'onde saíram, como de um foco de luz, verdades tão radiantes, argumentos tão victoriosos, que bastaram para confundir, pulverisar num momento esses sandeus, que pugnavam por trevas. Formosa victoria, tu és e serás sempre um

dos seus maiores trofeos! Todavia, senhores, essa victoria não foi sem sangue. O golpe, que se não pôde vibrar na academia, vibrou-se no seu defensor. O estabelecimento fica, mas o chefe é removido. Elle só foi victima: gloriosa victima, que á maneira de Samsão, caíu esmagando seus inimigos; ou tambem, como esse valente Machabeo, que a Escriptura tanto elogia, o qual no fim de um combate renhido veiu a terra, mas coberto de louros, e envolto na gloria do seu triumpho.

«Eis aqui, senhores, a primeira epocha do seu governo e influxo nas letras. Volveram-se annos, o tempo fallou, e deu tal evidencia aos seus serviços, que se pretenderam novos em o mesmo estadio, onde ganhára tão viçosas palmas. Foi o melhor dos principes o inclito D. João VI, que em pró das sciencias e justo reparo da offensa deposita novamente em suas mãos o governo da academia. Que vasto campo se me não abre aqui agora de novos meritos e façanhas litterarias! mas pois o tempo foge, e os factos se multiplicam, tenho de deixar em forçoso, mas não ingrato silencio boa parte d'elles. Direi em summa, que agitado sempre d'aquelle nobre ardor de polir e felicitar os homens pelo accesso das luzes, esmera-se em as accender e propagar em todos os possiveis modos. Refunde em muitos pontos a legislação litteraria, enche de bellos regulamentos a policia academica: organiza, installa a Juncta da Directoria Geral, centro regulador da ensinança publica. Faz completar o ensino das Faculdades philosophica e mathematica, creando novas cadeiras de metallurgia, de hydraulica, de astronomia practica. Estabelece doutas viagens, expedições philosophicas, assim dentro como fóra da patria. Dá insignes providencias ao Observatorio, enriquecendo-o de machinas, de instrumentos, creando e promovendo a *Ephemeride Astronomica*, tão util á navegação. Propõe e formalisa a grande lei dos cosmographos do reino. Augmenta os

salarios aos professeres de muitas cadeiras. Zela a instrucção do clero nacional, que desenha vir aqui imbuir-se nas disciplinas ecclesiasticas. Tudo abrange, tudo melhora o seu zelo indefesso.» (207)

Taes foram os melhoramentos da importante reforma de 1772. Desde esta epocha gloriosa tem sido a Universidade progressivamente engrandecida, em virtude de providencias salutares, relativas não só ao quadro dos estudos, mas tambem aos estabelecimentos annexos, de modo que tem mantido sempre a sua justa reputação.

Enumerar aqui todos os melhoramentos que desde então tem tido este estabelecimento, seria um trabalho extensissimo que a natureza d'este livro não comportaria (208).

Comprehende a Universidade em sua composição cinco Faculdades, cujo quadro legal é o seguinte:

Theologia com 8 lentes cathedraticos, 4 substitutos ordinarios e 2 extraordinarios; total 14.

(207) Fr. Antonio José da Rocha, na *Oração Funebre* que citamos na nota 205.

(208) O mesmo motivo nos obrigou a ser concisos e omissos em muitos objectos interessantes da historia da Universidade. Quem porem desejar noticia mais ampla leia os diversos *Estatutos* e *Leis* avulsas, o *Compendio Historico da Universidade*, as *Noticias Chronologicas da Universidade* por Francisco Leitão Ferreira, as *Breves Noticias da Universidade* por Matheus de Sousa Coutinho, insertas no *Jornal de Coimbra*, os artigos intitulados *Antiga Legislação Academica* publicados nos numeros 8 e 9 do *Antiquario Conimbricense*, as *Memorias Historicas* pelo sr. dr. José Maria de Abreu insertas no *Instituto*, a *Legislação Academica* pelo mesmo auctor, as *Revelações da Minha Vida* pelo sr. Simão José da Luz, etc. No *Instituto* se encontram tambem noticias curiosissimas das visitas que á Universidade têm feito alguns dos nossos monarchas e pessoas illustres.

Direito com 15 cathedraticos, 8 substitutos ordinarios e 4 extraordinarios; total 27.

Medicina com 12 cathedraticos, 6 substitutos ordinarios e 3 extraordinarios; total 21.

Mathematica com 9 cathedraticos, 5 substitutos ordinarios e 2 extraordinarios; total 16.

Philosophia com 8 cathedraticos, 4 substitutos ordinarios e 2 extraordinarios; total 14.

Têm portanto as cinco Faculdades 92 lentes, sendo 52 cathedraticos, 27 substitutos ordinarios, e 13 extraordinarios. (209)

Em cada uma das Faculdades ha tres gráus: de Bacharel, Licenciado e Doutor. O primeiro gráu confere-se aos approvados no penultimo anno da Faculdade; o segundo, quando depois de formados os alumnos repetem mais um anno, sustentam publicamente perante a respectiva Faculdade nove theses de cada ramo da sciencia e compõem uma dissertação inaugural ácêrca de um ponto dado pela Faculdade e, sujeitando-se a outro grande exame, perante a Faculdade toda, ficam por ella approvados. Este exame, que d'antes se dizia *exame privado,* porque se não fazia publicamente, ordenou-se por decreto de 19 de novembro de 1863 que passasse a ser feito por provas publicas, com a denominação de *exame de licenciado.* A graduação de doutor exige outra habilitação de votação da Faculdade, e confere-se com grande pompa, sendo um acto da maxima ostentação academica.

Abre-se todos os annos este estabelecimento no dia 1.º de outubro, que por consequencia é um dia sole-

(209) Na *Relação e Indice Alphabetico dos Estudantes Matriculados na Universidade,* impressa em 1865, encontram-se quaes as disciplinas professadas em cada faculdade, bem como a relação dos respectivos compendios e muitas outras noticias interessantes.

mne para Coimbra. A ceremonia que então se costuma practicar da inauguração do anno lectivo é uma das mais graves e apparatosas da Universidade. Ordenam os estatutos velhos (liv. I, tit. XIII) que ella se observe da seguinte maneira:

«O primeiro de outubro, pela manhan se ajuntarão na capella o Reitor, Lentes, e toda a mais Universidade, e haverá Missa solemne de Spirito Santo, a qual dirá o Cathedratico de Vespera de Theologia; e sendo impedido, a dirá o que se segue por ordem das cadeiras; e os Cappellães da universidade a officiarão, e o Mestre da Musica a fará cantar solemnemente.... Todos os Lentes, assi de propriedade, como de sustituição, acabada a Missa, farão a profissão da Fé; e juramento, conforme ao sagrado Concilio Tridentino, por esta ordem. O Reitor estará assentado em uma cadeira de espaldas com as costas para o altar, tendo um Missal aberto no regaço; e o mais antigo Lente de Theologia se porá de joelhos diante d'elle, e os mais Lentes da mesma Faculdade, com as cabeças descobertas, e logo o dito Lente mais antigo dirá em voz alta, e clara, a profissão da Fé, pela forma da Bulla de Pio IV, pondo no fim as mãos no dito Missal, dizendo, *Sic me Deus adjuvet et haec sancta Dei Evangelia:* e tornando-se a seu logar, cada um dos outros Lentes, que foram com elle, por suas antiguidades, fará o mesmo, dizendo sómente: *Ego éadem credo, profiteor, et juro; sic me Deus adjuvet, et haec sancta Dei Evangelia.* E por este modo irão todas as outras Faculdades....».

Apesar das alternativas dos tempos esta ceremonia ainda se observa, com mui pequenas modificações no que se ordena nos estatutos (210).

(210) Já não é costume sentar-se o reitor com as costas para o altar; fica em sua cadeira de espaldas, do lado do Evangelho, e deante d'elle, finda a missa, colloca-se uma pequena

Aberta assim solemnemente a Universidade, seguem-se as matriculas, e no dia 15, vespera da abertura das aulas, recita-se na *sala grande,* com assistencia dos doutores com seus capellos, uma oração em latim chamada de *Sapiencia,* relativa á inauguração dos estudos. As lições começadas a 16 de outubro só se interrompem com ferias pelo Natal 15 dias, 3 pelo Entrudo e 15 pela Paschoa. No mez de maio *põe-se ponto,* isto é terminam as aulas em algumas Faculdades, e no de junho em todas. Seguem-se depois os actos ou provas finaes, em que os estudantes demonstram publicamente o seu aproveitamento durante o anno lectivo.

Assenta a Universidade, num dos pontos mais elevados de Coimbra. É como o remate e corôa dos seus apinhoados edificios, que todos domina. A entrada principal é a *porta ferrea,* situada ao fundo da rua Larga. Consta esta entrada de um portico magestoso coroado do lado do nascente e occidente pelos emblemas da *Sapiencia,* e ornado com as estatuas figurativas das quatro primeiras Faculdades da Universidade, e com mais duas de D. João III, todas divididas por um e outro lado. Passado este portico, encontra-se um terreiro espaçosissimo, em cujo lado septemtrional estão os Paços das Escholas, isto é, a parte principal da Universidade. Na sua frente vê-se uma extensa galeria de columnas que se chama a *via latina,* pela qual passeiam os estudantes antes de entrarem para as aulas. Para esta galeria se abre a porta da *sala grande* ou *dos capellos,* casa magestosa em que se vêem os retratos a oleo, de tamanho natural, de quasi todos os nossos monarchas. É nesta sala que se defendem as theses, se

mesa, e nesta o missal, e as formulas impressas, pelas quaes recita o primeiro lente de theologia a profissão, e depois o juramento; e os mais o *ego eadem credo* etc.

faz o exame de licenciado, e se dá a graduação de doutor. De todos estes actos, que são interessantissimos pelas ceremonias e practicas com que são celebrados, é o mais notavel o da graduação de doutor. Reunem-se nesta sala para testemunharem esta grande solemnidade os lentes e doutores de todas as Faculdades, que então se apresentam com os seus capellos ou insignias doutoraes sôbre os seus habitos talares. Estes capellos são de côres diversas nas differentes Faculdades. Os doutores de theologia têm-nos brancos; vermelhos os de direito; os de medicina amarellos; os de mathematica azues e brancos; os de philosophia azues ferretes. Fallando do modo pomposo como se confere o gráu de doutor na Universidade de Coimbra diz um escriptor estrangeiro (211), que o esplendor d'esta ceremonia vai muito além do modo frio como semelhantes gráus são dados em Cambridge ou Oxford.

É tambem nesta sala que se costuma celebrar annualmente a 8 de dezembro a distribuição dos partidos, premios e honras de *accessit* aos estudantes mais applicados e talentosos. Além do corpo cathedratico que assiste a esta funcção, a mais digna e propria de quantas celebra a Universidade, são convidados para abrilhantal-a com sua presença as auctoridades de Coimbra. É costume recitar o reitor ou vice-reitor por esta occasião um discurso, louvando o aproveitamento dos agraciados, e excitando o brio de todos os estudantes a alcançarem eguaes honras. No mesmo sentido faz tambem uma oração um dos decanos das Faculdades.

Este acto, de sua natureza grande e solemne, tornou-se solemnissimo, depois que um monarcha illustra-

(211) Vid. *Handbook for travellers in Portugal.*

do, e que se intitulou *amigo dos que trabalham*, se dignou honral-o com a sua assistencia, distribuindo com suas proprias mãos os diplomas aos alumnos agraciados, e recitando um discurso todo de palavras de benevolencia e affecto (212).

Ao fundo da *via latina* estão os *geraes*, especie de claustro para onde se abrem as portas das aulas, muito bem dispostas. Ha em quasi todas uma tribuna d'onde o reitor pode assistir ás lições sem ser visto. Os estudantes não são admittidos nas respectivas aulas, senão com o seu trajo talar muito similhante ao de que usavam os jesuitas. O marquez de Pombal quiz acabar com este trajo secular; representou-se-lhe porém que a Universidade e o paiz tinham sympathia por aquelle uniforme tradicional; que além d'isso para os menos abastados tinha a vantagem de ser mais barato; que estabelecia maior similhança entre os estudantes; que lhes poupava inuteis despezas, e os livrava de vaidosas ostentações de luxo.

Os lentes vestem trajo identico, podem porém usar de batina de lila, o que aos estudantes não é permittido.

Nos Paços da Universidade ha ainda a notar a sala dos exames privados, onde existem os retratos de quasi todos os reitores desde o tempo de D. João III; e uma copiosa galeria de pinturas que pertenceram ás extinctas ordens religiosas.

É tambem digna de attenção a bella torre quadrangular, obra do reinado de D. João V. A sua construcção foi principiada em 17 de abril de 1728, e concluiu-se em 1733, importando em 14:543$522 réis. O

(212) Este discurso pronunciado pelo sr. D. Pedro V, bem como os dois que o precederam podem ler-se no numero 17 do vol. 9.º do *Instituto.*

seu risco, feito em Lisboa custou 48$000 réis (213). O terrado que a remata é o local mais elevado de Coimbra. Quem for amante de panoramas pittorescos não deve deixar de subir a elle, a fim de gosar as vistas grandiosas e bellissimas, com que os olhos alli se nos arrobam, e que compensam vantajosamente o trabalho da subida. Diz o principe de Lichnowsky nas suas *Recordações de Portugal*, que aprendeu de um seu amigo, que a primeira cousa que deve fazer logo que chegue a uma cidade, é subir á mais alta das suas torres, para obter uma ideia geral da situação topographica, e receber como a impressão de uma especie de desenho de planta. Em Coimbra por certo que não ha local para isso mais apropriado que a torre da Universidade.

Tudo de que temos fallado fica da parte do norte do grande terreiro da Universidade; o lado do nascente é guarnecido pelo collegio de S. Pedro. Existe neste edificio a magnifica livraria do collegio, cuja sala era uma das mais ricas, alegres e aceadas, que possuiam as extinctas corporações religiosas, e ainda hoje se conserva em quasi todo o seu antigo esplendor. Nella se encontram muitos livros raros, manuscriptos e outros objectos preciosos. Por decreto de 30 de maio de 1855 se ordenou que este collegio se incorporasse ao Paço das Escholas para accommodação da comitiva das Pessoas Reaes quando alli forem pousar ou residir, e que a livraria se conservasse como pertença do mesmo edificio para serviço da Familia Real, ou dos prelados da Universidade na ausencia da corte. Pelo mesmo decreto se ordenou que na frente do collegio sobre o terreiro da Universidade se fizessem as obras necessarias

(213) *Memoria Historica e Discriptiva da Bibliotheca da Universidade*, pelo sr. dr. Florencio Mago Barreto Feio.

a fim de que o prospecto do edificio, por aquelle lado, se tornasse regular, e quanto possivel, em harmonia com o Paço das Escholas. As obras ordenadas concluiram-se ha pouco, e em virtude d'ellas apresenta o collegio de S. Pedro a apparencia de um bom palacio (214).

No lado do oeste do largo da Universidade está a sua rica capella, a magestosa bibliotheca e as escadas de Minerva, cujo nome lhes provém da estatua d'esta deosa que coroa um portico que nellas ha. No lado do sul levanta-se o excellente observatorio astronomico.

Da capella, bibliotheca e observatorio fallaremos em artigos especiaes. Além d'estes leam-se como complementares do da Universidade aquelles em que tractamos dos outros estabelecimentos que lhe são annexos: o Museu, Laboratorio Chimico, Hospitaes, Jardim Botanico, Observatorio Meteorologico e Magnetico e Imprensa da Universidade.

Capella da Universidade

Este edificio pelo gosto do seu portico, janellas e arco da capella-mór indica ser fundação do glorioso reinado de D. Manuel.

Gosa a capella da Universidade a preeminencia de real, e além d'isto é exempta da jurisdicção episcopal e prelaticia, privilegio que, no nosso reino, só tem a capella dos Paços dos nossos reis, a casa de sancto Antonio em Lisboa e a egreja das Chagas da mesma cidade.

(214) Encontram-se noticias da fundação e historia d'este collegio no *Discurso Apologetico* etc. de Manuel Pereira da Silva Leal.

Nesta capella por ordem de el-rei D. João IV prestou á Universidade, no dia 28 de julho de 1646, juramento solemne de defender o mysterio da Conceição immaculada de Maria Sanctissima; e para memoria d'este juramento se mandou erigir a pedra com a inscripção que se vê juncta do altar de Nossa Senhora. (215)

É digno de notar-se o magnifico orgão d'esta capella, feito no reinado de D. João V. Foi começado em março de 1732, e concluiu-se em julho de 1733, importando em 3:131$100 réis. A pintura da caixa foi por escriptura do 1.º de julho de 1737, justa por 215$000 réis com o mestre pintor Gabriel Ferreira, residente em Coimbra. (216)

Nesta capella se celebram algumas solemnidades pomposas, sendo das mais notaveis as exequias, que a Universidade, grata aos beneficios que recebeu de D. João III, costuma fazer annualmente em honra d'este monarcha nos dias 11 e 12 de junho.

Bibliotheca da Universidade

Possue a Universidade de Coimbra a mais rica, a mais magestosa, a melhor bibliotheca do reino.

Este edificio maravilhoso é obra d'esse rei magnanimo, que, tendo á sua disposição os thesouros da Ame-

(215) Vide *Chron. dos Conegos Regr.* p. 2.ª, pag. 422, n.º 23, e *Histor. Seraf.* p. 5.ª, liv. 4.º, cap. 3.º Identico juramento a que eram obrigados todos os que tinham de receber algum gráu na Universidade, deixou de fazer-se desde 1855, em razão de haver sido declarado dogma universal de toda a egreja o mysterio da Conceição de Maria, por bulla de Pio IX de 8 de dezembro de 1854.

(216) *Memoria Historica e Descriptiva ácerca da Bibliotheca da Universidade* pelo sr. dr. F. M. Barreto Feio.

rica, deixou assignalada a sua epocha opulenta em tantos edificios monumentaes; é obra do fundador do convento de Mafra, aqueducto das Aguas Livres e capella de S. Roque; é obra d'esse monarcha que por mera ostentação de luxo instituiu uma patriarchal com uma grandeza que egualava a do Vaticano.

Sendo pois fundação de D. João V é facil imaginar a sumptuosidade e magnificencia d'esta bibliotheca, objecto da maxima admiração para naturaes e estranhos. O conde de Raczynski, justo apreciador do que é bello e bom, testemunhou por estas palavras, no seu excellente livro intitulado *Les Arts en Portugal,* a sublimidade d'este edificio: «Ce fut Jean V qui fonda la bibliotheque de l'université, la plus belle, la plus richement ornée que j'aie jamais visitée».

O portico que dá entrada para a bibliotheca é elegante e grandioso. É de ordem jonica, e acha-se decorado com graciosos ornatos de cantaria em relevo, e coroado pelas armas reaes lavradas com esmero. No friso do entablamento está gravado este distico:

HANC AVGVSTA DEDIT LIBRIS COLLIMBRIA SEDEM,
VT CAPVT EXORNET BIBLIOTHECA SVVM

que vertido em portuguez significa:

Tal séde aos livros deu Collimbria augusta,
Que a fronte lhe corôa a bibliotheca (217).

(217) Não foi possivel descobrir o auctor dos versos latinos, que estão nas diversas inscripções da bibliotheca, que são bem feitos e mui conceituosos. A traducção porem que aqui apresentamos em verso portuguez é obra do erudito e insigne latinista, o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, e houvemol-a da *Memoria Historica e Descriptiva da Bibliotheca* pelo sr. dr. Florencio Mago Barreto Feio. Esta *Memoria,* para cuja perfeição o seu auctor não se poupou a investigações trabalhosas, é

Por baixo da archivolta sobre a excellente porta de madeira se vê esta outra legenda escripta em folha de metal lançada em forma de fita:

LVSIADAE, HANC VOBIS SAPIENTIA CONDIDIT ARCEM:
DVCTORES LIBRI; MILES ET ARMA LABOR.

que assim se verteu:

Da sapiencia, ó Lusos, eis o alcaçar;
Onde por capitães os livros tendes;
Por armas e soldados a fadiga.

Do lado interior da bibliotheca está tambem em folha de metal sôbre a mesma porta esta inscripção:

PANDVNTVR CVNCTIS EXCVLTA PALATIA LIBRIS:
HVC ADES; AVCTORES CONSVLE, DOCTVS ERIS.
HAEC TIBI PRO STVDIIS ET LEX ET NORMA TENENDA EST:
MENS LEGAT, OBSERVET SEDVLA; PENNA NOTET.

que traduzida em portuguez significa:

A todos este passo se franqueia,
De livros adornado: aqui entrando,
Os escriptores lêde, e sereis douto.
E para o estudo vosso a norma é esta:
— Lêa e medite a mente; aponte a penna —

Os dois letreiros de latão que estão sobre a porta, fóra e dentro, custaram 28$800 réis.

As tres salas que servem de livraria e para a lei-

muito interessante, e tanto mais recommendavel quanto é bem applicado o producto da sua venda, que por elle foi offerecido á Sociedade Philantropico-Academica.

tura são magnificas e as mais ricas e bem decoradas que possue a Universidade. A columnata, as varandas e as estantes que as guarnecem são de grande primor e belleza, não só quanto aos trabalhos de esculptura, mas tambem quanto á sua pintura, que é de optimo effeito. É no gosto chinez com grande profusão e variedade de douraduras sobre fundo azul na primeira e terceira sala, e sobre fundo de cor encarnada na segunda. Estes trabalhos de pintura e douradura foram ajustados com Manuel da Silva, de Coimbra, a razão de 1:280$000 réis por cada divisão.

Um dos trabalhos mais apreciaveis d'este edificio são as pinturas a fresco das cimalhas e tectos. São executadas com tal gosto e variedade, as suas tintas são tão vivas e tão finas, que esta obra tem sido grandemente admirada pelos que estimam e apreciam as bellas artes. O conde Raczynski faz no seu livro acima citado, a seguinte apreciação d'esta obra:

«La peinture du plafond est une vaste composition, très riche comme plusieurs peintures de la même èpoque que j'ai vues á Lisbonne. Son execution denote beaucoup de savoir faire, plus encore dans la partie architectural que dans les figures.»

Este trabalho foi arrematado pelos dois mestres, Antonio Simões Ribeiro pintor e Vicente Nunes dourador, ambos de Lisboa, a razão de 600$000 réis cada uma das tres divisões, e as despesas da jornada á custa da Universidade; obrigando-se elles a desempenhar a obra com todo o primor e galhardia como effectivamente cumpriram. Em todo o tempo que durou a obra, desde agosto de 1723 até ao fim de março de 1724, empregaram nella diariamente seis e sete officiaes.

No topo da terceira sala está o retrato de el-rei D. João V entre grandiosos ornatos, trabalhados com tal belleza e perfeição, que constituem um verdadeiro primor de esculptura e pintura. Informaram-nos que

este retrato, que custou 120$000 réis, é obra de José Carlos Binheti, celebre pintor italiano. Por baixo da effigie do monarcha lêem-se estes versos em letras douradas:

REGIA, QVAM CERNIS, SPECVLVM TIBI PRAESTAT IMAGO:
IN SPECVLO TOTVM, QVOD CAPIT AVLA, VIDES.
QVAEQVE AVGVSTA PATENT, IOANNES ORDINE QVINTVS
CONDIDIT: AETERNVM PRINCIPE VIVAT OPVS.

que assim se verteram:

Neste regio retrato, como em 'spelho,
Vedes quanto este paço comprehende.
Tudo o que magestoso aqui se ostenta,
Feito é de João Quinto. Eterna seja,
Como do principe o nome, a obra sua!

Para que a architectura do edificio fosse em tudo magestosa e aprimorada, até no pavimento se empregou esmerado artificio. As lijonjas que o forram estão dispostas com muito gosto a imitar lavores de diversos feitios, sendo o risco differente em cada sala; de modo que apresenta uma perspectiva graciosa e variada.

Acham-se distribuidas pelas tres salas seis mesas riquissimas não só pela qualidade da madeira, mas pelo gosto e primor do trabalho. Quatro são de ébano, e duas de gandarú; todas com embutidos, e com ornatos resaltados de petiá; e trabalhadas no gosto antigo, com a maior perfeição da marceneria, o que lhes dá subido valor e estimação. Importou o feitio, madeira e conducção d'estas excellentes mesas em 4:410$115 réis.

Os volumes que estão nas tres salas da bibliotheca são aproximadamente 40$230, e existem ainda em dois grandes depositos a ella annexos, que ficam na

parte inferior, mais 16$140. Além d'estes pertencem á bibliotheca perto de 100$000 que eram das livrarias dos extinctos conventos e collegios d'esta cidade, e se acham depositados no dos Paulistas, na rua Larga.

Este grande peculio bibliographico é continuamente augmentado com algumas obras que se compram com a dotação annual de 1:400$000 réis, quantia assás diminuta para a bibliotheca de uma Universidade unica no paiz.

Em manuscriptos apreciaveis, edições raras, paleotypos e outras preciosidades bibliographicas é muito rica a bibliotheca. Entre os codices mais notaveis nella existentes merecem particularisar-se os seguintes:

Uma biblia em dois volumes de folio impressa em 1462, conhecida pelo nome de *Biblia de 62,* e de grande estimação por datar dos principios da arte typographica.

Uma biblia hebraica manuscripta em pergaminho, adornada com artificiosos arabescos formados por caracteres tão pequenos, que só com auxilio de uma lente se podem perceber.

Algumas outras biblias tambem manuscriptas em pergaminho, uma das quaes é muito notavel por ser de letras tão bem formadas, que imitam até á illusão perfeita os caracteres typographicos.

Um *Officio de N. Senhora* em pergaminho tambem, livro assás precioso pelas estampas e desenhos coloridos de que são ornadas as suas paginas e as vinhetas dos capitulos. Estes trabalhos de ornamentação, a que chamam *illuminuras* são na verdade de belleza e effeito surprehendentes.

Uns mappas das possessões portuguezas manuscriptos egualmente em pergaminho, e adornados tambem com bellas illuminuras.

O foral original que á villa de Almada deu D. Ma-

nuel em 1506. É tambem em pergaminho e notavel pelas suas douraduras e colorido.

Um exemplar da primeira edição do *Cancioneiro* de Garcia de Rezende.

Um exemplar dos Lusiadas de Camões da edição do Morgado de Mattheus, adornado com 12 gravuras primorosamente executadas. Esta edição monumental custou ao seu editor a enorme quantia de 51:152 francos ou 10:000$000 réis. Os typos d'esta edição foram fundidos expressamente para ella (218).

Um exemplar da *Lenda de Sancta Ursula*, livro riquissimo com bellas estampas coloridas, que custou 40$000 réis.

Ha ainda outras muitas obras de grande merecimento, que nos abstemos de apontar para não nos tornarmos prolixos. Diremos unicamente que a bibliotheca tem sido presenteada com obras de subido valor por altas personagens e corporações respeitaveis, avultando as obras offerecidas por el-rei o sr. D. Fernando, por S. M. I. do Brazil D. Pedro II, pelo governo inglez, e pela Universidade de Madrid.

Ha tambem na bibliotheca um pequeno museu numismatico que consta de mais de 3:380 moedas e medalhas, entre as quaes ha algumas de grande estimação. Este museu foi enriquecido com 884 medalhas e moedas, que legou á bibliotheca o sabio João Pedro Ribeiro (219).

Observatorio Astronomico

A construcção d'este edificio foi ordenada pelos memoraveis estatutos com que se reformou a Universi-

(218) Vide o *Dicc. Bibliogr.* pelo sr. I. Francisco da Silva.

(219) Na obra do sr. Barreto Feio que citamos na nota 213 da qual houvemos as principaes noticias que temos referido ácerca

dade em 1772. A principio começou a edificar-se o observatorio no recinto do antigo Castello; houve porem motivos que obrigaram a abandonar os trabalhos começados naquelle local (220), e a construir o observatorio no lado do sul do magestoso pateo da Universidade. Fez o risco e dirigiu as obras o architecto Manuel Alves Macombo, sob a superintendencia do dr. José Monteiro da Rocha, vice-reitor da Universidade, e lente de prima da Faculdade de mathematica. Ainda que de architectura singela, é o observatorio um edificio magestoso e de apparencia graciosa e pouco vulgar.

Acha-se provido de excellentes instrumentos, alguns dos quaes rivalisam com os de observatorios de paizes mais cultos. São dos mais notaveis a *pendula* franceza de Berthoud, que trabalha sobre agathas, e cuja variação annual é quasi nulla; o *equatorial*, instrumento de grandes dimensões, que, por sua communicação com um machinismo similhante ao dos relogios, tem a propriedade de acompanhar os astros no seu movimento diurno: serve especialmente para as observações dos cometas, e está collocado numa casinhola construida expressamente para elle no eirado superior do observatorio; o *oculo meridiano* e o *circular meridiano*, que servem para determinar o instante das passagens dos astros pelo meridiano e as suas alturas meridianas no instante d'aquella passagem. Existem ainda no edificio muitos instrumentos notaveis com que tem sido enriquecido, que seria longo enumerar.

Não devemos deixar de mencionar um trabalho importante que se admira numa das suas salas. É uma copia em ponto grande, da *Carta geographica de projecção espherica da Nova Lusitania ou America Por-*

da bibliotheca, encontrarão os leitores mais ampla descripção e a historia d'este importante estabelecimento, escriptas com grande pericia e minuciosidade.

(220) Vid. pag. 148.

tugueza e Estado do Brasil, de Antonio Peres da Silva Pontes Leme, capitão de fragata, feita em 1797 por J. J. Freire e M. T. da Fonseca.

Actualmente trabalha-se nos preparativos para pôr o observatorio em communicação telegraphica directa com os principaes observatorios conhecidos: dentro em pouco deve estar estabelecida esta communicação.

Foi primeiro director do observatorio o insigne mathematico José Monteiro da Rocha, a quem por seu preclaro talento e serviços scientificos prestaram estima e respeito os sabios extrangeiros. É a este distincto astronomo que se devem as celebres *Ephemerides*, obra de grande apreço e geralmente estimada no mundo scientifico. Delambre, fallando d'este monumento intellectual expressou-se da maneira seguinte: «Tenho a honra de offerecer ao Instituto de França em nome do sr. Monteiro da Rocha as Ephemerides do Real Observatorio da Universidade de Coimbra. Eu não me atreveria a entreter a classe com uma obra d'este genero, se a Ephemeride da Universidade de Coimbra não fosse uma obra inteiramente distincta de todas quantas apparecem com este titulo, e a mais ricca em mudanças uteis, e em memorias ácerca dos pontos mais delicados em astronomia»

Ao grande vulto scientifico, José Monteiro da Rocha, têm succedido na direcção do observatorio homens verdadeiramente sabios e devéras empenhados no adiantamento da sciencia a que se dedicaram. As Ephemerides têm sido continuadas, com a interrupção porém de alguns annos.

Outros muitos trabalhos practicados no observatorio têm sido grandemente elogiados, e pode dizer-se indubitavelmente, que este estabelecimento, cooperando com outros observatorios acreditados, tem tido uma parte consideravel no aperfeiçoamento da astronomia.

Aconselhamos ás pessoas que visitarem Coimbra, o

cujo espirito seja ainda o mais indifferente ás mathematicas, que não deixem de subir ao eirado superior do observatorio, pelo panorama que d'alli se gosa, que é na verdade magnifico e encantador. (221)

Collegio de Sancto Antonio da Pedreira

Na rua da Trindade, e muito proximo das *Escadas de Minerva* está o pequeno collegio de Sancto Antonio da Pedreira, fundado no anno de 1602. Se por sua humilde fabrica não se faz digno de reparo este edificio, merece todavia a attenção das pessoas bem-fazejas e piedosas por estar alli estabelecido o *Asylo da Primeira Infancia Desvalida*. Esta pia instituição, teve origem no dia 9 de julho de 1835, em que se constituiu a sociedade de beneficencia para a casa de asylo da primeira infancia, por occasião de uma brilhante reunião de cidadãos de diversas classes numa das salas da Imprensa da Universidade. No anno de 1836 foram satisfeitos os votos d'aquella assembleia, inaugurando-se o asylo com a recepção de doze meninos, tirados á sorte d'entre os mais pobres; numero que tem sido augmentado consideravelmente.

Collegio da Trindade

O collegio da Trindade foi estabelecido em 1552 proximo da sé velha em umas casas que haviam pertencido a D. Vetaça, nobre senhora que veiu de Aragão em companhia da rainha Santa Isabel. Passados alguns annos, no de 1562, fr. Roque do Espirito San-

(221) Noticias mais circumstanciadas d'este edificio encontram-se no *Panorama* de 1842 e no *Archivo Pittoresco* de 1865.

to, varão de extremada virtude, e tão zeloso observante do seu piedoso instituto, que só á sua parte resgatou mais de tres mil captivos, deu começo á casa propria na rua da Trindade, concorrendo com o necessario para a sua fabrica el-rei D. Sebastião e a rainha D. Catharina (222).

Presentemente é este edificio de dominio particular, excepto a egreja, onde se estabeleceu o tribunal de justiça.

Theatro de D. Luiz

Existiu na rua de S. Christovão uma egreja de tres naves da invocação d'este sancto, e cuja fundação achamos (223) ser devida a D. João Peculiar no anno de 1110. A transferencia da séde de parochia para a sé velha, e o estado ruinoso a que se havia reduzido a egreja de S. Christovão tinham feito desamparar ha annos este edificio. Achava-se em deploravel abandono quando se principiou no seu local a construcção de um theatro, devida á iniciativa de alguns individuos, que para isso se associaram, e obtiveram o arruinado templo por concessão da respectiva juncta de parochia, e confirmação regia de 23 de março de 1857.

A sociedade tomou posse da antiga egreja no dia 27 de abril de 1857, e tractou depois de haver os meios para a fabrica do projectado theatro. Para alcançar este intento convidou mais socios, e em numero de quarenta, discutiram e organisaram certas bases, e arranjaram uma quantia avultada para a construcção.

Feita a exhumação dos restos mortaes existentes no

(222) Vid. *Historia Chronologica da Esclarecida Ordem da SS. Trindade*, por fr. Jeronymo de S. José, t. 1.º, pag. 367.
(223) Na *Planta* citada na nota 199.

antigo templo com todas as regras e prescripções impostas pela auctoridade superior ecclesiastica, começaram se as obras (224) do theatro no mez de fevereiro de 1860.

A principio deu-se ao novo theatro a denominação de *S. Christovão*; posteriormente porem representou a sociedade a el rei, pedindo-lhe consentisse que elle se denominasse de *D. Luiz 1.º*, e em data de 18 de dezembro de 1861 houve S. M. por bem deferir a este pedido.

No dia 22 de dezembro de 1861 abriu-se pela primeira vez ao publico o theatro de D. Luiz, representando-se o drama intitulado *O Dia da Redempção*, original portuguez do sr. Mendes Leal Junior (225).

A Sé Velha

Quasi no meio da collina em que Coimbra assenta, levanta-se o magestoso e celebrado templo da Sé Velha, um dos principaes e mais historicos monumentos de Portugal.

Antiguidade veneranda, aspecto imponente e grandioso, bellezas e excellencias de architectura, notabilidades artisticas, restos de pessoas illustres que en-

(224) Alguns objectos de pedra, trabalhados com gosto, pertencentes á antiga egreja, como estatuas, columnas, capiteis, etc., os levou para as suas propriedades de Luso e Graciosa o sr. conde d'este titulo.

No numero 8 do *Antiquario Conimbricense* vem uma noticia interessante de um monumento, apreciavel por sua antiguidade, que existiu por cima da porta da sachristia d'esta egreja. É o epitaphio de João presbytero da collegiada de S. Christovão, fallecido no anno de 1169.

(225) Nos *Estatutos* da Sociedade Recreativa impressos em 1862, e nas noticias e peças officiaes a elles annexas, encontra-se a historia minuciosa do theatro de D. Luiz.

cerra este edificio, e recordações de notaveis acontecimentos a elle ligadas, tudo concorre para fazer celebre e importantissima esta velha cathedral.

Como quasi todos os monumentos antigos, tambem a sé velha tem dado origem a divergencia de opiniões relativamente á epocha a que se deva attribuir a sua fabrica. Não somos d'aquelles que dão ao templo que hoje subsiste uma antiguidade fabulosa, remontando a sua construcção ao tempo dos godos, ou dizendo-o mesquita de mouros, como tem feito alguns escriptores, aliás auctorisados, que d'este edificio têm tractado. Em nosso humilde parecer a sé velha é coeva da monarchia; e para que se não diga gratuita ou filha de vãs conjecturas a nossa asserção, mencionaremos aqui os documentos, a nosso ver irrecusaveis, em que a fundamentamos.

Conquistada Coimbra aos mouros em 1064 por el-rei D. Fernando Magno, foi um dos primeiros cuidados d'este monarcha constituir em templo de christãos a sua mesquita maior, dedicando-a a Sancta Maria (226).

Purificado e convertido ao christianismo, elevado á categoria de sé, sendo seu primeiro prelado o bispo de Tortosa D. Paterno, a quem D. Fernando havia convidado para reger a nova diocese (227), subsistiu

(226) Gasco, *Conquista, Antiguidade.... de Coimbra*, cap. 3 º O sr. Castilho nos seus *Quadros Historicos* commemorou este facto nos seguintes versos:

Christãos, ganhastes Coimbra,
Mais que joia oriental;
Mais tu, Coimbra, ganhaste,
Que tens fonte baptismal,
E a tua mesquita grande
Verás logo em cathedral.

(227) Vide no t. 4.º da *Collecção dos Documentos ... da Academia de Historia*, o catalogo dos bispos de Coimbra por Ferreira.

por alguns annos o templo mourisco; porem, depois da morte de D. Affonso VI, fazendo os arabes uma furiosa correria á cidade, causaram á cathedral tão consideravel damno, que o bispo D. Gonçalo teve de emprehender a sua reedificação. Tractando d'este prelado diz um auctorisado escriptor (228) com referencia a este successo: «Se por um lado teve grandes contrariedades e discordias com o bispo do Porto D. Hugo e grandes despesas a fazer com as demandas, que com elle sustentou, ...não as teve menores com a entrada, que nesta cidade fizeram os mouros depois da morte de D. Affonso VI, quasi inesperadamente, e com tanta pressa, *que de mistura entraram em a cidade com os moradores, que se recolhiam; a qual estava neste tempo com pouca gente, porque o conde* (D. Fernando Peres de Trava) *a tinha levado a uma empreza... e na cidade mataram muita gente, e derribaram muitos edificios, e pozeram esta sé quasi por terra... a qual o bispo D. Gonçalo mandou fazer ás suas custas* como diz (com bons fundamentos) o dr. Pedralves.»

No tempo do bispo D. Miguel, que governou desde o anno de 1162 até ao de 1176, ainda se faziam na sé obras de grande vulto, á custa d'este prelado. Assim o affirma Pedro Alvares Nogueira pelos seguintes termos, que transcreveu D. Nicolau de Santa Maria na *Chronica dos Conegos Regrantes* (229): «Trabalhou muito porque o culto divino fosse em grande crescimento, e gastou muito dinheiro em reparar, e refazer a sé; e dez annos trouxe um estremado official occupado nisto, a quem dava grande salario á custa da sua fazenda. E mandou vir um grande architecto por nome Roberto para fazer e ordenar as portas da sé.» Accres-

(228) Miguel Ribeiro de Vasconcellos, na *Noticia Hist. do Mosteiro da Vacariça*, p. 2.ª pag. 20.
(229) Parte 2.ª, cap. 13.º

centa ainda D. Nicolau que o mesmo bispo deixou para a fabrica do templo setecentos morabitinos.

O que acabamos de referir é ainda corroborado com o seguinte extracto de um brilhante artigo publicado no *Panorama* de 1853 pelo sr. L. A. Rebello da Silva, que, baseado em documentos do *Livro Preto*, demonstra a reedificação da sé em tempo do bispo D. Miguel.

«As obras começaram com donativos dos conegos e do bispo. Além de grossa quantia de dinheiro, o prelado concorreu com uma formosa junta de bois, avaliada em doze morabitinos (pouco mais ou menos 19$200 réis). O architecto Bernardo, dez annos director das construcções, recebeu 124 morabitinos (198$400 réis) comendo á meza do bispo, e tendo annualmente um vestido completo na valia de 3 morabitinos (4$800 réis). Apesar da importancia (para a epocha) d'esta remuneração, mestre Bernardo estava longe de ser um engenheiro irreprehensivel. Correndo as contas das despesas nota-se uma verba applicada no pagamento de outro architecto, Roberto de Lisboa, quatro vezes chamado a Coimbra para emendar a obra, e sobre tudo para se incumbir do trabalho do portal. Este antecessor de Miguel Angelo trazia comsigo um estado de quatro moços e quatro jumentos, que o bispo pelo contracto estava obrigado a sustentar, cousa menos facil do que póde figurar-se. Além da cevada, do pão, e da carne e vinho necessarios para o consumo dos homens e dos asnos, o mordomo episcopal pagou a mestre Roberto a somma avultadissima, visto o preço do dinheiro naquelle tempo, de 1:510 morabitinos (2:416$000 réis!). O architecto Bernardo, que, sob a tutela do mentor de Lisboa, dirigia a obra, falleceu durante ella; e o seu successor, mestre Sueiro, varão menos importante ao que parece, não obteve as honras lucrativas do talher á meza do bispo, dando-se-lhe

em compensação um vestido por anno, um quintal de vinho, e um moio de pão.

«O architecto Roberto, incumbido do desenho e lavor do portal e da correcção da obra, não foi o unico artista de fóra que veiu trabalhar na sé de Coimbra. Entre outros apparece um estrangeiro, mestre Ptolomeus, (nome byzantino) como auctor do famoso retabulo dourado do frontal, e do quadro com lavores de ouro da Annunciação da Virgem. Ptolomeus tinha por anno 150 morabitinos (240$000 réis), e o ourives Felix, que fez o jarro e a bacia de prata para o serviço da missa, recebeu pela mão de obra 7 morabitinos (11$200 réis). Tanto na composição e ornato das aras e columnas do altar de Sancta Maria, como no pavimento das absides, lageado de mosaico em xadrez, dispenderam-se 40 morabitinos (64$000 réis). A cruz de ouro fino, dadiva do bispo, era a maravilha do templo. Algumas lascas do sancto lenho, embutidas no metal precioso, e duas laminas tiradas da pedra do monte Calvario, tornavam-na extremamente devota. Em uma das laminas, ao meio da cruz, estava esculpida com grande primor a figura de Christo cruxificado; e do outro lado a da Mater Dolorosa. A generosidade do bispo não se limitou a esta bella offerta. São innumeraveis as dadivas de vasos, vestimentas, e joias com que enriqueceu o thesouro da cathedral subsidiando as obras, e estimulando-as de dentro mesmo da cella de Sancta Cruz, aonde se tinha recolhido padecendo de uma enfermidade aguda.

«Não respiram toda a singeleza da meia edade estas noticias lançadas por um conego no registo da cathedral? Aquelle architecto que o bispo assentava á sua meza, e ao qual dava um vestido todos os annos, não provará a estimação das artes? A vinda de mestre Roberto para emendar as obras e presidir ao lavor do portal sendo elle estrangeiro, como o nome indica,

não nos explica o ar de parentesco de alguns monumentos nossos com os de fóra do mesmo periodo? Naturalmente o architecto chamado de Lisboa pertencia á raça do norte, tendo vindo em qualquer das frotas de cruzados, que entravam frequentemente no Tejo. Se a conjectura não é arriscada, acha-se mais que provavel que o bispo, desejando que a nova sé se levantasse egual na perfeição e na grandeza aos edificios religiosos da epocha, não poupou sacrificios para corrigir e aformosear a sua cathedral pela mão d'um artista, formado na eschola, que produziu as bellas epopeias de pedra da França, da Inglaterra e da Allemanha. Com este mestre Bernardo podia aprender sem pejo; e Coimbra, acabado o templo, não seria orgulhosa exclamando: «a nenhum inferior no reino!»

«De feito ha na sé de Coimbra um caracter indelevel. É a magestade sacerdotal na sua expressão elevada. Mesmo depois das renovações do bispo D. Jorge de Almeida em 1540 e do bispo Affonso de Castello Branco no seculo 17.º, o sentimento que predomina ainda é o da arte menos florida e mais crente do seculo da fundação. O typo austero conserva pura e intacta a severa belleza apesar dos estragos e das reparações successivas. Rodeada de uma coroa de ameias, fortificada com as duas torres meias guerreiras, meias devotas, a antiga cathedral, como os seus primeiros pastores, era a imagem da egreja militante. Esta armadura de pedra assimilhava-se á couraça envergada sobre as vestes clericaes pelo bispo e pelos conegos nos dias de conflicto. Por fóra estava o castello; por dentro a casa de Deos, aonde a fé aos pés da cruz se abraçava com a esperança!

«O que acabamos de expor em resumo foi textualmente extrahido do Livro Preto de Coimbra, de um documento intitulado *Minutatio testamentorum sive hereditatum sedis S. Maria Colimbriensis.* Por elle é

que se descobriu aproximadamente a epocha da fundação da sé, e as principaes circumstancias da sua origem e estructura. Collaça da monarchia, e filha de Affonso Henriques, a cathedral, se não remonta aos godos e aos arabes, nasceu em um periodo sagrado pela victoria, e heroico pelos prodigios de valor e de abnegação, que o ennobrecem. A lenda que poeticamente queria levar a sé a uma antiguidade fabulosa expirou diante da historia, como vacillava já perante o raciocinio critico. Era escabrosa na realidade de concordar a remota existencia attribuida á cathedral com a destruição completa de Coimbra! Só um milagre conseguiria, que reduzida a ruinas a cidade escapasse da assolação o monumento religioso para justificar os brazões archeologicos, inventariados pelos seus genealogistas».

Duas faces estão patentes d'este antigo templo. Ambas de cantaria, coroadas de ameias, e tisnadas dos seculos apresentam uma apparencia singular, que causa sempre no visitante que as contempla uma impressão grave e profunda. Ou os raios do sol batam sobre as suas pedras denegridas, ou a claridade da lua as retinja de uma cor melancolica e sinistra, o aspecto da sé velha ostenta-se sempre magestoso e sempre severo.
A frente principal, que lança ao poente, o que offerece de mais interessante é o magestoso portico de mestre Roberto. Apesar de o ter carcomido muito a diuturnidade de sete seculos, ainda se divisam nelle o bom gosto e nobreza da sua architectura. É saliente do resto da fachada, e formam-no varios arcos de cintro pleno, firmados em columnas, da maior parte das quaes só restam as bases e capiteis. Superiormente está uma tribuna formada tambem por columnas e arcos, similhantes na traça e lavores áquelles sobre que assenta. Aos lados do portico vêem-se duas janellas,

mandadas rasgar pelo bispo D. João de Mello (230) que governou a diocese de Coimbra desde 1684 até 1704.

Em 1839 derribaram-se algumas das ameias d'esta fachada e accrescentou-se-lhe um campanario, em cuja construcção se empregaram pedras do proprio edificio. Não lhe valeu esta precaução para que não se distinga, por sua cor alvacenta, do resto da frontaria, pelo que se tornou a torre um remendo ridiculo, que adulterou consideravelmente o caracter venerando da fabrica primitiva.

A fachada lateral é digna de ser examinada com toda a minuciosidade. Logo juncto da esquina occidental attrahe a attenção do observador um caixão de pedra, onde foram depositadas as cinzas do conde D. Sisnando, e as de um sobrinho seu. D. Sisnando foi um dos capitães que mais se assignalaram na conquista de Coimbra em 1064; e diz-se que para a resolução d'esta empreza influiram muito no animo de D. Fernando os seus conselhos e instigações. Tão excellentes qualidades achou este monarcha em D. Sisnando, que depois da conquista lhe entregou o governo da cidade e de todas as terras que havia tomado aos mouros desde Lamego até ao mar, dando-lhe plenario poder para dispor de tudo como lhe aprouvesse. Desde então representa D. Sisnando em antigos documentos com esta variedade de titulos da sua dignidade: conde, consul, governador e alvasil.

O modo como se houve no governo e defensa das povoações, de cujo senhorio fora investido, bem mostrou que não podia ser mais acertada a escolha que d'elle fizera D. Fernando. Não contente com reger

(230) Attendeu muito ao adorno da sua sé, abriu-lhe novas janellas, levantou a torre grande, e ornou o coro e capellas com ricas armações e retabulos. — Fonseca, *Evora Gloriosa.*

com grande prudencia e justiça os povos confiados á sua direcção, dilatou consideravelmente os limites do seu imperio, conquistando aos mouros algumas terras importantes; e reedificou, fortaleceu e povoou outras, entre as quaes se nomeam Monte-Mór-o-Velho, Tentugal, Cantanhede, Penella e Arouce.

D. Sisnando tornou ainda caro o seu nome pelo serviço que prestou ás lettras patrias, instituindo, de concerto com o bispo D. Paterno, juncto da cathedral, um seminario de moços, que viviam em communidade, sob a regra de Sancto Agostinho, e que nelle estudavam e se iam dispondo para illustrarem o reino com sua sciencia (231). Falleceu tão egregio varão no anno de 1091 a 25 de agosto (232). O tumulo em que foram encerradas as suas cinzas tem gravado o seguinte epitaphio:

AQUY. JAZ. HUU. QUE. EM. OUTRO TENPO. FOY. GRANDE. BAROM.
SABEDOR. E MUITO. ELOQUENTE. AVONDADO. E RICO. E AGORA.
HE. PEQUENA. CINZA. ENÇARADA. EM. ESTE. MOIMENTO.
E COM. EL. JAZ. HUUM. CEU. ÇOBRINHO. DOZ. QUAEZ. HUU.
ERA. JA. VELHO. E OUTRO. MANCEBO. E O NOME. DO TIO.
SESNANDO. E PEDRO. AVIA. NOME. O ÇOBRINHO. (233).

Dos dois porticos da fachada lateral, que ambos se

(231) Vide *Noticias Chron. da Universidade* por Ferreira.
(232) Encontram-se mais amplas noticias de D. Sisnando na *Benedictina Lusit.* t. 1.º, pag. 331; no numero 3 do *Antiquario Conimbricense*, e principalmente em um artigo do sr. R. de Gusmão no vol. 8.º do *Archivo Pittoresco*, pag. 330.
(233) No *Antiquario Conimbricense* n.º 3 vem o *fac-simile* d'esta inscripção. Achámos noticia em um manuscripto de que el-rei D. Manuel mandou pôr no adro da sé o tumulo do conde D. Sisnando, em razão de haver mandado demolir o antigo claustro onde d'antes estava num arco grande; e que esse claustro era situado onde hoje se vê a rua, que juncto do templo, vae direita á das Covas. Roboram a asserção relativa ao tumulo as reflexões apresentadas pelo douto João Pedro Ribeiro nas suas *Dissertações Chronologicas e Criticas*, t. 1.º, pag. 193.

attribuem ao tempo do bispo D. Jorge de Almeida, torna-se muito apreciavel o maior, que é de fabrica excellente e decorado com grande profusão de miudezas e lavores de notavel primor e elegancia. Fez este portico o grande architecto João de Castilho, que tão celebre se tornou pelo esmero e bom gosto das suas construcções. Assim o affirma o sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, que fallando d'este artista insigne diz o seguinte: «Tambem esteve em Coimbra, pois sem duvida de seu tempo e suas são as portas excrescentes de pedra de Ançã da sé velha. Os bustos em medalhões, os arabescos ao divino, os nichos de concha, os balaustres, os vasos, as pilastras estriadas, a par de um arremedo das renascentes ordens dorica e corinthia, como tudo ahi se vê, não podem deixar de ser obra de Castilho, já meio convertido ás doutrinas de Vitruvio» (234).

Um outro objecto, assás notavel e de grande interesse para os antiquarios existe nesta fachada. É uma inscripção arabe, da qual o sr. Ayres de Campos deu a seguinte curiosa noticia: «Até na archeologia as novidades apparecem sempre. Quem nos diria que na sé velha de Coimbra, tão explorada desde antigos tempos, havia de descobrir-se ha poucos annos uma nova inscripção, não sonhada ainda pelos novos investigadores de pergaminhos e sepulturas? A quem pela mente passaria, que naquelle venerando monumento do seculo XII (se falla verdade o *Livro Preto*) existia incognito um letreiro arabe, arabissimo puro, com effeito, no dizer nos caracteres, em tudo?

«Pois o letreiro lá está — sumido sim, e quasi imperceptivel em uma pedra da muralha, fronteira ao celeiro do Cabido, um pouco acima da primeira porta

(234) *Noticia Historica e Descriptiva do Mosteiro de Bellem.*

lateral, mas muito real e verdadeiro para quem tiver a paciencia de o procurar, e maior ainda de o interpretar.

«Quer o leitor curioso ver a sua traducção, remettida de Lisboa (Babel abençoada de todas as linguas), e feita pelo relevo de gesso ou barro, que d'aqui lhe foi enviado? É a seguinte:

Honra e gloria em especial foi dada a este logar pela nossa assistencia nelle. Exaltado seja aquelle, que o tornou em logar de asylo para os que vieram guardal-o e defendel-o.

«Mas agora que difficuldades enormissimas não ha aqui para resolver!

«Seria a inscripção aberta naquelle mesmo recanto escuro, em que foi descoberta? Foi a pedra, inteiramente similhante ás outras do monumento, transportada d'algum outro edificio dedicado a Allah e ao seu profeta? E, sendo assim, consentiriam os devotissimos conegos e o seu bispo a exposição da legenda musulmana na face do templo christão, consagrado a Sancta Maria Colimbriense?» (235).

O interior do templo não desdiz da apparencia nobre e veneranda da sua parte externa. A sua architectura simples mas magestosa, o seu aspecto de ancianidade, uma claridade moderada, tão propicia aos actos e sentimentos piedosos, tudo nos enche a alma, como disse Garrett, de um certo não-sei-que entre gozo, respeito, devoção, melancolia e suavidade, que podemos alli estar horas esquecidas sem nos lembrar nem importar mais nada (236).

Duas fileiras de columnas, revestidas de bellos azulejos, dividem em tres naves o recinto do templo. Lateralmente vêem-se algumas capellas e altares com

(235) *Litteratura Illustrada*, pag. 54.
(236) *Obras de Garrett, Lyrica*, t. 16.º de 3.ª edição.

retabulos de talha dourada de diversos lavores. O cruzeiro é coroado por uma elevada cupula mandada construir pelo bispo D. Antonio de Vasconcellos e Sousa (237), e abrem-se na frente tres capellas, que ficam em correspondencia com as tres naves.

São muitos e importantes os monumentos, inscripções notaveis, e objectos de arte dignos de observação, que se encontram espalhados por todo o templo. Logo á entrada do portico principal, embebida na parede, por detraz da meia porta do lado direito de quem entra, está uma lapide que tem gravada a seguinte inscripção:

ERA. MILLESIMA. TRECENTESIMA VIGESIMA OCTAVA SEXTO. NONAS. OCTOBRIS. OBIIT. DONNUS. PASCHASIUS. NUNIS. ARCHIDIACHONUS. DE SENA IN. ECCLESIA. COLIMBRIE. CIRCA. PAVIMENTUM. PORTE. OCCIDENTALIS IPSIUS. ECCLESIE CUJUS. ANIMA. REQUIESCAT. IN. PACE. AMEN. (238).

O bom estado em que se acha a lapide, a integridade dos seus caracteres, e o ouro que ainda se lhe descobre, tudo promette a este mudo pregoeiro da memoria de D. Paschasio uma larga duração.

Juncto da cornija da primeira columna da nave do lado da epistola, sobranceira ao arco da capella de N. S. da Piedade (outr'ora de S. Miguel) está outra lapide com esta legenda:

TERTIO. DIE. MENSIS. SETEMBRIS. DE. ERA MILLESIMA TRECENTESIMA
OCTOGESIMA. TERTIA. OBIIT. DOMNUS. ANDREAS. JOHANIS. CANTOR. HUJUS. ECCLESIE NEPOS. DOMNI. ACCURSII. ET
DOMNI. GUILHELMI. MILITUM. MAGISTROS. IN. JURE CANONICO. ET. CIVILI. CUJUS. ANIMA. REQUIESCAT. IN PACE. (239).

(237) *Memorias do Collegio de S. Paulo*, pag. 320.
(238) No numero 2 do *Antiquario Conimbricense* vem o *facsimile* d'esta inscripção.
(239) No numero 4 do *Antiquario Conimbricense* vem o *fac-*

Nos altares lateraes encontram-se algumas pinturas, duas das quaes têm sido elogiadas por apreciadores competentes. Uma d'estas é a imagem da rainha Sancta Isabel, situada em a nave do lado da epistola, ácerca da qual diz o seguinte o conde de Raczynski:

Parmi les quatre grandes peintures qu'on voit dans la cathédrale, la plus intéressante, sans être pour cela bien supérieure à toutes les autres, est le portrait de la sainte reine Isabelle; il est de grandeur naturelle, et incontestablement d'une époque bien postérieure à celle où elle vivait. Ce portrait n'a certainement pas deux cents ans (240).

A outra, que fica em a nave do lado do evangelho, representa Sancta Ursula, e mereceu os gabos de M. Chavignaud que disse d'ella: C'est la première fois que je rencontre en Portugal le portrait de notre sainte martyre, et cette fois ce n'est pas une peinture flamande, mais bien l'œuvre d'un peintre portugais. La Sainte Martyre, dans toute la splendeur de la beauté morale et physique, occupe le centre du tableau. Ses yeux, où brillent la foi et l'exaltation d'une belle âme qui s'est donnée volontairement à Dieu, sont levés vers les cieux. Elle tient dans la main droite une hampe au sommet de laquelle flotte la blanche bannière sur laquelle se lit *Christus* et qu'elle brandit majestueusement. Les compagnes sont martyrisées à ses pieds, tandis que de petits groups d'anges, répandus dans un ciel transparent, jettent des fleurs aux saintes filles. Dans le fond du tableau on voit le Rhin majestueux, sur lequel flottent les barques delaissées sur le

simile d'esta legenda e as pouco importantes noticias que se sabem relativamente a D. André João.

(240) *Les Arts en Portugal*, pag. 469.

rivage. Ce tableau parait être du commencement du XVI.e siècle. Il m'a vivement intéressé (241).

No cruzeiro, debaixo de um arco aberto na parede do lado do evangelho está um antigo monumento, que tem a forma de altar, em cuja parte superior se vê estendido o vulto de um prelado, com mitra na cabeça, as mãos cruzadas sobre o peito, e os pés apoiados a um leão. É o tumulo de um illustre bispo d'esta cidade, D. Egas Fafes, descendente por linha masculina do famoso alferes do conde D. Henrique, D. Fafes Luz. Foi assumpto ao episcopado de Coimbra no fim do anno de 1246, e aqui residiu até ao principio do de 1266, em que partiu para Roma, onde alcançou a prelazia compostellana. Falleceu em 1268 no dia 9 de março (242).

Juncto do tumulo do bispo D. Egas está outro do mesmo gosto, em que repousam as cinzas de D. Vetaça. Esta illustre dama foi filha de Guilhelmo, conde de Vintemilha, e da *mui nobre dona Lascara*, infanta da Grecia (243). Veiu por casos adversos de Italia a Aragão, de Aragão a Portugal com a rainha Sancta

(241) *Jornal do Porto*, n.º 105 de 10 de maio de 1866. M. Chavignaud accrescenta ainda: M. le comte de Raczynski a vu dans la sainte Ursule le portrait de la reine Isabel. Il a commis une *legère erreur* qu'il lui sera facile de rectifier dans la nouvelle édition q'il doit donner des *Arts en Portugal*. Em *ligeiro erro* parece-nos haver cahido Mr. Chavignaud, pois na Sé Velha existe, como dissemos, a pintura que representa sancta Isabel.

(242) Vide *Agiol. Lusit.* t. 2.º, commentario ao dia 9 de março. Tambem se encontram noticias de D. Egas na *Mon. Lusit.* p. 4.ª, liv. 15.º, cap. 8.º; na *Conquista....de Coimbra* cap. 20.º; na *Hist. Seraph.* por Esperança, p. 1.ª, liv. 5.º, cap. 40; e no *Catalogo dos Bispos de Coimbra* por Ferreira.

(243) «É este o nome com que D. Vetaça designa sua mãe em seu testamento, documento curioso, que tivemos occasião de ver no cartorio do cabido da sé de Coimbra; sendo para notar

Isabel, que a fez aia de seu filho o infante D. Affonso, depois rei, IV de nome (244). Havendo creado D. Constança, filha d'el-rei D. Diniz, sendo sua aia, acompanhou-a depois, como sua camareira mor, ao reino de Castella, e ahi a serviu por algum tempo e creou sua filha a infanta D. Leonor. El-rei D. Fernando IV lhe doou a villa de Padrassa em 20 de fevereiro de 1311, dizendo que lhe fazia esta mercê *por la criança que fizo en la Reina Doña Constança mi muger, y en la infanta Doña Leonor nuestra fija* (245). Foi tutora dos infantes D. Pedro e D. João, por a mandar a rainha D. Constança, que falleceu em Sahagum. Tendo regressado a Portugal, veiu viver na cidade de Coimbra, onde foi irmã da ordem de S. Francisco, fazendo muitos bens aos seus religiosos (246). D. Vetaça casou com Martim Annes dos de Soverosa, fidalgo muito illustre, de quem não teve successão (247). Falleceu cheia de boas obras no dia 21 de abril de 1336, deixando a maior parte de seus bens ao cabido da Sé de Coimbra (248).

que Brito na *Monarchia Lusitana*, e Sancta Maria no *Anno Historico* lhe dão o nome de Irene. Nós tambem escrevemos *Vetaça*, porque assim se lê no documento citado; Gasco escreve *Bataça*, e Castro (*Mappa de Portugal*) *Bataza*» — sr. R. de Gusmão, *Inst.* vol. 5.º, pag. 228.

(244) *Anno Historico*, t. 1.º, pag. 496.

(245) *Mon. Lusit.* liv. 17.º, cap. 40.º

(246) *Jardim de Portugal* por Luiz dos Anjos pag. 228.

(247) *Panorama* de 1843 pag. 122.

(248) «Esta infanta, tendo vivido sanctamente, deixou toda sua fazenda, que era amplissima, a varias egrejas, e a maior parte d'ella á cathedral d'esta cidade, que é bem rica, e muito mais o seria, se hoje junctamente com o direito tivesse a posse nos grandes bens, e herança que de antes tinha em Constantinopla, a qual está hoje em poder dos sequazes de Mafamede, e é corte do Grão Turco» — Carvalho, *Chorogr. Portug.* t. 2.º, cap. 5.º

O tumulo que encerra as cinzas d'esta nobre senhora tem sobre a tampa a sua estatua de grandeza descommunal, representada com habitos religiosos, a cabeça sobre uma almofada sustentada por dois anjos, e aos pés dois rafeiros. Na face anterior do moimento vêem-se entre varios ornatos tres aguias em relevo, cada uma com duas cabeças (249). Consta que tinha outr'ora este epitaphio:

HEIC SITA EST BATAZA IMPERATORIS GRÆCIÆ NEPTIS (250)

As tres capellas que se abrem para o cruzeiro, a de S. Pedro, a capella-mór e a do Santissimo, todas encerram bellezas que as fazem muito notaveis. Do lado do evangelho fica a de S. Pedro, cujo retabulo, de pedra em relevo, é obra de grande delicadeza e primor, e porventura do mesmo escopro que lavrou as portas lateraes do templo. Foi mandado fazer pelo bispo D. Jorge de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, primeiro conde de Abrantes. D. Jorge contava apenas 23 annos quando cingiu a mitra conimbricense e por espaço de 62 exerceu o episcopado, fallecendo no dia 25 de julho de 1543 com 85 de edade. Teve muitos votos para supremo pastor no conclave que em seu tempo se celebrou em Roma. Acompanhou el-rei D. João II quando foi com o principe D. Affonso a Estremoz no anno de 1490 a buscar a princeza D. Isabel, e esteve juncto d'este monarcha na occasião da sua morte. No anno de 1512 baptisou em

(249) «As armas do Imperador é uma aguia preta de duas cabeças em campo de ouro, em memoria da de Julio Cesar, e da união do Imperio Oriental, e Occidental»—Lobo, *Obras, Corte na Aldeia*, dialogo 2.º

(250) Rezende, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, lib. 4.º

Lisboa o infante D. Henrique, que depois foi cardeal e rei (251). Na capella de S. Pedro jaz sepultado o bispo D. Jorge sob uma campa de marmore raza com o pavimento, na qual se vê gravado este epitaphio:

DIVINI. NVMINIS.
PIETATE. EPISCOPVS
COMES. GEORGIVS
DALMEIDA. HIC. SITVS
VIXIT. ANNIS. LXXXV
OBIIT. VIII. KL^S. SEXTILES.
ANN. D. M. D. XXXXIII
ANNIS. LXII VTRAQZ
DIGNITATE. PRÆLITVS.

A campa é orlada por uma linda tarja, e tem representado o brazão do illustre bispo, que consta de escudo esquartelado, no primeiro e quarto campo de vermelho tres besantes de ouro entre uma dobre cruz e bordadura do mesmo: segundo e terceiro campo de prata leão de purpura; e é rematado pelo chapéo e cordões episcopaes.

Na capella-mór ha a admirar o famoso retabulo de talha, mandado fazer tambem pelo bispo D. Jorge de Almeida. É um trabalho delicadissimo e de muito bom gosto, ostentando em seus lavores e rendados grande mimo e elegancia. Graves escriptores têm sido prodigos em elogios á sublimidade d'esta obra. Gasco diz ser este retabulo o mais curioso e subtil que se sabe haver em Hespanha (252); o conde de Raczynski o considera do mais puro estylo gothico (253); Garrett disse que é o mais fino e perfeito e delicado lavor gothico em talha de que tem noticia, e talvez que exista

(251) Vide *Agiol. Lusit.* t. 4.º, pag. 306; e *Conquista.... de Coimbra* cap. 22.º
(252) *Conquista....de Coimbra*, cap. 22.º
(523) *Les Arts en Portugal*, pag. 468.

(254); e o sr. Vilhena Barbosa classifica-o entre as obras que revelam a um tempo na prodigiosa variedade de desenhos uma imaginação viva e fecunda, na perfeição do trabalho aquelle estudo e esmero, que só podem nascer do amor pela arte, e finalmente na concepção de tantos primores esse gosto apurado que caracterisa em qualquer nação a florescencia das artes (255).

Juncto dos degráus da capella-mór está uma lapide sepulchral que se torna notavel por estar picado o brazão que nella se vê esculpido. Este brazão é do bispo D. Joanne Mendes de Tavora, que alli jaz; e, por pertencer a pessoa de tal appellido, foi picado em virtude de uma das disposições da sentença proferida pela suprema juncta da Inconfidencia em 12 de janeiro de 1759, por causa do attentado contra el-rei D. José na noite de 3 de setembro de 1758.

A capella do Sanctissimo é toda de pedra e torna-se apreciavel pela sua forma elegante e pelo esmero e bom effeito das suas esculpturas. É quasi circular, e guarnecem-na duas ordens de nichos com bellos lavores, nos quaes se vêem as estatuas de Christo e dos apostolos cinzeladas com primor (256). A abobada tambem se ostenta elegante e aprimorada nos medalhões e outros delicados lavores que a adornam. Nella se vê esculpida a data de 1566. Foi mandada construir esta capella pelo bispo conde D. João Soares. Este grande varão mereceu ser elevado por el-rei D. João

(254) *Obras de Garrett*, *Lyrica* t. 16, da 3.ª edição pag. 22.
(255) *Panorama* de 1855, pag. 386.
(256) Tambem estava d'antes nesta capella, e hoje conserva-se em sitio mais recondito, uma imagem de Nossa Senhora com o ventre consideravelmente volumoso; da qual dá uma curiosa noticia Fr. Agostinho de Sancta Maria no *Sanctuario Marianno*, t. 4.º pag. 373. Na mesma obra e t. pag. 616 vem tambem noticia de outra imagem de Nossa Senhora, que o bispo D. João de Mello mandou fazer.

III aos altos cargos de seu confessor, prégador, esmoler e mestre de seus filhos D. Philippe e D. João. Sendo deputado do Santo Officio, foi assumpto á mitra de Coimbra em 22 de maio de 1545. Conduziu com grande apparato da cidade de Badajoz á de Lisboa a princeza D. Joanna d'Austria, filha de Carlos V, quando veiu a desposar-se com o principe D. João. Foi um dos prelados que el-rei D. Sebastião mandou ao concilio tridentino, e neste sagrado congresso se distinguiu muito por sua eloquencia e profundos conhecimentos. Concluido o concilio, foi visitar os logares sanctos de Jerusalem, onde deixou ao templo do Sancto Sepulchro um precioso ornamento. D. João Soares jaz na capella do Sanctissimo, ou proximo d'ella, sob uma campa raza e sem brazão, epitaphio, nem insignia alguma das suas altas dignidades (257).

Outro objecto recommendavel que existe no cruzeiro é o tumulo do bispo D. Tiburcio, situado ao lado da epistola, sob um arco aberto na parede. Nelle se vê em relevo, mas já bastante desgastada pelo roçar de seis seculos a figura do bispo, paramentado de pontifical, e com as mãos sobre o peito. O prelado, cujas cinzas encerra este monumento, é de grande celebridade na historia pelo muito que figurou na contenda da desthronisação de D. Sancho II. Foi D. Tiburcio quem apresentou ao papa Innocencio IV, por occasião do concilio celebrado em Leão no anno de 1245, as representações, informações e documentos, a fim de que sua santidade fosse servida de privar aquelle mo-

(257) Mais largas noticias de D. João Soares encontram-se na *Biblioth. Lusit.* por Barbosa; nas *Mem. para a Hist. de D. Sebastião*, pelo mesmo, t. 3.º pag. 465; na *Vida de D. Fr. Bartholomeu* por Sousa t. 1.º liv. 2.º, cap. 17.º; nos *Portuguezes nos Concilios Geraes* por Figueiredo; na *Conquista....de Coimbra* por Gasco cap. 32.º; e no *Dicc Bibliogr.* pelo sr. I. F. da Silva; etc.

narcha da administração do reino, e substituir-lhe no governo d'elle a seu irmão o conde de Bolonha.

Este proceder de D. Tiburcio acarretou-lhe os odios de D. Sancho e de seus partidarios, pelo que o prelado desleal teve de soffrer não pequenos trabalhos e privações (258).

Nesta questão, como é perfeito e sublime o contraste que nos offerecem em seu procedimento o bispo e o alcaide de Coimbra naquella famosa epocha! «D. Tiburcio, ministro de uma religião de paz e caridade, corre a Leão a accusar a seu legitimo soberano perante um juiz extrangeiro: pede ao papa Innocencio IV deponha o principe, que consumira os mais bellos dias da mocidade em combater os inimigos da fé.

«D. Martim de Freitas, creado entre os rancores das batalhas, consultando sómente os brios de cavalleiro, e os dictames de fiel vassallo, defende o castello, que lhe confiara o seu rei, e só o entrega ao irmão, depois de certificar-se, com os proprios olhos, na antiga capital da Hespanha, que era finado o senhor, a quem fizera preito, e menagem.

«Parando em frente do tumulo de D. Tiburcio, aperta-se-nos o coração, ao recordarmo-nos das angustias, com que amargurara os dias d'aquelle desditoso monarcha; divisando as venerandas reliquias do vetusto castello, dilata-se-nos suavemente o peito na contemplação das mudas testemunhas do prodigio de lealdade de Martim de Freitas.

«Que interessante lição nos offerece a historia dos dois personagens!» (259).

Proximo do tumulo do bispo D. Tiburcio fica a porta

(258) Vide *Noticia Hist. do Mosteiro da Vacariça*, por Vasconcellos, continuação de 2.ª parte.

(259) Sr. R. de Gusmão, *Instituto*, vol. 4.º, pag. 32.

da sachristia, casa excellente, espaçosa, com boa abobada de pedra, e uma linda fonte de marmores. Deve-se a fabrica da sachristia ao bispo D. Affonso de Castello Branco, que nesta obra, na do coro, e em outras que fez na sé gastou noventa e sete mil cruzados (260).

Ás excellencias, primores, bellezas e notabilidades da Sé Velha, e á memoria de illustres personagens cujos tumulos alli se encontram (261), accresce ainda para tornar mais celebre e valioso este monumento os notaveis acontecimentos que com elle têm ligação.

Aquelle que preza as tradições gloriosas da historia patria, visitando a Sé Velha e avocando á memoria os importantes factos succedidos no seu recinto, achará, por certo, motivos para muitas e mui gratas recordações.

Alli, depois da conquista de Coimbra em 1064, ar-

(260) Assim se diz na primeira obra citada na nota 113. Gasco na *Conquista.... de Coimbra*, cap. 22.º, dá noticia de que este prelado enriqueceu a cathedral «com muita prata, e ouro, como são as vinte e cinco tocheiras que lhe dotou, lavradas nellas suas armas. Dois docéis de brocado riquissimos, bordados com suas insignias, e frontaes, e capas de muito valor, e outras de mui notaveis peças.»

(261) Alem d'aquellas de que já fallámos existem na Sé Velha outras muitas sepulturas notaveis de que seria longo tractar. O chão do templo é lageado em grande parte por lapides sepulcraes, carregadas de brazões e epitaphios. Muitas d'estas paginas de pedra, que porventura fallavam de nomes gloriosos, bemquistos de Deos e respeitados dos homens, já não se podem decifrar, pois que os pés dos vivos as têm apagado quasi de todo. No *Catalogo dos Bispos de Coimbra* por Ferreira, na *Conquista.... de Coimbra* por Gasco, cap. 20.º, na *Noticia Hist. do Mosteiro da Vacariça*, por Vasconcellos, p. 2.ª e em um artigo do sr. A .M. Seabra de Albuquerque, inserto na *Estrêa Litteraria* n.º 9, encontram-se noticias de muitas pessoas que jazem na Sé Velha.

mou el-rei D. Fernando Magno a novecentos cavalleiros, e entre elles o invicto guerreiro Rodrigo Dias de Bivar, o *Cid*, que tanto se distinguira naquella empreza por seu estremado valor, e que depois tão celebre tornou o seu nome por muitos feitos heroicos. O mesmo rei lhe deu com grandes provas de affecto o osculo de paz na face, e para mais o honrar lhe cingiu aquella espada que depois brandiu valorosamente quando tomou aos mouros o reino de Valença, e que foi o instrumento glorioso de outras famosas victorias (262).

Neste sumptuoso templo, foram coroados pelo bispo D. Martinho com solemne pompa e apparato, no dia 9 de dezembro de 1185 el-rei D. Sancho I e a rainha sua mulher (263).

Alli se celebrou pela primeira vez em Portugal, em tempo de el-rei D. Diniz e por industria do bispo D. Raymundo, a festa da Conceição Immaculada de Nossa Senhora, que depois se estendeu ás outras cathedraes do reino (264).

Alli, no anno de 1361, se leu, por ordem de el-rei D. Pedro I, o instrumento de declaração jurada, que fizera em Cantanhede, em presença de varios prelados e grandes do reino, de que a formosa D. Ignez de Castro fôra sua legitima, e verdadeira esposa (265).

Alli, no dia 3 de março de 1385, quando veiu para assistir ás côrtes que tres dias depois lhe deram a

(262) Quem quizer esclarecimentos relativos a este famoso heroe procure-os na *Conquista.... de Coimbra* cap. 3.º; no *Panorama* de 1838 pag. 150, no de 1839 pag. 97, no de 1842 pag. 340.

(263) Vide *Mon. Lusit.* p. 5.ª pag. 1.

(264) Vide *Mon. Lusit.* p. 6.ª, liv. 19.º, cap. 22, pag. 312.

(265) Vide *Chron. dos Coneg. Regr.* p. 2.ª, liv. 9.º, cap. 22, pag. 242.

coroa foi recebido com honras de monarcha o mestre de Aviz, que depois se appellidou el-rei D. João I (266).

Alli, no dia 6 de maio de 1449, foi encommendar-se, em suas angustias, á Consoladora dos afflictos, o infeliz duque de Coimbra, D. Pedro, que fôra as *delicias da patria*, e que poucos dias depois, victima de mal fundados odios e mesquinhas intrigas, pereceu nos infames plainos de Alfarrobeira (267).

Alli, no dia 13 de outubro de 1570, depois de ter ouvido á porta da ponte a brilhante allocução que em nome da cidade lhe dirigiu Jorge de Sá Soutto Maior, foi fazer sua oração ao Omnipotente, o valoroso e infeliz D. Sebastião, indo depois hospedar-se no Paço episcopal (268).

Imprensa da Universidade

Encontra-se este magnifico estabelecimento ao lado meridional da Sé Velha, tendo a sua frente principal para a rua da Ilha.

A creação da Imprensa da Universidade data do reitorado de D. Diogo de Murça, que governou em tempo de el-rei D. João III; e consta que fora corrector ou revisor d'ella o nosso grande historiador Pedro de Mariz. No seculo passado, porem, é que este estabelecimento se tornou mais importante, ordenando-se a construcção de um edificio para elle apropriado, sobre o claustro da antiga sé, para o que se fize-

(266) Vide *Memorias de D. João I* por José Soares da Silva, liv. 1.º cap. 43.

(267) Vide *Chron. de D. Affonso V* por Ruy de Pina (*Ineditos de Hist. Portugal*) cap. 117.

(268) Vide *Portugal Cuidadoso* por Bayão pag. 170.

ram as obras necessarias com aquella grandeza e luxo, que caracterisam todas as construcções do tempo do marquez de Pombal.

Foi creado este estabelecimento para imprimir as obras e compendios da Universidade; mas alem d'isso admittem-se nelle trabalhos de particulares, sendo até uma das recommendações do regimento d'esta officina que se accommode com preços muito racionaveis, assim pelo interesse de attrahir maior concorrencia, como pelo de facilitar e promover a instrucção publica, em que interessa o credito da Universidade, gloria da nação, e utilidade do reino.

Esta importante officina, que pelo esmero dos seus productos tem gozado sempre da bem merecida reputação de primeira do paiz, depois da imprensa nacional de Lisboa, acha-se hoje em estado de notavel adiantamento e esplendor, devido á grande reforma que nella se effectuou, ordenada por portaria de 16 de março de 1854, e á prudencia, zelo e intelligencia do digno administrador que desde esta epocha a tem regido.

O numero dos artistas e empregados da Imprensa é superior a cincoenta. Os seus salarios, que importam em uma somma mui avultada, são pagos sem o mais leve sacrificio para o thesouro, sem o mais pequeno onus para a fazenda nacional, pois que os productos provenientes das obras dos particulares alli impressas tem dado sempre rendimentos sufficientes para custear todas as despesas ordinarias, deixando ainda saldo consideravel para os reparos e obras do edificio, e para os melhoramentos importantes com que nesta officina se tem procurado acompanhar o estado de perfeição a que tem sido levada a arte typographica.

Annexas á officina, e no mesmo edificio estão todas as repartições a ella concernentes, estabelecidas com muito boa ordem. Ha tambem uma officina lithogra-

phica, cujos productos se executam actualmente com grande pericia e notavel perfeição.

Os amantes de antiguidades encontram ainda no claustro da velha cathedral alguns objectos que lhes captivem a attenção. Ainda se conservam as suas arcadas com suas columnas e lavores, e tambem uma capella com um lindo e esmerado retabulo de pedra (269).

Arco d'Almedina

O Arco d'Almedina, fica proximo da rua da Calçada, dando communicação d'esta para a de *Quebra-Costas* (270) e para a das *Fangas*.

A sua fabrica de cantaria, a sua grande altura, o

(269) Na *Conquista.... de Coimbra*, cap. 7, 8 e 28 vem noticias de algumas lapides com epitaphios que existiam no claustro, e que provavelmente se destruiram quando se fizeram as obras para a imprensa.

Tambem alli existiu uma capella onde estava o rico tumulo de João Vaz de Camões, *vassallo* de D. Affonso V, corregedor da comarca da Beira, e avô do nosso immortal poeta Camões. Vid. *Obras de Camões* pelo sr. visconde de Juromenha t. 1.º pag. 13, e nota respectiva.

(270) Foi dada tal denominação a esta rua em virtude do seu grande declive, de maneira que não se pode descer incautamente sem risco de se *quebrar as costas.* A sua muita inclinação é objecto de reparo e curiosidade para as pessoas que visitam Coimbra. O sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, fallando d'esta rua, diz: rue dont la pente rapide lui a valu le nom de *Casse-le-Dos* (Quebra-Costas)—(*Les Contemporaines* pag. 74). Tambem feriu a attenção de Mr. Chavignaud, que diz no *Jornal do Porto* de 10 de maio de 1866: Le Portugal m'apparait comme le véritable Éden, surtout depuis que mes yeux ont été éblouis par le magnifique paysage de *Coimbra.* Quel dommage, pour en jouir pleinement, qu'il faille constamment gravir des rampes impossibles et ces rues si bien nommées *quebra-costas,* que nous ont léguées nos ancêtres, les goths et les maures!

fecho em ogiva, e a apparencia de antiguidade que apresenta, imprimem-lhe um caracter imponente e respeitavel, que não pode deixar de infundir uma certa veneração no observador que o contempla.

Sob o Arco d'Almedina estão esculpidas as armas do reino, a imagem da Virgem, e o brasão da cidade, objectos mandados collocar alli por el-rei D. Manuel (271). Inferiormente a estas esculpturas divisam-se duas figuras, similhantes a uma serpente, e a um leão, e numa pedra que se nota no meio d'ellas esteve porventura representada noutras eras a Cindazunda no calice, o que tudo constitue as armas de Coimbra, e são talvez as que Botelho (272) attribuiu ao tempo de Ataces, dizendo serem as primeiras da cidade que elle mandou fazer. A asserção de Botelho carece de fundamento.

Não é admissivel tambem a interpretação que dá o referido author á denominação *almedina*, termo arabico que elle traduz por *sangue*, dizendo que se ficara chamando assim a este arco em razão da grande carnificina que alli fizeram nos mouros os christãos quando por estes foi conquistada Coimbra. A verdadeira interpretação do vocabulo *almedina* é a que lhe assigna fr. João de Sousa (273), que diz significa *cidade;* por tanto *Arco d'Almedina* vale o mesmo que Arco, ou Porta da Cidade (274).

Superiormente ao Arco d'Almedina está um edificio

(271) *Coimbra Gloriosa pelas suas nobilissimas, e antiguissimas memorias*, por Joaquim da Silva Pereira. — Manuscripto do fim do seculo XVIII, composto de 4 volumes em oitavo ordinario, e existente na Bibliotheca Publica de Lisboa.

(272) *Historia Breve de Coimbra*, pag. 7.

(273) *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal.*

(274) Este arco era aberto na antiga muralha, chamada *Cerca d'Almedina*, que comprehendia o que era propriamente cidade, pois ao que sobejava para fóra do recinto amuralhado chamava-se suburbio ou arrabalde. Os cidadãos que residiam

que serviu noutro tempo de Paços Municipaes. Lá existe ainda o sino da camara, que segundo usos de outras eras, e de que hoje não se faz caso, é solicito em avisar em todas as noutes os cidadãos a recolherem-se aos seus domicilios (275).

Egreja de S. Bartholomeu

Ao cimo da Praça se encontra o templo assim denominado.

Ha documentos, pelos quaes se prova a existencia da egreja de S. Bartholomeu em epochas muito anteriores á fundação da monarchia. Fr. Bernardo de Brito (276) menciona a doação d'esta egreja aos monges de Lorvão por Samuel sacerdote na era de Cesar de 965 (annos de Christo 927), e fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (277) dá noticia de outro documento, relativo á egreja de S. Bartholomeu no *arravalde* de Coimbra, da era de 1109 (annos de Christo 1071).

No seculo passado procedeu-se á reedificação d'este velho templo, para o que no dia 5 de junho de 1755 se fez a trasladação do SS. e das imagens de Christo e Nossa Senhora para o antigo hospital real, d'onde se passaram para a Misericordia. Demoliu-se depois o

de muralhas a dentro gozavam de certos privilegios e isenções, que aos de fóra não eram concedidos. Vide *Questões Forenses* do sr. Ayres de Campos, n.º 1, pag. 72 e o *Indice Chronologico,* pelo mesmo author, t. 1.º pag. 11 nota 3.ª.

(275) Esta costumeira foi decretada nas *Ordenações do senhor Rey D. Manuel*, liv. 1.º. t. XLIV, § 54. No liv. 1.º da *Correa*, pertencente á camara municipal vem o *T.º a que oras se ha de correr o syno da Cidade*, e um accordão da camara para que todos se recolhessem das suas portas tanto que o sino acabasse de tocar.

(276) *Monarch. Lusit.* p. 2.ª, liv 7.º, cap. 18.º

(277) *Elucidario* verbo Nodum.

antigo edificio, e a 16 de julho de 1756 lançou a primeira pedra do novo o provisor do bispado Manuel Rodrigues Teixeira.

Foi edificada a nova egreja assás singelamente, e nada contem digno de notar-se a não serem tres pinturas de Paschoal Parente, que representam o supplicio de S. Bartholomeu, Christo crucificado, e a Annunciação de Nossa Senhora.

A Ponte

A magnifica ponte de cantaria, que atravessa o Mondego, uma das mais notaveis construcções no seu genero em Portugal, é tambem um dos passeios mais apreciaveis de Coimbra. Prolonga-se além do rio por entre insuas viçosas e fertilissimas, onde é orlada de altos choupos, frondosos alamos e lindos pomares de larangeiras, que lhe dão fresca e mui grata sombra. As vistas encantadoras que nella se gozam da bella perspectiva da cidade, das margens risonhas do Mondego, e das suas aguas cristallinas, correndo

.... indolentes
Preguiçosas, namoradas
Das alamedas virentes,
Dos choupos e salgueiraes!
E da *fonte dos amores*
E da *lapa dos esteios*
Dos robles, do ceu, das flores
E dos argenteos areaes

(T. A. Ribeiro)

fazem summamente agradavel este passeio.

A primeira ponte que a historia nos menciona ter-se

construido no principio da monarchia é a de Coimbra. Sabe-se por tradição e por documentos (278) que D. Affonso Henriques a começou a edificar no anno de 1132, mas o que é controverso é se a ponte por elle principiada foi a primeira que se assentou sobre o Mondego. Querem alguns auctores que já anteriormente tivesse existido outra; e esta opinião, com quanto fundada apenas em conjecturas, não deixa de ser mui razoavel. É d'esse pensar o erudito chronista fr. Rafael de Jesus, inclinando-se a crer que fora Ataces quem lançou sobre o rio a primitiva ponte. Entre as mui judiciosas reflexões expostas por fr. Raphael em abono da sua opinião, apresenta as seguintes que achamos muito ponderosas para a fazer valer: «....poderia Ataces, rei dos Alanos, que fundou a cidade de Coimbra, com sua fortificação, e seu castello no sitio, e quasi na forma em que persevera, accommodar-se sem ponte para seu serviço? A magestade, que não escusou castello para sua vivenda, e segurança, repararia em fabricar uma ponte (dado que o rio a não tivesse) quando fundava uma cidade? Não se negue a soberania e o primor a quem se não pode tirar o genio, e o poder. Ridicula magestade representara o monte, se com o pé descalço lhe coroaram a cabeça, quando o vestia de purpura o regio edificio da cidade» (279).

Em apoio do que acabamos de referir vem ainda a

(278) «In era MCLXX idem Alfonsus coepit edificare monasterium Sanctae Crucis in suburbio Colimbriæ, et pontem fluminis juxta civitatem, anno regni sui quarto» — Documento 1.º no app. da 3.ª parte da *Monar. Lusit.*

(279) *Monar. Lusit.* p. 7.ª liv. 4.º cap. 19. No mesmo capitulo se lê que o dono de uma propriedade situada no largo da Portagem intentou fazer no anno de 1656 certa obra em um jardim que ficava sobre o Mondego. «Em o sobredito anno mandou abrir os alisseces: Deram os gastadores com um fojo atulhado de lixo, e terra solta: Foram buscando a solida em tanta altura,

noticia tradicional, que corre entre o povo de Coimbra e vizinhanças, de que sobre a primeira ponte já se edificaram duas, sendo muito frequente ouvir-se fallar de ponte sobre ponte, de tres pontes sobrepostas.

A obra começada por D. Affonso Henriques não se concluiu durante a vida d'este monarcha. Foi continuada no reinado de D. Sancho I, e ainda depois d'elle (280).

No tempo de D. Manuel tinham as areias soterrado a ponte quasi de todo, e dilatado consideravelmente o

que descobriram o arco de uma porta, pela qual se entrava para a ponte antiga: descobertas duas braças d'ella chegaram ao olivel da corrente, que agora levam as aguas do Mondego, e pararam. Sobre a volta do arco viram uma pedra embutida na obra, e nella esculpida uma imagem de Christo crucificado, de relevo, com dous palmos de alto; e da mesma talha, e medida a figura da Senhora de uma parte, e a do Evangelista da outra.. Com voz de maravilha se publicou por toda a terra a novidade: Com a de mysterio a viu, e examinou o bispo de Coimbra D. Frey Alvaro de S. Boaventura...; permittindo, que a veneração levantasse altar no vão descuberto do arco, e nelle celebrasse o capellão da casa missa quotidiana, que estão obrigados a mandar dizer os possuidores da herdade». Continua fr. Raphael discursando relativamente ás imagens, e depois de confrontar as imperfeições d'ellas com os monumentos de esculptura dos ultimos tempos dos Romanos, e com os que se obraram no reinado de D. Affonso Henriques, conclue que aquella obra não era anterior á invasão dos Barbaros, nem posterior á fundação da monarchia: e conjectura que a pedra tendo sido encontrada na ponte de Ataces fora por D. Affonso Henriques mandada transferir para o logar em que se encontrou.

(280) No tomo 1.º das *Provas da Historia Geneal. da Casa Real* pag. 17 vem copiado o testamento de D. Sancho I, e entre muitos legados que ahi se lêem, encontra-se o seguinte: «*Ponti Collimbriae mille morab*»; e a pag. 21 se encontra este outro legado feito por D. Constança Sanches em seu testamento do anno de 1296: «....*Item mando ponti Colimbriae decem libras*». Num documento do Cabido da sé de Coimbra lê-se esta manda de mestre Estevam, deão da mesma sé, feita em seu testamento no anno de 1285: «*Mando ponti Colimbriae decem libras*».

alveo do rio, e por taes motivos mandou este monarcha reedifical-a em parte, outra parte reparar, e outra fazer de novo. Consta isto da seguinte inscripção gravada em uma lapide, que se vê embebida numa parede com frente para Sancta Clara, e que fica á direita de quem vai da Portagem um pouco antes de entrar na ponte:

O SSERENISIMO P̃NCIPE, ALTO HE MUI PODEROSO REY DOM EMANUELL NOSO SÕR O PM^RO Ẽ ESTE NOME HE QUATORZE NA DINIDADE REALL, MADOU FAZER DE NOVO ESTA PÕTE ATE AS ESPERAS HE REDIFICAR ATE A CRUZ DE SÃ FF^CO HE DA DITA CRUZ ATE SÃTA CRARA DE NOVO HE ACRECẼTAR ESTA TORE HE MURO ERA DE MILL HE D E XIII ANOS (281).

Por cima do oitavo arco a contar da cidade vêem-se em ambas as faces da ponte as espheras armilares, empresa de el-rei D. Manuel, pelo que julgamos que

(281) Á entrada da ponte estavam d'antes quatro grossos muros que formavam um quadrado, e sustentavam uma torre de que falla a inscripção. Dois d'estes muros tinham cada um seu arco: um aberto para o largo da Portagem, outro para a ponte. Por cima d'este é que estava a lapide, e no muro parallello via-se em um nicho a imagem de Sancto Agostinho. Em 1836 mandou a Camara demolir estes muros e collocar a lapide, com pouca ou nenhuma differença no logar em que estava o nicho. Vide *Instituto* vol. 1.º, pag. 392.

Relativamente á imagem de Sancto Agostinho que encontrámos a pag. 395 da obra citada na nota 190 a seguinte curiosa noticia:

«Envelheceu com as injurias do tempo a imagem de Sancto Agostinho, que estava na porta da ponte da cidade de Coimbra, e cahio do nicho em uma noute tempestuosa de Dezembro de 1604. Tractou o Senado de a reformar, porem os padres de Sancta Cruz se adiantaram, mandando fazer em breves dias uma imagem de Sancto Agostinho com habito de Conego Regrante, que puzeram aonde estava a antiga. Tanto que os padres Eremitas do collegio de Nossa Senhora da Graça, tiveram noticia da mudança, que se havia feito no habito de seu Padre, se queixaram ao Senado. Os vereadores, que então eram Bento

era este ponto o chamado das *esperas* (282), e que portanto a parte reedificada é a que vai da Portagem até ao dicto arco. D'elle até ao Ó da ponte, local onde ha bons fundamentos para crer que era o sitio a que se chamava a *Cruz de S. Francisco*, não ha mais que concertos, levantamento das grades e entulhos no interior, pois os arcos bem se conhece serem obra mais antiga.

Cremos portanto que esta secção da ponte é a parte reparada, e o resto até quasi defronte do antigo mosteiro de Santa Clara a obra nova.

Depois de D. Manuel ainda se fizeram importantes obras na ponte, segundo se deprehende de uma determinação d'el-rei D. Sebastião á Camara de Coimbra (283), e de uma contribuição que Philippe II, annuindo ás representações da mesma Camara, lançou para tal fim por todo o reino (284). Posteriormente

Arraes de Mendonça, Heitor de Sá, e o licenceado Jorge de Almeida, conhecendo o erro, foram logo tirar do nicho ao Sancto Agostinho Conego Regrante, e o mandaram para o mosteiro de Sancta Cruz; e em quanto se obrava outro similhante ao antigo, pozeram os nossos Religiosos em seu logar um quadro, por não faltar naquella Universidade tão lustrosa a imagem propria do principal Doutor. Neste meio tempo succedeu passarem dois Padres de Sancta Cruz a cavallo pela porta, e não advertindo na imagem do seu Padre, que estava pintada no quadro, que cobria o nicho, faltaram em lhe fazer a devida reverencia; porem o Sancto parece tomou isto em caso de honra, pois bem no meio da porta tropeçaram as mulas ambas, e os Religiosos cahindo em terra descompostos, confessaram ser o fracasso castigo de sua irreverencia: é esta historia tão constante na Universidade de Coimbra, que não ha estudante novato, a que a não repitam os veteranos quando passam pela dicta porta».

(282) Vide no *Elucid.* de Viterbo a palavra *esperas.*

(283) L. 3.º do registo das Prov. no archivo da Camara municipal fl. 32 v.

(284) Alvará de 21 de maio de 1608; dicto archivo, no fim do tombo das obras da ponte.

tem tido por diversas vezes muitos concertos e reparos, porem menos consideraveis.

Actualmente acha-se a ponte em estado deploravel. A grande quantidade de areias qne se tem accumulado no leito do rio já não permitte a navegação por debaixo de muitos arcos, e impede-a de todo quando nas aguas ha alguma elevação, ainda que pequena. Á vista d'este estado lastimoso de que provêm tão consideraveis prejuizos, ordenaram as cortes a reforma da ponte por lei de 10 de setembro de 1861; até ao presente porem, apesar de decorridos cinco annos depois da publicação d'esta lei, ainda não se deu principio aos trabalhos da reconstrucção.

Ruinas do antigo mosteiro de Sancta Clara

Bastante interesse inspiram ainda ao viajante curioso e amante de tradições gloriosas as ruinas do antigo mosteiro de Sancta Clara. Na margem esquerda do Mondego, a poucos passos da ponte, ficam os restos d'esse edificio memoravel, theatro de heroicas virtudes de uma rainha por tantos titulos illustre, e cuja vida constitue uma das mais brilhantes paginas da historia patria. Já se vê que fallamos da rainha Sancta Isabel.

Foi esta esclarecida senhora filha de D. Pedro III de Aragão e de sua mulher D. Constança. Eram taes os dotes de formosura de D. Isabel, que logo de menina foi solicitada em casamento por tres grandes potentados da Europa. Estava porem reservada para Portugal a gloria de possuir a princeza tão appetecida da França, da Inglaterra e da Grecia, pois que, contando D. Isabel apenas onze annos de edade se cele-

brou por procuração em Barcellona o seu consorcio com el-rei D. Diniz no dia 11 de fevereiro de 1282.

Partindo D. Isabel para Portugal correu D. Diniz a encontrar-se com ella, e na villa de Trancoso a viu pela primeira vez. A belleza, as graças e a candura de D. Isabel impressionaram por tal forma o monarcha, inspiraram-lhe um tal affecto e dedicação, que não obstante ter-lhe anteriormente doado por escriptura de nupcias as villas de Obidos, Abrantes e Porto de Moz, não poude deixar de lhe patentear aquelles sentimentos, offerecendo-lhe mais o senhorio da de Trancoso.

Chegando á corte, aproveitou-se D. Isabel, por uma maneira muito diversa do que era de esperar da sua edade e hierarchia, das riquezas que lhe offerecia a sua alta posição. Longe de passar uma vida cheia de fausto e de delicias, entregou-se inteiramente a actos de humildade, a serenar discordias, a edificar casas religiosas, a fundar estabelecimentos de caridade, a acudir aos enfermos e a soccorrer os indigentes. Reunia D. Isabel aos dotes da belleza uma alma candida e pura, ornada das mais sublimes virtudes. Era pois de esperar que, possuindo D. Diniz uma tal esposa, fizesse todos os extremos por lhe agradar, e que conservasse e augmentasse os sentimentos de que lhe havia dado provas ao recebel-a. Não aconteceu porem assim: D. Diniz era pouco regular nos seus costumes, e vagando cegamente contra as sanctas leis do matrimonio, trahiu muitas vezes a esposa que por sua formosura tinha sido tão ambicionada pelos principaes monarchas do seu tempo, e que por suas nobres qualidades era digna da mais sancta amizade, da mais extrema dedicação. Ás infidelidades do marido correspondia D. Isabel com actos verdadeiramente heroicos, e que só uma alma cheia de

beatitude podia practicar. Chegou a tal ponto a resignação e humildade de D. Isabel, que, negando-se ao sentimento das offensas, não só adoptava e com affectuoso desvelo educava como proprios os filhos bastardos do marido, mas tambem de boa vontade consentia nas doações que el-rei lhes fazia, e patenteava ás pessoas com quem elle havia tido relações illicitas todos os meios para abandonarem o máo caminho para onde se haviam transviado. Posteriormente bem conheceu D. Diniz o thesouro que possuia, e muito se arrependeu dos seus erros. Em compensação cumulou a esposa de doações, cujos rendimentos a virtuosa rainha consumia em actos de beneficencia e piedade.

Muito teriamos que escrever se nos propozessemos narrar todas as acções memoraveis de D. Isabel. Encheriamos volumes a contar as discordias que apaziguou, as peregrinações que fez a Sant'Iago de Galliza, e as dadivas valiosissimas e joias preciosas com que brindou a egreja d'este sancto apostolo, os soccorros que prestou aos enfermos quando a peste assolou o reino, as esmolas com que acudiu á indigencia, a sua caridade para com os leprosos curando-lhes ella mesma as feridas, e mil outros actos com que tanto se illustrou, e pelos quaes lhe foi conferida a aureola dos sanctos. Omittindo tudo isso, por não ser nosso proposito escrever a sua vida ou tecer-lhe o seu panegyrico, unicamente nos limitaremos a mencionar ácerca de D. Isabel aquillo que mais particularmente tem relação com o convento de Sancta Clara

A fundação do mosteiro de Sancta Clara é devida a D. Maior Dias, nobre e virtuosa senhora, possuidora de muitos bens. D. Maior havia tomado habito no mosteiro de S. João das Donas, mas no acto de o receber não fez profissão solemne, e declarou que, posto entrasse na clausura poderia de futuro dispor livre-

mente dos seus bens e pessoa. Passados tempos, usando dos direitos de que fizera declaração, deliberou-se D. Maior a sahir do convento de S. João para fundar o mosteiro de Sancta Clara, e havendo alcançado licença de D. João Martins de Soalhães, vigario geral de Coimbra, para a fundação, e feito o dote do mosteiro, depois de tudo disposto, lançou o sobredicto vigario a primeira pedra do edificio sobre um annel em que estava impresso o signal da cruz, no dia 28 de abril de 1286.

Vendo os conegos de Sancta Cruz que D. Maior empregava seu patrimonio no novo mosteiro, e que assim ficava d'elle privado o de S. João, allegando que ella era Dona professa na sua Ordem canonica, e que como tal não tinha autoridade para mudar de estado, nem sahir da sua obediencia, nem dotar o mosteiro de Sancta Clara com as suas rendas, moveram contra D. Maior uma renhida demanda, que durando por toda a sua vida, só terminou algum tempo depois do seu fallecimento, a favor dos conegos, e segundo alguns auctores (285) mui injustamente. Foi arbitro d'esta questão o bispo de Lisboa, que, alem d'outras cousas, sentenciou que os bens que D. Maior havia doado ao mosteiro de Sancta Clara ficassem pertencendo ao de Sancta Cruz, e que o novo mosteiro fosse supprimido dando-se o edificio aos frades de S. Francisco, e recolhendo-se as freiras a outros conventos.

Condoida a rainha D. Isabel da triste sorte da instituição de D. Maior, deliberou-se intervir na questão, empenhando-se em que fossem restituidos ás filhas de Sancta Clara o abrigo e bens de que tão injustamente haviam sido esbulhadas. No fim de algumas altercações com os conegos alcançou D. Isabel que se terminasse a questão, acordando elles em cederem ao

(285) Vide *Memorias das Rainhas de Portugal* pelo sr. Figniére.

convento de Sancta Clara apenas onze casaes, e mais algumas propriedades dos muitos bens com que tinha sido dotado pela fundadora. A liberalidade porém de D. Isabel compensou a mesquinhez e injustiça dos conegos e assás vantajosamente, pois não só fez ao convento de Sancta Clara mui importantes doações, mas tambem augmentou consideravelmente o mosteiro, e reedificou com maior grandeza a sua egreja. De Çamora mandou vir para o mosteiro, logo que o seu estado o permittiu, nove freiras, e professaram tambem nelle varias donzellas e damas de sua casa.

Alem dos seus paços, que eram pegados ao mosteiro acrescentou a rainha um hospital, que dedicou a Sancta Isabel de Hungria, sob cujo nome lhe fez sagrar a egreja pelos bispos de Coimbra D. Raymundo, e de Vizeu D. Arnaldo. Tendo pois de um lado a casa do Senhor, e do outro o albergue dos enfermos, passava a sancta rainha a maior parte dos seus dias exercitando os actos de religião no convento, e os da caridade no hospital.

Tempos adiante, fallecendo el-rei D. Diniz, practicou D. Isabel um acto de verdadeira abnegação. Vendo-se privada do mais caro objecto que a prendia ao mundo despojou-se das suas vestes reaes, vestiu o pobre saial franciscano, cingiu-se com aspera corda, poz na cabeça um véo branco; e guardando quanto lhe era possivel, sem obrigação de voto, a regra de Sancta Clara, sempre viveu como freira.

Passado algum tempo depois do fallecimento de D. Diniz, novas inquietações vieram perturbar o socego da sancta rainha. Constando-lhe em junho de 1336 que o seu filho rei de Portugal, se apercebia em guerra, para as bandas do Alemtejo contra seu neto o rei de Castella, deliberou ir reduzil-os a concordia. Em vão lhe pedem que desista de tal empresa, attendendo aos

seus padecimentos, á sua edade avançada, á grande distancia, e ao immenso calor; nada convence o *anjo da paz*, nada a estorva de ir pôr termo ás discordias dos contendores. Põe-se a caminho, e ao cabo de fadigosa jornada chega a Estremoz, e interpondo as suas razões e supplicas, logra congraçar os dissidentes. Verificou-se porem serem bem fundados os receios d'uma tal jornada, pois que a rainha succumbiu victima de cançasso e incommodos no dia 4 de julho de 1336. Como havia disposto em seu ultimo testamento que seu corpo fosse sepultado no mosteiro de Sancta Clara, assim se cumpriu, e apesar dos grandes calores, e do espaço de sete dias que se gastaram com a conducção do cadaver, notou-se como prodigio não apresentar o minimo signal de corrupção.

Depois da sua morte começou logo a ser tida em grande veneração a rainha, que já em vida era appellidada *sancta*. A egreja porem só confirmou este appellido passados 180 annos, a instancias de el-rei D. Manoel, que alcançou do Papa Leão X a sua beatificação em 1516. El-rei D. Sebastião empenhou-se para que fosse canonisada a rainha, mas o infausto acontecimento d'Africa não permittiu ao desditoso monarcha ver satisfeitos os seus piedosos desejos. A D. Fillippe IV da Hespanha coube porem essa gloria, celebrando o summo pontifice Urbano VIII a canonisação de Sancta Isabel, com uma pompa admiravel no dia 25 de maio de 1625. Em ordem á canonisação da Sancta rainha tinham-se feito anteriormente diversas inquirições, uma das quaes foi o exame da sua sepultura, que para isso se abriu no dia 26 de março de 1612 em presença do bispo conde D. Affonso de Castello Branco, do bispo de Leiria D. Martim Affonso Mexia, do padre mestre Francisco Soares, lente de prima na Universidade, e de outras pessoas de distincta graduação.

Na *Historia Serafica* (286) encontra-se a seguinte interessante noticia do que então se achou no tumulo:

«Appareceu um caixão, cuja madeira, por ser cofre de tão honrado thesouro, nem estava comida do caruncho, nem tinha outra lesão. Realçou-se esta grande maravilha á vista da corrupção do couro, e alcatifa, em que o tinham envolto, porque não havia mais, que do couro uns cabellos: e pedaços da alcatifa. Sobre isto se acharam muito sans todas as suas insignias de romeira a Sant'Iago de Galliza, as quaes eram uma bolsa, e bordão, da primeira romaria; e uns alforges de linho, da segunda.......................................

«Achou-se o sancto corpo cosido num encerado de linho, e este era tão forte, que com muito trabalho se rasgou. Depois d'elle se viu uma colcha branca com a mesma cor e graça da sua primeira hora; e logo desenvolvendo-a, appareceu claramente a veneravel rainha, vestida de estamanha parda escura, com um cordão pela cinta, e com as pregas do habito concertadas e compostas, sem d'ellas se ter quebrado ao menos uma linha. Na cabeça, a qual se achou coberta com alguns pannos de linho, por cima d'elles estava um véo de seda, e desfazendo-se todo este envoltorio manifestaram o rosto, que parecia dormir com muita serenidade, representando ainda a brandura, e amor, com que tractou os vassallos.

«Estava todo o corpo envolto na sua carne muito massiça, e fresca: a cor d'ella como a de cera fina, que tira a transparente: sem nella se enxergar um signal de corrupção. E para mais apurarem esta grande maravilha, lhe rasgaram até o peito o habito, onde os medicos viram a carne do mesmo modo. Assi tambem a acharam nas mãos, e nos braços, que apertaram, e estenderam com força, puxando pelos nervos,

(286) Part. 2.ª, liv. 9.º, cap. 24.

e apalpando os ossos; com o que ficaram certos, que tudo estava são. Tinha a bocca cerrada, e por isso não se lhe viram os dentes. O olho direito estava tambem fechado: mas o esquerdo, aberto, e pregado em o ceo, pelo qual se conheceu, como ambos eram verdes. O rosto era comprido: a testa larga, e não mostrava ter rugas: pestanas, e sobrancelhas, povoadas de cabelos. Os da cabeça se viram por baixo dos mesmos pannos, que não lhe foram tirados, por ficar assi composta, e sem se ver uma branca, todos pareciam louros, e tão curtos, como os trazem as freiras. Por essa mesma razão não lhe descubriram mais, que as pontas das orelhas, porem estavam inteiras. No nariz, o qual era afilado, lhe tocaram numa venta ao cortar dos ditos pannos com a ponta da tezoura, com o que houve logar para ver a cartilagem, que não se tinha mudado da alvura natural. Nos braços se enchergavam as veias cheias de sangue, e negras: as unhas, em parte brancas, em outra parte vermelhas: as mãos compridas: o seu corpo bem formado, e de grande estatura; e tudo assi mostrava que, se fora em sua vida formosa, ainda depois de morta parecia estar viva.»

O bispo de Coimbra fez entrega ás freiras da bolça e do bordão, do qual ellas enviaram a el-rei de Castella um pedaço, que se cortou pelo pé, junctamente com a bolça. O restante do bordão, em sustinente de prata, se conserva ainda no novo mosteiro de Sancta Clara.

Não foram só a affeição que a Sancta Rainha dedicou ao convento de Sancta Clara e a escolha que d'elle fez para deposito dos seus veneraveis restos, que tornaram memoravel e venerando este mosteiro: enriquecem os seus fastos outros acontecimentos importantes que lhe deram grande celebridade, e pelos quaes é considerado um dos mais historicos monumentos de

Portugal. Illustraram-no com a sua assistencia muitas senhoras nobres, entre as quaes se contam D. Isabel, irmã da Rainha Sancta, e outra D. Isabel, sua neta, filha de D. Affonso IV e da rainha D. Beatriz.

Depois de perder a coroa, e excluida do thalamo de Affonso, foi constrangida a entrar em Sancta Clara a infeliz D. Joanna, a *excellente senhora,* filha de Henrique IV de Leão e Castella (287).

No templo de Sancta Clara se sepultou o cadaver da desditosa Ignez de Castro, que depois sahiu do tumulo para receber as honras de soberana no dia 25 de abril de 1361, sendo trasladada em seguida para Alcobaça.

Neste mesmo templo procurou boa estrea para seu casamento el-rei D. Duarte, quando nelle recebeu a rainha D. Leonor, juncto do tumulo de Sancta Isabel (288).

Alli, por ser casa em que tinha singular devoção se foi encommendar ao patrocinio divino o desgraçado duque de Coimbra D. Pedro, antes de se encaminhar para Alfarrobeira, onde lhe sobreveiu a desditosa morte que não merecia (289).

Neste templo finalmente, a pedido d'el-rei D. Sebastião, fez ouvir a sua voz eloquente em presença de el-rei e da sua corte, o sancto arcebispo de Braga D. fr. Bartholomeu dos Martyres (290).

Ao passo que o convento de Sancta Clara se ia nobilitando com tão importantes acontecimentos, o Mondego, com as suas alluviões e enchentes, ia-lhe afogando as paredes e cavando a sua ruina. No tempo de D. Manuel já o rio causava damnos tão consideraveis ao edificio que este monarcha impetrou licença,

(287) Vide *Chronica de Affonso V* por Duarte Nunes de Leão.
(288) *Monarch. Lusit.* p. 5.ª liv. 16.º, cap. 33.
(289) Pina, *Chron. de D. Affonso V.*
(290) Vide Sousa, *Vida do Arcebispo*, l. 4.º cap. 3.º

em 1505, do papa Julio II para fabricar novo mosteiro a fim de tirar as religiosas do antigo, onde se lhes tornava assás perigoso e incommodo continuar a residir. Não levou ávante o seu proposito o monarcha afortunado, porque as religiosas antes quizeram sujeitar-se aos damnos do Mondego do que abandonar o berço em que a Sancta Rainha as creara. Correndo porem o tempo, redobraram as furias do rio por modo tal, que as freiras viram-se por fim obrigadas a pedir a el-rei D. João IV as livrasse de tão máo vizinho. Attendeu o monarcha á supplica, e compadecendo-se do estado lastimoso do convento, ordenou a construcção do novo edificio, que se assentou na crista do monte da Esperança.

Do novo mosteiro de Sancta Clara, e da trasladação para elle da communidade e do corpo da Rainha Sancta, tractaremos adiante noutro artigo.

Do antigo só resta actualmente parte da egreja, a que as alluviões do rio tem tomado talvez mais de metade da sua altura. É de grandes dimensões, dividida em tres naves, e elegantemente construida no typo gothico. A abobada de cantaria ainda se conserva em muito bom estado, e nella se vêem alguns escudos, uns com as quinas de Portugal, outros com as barras de Aragão. Tambem ainda se notam alguns capiteis com lavores, porem já muito deteriorados, e quasi rasos com o chão (291).

(291) Quem quizer noticias curiosas do antigo mosteiro de Sancta Clara leia a *Historia Serafica* por fr. Manoel da Esperança.

Antigo e novo convento de S. Francisco.

Do antigo convento de S. Francisco, d'esse celebre monumento que serviu de theatro a tantos factos interessantes da nossa historia, não resta o minimo vestigio.

Pertencera aos seraphicos filhos do patriarcha d'Assis, e fora-lhes fundado pelo infante D. Pedro, filho d'el-rei D. Sancho I. O convento de Sancto Antonio dos Olivaes foi a primeira morada que tiveram juncto de Coimbra os religiosos franciscanos; mas, vendo-os o infante descontentes d'esta casa por lhes ser de grande descommodo viverem apartados da cidade, quiz melhoral-os de sitio, e principiou-lhes a fundação do convento, que se denominou de S. Francisco da Ponte.

Alguma discrepancia tem havido nos authores ácerca do anno em que se principiou este edificio; parece estar porem averiguado, que de 1247 para 1248 teve começo a sua fabrica (292).

Não pôde o infante concluir a construcção do convento, por logo sahir do reino, e por isso deixou encarregada sua irmã natural D. Constança Sanches de o levar a cabo. Fallecendo esta Senhora em 1269, não logrou tambem dar o devido remate ao edificio, mas nas suas disposições testamentarias consignou algumas verbas applicadas para a conclusão da egreja.

No dia 20 de fevereiro de 1362 sagrou o templo de S. Francisco o arcebispo de Toledo D. Vasco, que, expatriado injustamente por D. Pedro o *cruel,* rei de

(292) Vide no *Instit.* vol. 2.º, n.º 10, um artigo do sr. J. A. Pereira.

Castella, tinha vindo residir no antigo convento de S. Domingos d'esta cidade. Assistiram á ceremonia da sagração D. João, bispo de Vizeu, e fr. Gil, bispo de Cirendoni (293).

Muitos e importantes são os acontecimentos que a historia refere succedidos no convento de S. Francisco, e pelos quaes se tornou este edificio um dos mais celebres monumentos de Portugal.

Foi debaixo d'aquellas abobadas sacrosanctas, que el-rei D. Diniz ordenou as suas tropas para obrigar á força d'armas, e reduzir á obediencia seu filho D. Affonso, depois rei IV de nome, quando, ou despeitado pelo amor e carinho com que o monarcha tractava a seu filho bastardo D. Affonso Sanches, ou impellido pela sua desmedida ambição, prematuro desejo de reinar, atraiçoados conselhos e mexericos de falsos amigos, e talvez pela má politica da rainha mãe de Castella D. Maria (294), se arrojou a rebellar-se contra o soberano, tornando estes reinos o theatro d'uma guerra parricida.

Foi tambem lá, que se aquartelou com seus camaradas o infante D. Diniz, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, quando, seguindo o partido de Henrique II de Castella, em cujo reino se havia refugiado em consequencia do seu máo procedimento para com seu irmão D. Fernando, rei de Portugal, veiu fazer guerra ao monarcha portuguez por este se haver alliado com D. João, duque de Lencastre, pretendente da coroa de Castella (295).

Dentro dos muros do convento de S. Francisco é

(293) Vide *Hist. de S. Domingos*, liv. 3.º, cap. 4.º; e o *Agiol. Lusit.* t. 1.º, pag. 459, e t. 2.º, pag. 78.

(294) Vide *Obras Completas de D. Francisco de S. Luiz* t. 1.º pag. 163.

(295) *Chron. de D. Fernando por Nunes de Leão* fl. 19; *Hist. Seraf.* liv. 2.º cap. 30.

recolheram tambem D. João Affonso, conde de Barcellos, João Rodrigues Portocarreiro, e João Affonso Cabeça de Vacca, fidalgos da comitiva de D. João I de Castella, quando, pretendendo este a coroa de Portugal, a que se julgava com direito por parte de sua mulher D. Brites, filha do nosso rei D. Fernando, entrou em Portugal com mão armada, chamado por D. Leonor sua sogra.

Notaveis são por certo os factos succedidos no convento de S. Francisco, que apenas acabamos de esboçar; nenhum é porem tão importante e memoravel como a reunião na sua egreja das celebres côrtes, que deram a coroa de Portugal ao Mestre de Aviz. Para assistir a ellas entrou em Coimbra o Mestre no dia 3 de março de 1385, e foi recebido fóra da cidade por grande numero de pessoas de distincção. A distancia d'uma legua foi esperal-o grande multidão de rapazes, que montados em canas o victoriaram exclamando: «Portugal, Portugal, por el-rei D. João: em boa hora venha o nosso rei!»

No dia 6 de abril reuniram-se na egreja de S. Francisco os prelados e grandes do reino, e os deputados de quasi todas as cidades e villas, para decidirem a causa da independencia nacional. Foi então que o mais sabio jurisconsulto d'aquelles tempos, o famoso dr. João das Regras, pronunciou perante aquella illustre assemblea o seu brilhante e eloquente discurso, baseado nos tres gravissimos fundamentos: de que não havia legitimo successor, a quem a coroa por herança pertencesse; que ao povo competia, e estava na posse de eleger rei, e que ninguem era mais digno de o ser que o Mestre de Aviz. Por tal modo fallou João das Regras, e refutou as objecções que se lhe oppunham, que demoveu a assemblea a conferir a D. João a coroa de Portugal, sendo em seguida acclamado no paço das Alcaçovas.

O edificio, a que deram tanta celebridade os notaveis successos de que fôra theatro, desappareceu de todo, afogado nas areias do Mondego, em cuja margem esquerda era situado. Ao tempo da fundação estava o convento sobranceiro ao rio em altura de vinte degráus, mas com o decurso dos annos as areias foram elevando o seu alveo, que não só egualou, mas excedeu consideravelmente o nivel do edificio. Em 1506 era elle de tal modo aggredido pelas aguas, que el-rei D. Manuel houve licença do papa Julio II para mudar o convento, assim como o de S. Domingos, e os mosteiros de Sanct'-Anna e Sancta Clara, contra os quaes o Mondego havia empregado tambem a sua força destruidora. Os franciscanos, porem, só em 1602 começaram a edificação de nova casa, lançando a pedra fundamental o magnanimo bispo conde D. Affonso de Castello Branco, no dia 2 de maio do referido anno. A trasladação dos religiosos para o novo convento effectuou-se com solemne pompa no dia 29 de novembro de 1609 (296).

Novo Mosteiro de Sancta Clara

Determinado el-rei D. João IV a fundar um novo mosteiro para as religiosas de Sancta Clara, a fim de as livrar dos incommodos e grandes perigos, a que no antigo estavam expostas pelos frequentes insultos do Mondego (297), incumbiu o conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes (298) de dar impulso á

(296) Vide a *Hist. Seraf.*
(297) Vide pag. 223.
(298) Foi posteriormente marquez de Marialva, e tornou

construcção do edificio. A planta das obras encarregou o mesmo monarcha ao engenheiro-mór do reino fr. João Turriano (299), e o lançar a primeira pedra ao reitor da Universidade Manuel de Saldanha, a quem recommendou, que fizesse em seu nome e com grande pompa essa ceremonia.

No dia 3 de julho de 1649 foi o reitor Saldanha dizer missa solemne á egreja do antigo mosteiro, onde então prégou o reitor do collegio da Companhia fr. Bento de Sequeira, tomando com muita propriedade para thema da sua oração os vv. 15 e 16 do Psalmo XLIV: *Adducentur regi virgines post eam: proximae ejus afferentur tibi. Afferentur in lœtitia et exultatione: adducentur in templum regis,* cujas palavras apropriou á trasladação da Rainha Sancta e das religiosas para o templo e mosteiro, que lhes mandara fundar a magestade real. De tarde saiu de Sancta Cruz uma procissão esplendida em direcção ao monte da Esperança, e chegando ao ponto onde estava designado o corpo do edificio, fez o abbade de S. Bento a ceremonia da benção. Depois d'ella o reitor da Universidade lançou no logar, em que devia ficar a pedra inaugural, algumas moedas de ouro e de prata em nome d'el-rei, e o juiz de fóra lançou outras dos mesmos metaes e algumas de cobre em nome da cidade e da camara. Em seguida pegou na pedra o reitor ajudado pelo abbade, e a lançou no alicerce.

A obra que se inaugurou tão solemnemente foi-se edificando com lentidão, porque para lhe dar vigoroso impulso escasseavam os braços e os meios necessarios, absorvidos pelos cuidados e despesas da guerra, que

famoso o seu nome pelas victorias gloriosas que alcançou dos Castelhanos nas *Linhas de Elvas* em 1658, e *Montes Claros* em 1665.

(299) Religioso de S. Bento e lente de mathematica na Universidade.

depois do brilhante feito de 1640 assegurou a nossa independencia nacional.

Entretanto ía o Mondego accumulando estragos no antigo mosteiro, tornando de dia para dia mais incommoda e perigosa a habitação das religiosas nelle. Por este motivo não se esperou pela conclusão do novo edificio para a mudança da communidade com os preciosos despojos da Rainha Sancta, e no dia 29 de outubro de 1677 effectuou-se a trasladação, a qual D. Pedro II, então principe regente, quiz que se fizesse com extraordinaria magnificencia e deslumbrante pompa (300).

O prestito atravessou sempre por entre alas formadas pelas corporações religiosas da cidade, as quaes por concorrerem em grande numero não poderam ir incorporadas na procissão, apesar de não ser curta a distancia d'um a outro convento. Á frente levava o marquez de Arronches o pendão, a cujos cordões pegavam seu filho e o conde da Ponte. As communidades das duas ordens de S. Francisco, setenta e quatro freiras, varias confrarias e irmandades, a corporação da Universidade, a camara, auctoridades civís, a cleresia, cabido, etc. compunham o vistoso prestito. O ataude com o corpo da Rainha Sancta foi levado debaixo do pallio pelos bispos de Lamego, Porto, Pernambuco, Vizeu, Targa e Miranda, entre os quaes, para os ajudarem, iam os provinciaes das ordens da SS. Trindade, dos Eremitas de Sancto Agostinho e dos Carmelitas Descalços. Levavam as varas do pallio o marquez de Minas, o conde de Figueiró, o conde da Feira, o conde de Sancta Cruz, o visconde de Villa Nova de Cerveira, o conde barão, o conde de Soure,

(300) Na *Revista Litteraria* do Porto, vol. 7.º, encontram-se muitas particularidades interessantes relativas á trasladação de Sancta Isabel.

e o conde de Aveiras. Detrás do pallio iam o bispo conde, e o bispo de S. Thomé.

Depositou-se o corpo da Sancta em um cofre mui rico de prata e cristal, que anteriormente havia mandado fazer o bispo conde D. Affonso de Castello Branco (301), e depois de fechado com tres chaves, se entregaram estas, uma a Roque Monteiro Paim, secretario de estado, para a dar ao principe regente, outra ao bispo de Coimbra, e a terceira á prelada do convento. Por não estar ainda fabricada a este tempo a egreja do mosteiro foi o cofre collocado numa capella provisoria.

O papa Innocencio XI concedeu, que o dia anniversario da trasladação de Sancta Isabel, 29 de outubro, tivesse reza propria e rito duplex na egreja lusitana. Neste dia o cabido da sé cathedral costuma ir todos os annos processionalmente a Sancta Clara assistir a uma missa, que faz celebrar no altar-mór onde se acha o caixão com o sagrado corpo da Rainha Sancta (302).

Concluido o magnifico templo de Sancta Clara, e depois de haver sido sagrado solemnemente no dia 26 de junho de 1696 pelo bispo conde D. João de Mello (303), effectuou-se no dia 3 de julho do mesmo anno a trasladação do cofre em que se acha depositado o

(301) Diz Gasco na *Conquista... de Coimbra*, cap. xxv, que este cofre importou em quinze mil cruzados, e que no meio das grades de prata que o cercam se vê esta inscripção de letras de ouro: *Dom Affonso de Castello Branco, Bispo de Coimbra, fez esta obra em louvor da Rainha Sancta. Anno de* 1614.

(302) A camara municipal costumava acompanhar o cabido nesta solemnidade; porem ha muitos annos que tem deixado de cumprir este piedoso dever, apesar de consignado no *Compendio* das suas obrigações annuaes. Ahi se lê a pag. 9: « A 29 d'este mez Procissão da Trasladação de Sancta Isabel, Rainha de Portugal, para o Convento de Sancta Clara: sáe da sé, e acaba em Sancta Clara: está o Senhor exposto: ha bancos cubertos e varas. Ha Bandeira Real.»

(303) Vide *Portugal Glorioso* por Bayão.

corpo da Sancta Rainha para a tribuna da capella mór. Foi levado em solemnissima procissão pelos bispos de Lamego, Miranda, Portalegre, Guarda, Vizeu, e Leiria, presidindo o de Coimbra. Pegaram ás varas do pallio varios titulares da côrte, mandados por el-rei assistir a este acto, que se celebrou com grandeza e pompa em nada inferiores ás da primeira trasladação (304).

As obras do mosteiro só se concluiram passados muitos annos. É um edificio vasto, magestoso e de aspecto regular, assentando vistosamente no cimo da collina fronteira á cidade. Dois vistosos mirantes ou pavilhões, cada um em seu extremo do longo dormitorio, dão grande realce á nobre perspectiva do convento. Precede-o um espaçoso pateo quadrilongo; e proximo do portico que lhe dá entrada vê-se presa ao chão uma grossa corrente de ferro, que hoje serve só de monumento do privilegio de asylo, que tinha antigamente o mosteiro.

A egreja d'uma só nave, toda de cantaria e de grande amplidão, é nobremente fabricada no estylo romano. Offerecem vistosa perspectiva os retabulos dos seus treze altares lateraes, de esculptura em madeira, sendo relevadas e de gosto apreciavel as imagens e mais objectos nelles representados.

Ao fundo da egreja estão dois notaveis sepulchros de pedra. O que fica á direita do observador encerra os ossos de D. Isabel, neta da Rainha Sancta, e foram trasladados do antigo mosteiro com a devida solemnidade no dia immediato ao da trasladação dos de sua avó. O da parte esquerda julga-se conter os restos de D. Maria, filha d'el-rei D. Pedro I e de D. Constança. D. Maria nasceu a 6 de abril de 1342 em Evora, e na mesma cidade casou a 3 de fevereiro de 1354 com D. Fernando, marquez de Tortoza, senhor de Albar-

(304) Vide *Anno Historico,* dias 29 de outubro e 3 de julho.

racim e filho de D. Affonso IV de Aragão. Depois da morte de seu marido voltou para Portugal, e assistiu na villa de Aveiro (305).

No coro admira-se outro tumulo de pedra, em que esteve depositado no antigo mosteiro o corpo da Rainha Sancta, e diz-se haver sido mandado fabricar por ella propria. Quando não fora apreciavel, por haver servido de deposito a tão veneravel reliquia, seria bastante para lhe dar grande valor a sua antiguidade e o gosto dos seus lavores. As suas faces lateraes são guarnecidas de varias imagens e de onze estatuetas de freiras, mettidas em pequenos nichos adornados de delicadas esculpturas. Na parte superior vê-se estendida a imagem da sancta vestida com habito de freira, com coroa real na cabeça, e nas mãos o bordão e bolsa de peregrina. É este sepulchro o mais notavel dos que no seu genero se encontram em Coimbra.

Fallando do mosteiro de Sancta Clara, não devemos deixar de mencionar a festividade que se faz em honra de Sancta Isabel, por certo a que 'nesta cidade se celebra com maior pompa, e a de maior regosijo popular. No dia 3 de julho de cada anno, vespera da festa, é costume irem os doutores da Universidade em prestito com seus capellos e borlas á egreja de Sancta Clara, onde então se cantam vesperas solemnes em que officia o Prelado ou o Decano de Theologia (306). No dia seguinte é a mesma corporação quem se encarrega de celebrar a festa na egreja do mosteiro, em honra

(305) Vide *Hist. Serafica* P. 2.ª, liv. 6.º, cap. 22.º e *Hist. Geneal. da Casa Real* t. 1.º pag. 386.

(306) Julgamos que este costume data do anno de 1716, pois no *Agiol. Lusit. t.* 4, *commentario a* 4 *de julho*, se lê que o reitor da Universidade Nuno da Silva Telles, o segundo do nome e appellido, fez naquelle anno um claustro pleno em que se resolveu houvesse prestito na vespera e dia da Sancta Rainha, com propinas dobradas.

da esposa do fundador do nosso primeiro estabelecimento scientifico. A confraria reserva a sua festividade para o domingo proximo, quando não cahe em dia sanctificado o dia da Sancta.

Com alguns dias de antecipação é conduzida á noite para o venerando templo de Sancta Cruz a magestosa imagem da Sancta Rainha, que as religiosas timbram de enfeitar com grande riqueza e concerto. A noite da vespera da festa é uma das mais folgadas e alegres de Coimbra. Depois do costumado fogo preso no pateo do convento, cujo recinto vastissimo se enche completamente de espectadores, percorrendo-se as ruas e largos da cidade, poucos são aquelles onde não se encontrem vistosas arcadas de diversos gostos, engrinaldadas de buxo e flores, illuminadas a gaz, e alli dançando e cantando até alta manhã moços e donzellas animados de verdadeira satisfação e alegria. Segue-se no dia immediato em Sancta Cruz a pomposa solemnidade, para a qual se adorna de esplendidas galas o primoroso templo manuelino. De tarde sahe a gravissima procissão, composta de numerosas irmandades e confrarias, e abrilhantada com o acompanhamento da camara municipal, altos funccionarios publicos e pessoas da mais elevada hierarchia da cidade.

Á noite repetem-se as animadas danças e cantares, em que o bom povo conimbricense tão bem dá a mostrar o seu genio alegre e folgasão, notado por quantos visitam a cidade ridente.

Capella da Senhora da Esperança

A poucos passos do mosteiro de Sancta Clara encontra-se numa posição bellissima a capella da Senhora da Esperança. A origem d'esta capella, segundo a refe-

ria a tradição no tempo do author do *Sanctuario Mariano,* é a seguinte. Um homem morador em Coimbra, indo pelo monte fronteiro á cidade, que era uma brenha inculta de matos e rochedos, foi accommettido repentinamente por uma serpente ou cobra de tão disforme grandeza, que o fez julgar chegado á sua hora extrema. Vendo-se em tamanho aperto recorreu á Virgem Maria, que invocou com o titulo de Esperança, pedindo-lhe o livrasse do perigo gravissimo em que se achava; e animado, com o favor da Senhora, de grande coragem e esforço, arremetteu ao terrivel animal e deixou-o morto, sem que do ataque lhe proviesse damno algum. Embarcou-se o homem para a India, e voltando a Portugal com alguns cabedaes, lembrando-se do favor que recebera da Virgem, e possuido de gratidão por tão grande beneficio, edificou logo uma ermida dedicada á Senhora da Esperança, em o mesmo sitio em que ella o soccorrera.

Passados annos, tractando-se de edificar o novo mosteiro de Sancta Clara, como se visse que a ermida fazia impedimento á sua fabrica magnifica, ordenou-se a construcção da capella, que hoje subsiste, no mais alto do monte e em muito melhor sitio. Correu por conta d'el-rei D. Pedro II a despesa do novo edificio, que se construiu com maior magnificencia, como obra real, e diz-se que importara a sua fabrica em doze mil cruzados. No tempo em que se demoliu a antiga ermida, levou-se para o mosteiro de Sancta Clara a imagem da Senhora, e nelle esteve até que a nova se acabou em 1702, fazendo-se a trasladação no dia 14 de maio (307).

Quando os jesuitas partiam para terras longinquas a espalhar pelo mundo todo as salutares doutrinas do

(307) Vide *Sanctuario Mariano* por fr. Agostinho de Sancta Maria, t. 4.º

Christianismo, era na capella da Senhora da Esperança que faziam as ultimas despedidas ao collegio, que até este logar os accompanhava (308).

Não ha sitio mais proprio para se contemplar o risonho aspecto de Coimbra e seus arrabaldes, que juncto desta capella. Vista d'aqui é que a cidade e suas cercanias offerecem o seu maximo encanto. Com muita razão diz pois o sr. conselheiro Henriques Secco na sua *Memoria Historico-Chorographica:* «Se anhelais saber quanto custa um *adeos* á querida patria, talvez para sempre, ide á ermida da Senhora da Esperança»; e o sr. Julio Cesar Machado nas *Scenas da minha terra*: «Como é bella, Deus piedoso! como é bella Coimbra, vista da ladeira que lhe fica em face! Como é brilhante! seductora! esplendida! olhando assustada para a torre da velha Universidade, que se ergue magestosa e imponente, como se tentara pela sua austeridade desvanecer a impressão prazenteira, que a vista da cidade nos desperta! Depois com que encanto indefinivel se nos crava a vista nas margens d'esmeralda d'aquelle rio, que tem ouro por arêa, e que corre á sombra da rama virente dos salgueiros, que o namoram!..»

Fonte dos Amores

Alli d'um terno amor ternos momentos
N'aza do tempo languidos fugiram,
Naquelle engano d'alma que a fortuna
Não deixa durar muito.

J. DE LEMOS.

Num dos extremos do mimoso campo de Sancta Clara se encontra a poetica e celebrada fonte, juncto

(308) Vide um artigo do sr. R. de Gusmão no vol. 1.º da *Revista Univ. Lisbon.*, pag. 464.

da qual é fama se passaram os desditosos amores da tão formosa como infeliz Ignez de Castro com o principe, depois rei D. Pedro I; amores que inspiraram ao nosso immortal poeta o mais bello episodio da sua magnifica epopea nacional.

Esta fonte tão rica de recordações, é pobrissima dos adornos da arte; a natureza, porem, parece que se empenhou em a ataviar com tantos mimos, que quasi se não torna sensivel a falta d'aquelles. Como fiel e bella descripção da Fonte dos Amores, aqui apresentamos o seguinte soneto.

Debaixo d'altos cedros enlaçados,
Que em vão de penetrar o sol porfia,
Rebentando de tosca penedia,
A quem virente musgo adorna os lados;

Puros cristaes se escoam apressados
Por leito de grosseira cantaria.
Vasto lago os recebe; e na sombria
Lympha tremem os cedros debuxados.

Não se ouve das manadas o balido,
Mal sôa alli a frauta dos pastores,
E mui pouco dos rafeiros o latido.

Da malfadada Ignez só os clamores
Se imprimem nalma sem ferir o ouvido.
Eis a copia da Fonte dos Amores (309).

No fundo do cano, por onde á flor do chão se despenham as aguas no tanque, divisam-se umas pedras

(309) No *Archivo Pittoresco* vol. 3.º, pag. 289, d'onde copiamos este soneto, diz-se que o sr. Barbosa Marreca o tem de cór dos seus tempos da Universidade, mas não se recorda do nome do author.

de cor avermelhada, que a tradição poetica inculca como manchadas do sangue de Ignez de Castro (310). É alludindo a esta bella ficção que o sr. João de Lemos, cantando a Fonte dos Amores, diz:

Como a fonte d'Ignez soluça ao longe!
Parece inda chorar-lhe a morte escura,
Osculando na pedra eternas manchas
Do sangue espadanado! (311).

Juncto da fonte vê-se erigida uma tosca lapide, onde estão gravados os tão formosos e sentidos versos com que o principe dos nossos poetas immortalisou esta nascente de agua:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe pozeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua, e o nome amores.
(CAMÕES, cant. III, est. 135).

Se dermos credito á tradição, as aguas d'esta fonte iam encanadas para a residencia de Ignez, e á corrente d'ellas costumava D. Pedro confiar um barquinho de cortiça, que lhe levava as suas cartas amorosas. Faria e Sousa auctorisa esta crença dizendo: «Esta

(310) Com quanto se creia geralmente que Ignez de Castro foi morta juncto d'esta fonte, não é todavia exacto. O assassinio foi perpetrado nos paços reaes, que estavam junto do velho mosteiro de Sancta Clara, segundo se lê em alguns authores antigos.

(311) *Revista Academica* de 1845 pag. 42.

fuente que se llamô de los Amores por essa razòn ya dicha, estava en el jardin de Palacio, y venia a salir a el por unos aquedutos. El Principe no podia hablar a Doña Ines todas las vezes que lo deseavan ambos, porque siendo ella Dama de la Reyna su madre, era menester recato. Valiase para esto de aquella agua, y de aquellos aquedutos; porque por ellos, y por ella la embiava los papeles que lá escrevia. Rompiò, parece, en cierta parte el aqueduto, y metiendo por alli los papeles, llevados ellos de la agua ivan a salir al jardin, a donde Ines acudia a cogerlos. De manera que el Amor venia nadando; venian las llamas amorosas passadas por agua. El Principe representado en sus popeles era el Leandro, que por olas iva en busca de su Ero, con màs felicidad que el otro, pues alfin llegava. Tales son las astucias de los amantes.» (312).

Em tão romantica estancia, á sombra dos copados cedros e ouvindo o murmurio das aguas que rebentam da penha, muitos poetas celebres têm encontrado as suas mais felizes inspirações. « É como se as musas nacionaes se deliciassem em vaguear melancolicas na amenidade d'aquelles sitios, elegendo para sua Castalia a saudosissima fonte dos amores.» (313).

(312) *Rimas de Camões* P. 2.ª, pag. 37.
(313) Sr. Latino Coelho. *Panorama* de 1855 pag. 164.

Lapa dos Esteios

.................sitio
Aonde as cordas da lyra
Vão temp'rar os trovadores;
Onde voa o pensamento,
Onde os plumosos cantores
Soltam mil notas ao vento;
Onde o Mondego suspira
Entre os ramos da folhagem;
Onde á tarde a branda aragem
Embala as c'roas das flores.

A. X. R. CORDEIRO.

Remontando a veia do Mondego até obra de dois kilometros para cima de Coimbra, encontra-se, na margem do poente, um d'esses logares privilegiados pela natureza, em que a situação, as plantas, o terreno e mil outras circumstancias, se harmonisam perfeitamente para o tornar em extremo deleitoso e ameno—é a *Lapa dos Esteios*, essa

...gentil gruta formosa,
Toda vestida de musgo,
Coberta d'hera viçosa,
Recamada, perfumada,
De jasmim, de myrto, e rosa,
A sombra de verdes freixos,
Á sombra tão amorosa.
Banham-lhe a planta mimosa
Serenas ondas do rio,
Imprimindo-lhe mil beijos
Com suave murmurio.
É a gruta solitaria,
O sitio doce, e sombrio.

(J. F. DE SERPA)

Nada se encontra allí de sublime, nem de grandioso; mas uma vegetação copiosa e engraçada vestindo o pendor d'uma collina, formando copadas alamedas, a cuja sombra todos apreciam passar algumas horas, ouvindo o cantico das aves, misturado suavemente com o sussurro do Mondego, que, passando ao sopé do monte, rumoreja deleitosamente nas folhas das arvores que se inclinam para a corrente. D'entre o bosquesinho surgem aqui e alli, no cimo de rochas vivas, cortadas a pique sobre o rio e engrinaldadas de viçosas heras e mil variadas plantas, alguns mirantes cercados de alegretes, d'onde se desfructa uma perspectiva tão formosa como variada. Arrôbam-se-nos os olhos naquelle fascinador quadro do Mondego que

Corre por entre bosques divertido
Com curso tão quieto e socegado,
Que nas voltas se mostra arrependido
De levar agua doce ao mar salgado
(GABRIEL PEREIRA DE CASTRO)

nas suas motas alcatifadas de mimosas relvas e boninas; nas margens vicejantes e pomposas com as suas searas verde-negras, e com os seus copados laranjaes; nos palacetes variados das quintas, alvejando por entre o macisso dos arvoredos; e sobretudo no aspecto risonho e formosissimo da cidade com todas as suas louçanias e encantos a mirar-se tão graciosa e gentil

.... nesse cristal
Do Mondego prateado,
Linda bonina do prado
D'este bello Portugal
(A. A.)

Esta mimosa e aprazivel estancia, onde a natureza espalhou com mão larga tantas galas e attractivos, é o sitio escolhido pelos cultores dos musas para as suas funcções poeticas. Castilho alli celebrou a *Festa de Maio* e o *Dia da Primavera,* com que immortalisou o sitio; e posteriormente lá têm continuado a ir outros muitos vates entoar seus canticos maviosos (314).

Mosteiro de S. Jorge

Entre as muitas casas importantes pertencentes aos conegos regrantes de S. Agostinho conta-se o mosteiro de S. Jorge, situado á beira do Mondego, para cima um pouco da Lapa dos Esteios. Se dermos credito á chronica da ordem, o mosteiro de S. Jorge deve a sua origem ao seguinte facto prodigioso, que d'ella recopilamos.

Andando o conde D. Sisnando á caça de feras em uma espessa mata chamada dos Mirleus, ou Mirlaus, aconteceu desenfrear-se-lhe o cavallo, e rompendo a galope, sem que o cavalleiro o podesse reprimir, ia a precipitar-se com elle d'uma grande altura. Vendo-se D. Sisnando em tão imminente perigo, invoca em seu auxilio a S. Jorge, e a esta voz, o cavallo, que já estava com os pés na borda do despenhadeiro, e com as mãos no ar, fica immovel, dando logar a que o conde se apeie. Em agradecimento ao sancto protector, votou-lhe logo D. Sisnando uma ermida, que com effeito edificou pelos annos de 1080.

Passados tempos, movido D. Sisnando por outros casos estupendos, que narra a referida chronica, re-

(314) Vide a *Primavera* e *Escavações Poeticas* do Sr. Castilho, e os jornaes de poesias intitulados *Trovador* e *Sylphide.*

solve substituir a capella por edificio mais sumptuoso onde podessem residir clerigos para nelle servirem a Deos; e no dia 23 de abril de 1084 lançou D. Paterno, bispo de Coimbra, a primeira pedra do novo templo, que em breve se concluiu (315).

D. Martinho de Portugal, que foi prior do mosteiro pelos annos de 1526, vendo que a Egreja por sua muita antiguidade ameaçava ruina, a mandou derrubar, e construir outra. A que hoje subsiste, não é a fundada no seculo XVI: é uma terceira, que, como d'ella se vê, foi construida muito posteriormente.

O mosteiro de S. Jorge foi vendido em tempo do marquez de Pombal, readquirido por compra pelos conegos regrantes no reinado de D. Maria I, e tornado a vender depois da extincção das ordens religiosas ao sr. José da Silva Carvalho.

Quinta de Villa Franca

Quasi defronte do mosteiro de S. Jorge, na margem direita do Mondego, entre a Arregaça e a Portella,

(315) Omittimos por brevidade o modo como se introduziu nesta casa a vida regular, a maneira como pelo andar dos tempos se tornou um mosteiro opulento, e outras circumstancias da sua historia; o que pode ver-se na *Chron. dos Coneg. Regr.* e numa memoria que sahiu no vol. 1.º do *Instituto*. Diremos por incidente, que não nos parece deva acceitar-se a opinião do author d'esta memoria, relativamente a não haver sido duplice em algum tempo o mosteiro de S. Jorge, pois no testamento que citamos em a nota 157 lê-se esta manda: *Dominabus Santi Georgi tres libras*, e no testamento do chantre João Annes, feito na data *Sexto Kal setemb E.* 1264, e que vem por extenso transcripto nas copias de leitura nova existentes no cartorio do cabido, encontra-se a verba de dois morabitinos *Monialibus St.i Georgi;* pelo que não temos duvida em admittir, que no mosteiro de S. Jorge houve a dupla communidade dos dois sexos.

encontra-se a quinta de Villa Franca, outr'ora casa de recreio e convalescença dos Jesuitas. A sua situação á beira do rio, as pompas da vegetação do seu solo e o seu frondoso arvoredo, tornam este sitio muito aprazivel e deleitoso.

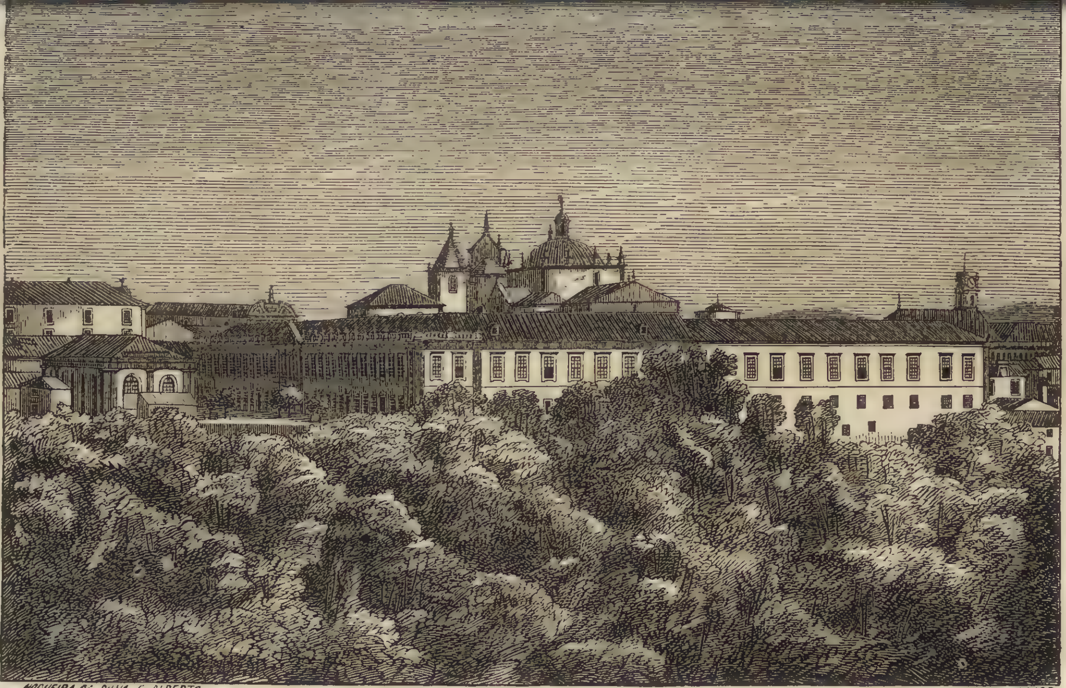
É logar memoravel a Quinta de Villa Franca pela assistencia que nella fez o sabio padre Antonio Vieira. Era alli, onde o principe dos oradores portuguezes costumava passar parte do verão, e foi alli que elaborou alguns dos seus bellos escriptos. Por isso fallando d'este sitio, diz o sr. R. de Gusmão: «D'entre os formosissimos passeios de Coimbra sempre nos mereceu singular predilecção o de Villa Franca. Não nos attrahia alli os passos a fresca sombra dos alamos, o suave murmurio da corrente, e os encantos de uma vegetação luxuriante; mais poderosa que a amenidade do sitio, a grata recordação d'um nome illustre, bastas vezes nos levava áquelle vergel saudoso.» (316)

Capella do Arnado

Ao fundo da rua Direita e proximo do Mondego se encontra a capella do Arnado, nome que julgamos haver sido posto ao campo em que está, em razão das muitas areias para alli arrojadas noutro tempo pelo rio, mas hoje substituidas por feracissimos e mimosos terrenos.

De antigos tempos existia alli um crucifixo, cuja capella havia mandado pôr em melhor estado um devoto do Senhor, Gaspar Mendes, em 1652. No anno de 1722 espalhou-se a noticia, de que a imagem *suara*

(316) Vide o *Instit.* vol. v, pag. 129.



Cerco dos Jesuitas, Museu, etc.
Vista tirada de Mont'Arroio

sangue e agua no dia 1 de agosto, e por tal motivo os moradores da cidade e povos convizinhos se inflammaram de grande devoção para com o Senhor, ao qual visitaram com rogativas e valiosas offerendas. Accordou então a confraria em edificar com as esmolas dos fieis uma nova capella, á qual effectivamente se deu principio no anno de 1723. No dia 7 de dezembro de 1727 foi benzida, e no dia seguinte se celebrou nella a primeira missa (317).

Nada contem a capella do Arnado que a torne digna de notar-se; o seu local, porem, é sitio assás historico e memoravel por alguns factos importantes nelle succedidos. Foi no campo do Arnado que el-rei D. Affonso Henriques planeou com os de seu conselho a importante conquista de Santarem em 1147.

(317) O que deixamos dicto é recopilado de duas inscripções que estão na frente da capella. Numa d'ellas se accrescenta que ella «sem duvida é da protecção real pelas armas que no cruzeiro do senhor se acham, por cuja causa nunca o parocho da freguezia se intrometteu com cousa alguma da capella ou sua administração.» Effectivamente no pedestal ou peanha sobre que assenta o crucifixo, que se compõe d'uma columna com seu capitel, vêem-se lavradas na frente as armas reaes. Por cima d'ellas existem indicios d'uma esphera armillar, e mais acima a cruz da Ordem de Christo. Parece-nos obra do tempo de D. Manoel. Na mesma columna está tambem, mas lateralmente, o brazão da ordem dominicana com orla de estrellas. O nosso amigo, o sr. Antonio Maria Seabra de Albuquerque, a quem, por muito versado em assumptos heraldicos, consultámos ácerca d'este brazão, disse-nos que, a julgar por elle, conjectura que a imagem de Christo fora feita á custa de algum prelado dominico da familia de Pessoas. Eis a descripção que do brazão nos fez o sr. Seabra, e ás reflexões em que baseou a sua acertada conjectura: «Em campo franchado cruz floreteada, com uma orla de estrellas. Os prelados das differentes ordens regulares compunham o escudo de suas armas de familia com o da ordem a que pertenciam; este costume ainda hoje é observado pelos sr.ˢ Bispos, que professaram ordens religiosas. Ora sendo assim, o campo do escudo é da ordem dominica, porem a orla é tirada do brazão dos Pessoas, pois que só neste appellido encontramos a orla das estrellas.»

Era Santarem um dos pontos mais importantes senhoreados pelos mouros, que d'alli sahiam a fazer correrias, causando grande damno aos christãos. Não só por isto, mas tambem porque conhecia que a tomada de Santarem era o ponto de partida para uma serie de grandes conquistas pela Extremadura e Alemtejo, empenhava-se muito el-rei D. Affonso em se assenhorear d'aquella povoação. Grandes difficuldades porem se oppunham á realisação de tal empresa. Estava a villa numa posição innaccessivel e imminente sobre o Tejo, e era alem d'isso a cidadella melhor fortificada dos infieis, circumstancias que a faziam olhar como um baluarte inexpugnavel. Considerando isto o monarcha, deliberou accommetter a villa antes por surpreza, do que por outros apparatos bellicos, que tão excellente posição punha em risco de sairem frustrados. Para effectuar seu acertado projecto, mandou D. Affonso primeiramente espionar o estado da villa por D. Mem Ramires, o qual, tendo ido examinar cuidadosamente os muros e fortalezas d'ella, participou a el-rei, que havia fundamento para se esperar bom exito d'um assalto inopinado.

Depois de informado por Mem Ramires fez D. Affonso reunir no campo do Arnado os de sua confidencia, e alli lhes communicou, e planeou com elles o seu intento, exigindo de todos o maior segredo. Apezar porem de todas as precauções, foram ouvidos por uma velha que tudo escutou, a qual, quando a comitiva regressava para a cidade, estava dizendo na praça para outras mulheres: — *Quereis vós saber o que el-rei com aquelles seus companheiros fallou*»?

— « *Que fallou?* » disseram ellas.

Tornou-lhes a velha — «*Fallaram como fossem furtar Santarem.*

Ao ouvir isto ficou D. Affonso mui agastado, julgando que algum dos companheiros se tinha afastado

e divulgara o segredo; mas, vendo que por todos era seguido, asserenou-se mais e disse-lhes:—« *Não attentastes no que disse aquella velha? Certo se algum de vós se apartára de mim, eu cuidara que fora descoberto e lhe mandara cortar a cabeça sem o merecer* » (318). O commettimento planeado foi posto em practica, e Santarem foi tomada por surpreza.

Refere Duarte Nunes de Leão ser tambem o campo do Arnado o sitio onde fez o seu alardo a gente que de Coimbra partiu com D. Sancho I, ainda infante, para batalhar no Alemtejo em 1181 contra um rei de Sevilha, cujo exercito foi vencido e derrotado.

Quinta de Sancta Cruz

A cêrca, que juncto do seu mosteiro tinham os conegos regrantes de Sancta Cruz, era uma das maiores e mais bellas que possuiram as extinctas ordens religiosas. Apresentava tal riqueza e magestade nas suas ruas, escadarias, lagos, fontes e cascatas; achava-se adornada com tal sumptuosidade e magnificencia, que mais parecia faustoso parque de poderoso monarcha, que a cêrca de uma communidade religiosa. Todas essas obras magestosas, cuja maxima parte ainda hoje se conserva, servindo de admiração a todos quantos visitam a quinta, foram construidas no tempo do reformador da Congregação dos cruzios D. fr. Gaspar da Encarnação, no reinado de D. João V. Não foi porem sem estranheza e murmuração do povo que se fizeram essas construcções

(318) Vide *Chron. de D. Affonso Henriques* por Duarte Nunes de Leão.

magnificas e luxuosas, improprias da vida do claustro. Francisco de Pina e de Mello, num *Memorial, ácerca dos excessos e usurpações dos religiosos monachaes, e particularmente dos de Sancta Cruz de Coimbra*, entre varias queixas que contra elles faz, diz o seguinte alludindo á quinta de Sancta Cruz: « E se a benevolencia de V. M. me achasse digno de me perguntar em que gastam estes *sanctos reformadores* tão riquissimas acquisições, responderia humildemente, e com as lagrimas nos olhos, que em *columnatas,* em *cascatas,* em *ruas empedradas,* em *tanques,* em *patos d'agua,* em *jardins,* em *jogos de bilhar,* em *edificios magnificos,* e em outros *grandes divertimentos,* de que só os principes usam» (319).

Depois da extincção das ordens religiosas tem-se praticado na quinta de Sancta Cruz vandalismos inauditos. Grande parte dos seus arvoredos gigantescos têm sido abatidos, e muitas ruas destruidas com o fim de alargar a cultura dos cereaes por mais alguns metros de terreno, que antes acobertado pela espessura do bosque, apresentava estancias deleitosas, impenetraveis aos raios do sol. Todavia ainda resta muito que admirar na quinta de Sancta Cruz. Apesar das grandes devastações e estragos nella practicados, convidam ainda a visitar a cerca dos cruzios algumas ruas largas e extensas, toldadas de arvoredo frondoso; o celebrado lago circular, orlado por altas paredes de cedro; o grandioso terreiro do jogo da bola, com os seus tres lindos arcos coroados pelas estatuas da Fé, Esperança e Caridade, com a sua lindissima cascata e com os gigantescos e copados arvoredos que o assombram; as escadarias magestosas entremeadas de vistosos repuxos; a paragem encantadora da fonte da Nogueira etc. Tambem restam ainda algumas arvores seculares, que causam pasmo por sua corpolencia, principalmente os loureiros, dos

(319) Vide o *Instit.* vol. XII n.º 1.

quaes disse o celebre botanico Link em a sua *Voyage en Portugal:* « si l'on desire voir des lauriers des Indes, de Goa *(laurus indica)* dans toute leur magnificence, c'est ici qu'on doit se rendre.»

Instituições de beneficencia e de recreio

Alem das instituições de beneficencia e de recreio de que já fizemos menção em diversos artigos d'esta obra (Misericordia com os seus collegios de orphãos e orphãs, Asylo de primeira infancia desvalida; Academia Dramatica; Instituto; Theatro da Graça; Theatro de D. Luiz; Hospital da ordem Terceira; Hospitaes da Universidade; Sociedade Philantropico-academica; Associação commercial), entendemos que deviamos mencionar as seguintes:

RECOLHIMENTO DO PAÇO DO CONDE — Foi fundado pelo bispo D. João de Mello, que governou a diocese de Coimbra desde o anno de 1684 até ao de 1704.

Foi primitivamente instituido para mulheres convertidas da vida peccadora e dissoluta e para donzellas que estivessem em imminente perigo da sua honestidade, e tinha a invocação de Sancta Maria Magdalena; mas em 1827 o bispo D. Joaquim da Nazareth mudou-lhe o instituto, fazendo d'esta casa um recolhimento para educação de meninas pobres, que se ficou denominando — de Nossa Senhora das Necessidades. Neste intuito lhe deu novos estatutos, por elle mandados executar em 3 de maio do referido anno. A casa em que está é muito antiga, e pertencêra aos condes de Cantanhede; donde provem chamar-se-lhe geralmente — recolhimento do *Paço do Conde.*

ASYLO DA INFANCIA DESVALIDA — Ao que já dissemos ácerca d'este asylo accrescentamos agora o seguinte:

O Asylo da infancia desvalida, fundado em 9 de julho de 1835, sob a protecção da Rainha a Senhora D. Maria II, occupa desde o anno de 1836 o edificio que foi collegio dos Religiosos Capuchos da Provincia de Portugal, conhecido pelo nome de — Collegio de Sancto Antonio da Pedreira, — o qual lhe foi definitivamente concedido por carta de lei de 25 de julho de 1852, tomando posse d'elle a direcção em 14 d'agosto do mesmo anno. Os estatutos, por que se rege esta associação, foram approvados por alvará de 26 de novembro de 1850.

Os primeiros alumnos admittidos para este estabelecimento, em 10 d'abril de 1836, foram doze, seis do sexo masculino e outros seis do feminino. Este numero foi crescendo progressivamente, á medida que lhe iam augmentando os recursos, contando actualmente, termo medio, cincoenta alumnos — vinte do sexo masculino, e trinta do feminino.

Em 30 de junho de 1867, possuia estes fundos:

Em	Inscripções (valor nominal)....	6:200$000
»	Coupons....................	200$000
»	3 acções do Banco Commercial do Porto.....................	600$000
»	7 dictas da Sociedade dos Banhos de Luso....................	78$000
»	Uma letra..................	200$000
	Total	7:278$000

Estes capitaes rendem annualmente 243$900.

A despeza annual média é de 850$000 réis, a qual é supprida, alem dos juros dos seus capitaes, pelas subscripções de socios, bazares, donativos, etc.

MONTE PIO DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE — Fundado em 8 de setembro de 1849. É exclusivo dos artistas e empregados deste estabelecimento. O seu estado tem-se tornado de anno para anno cada vez mais prospero. Ve-se do seu ultimo relatorio que para a direcção de 1867 a 1868 passou um saldo de 1:159$995 réis. A associação conta cincoenta e quatro socios. Presta um subsidio como inhabilitado ao decano dos impressores, não só de Coimbra, como talvez do paiz, sendo que aquelle artista trabalhou perto de sessenta annos.

SOCIEDADE CONSOLADORA DOS AFFLICTOS — Foi creada em 1849, com o fim de acudir com esmolas ás familias indigentes. Está a cargo de algumas das mais respeitaveis senhoras de Coimbra, e é filial da que existe em Lisboa com a mesma denominação.

MONTE-PIO CONIMBRICENSE — Foi instituido em 1851 para todas as classes de cidadãos, que quizessem concorrer com as quotas mensaes designadas nos estatutos. O sr. Joaquim Martins de Carvalho foi o principal influente para a creação de tão benefica e civilisadora sociedade.

O monte-pio tem uma existencia prospera. Segundo o ultimo relatorio, o fundo effectivo, em 30 de junho de 1867, era de 6:731$435 réis; e contava perto de trezentos socios.

ASYLO DA MENDICIDADE — Este hospicio da pobreza commemora o dia 16 de setembro de 1855. Foi fundado pelos conimbricenses para solemnisarem a inauguração do venturoso reinado do senhor D. Pedro V. Esteve a principio no collegio do Carmo; porem foi transferido em 15 de novembro de 1863 para umas casas em Mont'Arroio, que serviram outr'ora de roda dos expostos.

Concorreu muito para a prosperidade d'este asylo, promovendo a seu beneficio no Brasil uma subscripção, que importou na valiosa quantia de mil e quinhentas libras, o sr. commendador Antonio José Duarte Nazareth, filho benemerito d'esta cidade.

SOCIEDADE PHILARMONICA CONIMBRICENSE — Foi a primeira que se organisou em Coimbra, e passa por uma das melhores philarmonicas.

SOCIEDADE PHILARMONICA BOA-UNIÃO — Fundada posteriormente á anterior. Tem tambem a instituição de um monte-pio. Passa egualmente por uma das melhores sociedades d'aquelle genero, dividindo-se em Coimbra as opiniões sobre o merito de uma e de outra.

CLUB CONIMBRICENSE — Aos esforços do sr. Miguel Osorio Cabral e de outros cavalheiros é devida a creação do Club, que hoje se acha em boas condições.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS — Esta associação, creada em dezembro de 1862 por iniciativa e esforços do sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, acha-se muito florescente, e promette um prospero futuro.

Os principaes fins d'esta sociedade são: soccorrer os seus socios nas doenças, na prisão, e subministrar-lhes meios de subsistencia quando por velhice ou outros accidentes estiverem impossibilitados de trabalhar. Egualmente se tem em vista n'esta sociedade agremiar os artistas, desenvolvendo-lhes o espirito de classe, estabelecendo para sua instrucção aulas, bibliotheca, um gabinete de leitura, etc.

O numero de associados excede quinhentos; o seu capital eleva-se á 3:100$000 réis.

Em janeiro de 1865 foi-lhe concedido pela Camara Municipal d'este concelho o magnifico refeitorio do mosteiro de Sancta Cruz, para ahi fazer as suas ses-

sões e abrir os cursos nocturnos, que no anno lectivo findo constaram das aulas de instrucção primaria, calligraphia, portuguez, francez (leitura e traducção), dezenho (linear e de ornato).

'Nesta magestosa e excellente casa se inaugurou, com grande apparato, no dia 29 de outubro de 1866, a estatua de El-Rei o Senhor D. Fernando, augusto protector da associação, executada gratuitamente pelo habil artista d'esta cidade, o sr. Possidonio da Silva Alves Brandão. A estatua está collocada sobre um pedestal, em cujas faces se vêem os bustos de cinco portuguezes celebres nas bellas artes — o distincto poeta Francisco de Sá de Miranda; o celebre esculptor da magnifica estatua equestre de D. José I, Joaquim Machado de Castro; o musico eximio José Mauricio, todos tres filhos de Coimbra; o insigne pintor Domingos Antonio de Sequeira; e o famoso architecto do templo da Batalha, Affonso Domingues. Os bustos estão feitos com grande perfeição e fidelidade historica.

Cemiterio da Conchada

Quasi parallela á Horta de Sancta Cruz e rua da Sophia prolonga-se uma formosa collina, povoada em parte da sua extensão por copados olivedos, e que á côr avermelhada ou ruiva do seu fertil terreno deve, ao que parece, o nome de Mont'Arroio (320). Cortam-na

(320) Na *Chron. dos Conegos Regr.* P. 2.ª pag. 206 menciona-se uma doação de D. Mendo a D. João Theotonio, segundo prior do mosteiro de Sancta Cruz, fallecido em 29 de outubro de 1181, na qual este monte se denomina *Mons rubens*, monte ruivo. Corrupto o vocabulo, se chamou depois *Monte-roio* ou *Mont'arroio.*

em varias direcções algumas estradas, uma das quaes conduz ao cemiterio, e é orlada de lindas arvores, que, apesar de ha poucos annos plantadas, apresentam já notavel corpolencia e desenvolvimento. Pelas formosas e variadas vistas que d'esta estrada se descortinam, é ella um dos passeios mais agradaveis de Coimbra. A cidade, e a maior e mais bella parte das suas mimosas e decantadas cercanias, apresentam, vistas d'alli, um panorama delicioso, principalmente no ponto em que o caminho atravessa pela cerca do collegio da Graça.

Quasi na extremidade occidental da cumiada do monte fica o cemiterio, precedido por um bello parque guarnecido de assentos e assombrado por formosissimas arvores de variada folhagem. O seu magestoso portico é trabalhado conforme os preceitos da ordem toscana, e nas cantarias que o formam vêem-se gravados alguns bem escolhidos versos e distichos conceituosos, appropriados ao logar, e cuja leitura repassa a alma de suave melancolia.

O recinto do cemiterio apresenta a configuração de um hexágono irregular. A sua superficie é de 11750 metros quadrados, tendo a possibilidade de se augmentar facilmente quando for necessario. Para o lado de Cozelhas é fechado por uma gradaria de ferro, que deixa desfructar livremente, em arrebatador panorama, aquelle mimoso e pittoresco valle com a sua ribeira, pomares e hortas ajardinadas, onde parece gozar-se de uma primavera interminavel, a egreja de Santo Antonio dos Olivaes, as serras do Dianteiro, Agrello e Bussaco, o choupal, grande extensão dos formosos campos do Mondego, mil logarejos, casaes e quintas, em summa, uma paizagem sublime, que faz estacionar alli por largo espaço o observador attrahido e absorto em tantas bellezas.

As obras do cemiterio começaram pelo movimento das terras em 6 de março de 1858, e no dia 2 de no-

vembro do mesmo anno se assentou nos alicerces a primeira pedra. No dia 2 de outubro de 1860 fez-se nelle o primeiro enterramento.

Actualmente trabalha-se na construcção da capella.

Ermida de Nossa Senhora do Loreto

A distancia d'um kilometro para o norte da estação da via ferrea, ao lado da antiga estrada do Porto, fica a ermida de Nossa Senhora do Loreto.

Ordenara D. Fernando Magno que por seu fallecimento se formassem de seus estados tres monarchias, e que fossem repartidas pelos seus tres filhos. Legou a D. Sancho o reino de Castella e Navarra, a D. Affonso o de Leão, e a D. Garcia a Galliza com a Lusitania até ao Mondego. Com esta partilha se julgou lesado o primogenito; e, apesar de haver promettido com juramento a el-rei seu pae que nunca contrariaria as suas disposições testamentarias, resolveu fazer valer por armas o seu direito, e enviou um exercito contra D. Garcia, que então se achava em Coimbra.

No campo de Agua de Maias, local onde começa a varzea amenissima de Cozelhas, se encontraram os soldados de D. Sancho com as tropas de D. Garcia, governadas pelo celebre heroe D. Rodrigo Froyas, conde de Trastamara; e pelejando-se de parte a parte valorosamente, colheu D. Rodrigo os louros da victoria, deixando mortos no campo da batalha 540 castelhanos. (321)

Crê-se geralmente que em memoria d'este combate

(321) Vide *Benedictina Lusitana* t. 2.º pag. 194, e *Conquista.... de Coimbra* cap. x.

se erigira a ermida do Loreto; nenhum documento porem auctorisa esta crença, que julgamos infundada, tendo para nós que a origem d'esta capella não vae muito alem de duzentos annos. Quando para assim pensar não fossemos induzidos pelas noticias que em seguida apresentamos, bastariam para fundamentar o nosso parecer o estylo e aspecto do edificio, que bem indicam não ser anterior ao XVI seculo. Demais em Portugal a invocação de Loreto só se começou a dar a alguns templos desde o reinado de D. Diniz. (322) Tambem não nos parece certo que a ermida fosse fundada pelo bispo conde D. Affonso de Castello Branco, como diz o padre Carvalho na sua *Chorographia Portugueza.*

Fr. Francisco Brandão, narrando um caso notavel succedido ao Bispo D. João Soares por causa de um ladrilho que trouxera da casa do Loreto em Italia, diz o seguinte:

« O que ha de considerar ácerca do bispo D. João Soares é que, sendo nelle tanta a devoção do Loreto, e experimentando a maravilha, que a Senhora nelle obrou, se não dispoz vindo ao seu bispado a fabricar uma ermida sumptuosa da invocação do Loreto, ainda que lhe faltasse o ladrilho. Uma, que está fóra de Coimbra melhorada e accrescentada de novo pelo conego Manuel Telles, se não pode presumir fosse edificada por este bispo, por ser até esta renovação de humilde fabrica. De seu primeiro fundador se não sabe. O que consta de certo por um acto de posse, que vi no cartorio da sé de Coimbra, é que no anno de mil quinhentos e sessenta e quatro tomou d'ella posse pelo cabido Braz Pereira, seu procurador, por morte de um fr. Manuel, ermitão, que nella residia.» (323)

(322) Vide *Monarchia Lusitana* p. 5.ª, liv. 17, cap. 12.
(323) *Mon. Lusit.* p. 5.ª, liv. 17, cap. 12.

Com quanto diga fr. Francisco Brandão não haver noticia do primeiro fundador da ermida, sabe-se que o fora o proprio fr. Manuel de quem faz menção. Consta por uma escriptura existente no cartorio do cabido, feita em 18 de maio de 1548, que Leonor Cabral, dona viuva, moradora em Coimbra, doara a fr. Manuel um pedaço de terreno, que estava dentro d'um olival, para ahi fundar uma ermida de Nossa Senhora do Loreto. Neste documento se diz que o *olival e chão que está a assamassa* era fateusim do reguengo do prazo de Pero Feio; e existe no mesmo archivo a escriptura de licença que este concedeu, em 16 de março de 1548, a fr. Manuel para fazer a ermida *no quarto da Corredoira*, e nesta escriptura diz Pero Feio: *o qual reguengo é meu por uma doação d'el-rei nosso senhor*, e impõe a clausula de que não se fará mais que ermida. (324)

Eis o que sabemos de positivo ácerca da capella de Nossa Senhora do Loreto. Parece-nos por tanto inadmissivel a origem que lhe dá a crença vulgar, dizendo-a erigida para commemorar a batalha de Agua de Maias, e a asserção gratuita do insigne chorographo Carvalho, que talvez tomou por fundação alguns reparos ou reedificação, para que por ventura concorreu o bispo D. Affonso de Castello Branco. (325)

(324) Devemos á noticia d'estes documentos do cabido á obsequiosa amizade do sr. dr. Francisco da Fonseca Correia Torres.

(325) Em apoio do que deixamos dicto acima vem a seguinte inscripção gravada em uma lijonja no pavimento da ermida proximo do altar-mór:

S^A^
DO PA
DRE. FREI
MANOEL. IRMI
TAÕ. Q FOI DESTA CA
ZA. DIZEM Q FOI
O INSTITVI
DOR DE
LLA

CONDEIXA

Fica situada a linda villa de Condeixa a distancia de 14 kilometros ao sul de Coimbra sobre a antiga estrada de Lisboa.

Até ao tempo de D. Manuel não havia alli mais que um insignificante casal denominado do *Oiteiro;* mas, passando este monarcha por aquelle logar em direcção a Galliza, tanto se agradou da sua belleza e amenidade, que nelle mandou fundar uma boa egreja, agourando a esta povoação grande incremento de futuro. (326) Não foi infundado o vaticinio do monarcha venturoso. Condeixa desde aquella epocha tem progredido muito, sendo hoje uma terra bastante consideravel.

Em 1838 foi elevada á categoria de villa, para o que muito concorreu com sua valiosa cooperação o grande vulto politico dos nossos tempos, Rodrigo da Fonseca Magalhães, que foi natural de Condeixa. Em signal de gratidão por tal serviço, e como homenagem de respeito e consideração para com um filho tão benemerito d'aquella terra, a camara municipal collocou em a sala das suas sessões o retrato do grande estadista no dia 2 de janeiro de 1864.

Condeixa foi uma das povoações, que mais soffreram por occasião da guerra peninsular. São lastimosos os

(326) *Corogr. Port.* t. 2.º cap. 6.º

estragos que nella causou o exercito de Massena em 1811. Quasi todos os seus edificios foram incendiados, não escapando a egreja matriz. Segundo um desenho, que vimos ha tempos representando tão pavoroso incendio (327), mais de quarenta edificios foram presa das chammas. Rodrigo da Fonseca Magalhães commemorou esta grande catastrophe no seguinte soneto, pelo qual se prova que o estadista consummado fora tambem soffrivel poeta:

Condeixa amena, que eras, ainda ha um anno,
Que o paraiso d'Eden mais mimosa,
Que torrente d'estragos lastimosa
Eclipsoa o teu lustre soberano?...

Breve quiz dar-te o fado deshumano
A sorte de Palmyra desditosa;
Te riscando a lembrança lacrimosa
Ao longinquo futuro do teu damno.

Tudo cedeu á chamma devorante,
Que ateada com horrida impiedade,
Qual Troia te abrazou num breve instante.

Patria minha, a quem não farás piedade!
Ah! veja-se em tua cinza, inda fumante,
Das grandezas do mundo a curta edade!

(327) Este desenho, executado por um militar que foi acutilado pelos francezes, tem o seguinte letreiro: *Condeixa — destruida e incendiada pelo exercito francez, ficando todos os palacios queimados, e a egreja de Sancta Christina da freguezia, e só escapou de ser incendiado o palacio do Desembargador Manoel Pereira Ramos* (hoje do sr. Francisco de Lemos Ramalho), *tudo acontecido no anno de* 1811. — *Felix Lourenço fez este mappa com a mão esquerda.*

O aspecto lastimoso, que apresentava Condeixa por tão grande desolação, tem desapparecido quasi de todo em virtude de successivas reedificações, e presentemente só se vêem em ruinas cinco casas, sendo uma d'ellas o antigo palacio dos Sás, hoje do sr. conde de Anadia.

Dos muitos predios bons, que ha em Condeixa, merecem menção especial o palacete do sr. Lemos, e o do sr. visconde de Podentes (que fora hospicio de frades antoninos), nos quaes já por vezes se têm hospedado alguns dos nossos monarchas e outras pessoas da familia real.

A egreja matriz é dedicada a Sancta Christina, e apresenta ainda, apesar dos estragos do incendio, bons specimens da architectura manoelina. Do lado do evangelho, onde antes da reforma do templo estava a capella de Sant'Iago e presentemente se acha uma porta, está um sarcophago com um epitaphio, que diz estar alli sepultado D. João Franco de Oliveira, que foi bispo de Angola, arcebispo da Bahia e posteriormente bispo de Miranda, fallecido em 2 de agosto de 1715. (328)

As cercanias da villa são muito aprazíveis pela boa cultura e mimo dos terrenos. Por toda a parte se encontra um solo fertil, irrigado copiosamente por excellentes aguas e povoado de loureiros e cyprestes sempre verdes, de nogueiras corpulentas, e de formosas larangeiras, cujos frutos são muito afamados e gozam de justificada reputação por sua boa qualidade.

Circumdam a villa muitas quintas mimosas e de recreio dignas de serem visitadas, merecendo a preferencia a do sr. Lemos. Tem extensos e bellos pomares, lindas ruas bordadas de arbustos exquisitos, e um grande

(328) Foi natural de Condeixa ; e vem mencionado no catalogo dos bispos de Miranda, impresso no t. 1.º da *Collecção dos Documentos da Academia de Hist. Portugueza.*

lago ou tanque cercado de vicejantes arvoredos, tendo no meio, á similhança de pequena ilha, um bonito kiosque forrado de cortiças e revestido artificiosamente de cedro palmar. É de bello effeito a queda da grande massa de agua, que se despenha d'este tanque.

Os terrenos de Condeixa e suas cercanias, alem de extremamente agradaveis e pittorescos pelas pompas e variedade da sua vegetação, occupam ainda a attenção do viajante, principalmente do naturalista, pela sua particular estructura geologica, em que offerecem notaveis curiosidades. Uma das que têm sido mais apreciadas, é a chamada *Lapinha,* espaçosa gruta de tufo calcareo, d'onde em forma de lençol se despenha uma copiosa torrente. Tem a configuração d'um palco scenico, e é aberta numa rocha que se eleva a muitos metros, e guarnecida de verdes musgos e outras viçosas plantas, que a tornam muito pittoresca.

Alem d'esta ha ainda nas vizinhanças de Condeixa mais duas grutas notaveis, a *Gruta Nova* e a de *Eira Pedrinha.* A primeira, onde só se pode entrar por meio de uma escada de mão, é de forma hemispherica, e nella se admiram bellas e variadas stalactites e stalagmites, que lhe dão um aspecto deslumbrante. A gruta de *Eira Pedrinha,* descuberta ha pouco numa pedreira que se andava lavrando, tem sido muito apreciada por nella se encontrarem ossos humanos petrificados e inteiramente adherentes á rocha. Todas estas grutas são consideradas phenonemos geologicos de grande interesse scientifico, e diz-se que concorreu muito para a sua formação a abundancia de aguas e a natureza dos terrenos calcareos secundarios d'estes sitios. (329)

(329) Fr. Agostinho de Sancta Maria falla de algumas grutas de Condeixa no *Sanctuario Mariano* tom. 4.º tit. LXXVI; e o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões publicou um curioso artigo ácecra d'estas grutas no vol. 2.º do *Instituto* pag. 43.

A pequena distancia de Condeixa a Nova encontram-se as famosas ruinas da antiga cidade de Colimbria.

Fr. Bernardo de Brito (330), deixando outras opiniões a respeito da fundação remotissima d'esta cidade, e encostando-se á do antigo Laymundo, cuja relação diz agradar-lhe por sua antiguidade e lhaneza (331), segue que os africanos de Carthago a edificaram pelos annos de 3600 da creação do mundo.

Estando esta cidade em poder de Hermenerico, rei dos suevos, foi tomada em 09 por Ataces, rei dos alanos, que não lhe deixou pedra sobre pedra (332). Reedificaram-na posteriormente os romanos; mas em 464 foi totalmente arrazada por Remismundo, rei dos suevos. Havendo elle cercado a cidade, os seus moradores, confiados na fortaleza do logar, pozeram-se em resistencia por alguns dias; mas, faltando-lhes mantimentos, e temendo o rigor dos vencedores se fossem entrados por combate, tractaram de se dar á partido com algumas condições moderadas, que o suevo lhes prometteu concederia com desejo de haver a cidade, e depois lh'as guardou tão mal, que a saqueou, e destruiu lastimosamente, como diz a chronica antiga (333) nestas breves palavras: *Colimbriam pace deceptam deripuit, et exhausit:* como se dissera que saqueou e destruiu a cidade de Colimbra, enganada com a paz que lhe offereceu, e não guardou (334).

D'esta destruição são as ruinas que ainda hoje alli se vêem. Nestes padrões d'uma magnificencia passada encontra ensejo o homem pensador para mui graves

(330) *Monarchia Lusitana*, part 1 ª liv. 2, cap. 9.

(331) O logar de Laymundo citado por Brito é o seguinte: *Conimbriga fortis civitas, a Pœnis fuit fundata, a Romanis, diu. fuit possessa a barbaris Alanis, et Sylinguis fuit desolata....*

(332) Vide pag. 7.

(333) *Chron. Ostrogothorum* cap. 19.

(334) Vide *Monarch. Lusit.* part. 2.ª, liv. 6, cap. 9.

reflexões sobre a caducidade e inconstancia das cousas humanas. Alli se erguia outr'ora uma cidade majestosa onde campeavam edificios nobres e gigantescos como deviam ser os d'esse povo soberano que avassallou o mundo; e toda essa magnificencia desappareceu, todo esse esplendor se sumiu, restando apenas alguns vestigios, que o tempo vai apagando com o seu perpassar continuo. Essas desgastadas ruinas, porem, são mais que sufficientes para attestar a importancia d'essa povoação romana, que os authores são concordes em chamar grande e notavel nas passagens em que a ella se referem (335).

Ainda se admiram alguns lanços de muralhas de grossura extraordinaria, tres pontes, restos de um aqueducto e grande porção de fragmentos de pedras lavradas, de telhas e de tijolos alastrando o chão (336).

A mais notavel das pontes por sua fortaleza e dimensões é a que fica ao poente da cidade. A distancia

(335) «....Onde inda hoje estão muitos signaes de nobreza, e antiguidade; como são arcos de pedraria bem lavrada, pilares, e alicerces bem fundados, e muitos letreiros de diversas linguas, signal certo de ter tambem diversos senhores....» Mariz, *Dialogo* 1.º, cap. 2.

«....A verdadeira cidade de Coimbra foi antigamente a pequena povoação de Condeixa a Velha, onde as soberbas ruinas, e antigas muralhas, cheias de lindissimos letreiros romanos, mostram a muita conta, em que foi tida no tempo de sua gloria.» *Monarch. Lusit.* part. 1.ª, liv. 2, cap. 9.

«....Cidade em tempo dos romanos nobilissima, e mui conhecida de sumptuosas obras, illustre de arcos romanos, e marmores antiquissimos.» *Conquista.... de Coimbra* cap. 3.

«Era Colimbria uma das mais fortes, e inexpugnaveis cidades, e praças de armas na Lusitania, assim pela capacidade do terreno, como tambem pela fortaleza de seus muros, principalmente na praça d'armas, aonde os muros têm vinte palmos de largo, e de materia tão solida, que passando já por elles tantos seculos, estão ainda mostrando aos olhos o que foram.» *Chorogr. Port.* t. 2.º, pag. 34.

(336) O sr. Wenceslau Martins de Carvalho, proprietario de

de uma a outra abertura de um dos seus arcos é de 14 metros. Crê-se que era por ella o transito para a antiga cidade de *Collipo*, hoje Leiria.

O aqueducto conduzia á cidade as aguas do nascente de Alcabedeque, que fica a distancia de tres kilometros e é um dos mais copiosos que temos visto. Com referencia ao aqueducto diz o padre Carvalho na sua *Chorographia Portugueza* «Foi bem provida de agua, porque toda a que nasce na caudalosa fonte de Alcabedeque, vinha á cidade e fortaleza por grandes canos, e aqueductos, dos quaes se conserva grande parte ainda apezar da voracidade do tempo.... Juncto a esta fonte permanece uma torre, que era presidiada para defensão d'ella, e com razão, e propriedade lhe pozeram os mouros o nome de Alcabedeque, que na sua lingua arabica significa agoa de Deos» (337).

Têm affirmado alguns authores que as aguas do Oceano chegavam outr'ora juncto das muralhas de Colimbria, e que havia nellas grossos argolões de ferro para se amarrarem os navios. Tem isto todos os visos d'uma fabula, embora nos mostre a experiencia que nas praias e portos de Portugal tem o mar retrocedido grandes espaços (338).

As ruinas de Colimbria são um fertil e vasto campo onde muito tem que explorar o archeologo e o numis-

alguns terrenos do recinto de Colimbria, encontrou alli ha annos mais de 5:000 tijolos.

(337) Não respondemos pela traducção que fez o insigne chorographo Carvalho da palavra *Alcabedeque*, seguida tambem por João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal*. João de Sousa nos seus *Vestigios da Lingua Arabiga em Portugal* diz significar esta palavra o *encontro apertado*.

(338) É digna de ler-se uma curiosa dissertação de fr. Bernardo de Brito na *Monarch. Lusit.* part. 1.ª, liv. 2, cap. 9, na qual demonstra com solidos argumentos que nunca o mar alli chegou, nem houve naquelle logar rio navegavel.

mata (339); e é pena que ainda se não tenha organizado uma sociedade que emprehendesse excavações e revolvesse os entulhos, onde por certo se haviam de achar muitas preciosidades. É para lastimar a pouca attenção ou antes desprezo a que se têm votado estae apreciaveis reliquias. Noutros paizes as antiguidades s objectos de arte, que a terra occulta em seu seio, são

(339) Como o recinto da cidade está hoje todo cultivado não é raro encontrarem-se alli por occasião dos amanhos algumas moedas e medalhas. Quasi todas as pessoas das circumvizinhanças possuem algumas, e quando alguem vai visitar as ruinas sahem-lhe com ellas ao encontro perguntando se querem comprar *realochos*. Quando visitámos aquelles logares trouxemos de lá uma porção de moedas romanas. Aqui apresentâmos a explicação de tres d'ellas, feita pelo sr. Ayres de Campos, muito entendido em numismatica:

«1.ª — de Cesar Augusto (colonial de cobre),

AVGVSTVS. C. V. I. CELSA.
Augustus. Colonia Victrix Julia Celsa.

O busto de Cesar dentro d'uma coroa de louro.

L. COR. TERR.
Lucio Cornelio Terracina

II VIR.
Duumviri

M. IVN. HISP.
Marco Junio Hispali vel Hispano.

O boi, symbolo da colonia.

Lavrada para commemoração d'algumas victorias em *Celsa*, cidade na Hespanha Terraconense, proximo ao Ebro, e que de haver sido declarada colonia por Julio Cesar, tomara o nome de *Julia victrix*.

Terracina era cognome de Lucio Cornelio, talvez por ser natural d'esta cidade do Lacio, assim como *Hispalo* o era da familia Junia, a quem o duumviro Marco pertencia.

exploradas com solicito empenho. Sirvam de exemplo os trabalhos a que se tem procedido na Italia para fazer resuscitar as cidades de Herculanum e Pompeia, d'onde se têm extrahido tantas riquezas archeologicas.

2.ª — Magnencio (cobre).

D. N. MAGNENTIVS. P. F. AVG.
Dominus Magnentius, Perfectus Augustus.

O busto d'este imperador, e no campo a nota monetaria *A*

VICT. DD. NN. AVG. ET CAES.
Victoriae dominorum nostrorum Augustorum et Caesarum

Duas victorias em pé segurando o escudo, onde se lê:

VOT.	*Votis*
V.	*V*
MVLT.	*Multis*
X.	*X*

No campo as letras — S. P. — e no exergo as — H. P. S. C.

Assassinado Constante por ordem de Magnencio, tomou este o imperio do occidente pelos annos 350 depois do Nascimento. Não logrou, todavia, por largo tempo o fructo da sua traição. Perseguido por Constancio, irmão do finado Constante, poz termo á vida por suas proprias mãos, depois de tres annos de governo, na cidade de Leão, onde ultimamente se refugiara.

Para commemorar alguma victoria seria lavrada a presente moeda, em que apparecem muitas variantes nas legendas e exergos.

3.ª — Constancio (cobre)

D. N. CONSTANTIVS. PF. AVG.
Dominus Constantius Perfectus Augustus

O busto do imperador Constancio.

FEL. TEMP. REPARATIO
Felicis temporis reparatio

Dous guerreiros, um dos quaes se acha prostrado pelo vencedor. É allusiva a alguma victoria d'este imperador.»

Em Portugal, porem, pouca attenção se liga ás tão preciosas antiguidades que possuimos.

Na proxima aldeia de Condeixa a Velha ha uma egreja da invocação de S. Pedro, que denota bastante antiguidade (340). No seu pavimento está uma pedra sepulchral que tem gravada esta inscripção algum tanto deteriorada e com muitas abreviaturas: *João Affonso de Moraes Botelho primeiro instituidor do morgado e fidalgo da casa do infante D. Pedro anno de 1457*. Na mesma lapide se vêem esculpidos o emblema a que chamamos *signum salomonis* e a cruz da ordem dos templarios. João Affonso de Moraes Botelho fez muitas proezas na batalha de Aljubarrota, e na de Alfarrobeira foi ferido em companhia do infante D. Pedro duque de Coimbra.

Os habitantes de Condeixa a Velha fazem consideravel commercio de mós alveiras, que extrahem de pedreiras excellentes, e exportam para varios pontos do reino, e até para a Galliza. Tambem apparecem marmores muito proprios para mausoleus e outros usos.

(340) O sr. Wenceslau Martins de Carvalho deu-nos noticia d'um documento escripto em latim e intitulado *Contracto, e composição em que entreveiu o Bispo D. Egas, feito entre o Prior de S. João d'Almedina e o Reitor de S. Pedro de Condeixa a Velha, sobre os dizimos, offertas etc. do logar do Carrascal* (que já não existe) *juncto a Alcabedeque, na era de* 1265 — pelo qual se prova que a egreja de S. Pedro existia já no anno de 1227, a que corresponde aquella *era*.

LORVÃO

A aldeia e mosteiro de Lorvão ficam cerca de 12 kilometros ao nascente de Coimbra.

Este mosteiro é um dos mais celebres e antigos da peninsula iberica, e alem das suas recordações historicas, encerra muitas preciosidades e bellezas que o tornam venerando e digno de admirar-se.

Os encantos da viagem para Lorvão, quer sigamos Mondego acima, quer pela estrada que atravessa a serra do Dianteiro, são tambem um forte incentivo para que se não deixe de visitar este famoso monumento.

Quando ahi fomos em dezembro de 1864 seguimos o ultimo caminho. Depois que descemos o monte de Sancto Antonio dos Olivaes, e passámos pelo pittoresco valle de S. Romão, começámos a discorrer por um territorio montanhoso que se eleva a cada passo; e quando chegámos ao *Espinhaço de Cão* extasiou-nos o panorama que d'alli se descortina, produzindo-nos uma viva commoção pela sua variedade, belleza e majestade. Avista-se Coimbra com os seus pittorescos arrabaldes, o Mondego correndo por entre os seus extensos e feracissimos campos, uma infinidade de povoações, montes, oiteiros, valles e ribeiros, formando tudo um mimoso quadro, moldurado pelas areias do Oceano, e por serras longinquas, cujas summidades parecem tocar o céo. Alli nos demorámos algum tempo a contemplar aquella formosa e magnifica perspectiva, e não foi sem saudade que deixámos tão bello local.

Se tanto nos agradou o que avistavamos ao longe, não nos deleitaram menos as bellezas que fomos encontrando pelo decurso do caminho: aqui viamos re-

bentar uma fonte cristallina de saborosas e finas aguas; alli admiravamos um prado de viçosa vegetação; acolá serpeava um limpido regato, que, encontrando um despenhadeiro, formava uma brilhante e espumosa catadupa; mais alem alvos rochedos de quartzo, que o sol fazia brilhar, contrastando com outros de cor pardacenta.

Gozando tantas bellezas, e caminhando por uma estrada que, apezar de montanhosa, era de bom piso, por ser o terreno em que assenta formado de schistos, chegámos á parte mais culminante da serra, d'onde o panorama se via mais dilatado e majestoso, comprehendendo as cumiadas do Bussaco, toda a Bairrada, e distantes e elevadas serranias cobertas de neve.

Dobrando a montanha avistámos finalmente o estreito e profundo valle de Lorvão rodeado todo de montes altos e sobrepostos, limitando-lhe por tal forma o horizonte, que só consentem se avistem d'alli as suas escarpadas vertentes, e pequena porção de céo.

Para chegarmos ao mosteiro gastámos ainda bastante tempo, por causa da extensão da ladeira, em extremo ingreme e despenhada.

O valle é dividido por um pobrissimo regato, em cujas estreitas margens estão assentes o mosteiro e a aldeia de Lorvão, pequena e de mesquinha apparencia. Os seus habitantes occupam-se quasi todos na manufactura de palitos, de que fazem um commercio importante pelo grande consumo que têm não só em todo o reino, mas até no estrangeiro.

Os monges benedictinos, a quem primeiramente pertenceu o convento, namoraram-se da aspereza e solidão d'este local, porque nas edificações das suas casas religiosas buscavam imitar o mais possivel os desertos de Sublaco, onde o instituidor da sua ordem primeiro passou vida austera.

Este mosteiro foi um «dos primeiros que apparece-

ram seguindo a *regra sancta,* que por antonomasia era a *sanctissima* de S. Bento, e d'onde depois se multiplicaram as associações povoando as selvas, arroteando os terrenos, e entoando os canticos e hymnos divinos no meio dos desertos, ao som horrivel dos trovões, e ao sibilar dos ventos.» (341)

Acerca do tempo em que foi fundado tem havido diversidade de opiniões.

Mabillon, tractando d'este assumpto (342), não assigna a epocha certa em que a regra benedictina se estabeleceu em Hespanha, e affirma só que já ahi era conhecida e practicada no seculo VI.

Leitão Ferreira (343) diz ser fundador e primeiro abbade do mosteiro de Lorvão Lucencio, bispo de Coimbra, de 561 a 562.

Fr. Bernardo de Brito (344) affirma ter visto num livro de mão existente no proprio archivo o seguinte trasladado fielmente: *Domus nostra Lurbani constructa fuit vivēte patre nostro Benedicto, et dedicata sanctis martyribus Mameti, et Pelagio,* etc.

A opinião porem de que o mosteiro foi fundado no tempo de S. Bento tem sido contestada por alguns escriptores.

Quando os mouros invadiram a Hespanha, Aliboacem, um dos primeiros reis agarenos, passou uma lei em 734, pela qual ordenava que todas as egrejas e mosteiros lhe pagassem certos tributos, mas nesta mesma lei fez uma excepção a favor do mosteiro laurbanense pelas seguintes palavras: «O mosteiro das

(341) *Noticia hist. do mosteiro da Vacariça* por M. R. de Vasconcellos pag. 2.

(342) No prefacio do tom. I dos *Actos dos Sanctos Benedictinos* § 6, n.° 64.

(343) *Catalogo dos bispos de Coimbra* n.° 2.

(344) *Chron. de Cister*, p. 1.ª, liv. VI, cap. 29.

montanhas chamado Lorvão, não pague peso algum, porque os frades de boa vontade me mostram o logar em que pastam seus veados, e fazem bom gasalhado aos mouros, e nunca achei nelles mentira nem má vontade: possuam em paz, e quietação todas as suas herdades sem discordia, sem vexação, nem força da parte dos mouros, e vão e venham a Coimbra com toda a liberdade, de dia ou de noute quando quizerem, comprem e vendam sem pagar direitos, com tanto que não saiam de nosso territorio sem nossa licença» (345).

Da grande parte que tiveram os monges de Lorvão na conquista de Coimbra, incitando D. Fernando Magno a vir cercar os seus muros, e soccorrendo o seu exercito com mantimentos, já demos circumstanciada noticia a paginas 11 d'esta obra. O monarcha leonez, agradecido a tão relevantes serviços, contemplou o mosteiro com generosas dadivas, e consagrou sempre aos frades a mais intima affeição.

Desde esta epocha começou o mosteiro a ser tido em consideração por varios monarchas e por muitas pessoas illustres, que o enriqueceram com privilegios e avultadas doações, tornando-o um dos mais ricos e abastados da peninsula. Resultou d'isto chegarem os frades a grande opulencia e viverem desregradamente, mais ao modo senhoril que ao monastico, practicando grandes abusos.

Havendo sido annullado o casamento de D. Theresa, filha d'el-rei D. Sancho I, com D. Affonso IX de Leão por impedimento de parentesco, deliberou esta senhora passar o restante de seus dias numa casa religiosa, e chegando-lhe aos ouvidos o reprehensivel comportamento dos monges de Lorvão, lembrou-se que seria

(345) Vide *Benedict. Lusit.* t. 1.º, tract. 2.º, p. 2.ª, cap. 4.º, e *Hist. Général de l'Espagne* por G. B. Deping.

este mosteiro muito proprio para o seu intento, e conseguiu de seu pae que d'alli expulsasse os monges que tão inconvenientemente se portavam, sendo recolhidos no mosteiro de Pedroso.

Na vespera do natal de 1200 (346) foi el-rei com o bispo de Coimbra e com o abbade de Alcobaça a Lorvão fazer entrega do convento a D. Theresa. Lançou então o abbade o habito de Cister á rainha e a muitas senhoras illustres, que a quizeram acompanhar nesta troca dos prazeres e riquezas da corte pela solidão e humildade do claustro, e desde então ficou sendo este mosteiro de religiosas bernardas. Encerrada em Lorvão passou D. Theresa o restante de sua vida virtuosa e exemplarmente; e nelle foi sepultada ao lado de sua irmã D. Sancha, fundadora do mosteiro de Cellas.

Depois do seu fallecimento começou a espalhar-se por tal forma a fama das virtudes d'estas princezas, que por todos eram consideradas sanctas. O cardeal D. Henrique começou a tractar da beatificação das duas virtuosas irmãs, no que tambem se empenhou el-rei D. Sebastião; mas, quando se principiaram as competentes indagações, succedeu a infeliz jornada de Africa, e o cardeal rei, depois d'esta lastimosa catastrophe, luctou sempre com tantos trabalhos e inquietações, que não pôde attender mais a este sancto negocio. Só no reinado de D. Pedro II, por diligencias das religiosas de Lorvão, foram satisfeitos seus ardentes desejos, governando a Egreja Clemente XI, que primeiramente beatificou as rainhas *vivæ vocis oraculo* em 13 de setembro de 1704, e depois por bulla de 23 de dezembro de 1705.

Alem de Sancta Theresa e de Sancta Sancha illustra tambem os fastos do mosteiro de Lorvão a infanta D. Branca, filha de D. Affonso III, heroina do

(346) *Chronica de Cister*, e *Agiol. Lusit.* t. 3.º, pag. 729.

famoso poema de Garrett, a qual as religiosas, por carta de 28 de dezembro de 1277, receberam por senhora, do mesmo modo que o fora a rainha D. Theresa.

Em 1713, vendo a abbadessa D Bernarda Telles de Menezes que as antigas sepulturas das rainhas não correspondiam á sua elevadissima hyerarchia, ordenou se fizessem para ellas dois cofres de prata, que foram primorosamente executados pelo habil e famoso artista portuense Joaquim Carneiro da Silva. A trasladação dos ossos para as novas urnas effectuou-se pomposamente no dia 19 de outubro de 1715, assistindo a esta solemnissima funcção o bispo de Coimbra, o D. abbade geral de Alcobaça, o cabido, o senado da camara, os substitutos do corregedor e do juiz de fóra, oito cavalleiros da ordem de Christo, grande numero de abbades e religiosos de varias ordens e muitas outras pessoas de distincção ecclesiasticas e seculares (347).

O tempo, que com sua mão de ferro tudo consome, não poupou o edificio fundado pelos filhos de S. Bento, e é muito provavel que depois d'esse se fundasse outro que não seja o actual. O que hoje vemos parece-nos obra do seculo passado. «A egreja de Lorvão é um d'aquelles templos, cujos limiares jámais podem transpor-se sem que sejamos assaltados a um mesmo tempo dos nobres sentimentos de religiosidade, admiração, respeito e piedade» (348). A sua fabrica é sumptuosa e de elegante e aprimorada architectura. Alem do altar-mór, que tem um optimo throno doirado e columnas de pedra, admiraveis por seu tamanho, tem mais sete lateraes, estando em dois d'estes depositadas as reliquias das Sanctas Theresa e Sancha nos preciosos tu-

(347) Num artigo que escrevemos nos n.os 10 e 11 do vol. 8.º do *Archivo Pittoresco* podem ler-se mais circumstanciadas noticias.

(348) *Memoria Historico-Chorografica* pelo sr. dr. Henriques Secco.

mulos de prata representando em relevo ramos e flores, com pedraria de cores differentes nella engastada, tudo assente sobre velludo carmesim.

Os outros altares são adornados com bellos retabolos, e com pinturas de Paschoal Parente.

O coro, dividido da egreja por uma linda grade de ferro com engastes de bronze, é magnificamente adornado com cem cadeiras de madeira do Brasil primorosamente entalhada. E talvez a obra mais notavel que no seu genero existe em Portugal.

As freiras de Lorvão são hoje já mui poucas e em edade provecta. Não está talvez longe o dia em que, faltando ao mosteiro as suas habitadoras, elle fique ermo e abandonado; e que farão então os homens do governo? «Venderão o edificio e a cerca a algum d'estes judeus de seculo XIX, a que chamamos agiotas, se algum houver a quem passe pelo espirito ter uma casa de campo em Lorvão»-? (349). Permitta Deos que tal não aconteça. O mosteiro de Lorvão, monumento historico e valiosissimo, deve ser sempre respeitado e conservado com religiosa veneração.

(349) Sr. Alexandre Herculano, *Nação* n.º 1747.

MEALHADA

A importante villa da Mealhada fica a distancia de 19 kilometros ao norte de Coimbra. Assenta em local plano, e passa-lhe proximo o pequeno rio Certoma (350).

É esta villa o centro da riquissima região vinicola da Bairrada, que se considera a mais importante do reino nesta producção, depois do paiz do Douro. Os productos dos seus optimos vinhagos constituem a principal riqueza da industria agricola d'esta terra, sendo objecto de avultado commercio. Os seus vinhos, alguns dos quaes são de tal qualidade que depois de velhos e bem tractados o provador mais competente chega a confundil-os com os do Douro, têm adquirido reputação justificada nos principaes mercados do mundo; e, embora modernamente os vinhos francezes lhes disputem a primazia, temos fé em que os da Bairrada continuarão a gozar dos seus bons creditos. Assim o vaticina o sr. A. A. de Aguiar numa excellente obra ha pouco publicada, (351) dizendo:

« Dou por concluido o meu reconhecimento ao paiz

(350) «Dizem, que passando por aqui a Rainha Sancta Isabel, e querendo beber da sua agua, lhe aconselharam tal não fizesse, por ser de tão má qualidade, que não só á gente mas até aos animaes era damnosa: provou-a a Santa, e disse: *Certo má*, donde tomou o nome de Certoma....» *Diccionario Geographico* de Cardoso.

(351) No seu relatorio, que faz parte da *Memoria sobre os processos de vinificação empregados nos principaes centros vinhateiros do continente do reino, apresentada ao illustrissimo e excellentissimo senhor ministro das obras publicas, commercio e industria pela commissão nomeada em portaria de* 10 *de agosto de* 1866. Neste bem elaborado relatorio diz o sr.

vinhateiro da Bairrada, situado em um dos pontos mais aprazíveis de Portugal, nas vizinhanças da serra do Bussaco. O viajante que subir a serra e parar na Cruz Alta, descobre ao nascente o campo de gloria onde se feriu a sanguinolenta batalha, que cooperou para abater as aguias do primeiro imperio; se depois lançar a vista pelo vasto horisonte que se desenrola ao poente, contempla um dos mais bellos panoramas de Portugal. Voltando as costas ao passado, dá de cara com o futuro d'este paiz, e encontra a seus pés vastissimos vinhagos, que se abrigam e agasalham na grande depressão do solo em que se criam os vinhos de embarque. Tambem d'este lado parece estar imminente o certamen, mas d'esta vez é uma lucta civilisadora. O inimigo de hoje é ainda o inimigo de outr'ora, é a mesma França que nos move a guerra. O campo de batalha está nos mercados do Brasil e Gran-Bretanha, para onde sáem annualmente os materiaes d'esta nova guerra, que se gladiam em afastadas e longinquas regiões.

«Temos fé que alem e áquem do Bussaco, se a voz

Aguiar: «Pode dizer-se que este paiz vinhateiro foi creado no seculo em que vivemos, embora não me seja possivel precisar com rigor a data em que a Bairrada começou a produzir vinhos de embarque. Segundo as reminiscencias do sr. José Ferreira de Azevedo, um dos proprietarios mais antigos da localidade, foi João Fernandes Gil, negociante da Figueira, o primeiro que procurou aquelles vinhos para embarque, e suppõe-se que a epocha seria proximamente no primeiro anno d'este seculo. Depois continuaram este commercio os srs. José Antonio Leite, Antonio Rodrigues, de Anadia, Thomaz Rendell, Nestorio, da Figueira, casa Bessone, e muitas casas do Porto, acontecendo ter sido este vinho exportado como vinho do Douro nas occasiões em que este paiz vinhateiro precisou lançar mão de tal recurso.

«É facto que, antes de 1820, poucas plantações havia na Mealhada, conhecendo-se apenas 'nessa epocha a quinta das Sacarroas, da Tapada, o Estrepal, a Portaria e algumas vinhas insignificantes. Anteriormente a 1818 os maiores lavradores recolhiam quatro até cinco pipas de vinho, contentando-se os pequenos fazendeiros com a escaça producção de alguns almudes.»

do progresso for ouvida, o nome portuguez sairá victorioso ».

A Mealhada, tendo sempre sido povoação de importancia pelos seus afamados vinhos, pela vizinhança dos banhos de Luso, e do Bussaco, por ser atravessada pela antiga estrada de Lisboa ao Porto, e o ponto onde ella se ramifica para Vizeu, tem ultimamente progredido de um modo notavel, depois da construcção da via ferrea. Desde a realisação d'este grande melhoramento tornou-se logo esta villa o centro activo do commercio e industria da Bairrada toda, e tem tido um progressivo incremento, que se manifesta na edificação de predios, muitos de esbelta e excellente construcção, na reforma de outros, no estabelecimento de commodas hospedarias, lojas de commercio bem sortidas, etc. A camara municipal tambem se tem desvelado no engrandecimento da Mealhada, traçando novas e espaçosas ruas, alinhando e reparando outras, fazendo grandes plantações de arvores, e empregando outros meios efficazes para tornar esta terra cada vez mais florescente e civilisada. Se assim continuar a progredir, tornar-se-ha a Mealhada em poucos annos uma das mais importantes villas do reino.

Terminamos este artigo dando noticia de uma curiosa antigualha, que nos foi mostrada pelo sr. Adriano Baptista Ferreira, descoberta em 1856 a distancia de 630 metros da Mealhada. É um cippo em forma de fuste de columna, de 2^m,04 de altura e 1^m,40 de circumferencia, tendo gravadas estas letras

SAR DIVI
RON AVG
MAX TRIB
COS. DESI
P. P.
XII

Esta pedra é um d'esses padrões chamados *columnas milliarias,* que os romanos costumavam collocar de milha a milha, á borda das suas magnificas vias, para indicar ao viajante as distancias e nomes das terras principaes, bem como o fundador ou reedificador da estrada; e estava porventura assentada ao lado da que, é de crer, passava pela Mealhada, pois que entre as *vias militares* que os romanos construiram na Lusitania, conta-se uma que se dirigia de Braga a Lisboa, correndo com pouca differença por onde agora vai a estrada real de Braga ao Porto, Coimbra, Leiria e Lisboa (352).

Tendo empenho de ver explicada esta inscripção, á qual notámos faltarem muitas letras, escrevemos ao sr. Vilhena Barbosa, cuja competencia em archeologia é assás reconhecida, pedindo-lhe nos elucidasse a este respeito, e o nosso obsequioso amigo satisfez-nos da melhor vontade respondendo o seguinte: « Deseja que lhe decifre a inscripção que copiou na sua carta; mas sinto dizer-lhe que é impossivel dar-lhe uma interpretação cabal, porque está incompleta na 1.ª, 2.ª, 3.ª e 6.ª linha.

« O mais que posso ajuizar á vista da inscripção truncada (naturalmente por estarem gastadas as letras que lhe faltam) e da noticia que me refere, é que pertence a uma columna milliaria da estrada que ía de Lisboa a Braga.

« Na primeira linha faltam os nomes do imperador que mandou collocar o marco ou columna milliaria, e o do pae. Se a primeira letra é um S, como julgo, deveria ser *Cæsar*, tendo antes as duas ou tres primeiras letras do nome do imperador, e adiante de *Divi* — as

(352) Vide no *Archivo Pitt.* vol 6.º, pag 337, um artigo do sr. Vilhena Barbosa. Ahi e no *Instituto* vol. 10.º, pag. 219, em um artigo do sr. Ayres de Campos, vêm transcriptas duas inscripções, que apresentam grande analogia com esta de que aqui fallamos.

primeiras de nome do pae, e a letra F, que diriam: fulano Cesar, filho de Divo fulano; na segunda linha faltam algumas letras antes de *Ron,* que aclarariam esta palavra; e depois de *Avg* um P — Pius.

« A terceira linha devia ser *Pont. Max. Trib. Pot.* e algum algarismo, devendo dizer: Pontifice Maximo investido do poder tribunicio por tantas vezes.

« A quarta linha está certa, e diz por extenso: *Consuli Designato* — que foi designado consul.

« A quinta tambem está completa, e é *Pater Patriae* — pae da patria.

« Na sexta falta o nome da terra donde se marcava a distancia que a mesma inscripção declara *XII* — que são doze mil passos, equivalentes a doze milhas.

« Todas as columnas milliarias tinham o nome da terra donde se marcava a distancia até ao mesmo marco, desta maneira: *a Bracara XII* — *a Conimbrica XX* — *a Scalabi XV,* etc ».

LUSO

A povoação de Luso está situada nas faldas da serra de Bussaco a 7 kilometros da Mealhada. Assenta em duas formosas collinas de suave declive, ficando uma fronteira á outra e formando um ameno valle, que pela fertilidade do seu terreno e pelos copiosos mananciaes que o regam, se mantem sempre verde, ostentando uma vegetação vigorosa.

Neste valle, e bem ao meio das duas partes em que está dividida a povoação, ficam os famosos banhos de Luso, cujas aguas são tão merecidamente celebradas pelas suas virtudes therapeuticas. Rebentam do solo em gurgulhões, e trazem comsigo grande quantidade de bolhas de ar ou de outros gazes, fazendo grande borborinho como agua que ferve. Os doentes que alli concorrem a tomar estes banhos obtêm quasi sempre beneficos resultados; e é sobre tudo para admirar a efficacia d'estas aguas na cicatrisação das ulceras e das feridas antigas atonicas e rebeldes; o que talvez se possa attribuir em grande parte ao acido carbonico livre, principio mineralisador que nellas mais avulta (353).

O sr. dr. F. A. Alves, professor de medicina na universidade de Coimbra, fez ha annos um ensaio analytico das aguas thermaes de Luso, e publicou em o vol. XI do *Instituto* os seguintes resultados do seu trabalho:

«A natureza dos eductos está em perfeita harmonia com o jazigo da nascente. *Sulfuradas calcicas* julga-

(353) Vide as reflexões feitas pelo sr. Francisco Cancella, quando medico d'este estabelecimento, impressas no *Relatorio e Contas da Sociedade dos Banhos de Luso do anno de* 1862.

mos nós estas aguas, segundo a classificação de Durand-Fardel; e por auctorisada a sua indicação em algumas affecções cutaneas.

«Observadas na sua origem, as aguas dos banhos de Luso apresentavam a temperatura de 28°,5c. no ponto de emergencia, e de 28°c. nas banheiras, sendo a temperatura atmospherica de 22°c. Limpidas, incoloras e inodoras, manifestavam mui pequena onctuosidade ao tacto.

«Sua densidade é de 1,0006.

«A sua composição chimica pode ver-se do seguinte quadro; devendo notar-se que a analyse foi feita juncto da origem e durante o mez de setembro de 1862.

Agua: um litro

	lit.
Acido carbonico livre (*a*).............	0,010
	gram.
Bicarbonato de cal (*b*)...............	 0,0206
Magnesia (*c*)......................	 0,0021
Chlorureto de calcio (*d*).............	 0,0057
Acido sulphydrico no estado de sulphydrato (*e*).......................	 0,0026
Chloro (no estado de chlorureto) (*f*)..	 0,0035
Soda.. / Potassa	.... indicios
	gram. 0,0345

«(*a b c d*) As quantidades d'estes principios foram determinadas pelo methodo hydrotimetrico de Boutron e Boudet.

«No ponto da emergencia o acido carbonico livre é em mui grande quantidade, rebentando em bolhas á superficie do liquido.

«(*e*) Corresponde a 2° do Sulphydrometro de Dupasquier, feitas as correcções em relação á temperatura de 19°c.

«(*f*) Esta quantidade de chloro foi determinada pelo chlorometro de Gay-Lussac.»

Até 1854 conservaram-se estes banhos num estado deploravel e repugnantissimo; mas nesse anno, havendo se organisado uma *Sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso* (354), começou-se o edificio actual, que foi construido com todas as condições recommendadas pela sciencia. Presentemente não se encontra outro melhor estabelecimento thermal no nosso paiz; e quando se effectuarem nelle os melhoramentos projectados, ficará sem duvida um modelo no seu genero.

Tem nove quartos de banhos, com duas banheiras cada quarto. As banheiras são todas forradas de azulejos, mas ha projecto de se substituirem por outras de marmore polido, como uma que se assentou este anno.

Para aquecer os banhos ha uma machina que lhes ministra vapor aquoso, e por este meio aquece-se um banho em 3 ou 4 minutos.

Alem dos banhos de immersão do actual plano, ha projectos de addicionar um systema de banhos de chuva, de banhos de agua descendente, ascendente, e lateral, e tambem de banhos de vapor.

Entre as pessoas, que mais têm concorrido para os melhoramentos dos banhos de Luso, devemos prestar homenagem ao sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, que na verdade se tem interessado activamente pelos progressos d'este estabelecimento, prodigalisando-lhe desvelos e fadigas como ninguem. É á influencia e constante perseverança d'este prestante cavalheiro que se deve na maior parte a realisação de tão importante empresa, e o próspero estado em que se acha este estabelecimento.

Devemos commemorar tambem o sr. Manoel Ferreira de Azevedo Junior, que brindou a Direcção dos

(354) Na *Noticia dos Banhos de Luso* pelo sr. dr. Costa Simões encontra-se a historia d'estes banhos e dos seus melhoramentos e administração. Os *Relatorios e Contas* que annualmente publica a direcção da sociedade podem servir de continuação á referida obra.

banhos de Luso com 800$000 réis fortes, producto de uma subscripção por elle promovida entre amigos seus no Rio de Janeiro. Os nomes dos benemeritos cidadãos, que se dignaram concorrer para este acto de generosidade e philantropia, vêem-se numa moldura, que a Direcção, em prova de consideração e agradecimento, mandou collocar na sala do edificio. Com esta quantia fizeram-se importantes obras no estabelecimento dos banhos e seus accessorios, e deu-se começo a uma casa para alojamento de banhistas pobres. As obras d'este albergue, porem, estão limitadas apenas a um metro de parede acima do pavimento, esperando-se que para a sua conclusão sobrevenham outros donativos de caridade.

O sr. Azevedo Junior patenteou ainda a sua dedicação e zelo pelos progressos dos banhos de Luso enriquecendo o estabelecimento com uma excellente e valiosa banheira de crystal, que mandou vir de Paris.

Ao passo que o estabelecimento dos banhos se tem melhorado com as obras modernamente feitas, a povoação de Luso, ainda ha poucos annos tão pobre e mesquinha, tem-se visto prosperar extraordinariamente em melhoramentos importantes, taes como a incessante construcção de boas casas, a abertura de novas ruas, o estabelecimento de hospedarias, uma pharmacia, lojas de mercearia e d'outros generos, diligencias regulares para a Mealhada e para Viseu, etc.

Segundo uma curiosa estatistica apresentada pelo sr. dr. Costa Simões na sua *Noticia dos Banhos de Luso*, as casas envidraçadas que existiam nesta povoação em 1854 eram apenas 3; em 1859 contavam-se 21. Durante o periodo decorrido entre os dictos annos reformaram-se 10 predios e fizeram-se de novo 23. No anno de 1859 ficavam em construcção mais 5 casas. Desde então até hoje o seu numero tem sido augmentado consideravelmente.

Entre os predios modernamente construidos em Luso

avulta o palacete do sr. conde da Graciosa. Contiguo a elle arroteou s. ex.ª um grande tracto de terreno, que se estende até quasi aos muros do Bussaco; e com tal disvelo o tem cultivado, que aquelle solo, que d'antes apresentava um aspecto arido e inhospito, se vê hoje quasi todo coberto de vigorosas e promettedoras plantações florestaes. Este passeio, que o seu proprietario patenteia com a maior franqueza a toda a gente, é muito agradavel não só pelas bellesas de perto, mas pelas que d'alli se descortinam ao longe.

Ha juncto de Luso um outro passeio notavel, e muito frequentado pelos banhistas em razão da sua amenidade — a Fonte do Castanheiro, cantada por poetas, sendo um d'elles o sr. José Freire de Serpa, que assim a descreve:

Ao cimo d'um valle ameno,
Melancolico e sereno
Corre um fio de crystal;
Brota espontaneo do monte,
É modesta, humilde fonte,
Que mais que marmores val.

Um castanheiro frondoso,
Todo virente e viçoso,
Dá-lhe o nome, que ella tem;
Dão-lhe paz, dão-lhe tristura
Dos olivaes a verdura,
E os pinhaes tristes d'alem.

Lá em baixo, entre arvoredo,
Serpeia manso, em segredo,
Um arroio a murmurar;
Pende um monte d'outro monte;
Lá no fundo do horizonte
Se reflecte o sol no mar.

BUSSACO

Salve, floresta sagrada,
Nobremente reclinada
Pela encosta majestosa;
Salve, bello altivo monte,
Em cuja mystica fronte
Poisa a nuvem vaporosa.

J. F. DE SERPA.

A tão poetica matta do Bussaco, que a natureza, a religião e a historia fazem triplicadamente celebre, occupa uma grande parte da vertente occidental da serra do mesmo nome. É circuitada por um muro de 3800 metros de extensão, e dividida quasi ao meio pela rua principal, que partindo da *portaria de Coimbra*, e passando pelo mosteiro, termina na *porta d'El-Rei*. A posição elevada d'esta gigantesca e variada floresta, as suas abundantes e purissimas aguas, um ar fino, saudavel, e sempre puro e fresco ainda na maior intensidade do verão, o humilde mosteiro, curiosas lendas, e interessantes e gloriosas recordações historicas, tudo concorre para fazer do Bussaco um logar de delicias, e justamente celebrado.

Quem haverá, que não experimente as mais doces emoções perante as magnificas scenas e esplendidas galas que a natureza alli ostenta? Quem se não possuirá de poetico enthusiasmo percorrendo aquellas deleitosas avenidas tapetadas de musgos e cobertas por espessa ramagem, encontrando aqui um pinaculo escarpado e de belleza alpestre, alli uma fonte musgosa de aguas cristallinas e frigidissimas, acolá um regato a

serpear por sobre os seixinhos do seu leito tortuoso, e a esparzir de aljofradas gotas as formosas plantas que o acobertam, alem uma devota ermidinha cingida de heras, e meio occulta na espessura do arvoredo? Quem se não sentirá enlevado ao contemplar da *portaria de Coimbra*, da saliencia de *Caifaz*, do *Calvario* e da *Cruz Alta*, os variadissimos quadros e magnificas paisagens que d'alli se avistam em longiquos horisontes?

Bem se podem applicar ao Bussaco, e talvez com mais propriedade, as formosas estancias com que o immortal Garrett celebrou as bellezas da decantada Cintra:

. . . . saudosissimo retiro,
Onde se esquecem magoas, onde folga
De se olvidar no seio da natureza
Pensamento que embala adormecido
O susurro das folhas, co'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!
Quem, descançando á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céos, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha ahi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas pen .s, amarguras,
Ancias, lavor da vida?. . . . . .

Parece que effectivamente assim acontece dentro dos muros do Bussaco. «O mundo perde-se-nos lá em baixo num crepusculo de paixões que lhe encobrem o movimento e a vida. As azas da viração trazem apenas até nós um brando murmurio do seu tremendo bulicio. Sabemos que existe, porque a memoria nos diz

que já assistimos áquelle labutar constante, que já fomos parte nessa lucta porfiada, em que os affectos e os interesses se degladiam, atropelam, e esmagam alternadamente. Mais nada. Quasi que se aniquila aqui o sentimento da actualidade. Vive-se pelo passado e pelo futuro. Ha só recordações e esperanças. Sentem-se saudades e aspirações. O presente encobre-se nas dobras do manto de quem lhe deu a vida, e dorme no regaço do passado, afagado pelos sonhos que lhe doiram a imagem» (355).

Historia

Desejando a ordem dos carmelitas descalços fundar um eremiterio, onde os seus religiosos podessem guardar alternativamente a vida cenobitica e a eremitica, a fim de evitar os inconvenientes que tinham uma e outra separadas, começou a intender na escolha de um logar para este fim adequado. Foram-lhe offerecidas a serra de Miranda do Corvo, e uma grande matta no logar do Pereiro, mas ambos estes logares se rejeitaram, o primeiro pelo arido e secco do terreno, o segundo porque, se bem povoado de arvoredos e provido de aguas, era destituido de solidão, propriedade principal dos ermos.

Vendo o padre, incumbido da escolha do logar, que nos que havia visitado não encontrava commodidade, partiu para Lisboa com os olhos postos na formosa serra de Cintra. Foi visital-a, e com quanto lhe parecesse apta para a fundação pelo deleitoso e aprazivel de seus horisontes, estendidos ao largo sobre o Oceano, e pela pureza dos ares, temperamento do clima, qualidade da terra, e abundancia de aguas saborosas e leves, notou-

(355) R. *Campeão das Provincias*, n.º 1577.

lhe todavia outras circumstancias desfavoraveis, sendo uma das mais ponderosas a proximidade de Lisboa, que fazia de Cintra côrte na aldeia, povoado de quintas, e dos conventos, paços reaes, o que tudo servia mais para casa de recreação e regalo, qual em seu retiro buscavam os reis e grandes de Portugal, que para casa de compunção, penitencia e soledade, como devia ser a que pretendiam erigir os carmelitas.

Comtudo, á falta de outro logar, tinham assentado os religiosos em fundar alli o seu eremiterio.

Quando se tractava com maior calor da fundação, aconteceu que indo fr. Angelo de S. Domingos, reitor do collegio de Coimbra, visitar o bispo d'esta cidade, D. João Manoel, lhe veiu no decurso da pratica a tocar nos intentos da Provincia ácerca de fundar uma casa de deserto neste reino. Referiu-lhe os varios logares que se haviam escolhido e rejeitado, e que finalmente se havia approvado o de Cintra pelo mais apto para a fundação. Disse então o illustre prelado para o padre reitor: *Tenho eu na serra de Luso umas mattas, e terras, a que chamam Bussaco: se ao padre provincial lhe parecera mandal-as ver, e foram do seu agrado, dera-as eu de boa vontade á Religião, pelo interesse de ter no meu bispado um convento tão unico e observante. Avise o padre reitor ao padre provincial que as mande ver, que poderá ser lhe sirvam, e se evitem com maiores conveniencias os reboliços da Serra de Cintra.*

Agradeceu-lhe o padre reitor tão generoso offerecimento; e participou logo ao provincial, que andava na visita das casas do Minho, o que havia passado com o bispo conde.

Vinha o provincial já de volta para Coimbra; e passando por Aveiro trouxe d'ahi comsigo ao padre fr. Thomaz de S. Cyrillo, vigario que estava eleito para a fundação de Cintra, com o qual entrou no collegio no dia 28 de agosto de 1626.

No mesmo dia em que o padre reitor passara o referido com o bispo, andando dois religiosos pelos termos das villas da Mealhada e Vacariça, chegaram de noite ao logar de Villaredo, e foram agasalhar-se na quinta de João de Figueiredo, que os hospedou de mui boa vontade. Á refeição cahiu a conversa sobre a fundação do deserto; e inteirado o bom hospedeiro do que se passava, mostrou grande sentimento de não saber anteriormente essa noticia, porque inculcaria aos prelados a serra de Luso, que achava muito natural e accommodada para o designio.

No dia seguinte, incitados pelo que lhes dissera o aldeão, deliberaram-se os dois religiosos a visitar o logar indicado, e subindo á serra viram no Bussaco tanta variedade de arvores, abundancia de fontes, formosura de valles, e eminencia de montes, que alem de summamente pagos do que viam, se admiraram por extremo de que benigna a soberana Providencia houvesse reservado para ermo da sua ordem aquelle sitio, que julgavam pela oitava maravilha do mundo.

Volvendo ao collegio, ahi encontraram já o padre provincial, a quem referiram a satisfação e admiração, que da aprazibilidade e conveniencias do Bussaco levavam. Ordenou então o provincial que no dia immediato fosse ao Bussaco o padre reitor, acompanhado de fr. Thomaz de S. Cyrillo e do irmão Alberto da Virgem, a fim de averiguar se eram veridicas as noticias que lhe haviam dado do logar os dois religiosos. Foram, e encontrando gostosos quanto podiam querer e desejar, persuadiram ao provincial, que sem hyperbole era maior a realidade que a fama d'aquelle sitio. Resolveu depois visital-o elle proprio para certificar-se do que lhe diziam, e taes conveniencias lhe achou, que aos mensageiros os arguiu de acanhados e diminutos na informação que lhe haviam dado, dizendo: *Isto sim, que é proprio deserto! Pouco me disseram,*

e não acho palavras, que declarem todo o bem que o Author da natureza depositou neste monte.

Foi depois o padre geral visitar tambem o Bussaco, e, não menos agradado e admirado de tantas excellencias e maravilhas, disse para os companheiros com devota alegria: *Aqui é vontade de Deos, que se funde; murem este sitio, que tem nelle o melhor deserto da Ordem. Porque, se agora inculto, rude, e tosco é o que admiramos, cultivado será um paraiso terreal.*

Dados os agradecimentos ao bispo conde, tractou este logo de reduzir a doação do Bussaco a publica-forma. Não podia porem alhear esta propriedade sem que primeiro incorporasse nos bens da mitra mais util compensação; e tendo por isso de proceder-se á louvação do Bussaco, observadas todas as solemnidades de direito, foi avaliado em *cento e oitenta mil réis* (!) *por ser infructifero, e de pouco rendimento.*

Vencidas algumas contradições e difficuldades que se oppozeram á fundação, tractaram logo os frades de edificar no centro da matta o seu convento, sendo nomeado para este effeito fr. Thomaz de S. Cyrillo, primeiro vigario, fr. João Baptista, e Alberto da Virgem, architecto. Partiram de Aveiro a 29 de junho de 1628, levando apenas comsigo um cobertor cada um para a cama, uma canastra de sardinhas para a mesa, e dez cruzados para a obra. Hospedaram-se em Luso; e a 25 de julho lhe sobrevieram mais tres companheiros para os trabalhos da edificação, sendo um d'elles official de alvenaria.

Lançaram a primeira pedra a 7 de agosto, e proseguindo incançaveis na obra do edificio, já em 28 de fevereiro de 1629 poderam adorar o SS. Sacramento na casa da livraria, de que fizeram egreja provisoria.

Foram as obras progredindo; e havendo-se junctado aos religiosos mais alguns companheiros, sendo ao todo

doze, deram começo á regularidade eremitica no dia 19 de março de 1630.

Desde então os espêssos arvoredos, que já a esse tempo povoavam a cerca, foram acrescentados pela curiosidade dos frades, que se dedicavam á sua cultura com solícito empenho. O prelado por obrigação e costume antigo mandava todos os annos semear e plantar os cedros, que hoje nos causam tanta admiração pela sua corpulencia e formosura; e era tal o desvelo dos religiosos pela conservação e augmento da sua querida floresta, que, para obviar aos cortes e estragos que furtivamente se lhe faziam, alcançaram de Urbano VIII uma sentença de excommunhão maior *ipso facto incurrenda,* contra quem violasse a clausura a fim de destroçar seus arvoredos. Esta sentença foi passada pelo pontifice em 28 de março de 1643; mas os religiosos, pacientes e soffridos, só fizeram uso d'ella no anno de 1690 em que o bispo conde D. João de Mello a mandou publicar nas parochias circumvizinhas, e fixar numa pedra á portaria principal da matta (356).

A Floresta

Ao transpor os muros da cerca fica-se como assombrado pelo espectaculo imponente das suas riquezas vegetaes. As arvores mais gigantescas e magestosas, com os seus troncos musgosos abraçados por verdejantes heras, entrelaçam e cruzam seus ramos em elevada altura, formando esplendentes cupulas, que os raios do sol não ousam penetrar. Offerecem o mais

(356) O que deixamos dicto ácerca da historia da fundação d'este deserto é recopilado do vol. 2.º da *Chron. dos Carmelitas Descalços* de fr. João do Sacramento.

bello contraste as folhas aciculares dos pinheiros e cedros, misturando-se com a ramagem dos loureiros, dos carvalhos, dos platanos e de tantas outras; ao lado dos troncos lisos, esguios e direitos, lenhos nodosos, espessos, irregulares. Por baixo das arvores mais corpolentas e como protegidas por seus ramos collossaes, surgem d'aquelle solo fecundo vasta republica de arbustos, e moitas de plantas mais rasteiras, ostentando tambem uma vegetação vigorosa e exhuberante. Não ha um palmo de terreno descuberto; as proprias pedras e rochedos se vêem tapetados de viçosos musgos, e de mimosas e variadas relvas.

Os extrangeiros, que têm viajado pelos bellos valles e pittorescos montes da celebrada Suissa, ficam surprehendidos e admirados pelo vigor e variedade d'esta extensa floresta. O principe de Lichnowsky, que percorreu o nosso paiz em 1842, sentiu-se tão impressionado quando a visitou, que disse julgar-se transportado aos antiquissimos bosques do Oriente, e não ter duvida em affirmar que a matta do Bussaco não tem egual na Europa.

O elegante chronista fr. João do Sacramento descreve tão bem as riquezas florestaes do Bussaco, que julgamos curioso apresentar aqui as suas proprias palavras:

«Mas quem poderá decifrar em numeros, ou numerar por seus nomes, não já os individuos, mas ainda as especies de arvores, que o Author da natureza clausurou no recinto de Bussaco? Alem das plantas conhecidamente vulgares, se desentranha o terreno na producção de lentiscos, azereiros, azevinhos, adernos, espinheiros, cedros, platanos, e cinamomos; e com tal feracidade, que a mais vasta noticia d'esta frondosa republica o não poderá notar de mesquinho, na esterilidade de alguma. Discorria em certa occasião o sitio o reverendissimo padre fr. Jeronymo de Saldanha, D.

abbade geral da ordem de S. Bernardo, acompanhado do prior actual da casa fr. Paulo do Espirito Sancto, e notando a fecundidade da natureza na procreação de tão bastos, e diversos arvoredos, a censurava de não produzir alli o teixo: arvore de mais gala, que serventia; e de qualidades tão nocivas, que dizem, ter na sombra antipathia com a saude, e ainda com a vida de todos os animaes. Calava-se o prior á queixosa censura do geral; mas, chegando á fonte, que chamam Fria, lhe deram a resposta tres plantas da mesma especie, que buscava. Vendo a satisfação do queixume, e o desvanecimento da opinião, de que era singularidade de Alcobaça, produzir a tal planta; teve de confessar a Bussaco, por um mappa do arvoredo do mundo. D'ellas, já arruadas á corda, já em mattas cerradas, é tal a multidão de arvores, que havendo tempestade, que prostrou mil páos dos mais soberbos, não fez ao resto do vegetal corte sensivel, apparecendo depois vestido, como se não fora rosto da tormenta.

«Das hervas cheirosas, como legacão, madresilva, trevo real, betonica, e tantas outras que na penna não cabem, se ornam os estrados, e tecem alcatifas dos montes e valles, onde por ostentação da pompa, ou vaidade do caduco de suas verduras se senta e descança a primavera quasi todo o anno. As medicinaes, pelas qualidades dos tres elementos agua, terra, e ar, são de sorte proficuas á restauração da saude, que Grisley, insigne herbolario italiano, em um tractado que da materia compôz, affirma que havendo peregrinado a maior parte da Europa, encontrára na serra de Bussaco quasi todas as hervas, que descreve Laguna sobre Dioscorides; com a excellencia de serem vigorosas, sobre as que a herbolaria conhece. O mesmo contesta a pharmacopolea, sinaladamente do fillipodio; e quando não cante a victoria, pode Bussaco jactar-se,

de competir inculto com os celebres parques ou jardins de Pavia e Veneza, cultivados para o mesmo intento, e fim.»

Do notavel augmento que tem tido modernamente a arboricultura do Bussaco dá auctorisada informação o respeitavel agronomo, e eximio redactor do *Archivo Rural*, o sr. Rodrigo de Moraes Soares, que tendo ido passar alli parte do verão de 1859, publicou as seguintes noticias no seu excellente periodico:

«Residimos toda a temporada na matta do Bussaco, que é a dama dos nossos pensamentos. Por encarecimento de seus dons, alguns lhe chamam Cintra do norte, mas parece-nos que desfazem no que pretendem engrandecer e louvar. Em Cintra o que haverá que ver, alem do que alli tem feito um principe de alto intendimento e ardente dedicação pelas cousas de Portugal? No Bussaco não sobresahe, é verdade, a obra dos homens, mas ha muito que admirar na obra de Deos, que revela a sua omnipotencia na magestade da vegetação.

«E não se attribua a mania esteril a nossa affeição pelo Bussaco. A belleza e amenidade d'este antigo e santo retiro inspira uma doce e mysteriosa melancolia a quem o contempla; mas não é só por este lado que nos arrebata o pensamento: considerações menos poeticas, e mais positivas é que de todo nos prendem ao seio d'aquella deliciosa floresta.

«Na matta do Bussaco vegeta a larangeira (citrus aurantium) e o vidoeiro (betula alba). Está claro que entre os extremos de uma escala formada por estas duas plantas podem florecer milhares d'ellas; e por isso acreditamos que alli se podem fazer extensos ensaios de aclimatação de arvores florestaes exoticas, com acrescentamento da natural belleza da cerca, e por conveniencia dos interesses economicos do paiz.

«E acreditamo-lo não só fundados em razões de ana-

logia, mas já em provas directas, e factos concludentes. Vae para quatro annos que o governo incorporou na administração geral das mattas do reino a matta do Bussaco. Então havia perto de vinte especies florestaes indigenas, e hoje muitas exoticas, já alli radicadas, promettem esperançosos resultados. Varias especies de carvalhos e freixos do Mexico, diversos exemplares do genero *acer,* betulas, fayas, nogueiras pretas, tilias, catalpas, pawlonias, choupos, e muitas outras especies indigenas completam uma consideravel collecção de plantas folhosas, novamente introduzidas no Bussaco. Dois exemplares da *casuarina equisetifolia,* que apenas têm dois annos, apresentam um vigor de vegetação admiravel. As coniferas exoticas estão tambem alli representadas por curiosos individuos das tribus das cupressineas, das abietineas, das taxineas, e das podocarpeas. Os juniperos bermudeanos, os da Virginea, e outros medram no Bussaco a olhos vistos, assim como os cedros *deodara,* os do Libano, e atlanticos. Encanta ver o desenvolvimento rapido de uma araucaria cunninghamia; as brasilienses, de que ha para cima de 20 exemplares, estão muito viçosas. Das taxineas temos lá varias especies; o *taxodium sempervirens* avantaja-se a todas. Encontram o terreno caroavel, cinco especies de abetos; do *pectinata,* e do *picea* ha para mais de 40 exemplares. Os pinheiros elevam-se com ufania; o *sylvestris, canariensis, nigra, laricio, insignis,* desenvolvem-se admiravelmente. Dos pinheiros novos do Mexico possue o Bussaco uma collecção de vinte especies; foram alli semeados, ha pouco mais de um anno, e estão bem dispostos. Do *pinus pinsapo* ha um exemplar lindissimo de tres annos, e para mais de cem ainda novinhos. De outras arvores menos notaveis tem-se feito uma soffrivel collecção.

«Quando a matta do Bussaco era respeitada como logar de penitencia, devoção e sanctidade, ainda os seus

arvoredos se não julgavam bem guardados pela constante vigilancia de seus venerandos habitadores, tanto que em 1643 Urbano VIII fulminou uma excommunhão a quem destruisse qualquer arvore dentro d'aquelle sagrado asylo. Naquellas éras o successor de S. Pedro fechava as portas do Céo aos que attentavam contra as arvores do Bussaco; fulminar-se-ão hoje com desconsiderações aos que promovem a sua conservação e acrescentamento?»

O Mosteiro

O mosteiro é um edificio vasto e espaçoso no todo, mas as officinas e mais partes de que se compõe são acanhadas e humildes, e fabricadas de materiaes rudes e toscos. A arte de Vitruvio e Vinhola não ostenta ahi os seus primores. As cantarias são apparelhadas a picão, apresentando apenas alguns frizos de escopro; e em muitas partes substituidas por granito em bruto. As portas, os moveis e os tectos, é tudo forrado de rugosa cortiça. Uma suave melancolia se nos apossa do espirito ao percorrermos aquelles corredores estreitos e sombrios, e aquelles aposentos singelos e de extrema humildade.

Antes de entrar no claustro devem notar-se duas pinturas em madeira, que pendem da parede aos lados da porta. Ha quem as presuma de Vasco; e com quanto nos não pareçam d'este famoso author, nem por isso as achamos menos dignas do apreço e estimação, que se tributam ás suas obras. Representam dois carmelitas venerandos, já adiantados em annos, envolvidos nos seus habitos de grosseiro borel, ambos pallidos e abatidos pelas vigilias e penitencias. Um, com a fronte embuçada no capuz, e os olhos com expressão intima-

tiva encontrando-se com os do espectador, tem na mão esquerda um livro, e com dois dedos da direita está cerrando a bocca.

Suppozeras talvez um monge vivo
Ao lado teu em pé mandar calar-te.
Crêras a voz ouvir-lhe, e surda, e rouca
Sumir-se pelos claustros.

Imagem do silencio a quantos entram,
A figura, que vês, impõe silencio;
E perpétua mudez nos labios d'ella
— Silencio — brada sempre.

MIGUEL OSORIO CABRAL.

O outro, com a cabeça descuberta, calvo, olhos no chão e abraçado a uma cruz, mostra na sua physionomia expressiva que está immerso em cogitação profunda.

São como indicios mysteriosos dos preceitos principaes da casa, o silencio, a oração, a meditação e a penitencia. «As duas pinturas, diz o sr. dr. Forjaz, não careciam de tantos adjunctos para infundir grande respeito: não horrorisam, compungem; não prendem sómente os olhos, fallam muito com a alma. O philosopho espiritualista, menos amigo de imagens, custar-lhe-hia a não approvar estas» (357).

O claustro é acanhado e sombrio, como todo o edificio. A luz penetra ahi debilmente, em razão de não ser livre o terreno interior por elle comprehendido. Esse espaço é tomado quasi todo pela egreja, que tem a forma de cruz; e apenas para os vãos que ella deixa,

(357) *Memorias do Bussaco.*

occupados ainda por hydrangeas e outras flores, se abrem estreitas portas e janellas, que communicam escassa claridade.

O aspecto do claustro torna-se ainda muito mais grave e tetrico pelas pinturas, molduradas em cortiça, que ornam as suas paredes, representando varias imagens de sanctos, bemfeitores da casa, e religiosos carmelitas com instrumentos de penitencia, e sentenciosas maximas. Nas paredes exteriores abrem-se alguns corredores estreitos, que communicam por uma porta no topo com pequenos jardins murados, e por outra á direita com as pobres cellas dos religiosos, onde só havia um grosseiro leito e uma tosca banca. A luz tambem ahi penetra escassamente por um pequeno postigo que abre para o quintal, onde o antigo cenobita, nas horas vagas, fugia á ociosidade, dando-se ao cultivo das flores com que ornava os altares.

A egreja, pobrissima de architectura, não desdiz da extrema humildade que se nota por todo o cenobio. Nada contem de ornamentos luxuosos; os dourados, as sedas, e alfaias preciosas, não lh'as consentia o instituto da ordem; mas, apesar de toda a sua parcimonia e singeleza, é extremamente devota e convida á piedade e recolhimento.

Admiram-se na egreja de Bussaco dois bustos, um de S. Pedro, outro de Sancta Maria Magdalena, que são duas preciosidades artisticas de grande valor. As suas formas são tão graciosas e perfeitas, e as feições tão sublimes e expressivas, que deixam estatico e absorto o observador, causando-lhe uma impressão arrebatadora.

Bulhão Pato descreve admiravelmente estas famosas esculpturas. Falla d'ellas com tal mimo e propriedade, que não podemos resistir ao desejo de apresentar aqui as palavras do eximio poeta, pois ao lêl-as mais se

se nos afigura ter sob os olhos a photographia fiel dos proprios objectos do que a sua descripção:

«Ha tres imagens alli, modeladas em barro, que são tres primores d'arte; vieram de Italia, segundo me disseram, mas não pude saber o nome do author.

«As tres imagens são: a Virgem da Soledade, S. Pedro e Sancta Maria Magdalena. Farei menção das duas ultimas em particular, porque me surprehenderam, e me tiveram pasmado tempo infinito.

«Balzac diz: «As lagrimas do velho são raras, delgadas; rolam entre as palpebras, humedecem-as, seccam-se, renascem; mas nunca se deslisam pelo rosto faceis e abundantes como as da creatura joven. Ultimos orvalhos do outono humano!»

«Como o desconhecido artista italiano realisou na sua obra esta observação do grande escriptor francez! A figura de S. Pedro representa o momento preciso em que o gallo canta pela segunda vez. Contrahida pela dor, supplicante e arrependida, a sua physionomia ergue-se a implorar perdão ao céu por haver negado Christo.

«Oh! como o esculptor foi sublime nos toques magicos que estampou n'aquelle rosto!

«A bocca, entre-aberta, pelos transes da agonia intima, parece que vae exhalar o ultimo suspiro. Os olhos sumidos, torvos, encovados, onde uma lagrima forceja em vão para rebentar d'elles, e deslisar pelas faces lividas, cobertas com o suor da agonia, parece que nos estão dizendo as attribulações por que passava a sua alma. Os raros cabellos, que povoam a cabeça do allucinado apostolo, eriçam-se com o terror: as rugas profundas da testa espaçosa confrangem-se pela amargura, as mãos, que apparecem lividas como a mão do morto, denunciam que o sangue, abandonando as extremida-

des, refluiu todo ao coração e alli, por instantes estagnado, tem suspensa num fio a vida.

«Ha alem d'isto uma tal expressão derramada pelo semblante, que escapa á analyse.

«Quando se desviam os olhos d'este vulto, e se cravam na figura da sancta que fica fronteira, desafoga-se o peito da singular impressão que nos produz aquella vista. É tambem ella a imagem da dôr e do arrependimento, mas quão diversos estes sentimentos se manifestam alli!

«A esperança, o nume consolador dos que soffrem na terra, vem illuminar suavemente o semblante macerado da infeliz Magdalena. As lagrimas, que não podem rebentar dos olhos do velho, correm abundantes e crystalinas pelas faces desbotadas da mulher joven ainda, a quem a mão da Providencia esclareceu com um raio da sua infinita misericordia, para a desviar do caminho enredado e cortado de abysmos, no qual se transviara.

«A figura apresenta-se um pouco mais do que a meio vulto. Um vestido de esparto resguarda o corpo da sancta, emmagrecido pelas vigilias e padecimentos. A cabeça inclina-se languidamente sobre o lado direito, as longas madeixas de cabello loiro, basto, e annelado, descaem espargindo-se pelos hombros desalinhadas.

«Como é divina a expressão dos olhos azues, que se cravam no livro, procurando com difficuldade ler as orações sanctas através das lagrimas que lhe empanam a vista! Olhos melancolicos, mas apesar d'isso illuminados pelos doces reflexos da esperança celeste. Quanta suavidade na carnação, onde se não ostentam as côres esplendidas que denunciam a robustez da vida; mas que não é tão pouco livida, embaciada, mortal. Apenas as faces se alegram com a desvanecida côr de rosa; no resto do semblante pallido descobrem-se através da

delicadeza da pelle as veias azues. O sopro da vida vae-se extinguindo alli, suave e languidamente, como se extingue a flor que sorri numa alvorada de agosto, que os raios ardentes do sol, no crescer do dia, fizeram pender na haste, e que á tarde, quando chega a hora do crepusculo, quer animar-se com as brisas frescas da noite, mas já não tem seiva que a sustente, e assim descae do tronco, sem esforço, bella, fragante, mal desabrochada ainda. Quanta uncção no rosto! Quanta magia na bocca entre-aberta por um sorriso de dôr e de esperança ao mesmo tempo» (358).

No pavimento do côro está sepultado o bispo conde D. João de Mello, grande bemfeitor do Bussaco. É digno de ler-se o epitaphio gravado na campa, pela singularidade do seu estylo. Principia assim: *Vivus, non mortus, stat, non jacet.*

As Ermidas

Na cerca de Bussaco se erigiram duas ordens de capellas: umas de devoção, outras de habitação, onde iam residir solitarios os religiosos, revesados a tempos.

As de devoção são a de *S. João da Cruz,* a da *Samaritana,* a de *S. Pedro,* a de *Sancta Maria Magdalena,* a de *S. Silvestre* a de *Sancto Antão* e outra de *S. Pedro;* e alem d'estas as capellas dos passos da prisão e paixão de Christo. Os passos foram primeiramente assignalados com cruzes pelo reitor da Universidade Manuel de Saldanha, que a muito custo e com consideravel despeza conseguiu abrir a via sacra pela fragosidade da serra. Depois foram comprehendidos em capellas construidas a expensas do bispo conde D. João

(358) *Digressões e Novellas.*

de Mello, que os localisou com as mesmas distancias dos da propria Jerusalem. Ultimamente D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, tambem bispo de Coimbra, mandou substituir as pinturas das capellas por figuras de vulto; mas, como não sahiram do primor que desejava, se reformaram depois em melhor forma.

As ermidas de habitação eram as seguintes:

A de *N. S. da Assumpção,* fundada por Diogo Lopes de Sousa.

A de *N. S. da Expectação,* fundada pelo bispo conde D. Joanne Mendes de Tavora.

A de *Sancta Thereza,* por Bento Pereira de Mello, deão da sé de Coimbra, e prior mór de Aviz.

A de *Sancto Elias,* por Antonio Pinto Boto.

A de *N. S. da Conceição,* por D. Rodrigo de Mello filho da condeça de Tentugal D. Marianna de Castro.

A de *S. Miguel,* pelo licenceado Antonio Vaz Preto prior de Freyxedo.

A do *SS. Sacramento,* por D. Marianna Cardenes, duqueza de Torres Novas.

A de *S. José,* pelo reitor da Universidade Manuel de Saldanha.

A do *Calvario,* pelo bispo conde D. João de Mello. Esta ermida assenta pittorescamente sobre a crista de um alteroso penedo avermelhado, cortado a prumo,

Surgindo magestoso d'entre as cupulas
D'altos annosos cedros,
Como das crespas ondas se alevanta
Rochedo collossal c'o pé no abismo
E c'o a fronte nas nuvens.

J. F. DE SERPA.

De juncto da ermida do Calvario disfructa-se um panorama, que arrebata por sua bellesa e originalidade. Espraiando-se d'alli a vista pela montanha, arrobam-

se-nos os olhos com o espectaculo formosissimo que apresenta o frondoso e opulento arvoredo que povoa a extensa cerca. As comas das arvores, a que nesta eminencia ficamos tão sobranceiros, mostram-se-nos por tal forma enterlaçadas e unidas, que se nos afiguram um formoso e vasto lago.

A de *S. João,* fundada por Manoel de Saldanha, reitor da Universidade.

Finalmente a do *Sepulchro,* erigida tambem pelo mesmo reitor da Universidade. D'esta ermida logra-se um panorama não menos bello e magestoso que o que se desfructa do *Calvario.* Havia juncto d'ella um relogio de sol, aberto em uma pedra, com a figura de uma caveira no meio, e na circumferencia esta letra: *Tempus praeterit, et mors appropinquat.*

Gruta do Negro, etymologia de Bussaco

Juncto da ermida do sepulchro vê-se uma gruta ou cova sob uma enorme lapa, onde se diz que se acoitava em remotos tempos um negro escravo, fugido ao mando e dominio do seu senhor, e que d'alli sahia de noute a roubar os gados, e commetter outros latrocinios e insultos nas aldeias circumvisinhas. Ao couto do malvado chamavam os atemorisados povos cova do *Boçal* (nome que se applica aos pretos cerrados para differença dos ladinos e crioulos), e nesta palavra se tem querido achar a etymologia de Bussaco. Dá-se-lhe tambem esta outra: Conta-se que um veneravel ancião das cercanias costumava ir muitas vezes á matta, e passar ahi isolado alguns dias em devota contemplação e silencio; e que, quando regressava á sua aldeia, perguntando-lhe os visinhos qual o proveito que tirava das suas frequentes visitas á montanha, respondia, levando os dedos á bocca: *d'aquelle monte saco bus.* Donde como

anagrammaticamente se veiu a derivar e compor de *saco bus, Bussaco.* Esta lenda foi posta em verso pelo sr. Alberto Pimentel, que a termina assim:

E quando voltava ao mundo,
E descia ao povoado,
Vinha o velho tão mudado!
Tão airoso! tão gentil!
Que a gente pasmava ao vel-o,
E resava o — Padre-nosso —
Vendo o velho feito moço,
O gêlo tornado abril!...

—«Remoçaste! Vens mudado!
Tens mais pretos os cabellos!
Os olhos luzem mais bellos!
Que differença! Jesus!
Tem condão a tua matta!...»
Então o velho sorria
A quem fallava, e dizia:
—Do meu monte — *saco bus* —

Crê-se que d'estas palavras,
D'uma santidade extranha,
Veiu á sagrada montanha
O nome que hoje lhe dão
De Bussaco! — por memoria
D'aquelle tão sancto velho
De tão prudente conselho,
De tão pio coração....

Mas ainda não findam aqui as etymologias dadas a Bussaco. Tambem querem derivar este nome de *Sublaco,* que os primeiros monges do antiquissimo mosteiro da Vaccariça (aos quaes primeiro pertencera a matta, já então logar de penitencia) teriam dado á serra por

analogia com o deserto de Sublaco em Italia, onde S. Bento, instituidor da sua ordem, passara tres annos de penitente vida. Esta etymologia é apresentada pela insigne poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda no seu poema intitulado *Soledades de Bussaco*, onde diz:

En aquellos siglos de oro,
Y venturosas edades,
(Qual el de Lacio) Sublaco
Solia el Monte llamarse,
Benitos le posseyron etc.

A Cruz Alta

A *Cruz Alta* fica no ponto mais elevado e culminante da serra, e por isso se torna assás fadigosa a subida até lá; as bellezas porem do deslumbrante panorama, que d'alli se desfructa, são de sobejo para compensar os incommodos da visita.

A respeito da elevação a que se acha a *Cruz Alta*, diz o chronista dos carmelitas fr. João do Sacramento que «de ordinario lhe ficam as nevoas de maneira inferiores, que, vendo-se o céu sereno e claro, se não divisa a terra. Parece documento do Author da natureza, para que os moradores de Bussaco entendam, que existindo naquelle sancto logar, superiores ás nevoas do mundo, só devem olhar e ver as luzes do céu.»

O mesmo elegante escriptor descreve assim a magestosa e formosissima paizagem que d'este ponto se avista:

«O pico, ou cume de Bussaco, é de sorte elevado, que descobre, e é descuberto de grande parte do reino. Descortina para o oriente a serra da Estrella, e a de Castello Rodrigo, posta em distancia de trinta legoas:

para o meio dia a de Minde; e não faltou já lince, que alcançasse, ou o presumisse assim, a de Marvão, desviada d'alli alem de quarenta legoas: para o norte a de Grijó em distancia de quinze; e para todas as partes as cidades, villas, e logares intermedios, sitos no territorio dos sete bispados: Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto, e Braga. Para a parte do poente carece a vista de termos, mais que nos limites da propria potencia; porque sobre as buliçosas ondas do inquieto elemento, se não descança, se limita. Vêem-se nos dias claros surcar suas agoas varias embarcações para differentes rumos e portos: agradavel objecto aos que da terra o contemplam; e por ventura mais, quando furiosas, ou crespas, ameaçam algum naufragio, pela tyranna condição de crescer o gosto do seguro proprio, á vista do perigo alheio.

«Estas são as vistas d'esta atalaya do mundo, ou centinella do céu, ao longe. As de perto são taes, que se duvída as possam os olhos encontrar egualmente dilatadas, e deliciosas, na circumferencia do orbe. Porque do alto de Bussaco se divisam muitas, e aprazi- veis serras: dilatados, e viçosos montes: fertilissimos, e amenos campos, cortados de varios, e famosos rios. Avistam-se assim mesmo varios arneiros, prados, bosques, e valles, retalhados de caudalosas ribeiras; vestidos todos da verde gala, que a cada um d'estes bem dispostos corpos talhou o Author da natureza. Donde vem a parecer, que não ha paiz, quadro, ou prespectiva, onde o mais licencioso pincel subornado do gosto, ou do empenho, se occupasse em bem assombradas delineações ao valente, ou mimoso, que os horisontes de Bussaco não comprehendam ao natural, em quanto a vista abrange.»

Antes dos carmelitas fundarem no Bussaco o seu eremiterio, já de remotos tempos havia alli uma cruz de páo, mandada lá collocar por certo mareante, que

avistara de mui longe esta parte da terra andando perdido no Oceano. Diz o referido chronista que o piloto arvorara alli a cruz, ensinado dos proprios infortunios a compadecer-se das calamidades alheias; para que este sancto signal guiasse aos que navegando de barra em fora demandassem terra, e com tão claro farol evitassem os perigos da costa, por se avistar de muito longe.

Passados tempos como se arruinasse a cruz que erigiu o navegante, mandou-a substituir por outra, fabricada d'alto cypreste, Francisco Ferreira de Miranda, do logar da Graciosa.

Conservou-se este lenho até ao anno de 1645, em que um sacrilego raio o lançou por terra. Em 1648 o reitor da Universidade Manoel de Saldanha erigiu no mesmo logar uma grande cruz de pedra, sobre um baluarte circular coroado de ameias, o qual foi construido com materiaes de um mosteiro arruinado de Sancta Eufemia, que existiu em antiquissimos tempos no alto da serra (359).

Um outro raio, ou a acção do tempo, pouco antes de 1834 tinha feito rachar os braços d'esta primeira cruz de cantaria; e, acabada de quebrar, foi depois reconstruida pelo governo civil de Coimbra em 1841 (360).

Desterrados

Dentro dos muros do Bussaco estiveram exilados no seculo passado os dois infantes D. José e D. Antonio, vulgarmente chamados *meninos de Palha Vã*, filhos naturaes, mas reconhecidos, de el-rei D. João V. Con-

(359) Vide *Benedict. Lusit.* t. 2.º, tract. 1.º, parte 4.ª, cap. 19.º e 20.º

(360) Vide *Historia do Mosteiro da Vacariça e da cerca do Bussaco* pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões.

ta-se da seguinte maneira o motivo que originou o seu desterro:

O conde de Oeiras, depois marquez de Pombal, expulsos os jesuitas e rotas as relações com a curia romana, intentou aplacar os espiritos, então fortemente exaltados, fazendo publicar certos escriptos que justificassem seus actos, diffundindo ao mesmo tempo os principios do realismo e a supremacia do poder real ao ecclesiastico.

No anno de 1761 o primeiro intendente geral da policia, João Ignacio Ferreira Souto, publicou um livro, que se julgou mandado escrever por elle, intitulado *De Potestate Regia in Ecclesiasticos.*

O inquisidor geral, D. José de Bragança, um dos *meninos de Palha Vã*, considerando esta obra um attentado contra os direitos da curia romana, intendeu dever proceder contra tal ousadia, e mandou aos dois familiares do Santo Officio, o conde de S. Lourenço e o visconde de Villa Nova de Cerveira, que fossem a casa do author do livro, lhe aprehendessem todos os exemplares e o authographo, e o trouxessem preso a elle proprio.

Os emissarios parece terem podido só desempenhar a primeira parte da determinação do inquisidor, pois quanto á segunda trocaram-se os papeis. Sendo o conde de Oeiras informado d'este acontecimento, communicou-o logo a el-rei, o qual, extremamente indignado, ordenou em continente que se prendessem os dois familiares e que o conde fosse extranhar em seu nome ao inquisidor a affronta que fizera á auctoridade real no desacato que practicou para com a pessoa do intendente geral da policia.

Cumpriu o conde as ordens do soberano; mas, apenas o inquisidor ouviu a aspera censura que lhe fez Sebastião José de Carvalho e Mello, encolerisou-se de

forma, que levando-lhe as mãos á cabelleira, arrancou-a, bateu-lhe com ella na cara, e chegou a avançar com um punhal sobre elle. O infante D. Antonio, outro dos *meninos de Palha Vã,* que se achava numa sala proxima, accudiu ao rumor produzido por este incidente, e enchendo-se de indignação pela insolencia do conde de Oeiras, quiz tambem pôr-lhe mãos violentas, e de certo passaria a vias de factos se não fosse contido pelo irmão.

O conde de Oeiras, no estado de indignação que se imagina, apresentou-se a el-rei a contar-lhe o novo succedimento. O monarcha e o conselho de estado, convocado para este caso, quizeram punir os réus com pena de morte; porem as considerações do patriarcha Saldanha fizeram dar-lhes castigo mais leve, que foi o desterro.

Receberam pois ordem para se recolherem ao Bussaco os *meninos de Palha Vã* D. José e D. Antonio; e ahi permaneceram por 16 annos desde 1761 até 1777 em que D. Maria I os libertou.

Tambem estiveram reclusos no Bussaco em 1794 e 1795 alguns padres penitenciados pelo Santo Officio; o bispo de Bragança D. Antonio Luiz da Veiga, por ordem da Regencia do Reino, desde 1814 até 1818; pelas nossas dissenções politicas, o cardeal patriarcha D. Carlos em 1821; o arcebispo de Braga D. fr. Miguel da Madre de Deus, e o bispo de Pinhel D. Bernardo em 1823; e ultimamente desde outubro de 1829 até fevereiro de 1832 o prior de Monsarás e deputado ás côrtes, Joaquim Placido Galvão Palma (361).

(361) Vid. *Memorias do Bussaco* pelo sr. dr. Forjaz.

A Batalha

Aqui a aguia vencedora
Offuscar seu brilho outr'ora
Por nossas armas já viu:
— Empolgava quasi a Europa,
Mas á forte lusa tropa
O collosso succumbiu.

DELFIM MARIA D'OLIVEIRA MAYA.

Na serra do Bussaco se peleijou no dia 27 de setembro de 1810 uma famosa batalha, em que o exercito anglo-luso, sob o commando de lord Wellington, offuscou pela primeira vez a gloria militar do afortunado e celebre Massena, do *filho querido da Victoria*, como lhe chamava Napoleão.

O theatro d'este brilhante feito, que tão famoso tornou o Bussaco, fazendo seu nome conhecido em todo o mundo politico, encontra-se juncto dos muros da cerca, em frente da porta de Sulla. É talvez o campo de batalha europeu mais elevado, e porventura tambem o mais alcantilado e fragoso, parecendo incrivel que alli se podesse emprehender uma operação bellica de tal magnitude.

O campo foi occupado militarmente por mais de 100:000 combatentes. As tropas francezas eram em numero de 60:000 homens; o exercito anglo-luso compunha-se de 30:000 inglezes, e de 27:000 portuguezes.

Rompeu o combate ás 6 horas da manhã, a coberto de uma espessa nebrina, e, durando encarniçado até ás 8 e meia, continuou até á noute já mais frouxo.

Da brilhante gloria alcançada na batalha do Bussaco pertence a maior parte aos soldados portuguezes.

Apesar de quasi todos recrutas e imberbes, mostraram-se possuidos de notavel valor, firmeza e disciplina, avantajando-se ao exercito inglez, segundo o testemunho insuspeito do proprio Wellington e do marechal Beresford, que em suas participações officiaes exaltam a maneira como se houveram, tributando-lhes subidos elogios. Confessa lord Wellington que nunca presenciara uma tão brilhante carga de bayoneta como a que foi dada na direita do nosso exercito pelos regimentos n.º 45 inglez e n.º 8 portuguez.

A perda das tropas anglo-lusas foi de 1:250 homens; a dos inimigos elevou-se a perto de 4:500.

Os resultados porem que da batalha do Bussaco provieram ás tropas de Napoleão fizeram-se-lhes sentir, mais que no desfalque notavel das suas fileiras, numa perda mais importante e irreparavel: a visivel e profunda quebra da sua força moral. Desde então o astro de gloria, que brilhara fulgurante ao moderno Cesar, começou a declinar, até que de todo se eclipsou.

Fallando da Batalha de Bussaco, diz o sr. Joaquim da Costa Cascaes, que fôra a aurora resplandecente dos feitos de armas praticados pelo nosso exercito de 1811 a 1814; e que foi alli que pela primeira vez, e com tamanha honra, nos desforçámos do immerecido despreso, com que os nossos alliados nos haviam tractado, na celebre convenção, vulgarmente chamada de Cintra. Aqui a desconsideração; alli, *nessa outra Cintra, não menos decantada e pittoresca,* a rehabilitação.

O sr. Cascaes, a quem o governo incumbiu de escrever a historia da guerra dos francezes em Portugal, propoz ao ministro da guerra em 1862, que se erigisse no campo da batalha do Bussaco um singelo obelisco, que, commemorando a brilhante acção que alli se deu, sirva tambem de monumento aos feitos d'armas, em que os portuguezes mostraram o seu heroismo, e adqui-

riram maior gloria durante a longa e porfiada campanha peninsular. Antes porem d'o sr. Cascaes propor a creação do obelisco já o sr. Adriano Baptista Ferreira, quando presidente da camara da Mealhada em 1859, tinha concebido a ideia de commemorar a batalha do Bussaco, mas por differente forma. O projecto do sr. Baptista Ferreira era o seguinte: reparar a arruinada capella das Almas do Encarnadouro, que serviu de hospital de sangue, e collocar ahi um quadro com uma pintura, que recordasse a celebre batalha, e mais dois com as copias das participações que os dois generaes deram d'ella. Alem d'isso queria o sr. Adriano Baptista promover uma romaria popular á capella no dia anniversario da batalha. O municipio da Mealhada chegou a adquirir a capella das Almas do Encarnadouro para pôr em execução as idéas do sr. Baptista Ferreira; mas, largando este senhor a presidencia da camara, os seus successores não deram seguimento ao seu acertado e patriotico projecto, o que é na verdade para lamentar.

Fazemos votos para que se harmonise o projecto do sr. Cascaes com o do sr. Adriano Baptista, reformando-se a capella, e collocando-se-lhe em frente o padrão commemorativo.

MONTE-MOR-O-VELHO

Depois de uma deleitosa viagem pelo Mondego abaixo, cerca de 20 kilometros de Coimbra, encontra-se na margem direita do rio a historica e antiquissima villa de Monte-Mór-o-Velho.

É extremamente pittoresco o aspecto que apresenta esta povoação, assentada parte em uma formosa planicie á beira do rio, parte na escarpada encosta de um alteroso monte, coroado pelos arruinados muros do seu vetusto castello.

Se houveramos de dar credito ao que escreveram alguns authores ácerca da fundação de Monte-Mór, poucas povoações se illustrariam com tão remota origem como esta villa. Terapha e Venero a dão fundada por Brigo, rei de Hespanha, no anno 1900 antes de Christo; e como é tão longa a sua antiguidade querem alguns que fosse esta a cidade de Medobriga tão celebrada dos geographos. Morales, porem, colloca-a nos confins da Lusitania, e Lousada na comarca de Chaves. Outros, como Barreiros, dizem que é Marliana, que Ptolomeu fez cidade dos Vetones. E Clusio é do mesmo parecer, collocando-a todavia na provincia da Betica.

Havendo cahido, pela invasão da peninsula de 714, em poder dos mouros, foi-lhes conquistada no anno de 848 por el-rei D. Ramiro, monarcha leonez. D'esta epocha refere o nosso mystico e romantico chronista fr. Bernardo de Brito o seguinte e maravilhoso caso, que d'elle vamos recopilar.

D. Ramiro, depois de haver conquistado a villa foi visitar ao mosteiro laurbanense o abbade D. João, seu

parente, e encontrando os monges em grande indigencia, e o seu convento muito arruinado, compadeceu-se d'elles, e doou-lhes algumas herdades no districto de Coimbra, e a villa de Monte-Mór, com obrigação de sustentarem nella um presidio de soldados para que a defendessem dos infieis. Da dicta villa tomou posse o bom do abbade, e ahi passou a viver com alguns religiosos, deixando os mais no convento de Lorvão. Passados tempos atravessa os campos do Mondego um numeroso exercito mauritano, e assenta os seus arraiaes juncto da povoação, a cujos muros põe um apertadissimo cerco. Rebatiam os sitiados valorosamente os assaltos dos mouros, fazendo-os desistir sempre com perda; mas porque os mantimentos escacearam de todo, nem de fora podia a praça receber soccorro, viram-se os da villa na fatal conjunctura de se deixarem morrer de fome, ou de se entregarem aos inimigos. Em tão duro extremo, vendo o abbade que já nada havia a esperar, e que estavam de todo perdidos, propoz que, para se evitar ao menos que os meninos, as mulheres e os velhos, ficassem expostos aos ultrages e furor dos barbaros e em risco de ser constrangidos a abandonar a fé, elle e os companheiros fossem os proprios que lhes tirassem a vida. Approvado unanimemente tão rigoroso alvitre, logo cada um se tornou o algoz de quem mais amava. Sairam depois todos a campo com desesperada furia, e apesar de poucos, e extenuados pela fome, tão valorosamente accommetteram o inimigo, desapercebido e ignorante d'esta repentina invasão, que não só romperam suas fileiras, mas, pondo todo o exercito em debandada, o foram seguindo com grande carnificina até ás mattas de Ceiça, onde acabaram de o vencer completamente.

Apesar de tão assignalada e brilhante não produziu a victoria contentamento algum nos vencedores, pois lh'o não consentia a immensa dôr, de que estavam possuidos, pela lastimosa mortandade que haviam feito na

pessoas que lhes eram mais queridas; e assim, arrependidos e lastimosos pela tragedia que tão cegamente haviam executado, regressam á villa immersos na mais acerba dôr; mas, oh prodigio! qual não foi o seu pasmo e alegria quando ao aproximar-se da povoação lhes sahem ao encontro resuscitados e incolumes aquelles mesmos a quem com desesperado amor haviam dado a morte! (362).

No anno de 990, outra vez cahiu Monte-Mór em poder dos mouros, commandados então pelo terrivel Almansor, mas no anno de 1034 lh'a tomou Gonçalo Trastamires, e a restituiu aos christãos (363). Não gozou porem da liberdade por muito tempo, pois que em breve se tornaram a apossar d'ella os infieis, permanecendo em seu poder por alguns annos.

D. Fernando Magno, depois da conquista de Coimbra, tomou Monte-Mór pela ultima vez; mandou-a, porem, logo lançar por terra para que os mouros nunca mais podessem assenhorear-se d'ella, nem alli refugiar-se.

Assim permaneceu arrasada e destruida por espaço de alguns annos, até que no de 1088 o conde D. Sisnando, que a este tempo governava em Coimbra, a ergueu e povoou de novo.

No tempo de D. Saucho I achava-se a villa tão falta de moradores, que este monarcha a mandou outra vez povoar, como consta do foral que lhe deu em 1201.

O mesmo monarcha deixou por sua morte o senhorio de Monte-Mór ás suas filhas D. Theresa e D. Sancha, o que depois foi origem de graves dissensões en-

(362) Esta miraculosa lenda é ainda commemmorada de tempos a tempos pelos montemorenses com luzidas festas. O ultimo anno em que as celebraram foi o de 1863.

(363) Era MXXVIII. IIII. nonas decembr. Idem Almansor cepit montem maiorem.

Era MLXXII. II.º Idus IX.bris Gundisaluus transtamires cepit montem maiorem, et reddidit eum christianis—*Chron. Gothorum.*

tre ellas e o seu irmão D. Affonso II. A referida infanta D. Theresa, com sua irmã D. Branca, deram foral á villa em maio de 1212, o qual depois foi confirmado por el-rei D. Affonso III a 2 de agosto de 1248. El-rei D. Manuel lhe deu tambem foral em 20 de agosto de 1516.

Reinando el-rei D. Diniz, possuiu Monte-Mór sua irmã D. Branca, á qual este monarcha doou em junho de 1286 os padroados das egrejas d'esta villa.

O mesmo monarcha, vindo a compor-se com seu filho o infante D. Affonso, lhe cedeu entre outros o senhorio de Monte-Mór, na occasião da sua composição celebrada em principio de maio de 1322.

O infante D. Pedro, duque de Coimbra, foi tambem senhor d'esta villa, e de outras terras, que por ser costume darem-se aos infantes, refere o chronista mór fr. Francisco Brandão, se vieram a chamar *terras do infantado*, á imitação do que se practicava em Leão e Castella.

Finalmente dando el-rei D. João II a seu filho bastardo D. Jorge de Alencastro as terras que haviam sido do infante D. Pedro, entrou tambem a villa de Monte-Mór nesta doação, e passou depois para a casa de Aveiro de que foi tronco o referido D. Jorge.

Por armas tem Monte-Mór, segundo o desenho do livro dos brasões, que se guarda na Torre do Tombo, um castello de oiro em campo vermelho e sobre elle o escudo das quinas reaes.

Esta villa foi patria do nosso celebre poeta Jorge de Monte-Mayor, que floresceu em tempo de D. João III, e cujas obras obtiveram em seu tempo geral acceitação, e ainda hoje são muito estimadas. Foram tambem naturaes de Monte-Mór o famoso historiador Fernão Mendes Pinto, author da *Pregrinação,* e Francisco de Pina e de Mello bem conhecido pelas suas obras tanto em verso como em prosa.

A villa de Monte-Mór é o centro de uma grande

riqueza agricola, contribuindo para esta o mercado, que alli se faz de quinze em quinze dias, um dos mais importantes do reino pela variedade e abundancia dos productos que a elle concorrem, e pelas grandes transacções que nelle se celebram. Ha tambem uma feira annual a 8 de setembro.

Dos edificios e monumentos da villa só mencionamos os seguintes que nos parecem os mais notaveis.

EGREJA DOS ANJOS. É o melhor templo da villa. Apresenta algumas feições caracteristicas da architectura manuelina, acha-se, porem, deturpado com reparações e ornatos de pessimo gosto no estylo do renascimento.

Encontram-se nesta egreja duas curiosidades muito apreciaveis: uma celebrada sentença da inquisição, e o primoroso tumulo de Diogo de Azambuja. A sentença da inquisição está gravada em uma lapide na capella da Senhora da Piedade, conjuncta com o epitaphio de D. Margarida de Mello Prestrello. Deprehende-se do conteudo na referida lapide que, havendo sido D. Margarida de Mello denunciada á inquisição de Coimbra por culpas contra a fé catholica, fora encerrada nos carceres no anno de 1666, nos quaes permaneceu até ao de 1683 em que falleceu. Só depois de morta se deliberaram os bons inquisidores a dar por innocente esta infeliz senhora, de cuja culpabilidade não acharam provas. Passaram então a referida sentença, na qual *absolvem a ré e declaram que a seus ossos se pode dar sepultura ecclesiastica, e offerecer a Deos por sua alma os sacrificios e suffragios da egreja, e mandam que esta sentença se leia na sala da inquisição e depois se publique na parochial egreja da villa de Monte-Mór-o-Velho, donde a ré era fregueza, na estação conventual para que venha á noticia de todos; e lhe seja levantado o sequestro, que em seus bens se lhe havia feito, e d'elles se paguem as custas.*

O tumulo de Diogo de Azambuja está escondido detraz do altar-mor ao lado do evangelho. É apreciavel já pelos seus lavores e graciosas formas no gosto manuelino, já por conter as cinzas de um tão illustre varão. Sobre a tampa está deitada a estatua d'este nobre cavalleiro, representado em trajos guerreiros e com armas brancas. Tem gravado este epitaphio:

AQVI IAS DIOGVO DAZAMBVIA DO CONSELHO DEL REI CAVALEIRO DA ORDEM DAVIS COMMENDADOR DA CABECA DE VIDA E ALTEL PEDROSO O QOAL NAS GVERAS DE CASTELA POR EL REI DOM AFONSO TOMOV AOS CASTELHNOS A VILA D ALEGRETE ONDE LHE QVEBRARAN VA PERNA E FEZ O CASTELO DE SAM IORGE DA MINA E SVGIGOV TODA AQVELLA TERRA E FEZ O CASTELO REAL EM AFRICA E TOMOV A CIDADE DE CAFIM AOS MOVROS PER SVA SOO INDVSTRIA E VALENTIA E ASI FEZ OVTRAS MVITAS COVSAS DINAS DE MEMORIA E LOVVOR EM TENPO DOS REIS DOM AFOMSO E DOM IOAM O SEGVNDO E DOM MANVEL O PRIMEIRO COMO EM SVAS CRONICAS SE PODE VER E FEZ ESTE MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DOS ANIOS FALECEO DE 86 ANNOS DIA DE NOSA SENHORA D AGOSTO DA ERA DE 1518.

O CASTELLO. É raro encontrar-se em Portugal uma fortaleza de aspecto tão imponente como este castello, com as suas ameias e cubellos cingidos de espessa ramagem de heras a contrastar com a côr denegrida e tisnada das pedras carcomidas, e mostrando ainda nas pittorescas ruinas, a que está reduzido, a formosura e robustez da sua construcção.

Para os effeitos estrategicos que requeria a arte militar de outras eras, nenhuma fortaleza podia estar melhor situada. O monte, sobre que campeia, ergue-se abrupto no meio das estensas planicies do Mondego, e as suas vertentes descem quasi aprumadas para todos os lados. D'esta maneira, a villa, encostada ao velho alcacer, ficava bem guardada e defendida á sua sombra protectora.

Das ruinas do castello goza-se um esplendido e bellissimo panorama: — ao longe os vastos e ferteis campos do Mondego, bordados por pittorescas collinas onde alvejam quasi sem interrupção mil casaes, palacetes,

pequenas e grandes povoações, e á frente de todas, a risonha Coimbra; aqui o poetico e formoso rio com as longas orlas de salgueiros, choupos e chorões, acurvados graciosamente sobre as suas aguas cristallinas; e a nossos pés a povoação edificada á maneira de throno, servindo-lhe o logar em que estamos como de ultimo degrau. Forma tudo isto um quadro magestoso e formosissimo, que faz deter alli o espectador por largo tempo.

EGREJA DE SANCTA MARIA DE ALCAÇOVA. Foi fundada dentro do castello pelo presbytero Vermudo com auctoridade do conde D. Sisnando. O mesmo fundador deu metade d'ella á sé de Coimbra, sendo bispo D. Crescomio aos 9 das kalendas de janeiro da era de 1133 (24 de dezembro de 1095) (364).

El-rei D. Affonso III doou esta egreja ao bispo D. Egas e cabido de Coimbra.

O bispo D. Jorge de Almeida mandou fazer neste templo importantes obras.

CASTELLO DE SANCTA OLAIA. A pouca distancia de Monte-Mór encontram-se as ruinas do castello de Sancta Olaia ou Eulalia, tão celebre nessas luctas de outr'ora entre christãos e agarenos, e que o sr. Rebello da Silva fez theatro das mais interessantes scenas do seu *Odio velho não cança* (365).

(364) Esta doação vem a fl. 24 v. do *Livro Preto da Sé de Coimbra*, e nella se descreve a solidão do castello, que desde os mouros estava abandonado e feito refugio de feras.

(365) A *Chronica Gothorum* traz a seguinte passagem relativa a este castello: *Era* MCLIV. *Nonis julii captum fuit Castellum S. Eolalie a Sarracenis, quod est situm sub Monte maiore, et captus fuit ibi didacus cognomento Gallina, et magna captivitatis christianorum inde translata est etiam ultra mare.*

A *Monarchia Lusit.* p. 3.ª, liv. 9.º, cap. 17 e 11 traz noticias respectivas a este castello, bem como uma escriptura a pag. 109.

FIGUEIRA

A villa da Figueira está situada juncto da foz do Mondego e na sua margem direita, a 44 kilometros de Coimbra. É a mais bem situada, extensa e populosa villa d'este districto, e pode dizer-se melhor que algumas das nossas cidades. Todavia o seu engradecimento data apenas do principio d'este seculo. Para se avaliar a pouca importancia que tinha ainda no passado, notem-se estas palavras do padre Luiz Cardozo tractando de Buarcos no seu *Diccionario Geographico:* «No seu districto fica a alfandega no logar da Figueira da Foz, que se intitula alfandega de Buarcos, distante d'esta villa um quarto de legoa». Mas nem por isso lhe faltam foros de veneranda antiguidade. No *Livro Preto da Sé de Coimbra,* acha-se a doação da egreja de S. Julião juncto á foz do Mondego, feita pelo abbade Pedro á sé d'esta cidade no governo do seu bispo D. Cresconio, que comprehendeu os annos desde o de 1092 a 1098 (366).

A Figueira foi elevada á cathegoria de villa por decreto de 12 de março de 1771, e por este decreto lhe foi nomeado um Juiz de Fora. É porventura desde então que data a existencia do pelourinho, emblema de jurisdicção municipal, que se vê levantado numa das suas praças.

(366) Nesta doação se diz que a egreja fôra destruida pelos Sarracenos, e que elle doador, com o favor e ajuda de algumas pessoas tementes a Deos, a tinha restaurado nos bens e edificios, por ordem do consul D. Sisnando, que havia facultado aos clerigos e leigos o edificar as egrejas *more hæreditario, sicut a Rege Fernando acceperat potestatem, et postea ab ejusdem Filio Rege D. Adefonso.*—Vide *Elucidario* de Viterbo, verb. *Igreja.*

O grande incremento d'esta povoação attribue-se principalmente á decadencia do porto de Aveiro. Desde então a Figueira, favorecida pelas suas boas circumstancias locaes, principiou a ter um grande trafico commercial, e a progredir rapidamente. Pelo seu porto, unico das duas Beiras, começaram-se a importar innumeras mercadorias para estas duas provincias, dando ao mesmo tempo sahida ás producções superabundantes de tão vasto e fertil territorio. Os generos que mais avultam na exportação, são vinhos, azeite, fructas, principalmente as excellentes laranjas das margens do Mondego, cereaes, e o optimo sal que se extrahe em grande abundancia das marinhas da Figueira.

Nestes ultimos tempos soffreu muito esta povoação pelo estrago do seu porto, que a accumulação das areias tornou perigoso e de difficil accesso; porem as importantes obras, nelle modernamente feitas, o têm melhorado muito, podendo já as embarcações demandal-o com mais facilidade e segurança (367).

Edificios publicos notaveis não os tem a Figueira. Apenas são dignos de mencionar-se a egreja da Misericordia, o convento de Sancto Antonio (368), o cemiterio, que tem alguns bons mausoleus, e o arruinado castello de Sancta Catharina.

Ha na Figueira um club recreativo, que no tempo dos banhos é muito frequentado. A casa tem no mesmo pavimento seis magnificas salas, que todas communicam entre si, e offerecem grande commodidade para as esplendidas e animadas reuniões que ordinariamente

(367) É muito interessante o que diz, com referencia á barra da Figueira, o sr. Augusto Filippe Simões nas *Cartas da Beira Mar.*

(368) Este convento foi creado em 1527, e concorreu com esmolas para a sua fundação el-rei D. João III. Vid. *Hist. Seraf.* t. 4.º

ahi se fazem. Este edificio foi antigamente dos condes da Figueira ou de Tavarede, e ainda hoje conserva o nome de *Paço*.

Reconhecendo-se a necessidade da construcção de novas casas na Figueira pelo progressivo numero de familias que nestes ultimos annos alli tem concorrido, formou-se em 1861 uma sociedade com o intento de erigir um novo bairro, juncto do forte de Sancta Catharina, onde a camara municipal já fez as demarcações e arruamentos. Ultimamente, considerando os membros d'esta empresa, que em razão de serem sómente seis e residirem quasi todos a grande distancia da Figueira não poderiam realisar por si só o seu projecto, resolveram formar uma sociedade com o titulo de—*Companhia Edificadora Figueirense,* havendo para este fim já publicado um relatorio e estatutos, onde se promettem grandes lucros e vantagens aos accionistas que entrarem nesta projectada empresa, a qual por certo deve contribuir muito para o engrandecimento e prosperidade da Figueira.

A sua praia de banhos tem a primazia em relação a todas as do nosso paiz. Para este mister não se encontra em toda a nossa costa maritima uma situação mais commoda, que o pittoresco e formoso litoral que se estende desde o forte de Sancta Catharina até Buarcos.

A villa de Buarcos, situada nas faldas do cabo Mondego, dizem alguns geographos que fôra povoação de gallegos, os quaes, achando na costa boa pescaria, fundaram alli umas cabanas de *bunhos* e *arcos* em que viviam, e que, corrompendo-se estas palavras, veiu a povoação a chamar-se *Buarcos* (369).

Juncto de Buarcos fundou ha annos o sr. conde de Farrobo uma grande fabrica de vidro, unicamente para

(369) Vide *Corogr. Port.* e o *Vocabulario* de Bluteau.

dar extracção ao carvão de pedra da mina proxima. Esta fabrica chegou a produzir muita vidraça, e diz-se que os seus lucros eram um juro razoavel dos capitaes empregados. Ha já alguns annos, porem, que ella não funcciona.

Fica proximo d'esta villa a capella da Senhora da Encarnação, onde se faz uma das mais concorridas romarias do reino no dia 8 de setembro.

Na parte mais occidental do cabo Mondego fica a excellente bacia carbonifera começada a explorar em 1775 por conta do governo, e hoje pertencente ao sr. conde de Farrobo. Esta mina pode ser origem de grandes vantagens. Quanto mais se profunda, mais bituminoso é o carvão, e por consequencia melhor. Por experiencias feitas ha mezes nos gazometros de Lisboa e Porto e em varias retortas particulares, se veiu a concluir que este carvão tem mais 25 °/₀ de poder illuminante que o de Newcastle. Actualmente é a referida mina explorada pelo sr. João Arthur Pereira Caldas, moço illustrado e de muita actividade. O sr. Pereira Caldas conta principiar brevemente um caminho de ferro americano desde a mina até á Figueira, a fim de que, dando maior desenvolvimento á lavra, possa no começo do proximo anno de 1868 extrahir diariamente 100 a 150 toneladas de minerio, e conduzil-o logo para o porto d'aquella villa.

Superiormente á mina, e num dos pontos mais culminantes da serra, assenta um elegante pharol construido em 1855. A sua lanterna é de segunda ordem, e foi fornecida pela fabrica franceza *Sautter et C.ie* É do systema Breguet, e alcança 100 kilometros.

FIM.

INDICE ALPHABETICO

ERRATAS PRINCIPAES

Pag.	*Lin.*	*Erros*	*Emendas*
7	6	Samerico	Samerio
23	19	D'ella	D'elle
53	8	corinthio	dorico
81	33	dos	de
84	4	castellos	estrellas
86	2	diz significar *almedina* a parte cercada da cidade	diz que *almedina* significa cidade
88	3	deu	offereceu
94	31	tit.	tomo
167	3	dia 15	dia 16
167	7	a 16	a 17
213	27	que encontrámos	encontrámos
280	2	de	do

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE — MDCCCLXVII.


GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00019 1813

